OS PRIMEIROS LIVROS DO CRIADOR
DA TURMA DA MÔNICA

MAURICIO

O INÍCIO

?
?
RESPONDEU! DESMAIOU DE TANTO RIR!
AGUENTOU MENOS QUE O OUTRO!
...PRECISAMOS AG "CASCA" PROTETORA
E' TÃO EMOCIONANTE DESTRUIR OS SERES QUE VÊM DO CÉU!
INSCRITO TAMENTE PARA ZESSEMOS O QUE JÁ ES TAMOS FAZENDO!... SEM SABER QUE O MESMO JÁ FÔRA FEITO ANTES CONTRA O "MONSTRÃO"!
PR!...
SE?...QUE O ERAM OS"?
JUSTAMENTE! SOMOS DE PLANETAS DISTANTES! HAVÍAMOS CHEGADO AO MUNDO "APAGADO" HÁ POUCO TEMPO!
ESTÁVAMOS "ESCURECIDOS" POR UMA SUBSTÂNCIA QUE OS "APAGADOS" LANÇARAM CONTRA NOSSO APARELHO QUANDO ATERRISSÁVAMOS!
POR ZORT; COMETEMOS UM TREMENDO ENGANO!
LOS R!
O QUEM FAL A TERRA, EM SE NDO TUDO DA'!...
199
DO EU CRESCER SER UM GRANDE R DE PORCOS!
OH, LEGAL!
EU CONHEÇO MUITA GENTE QUE SE DEDICA A CRIAÇÃO DE ANIMAIS, ASSIM, E FICA RICA NUM INSTANTE!
...E ÀS VEZ SÃO TÃO DE QUE, COM O DOS ANOS, F PARECIDOS ANIMAIS DE ... TAM

VENHA ME PEGAR AQUI DENTRO SE FOR CAPAZ!
VENHA, BOBÃO!
VENHA! ENTRE AQUI!
GRURR!
...E APÓS ALGUNS INSTANTES DE HESITAÇÃO, O "MONSTRÃO" EFETIVAMENTE, PENETRA NA CAVERNA!
NOTA.
?
E' PRA JÁ, ASTRONAUTA!
PRONTO! ESTÃO LIVRES!
SÃO POUCOS! VAMOS
EI! ESPEREM! NÓS!...
BICHO!
O COMEÇO!
ELA CAUDA?
LÁ VEM AQUÊLE RINHO, DE NÔVO!
MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES

OS PRIMEIROS LIVROS DO CRIADOR
DA TURMA DA MÔNICA

MAURICIO

O INÍCIO

ESSE SCAN FOI RECUPERADO E TRATADO PELO NOSSO ESPAÇO, CONHEÇA NOSSO BLOG E NAVEGUE NO MUNDO DOS QUADRINHOS ANTIGOS, FAÇA PARTE DESSA NOSTALGIA QUE ENVOLVE NOSSAS LEMBRANÇAS

Back Old Mônica

BACKOLDMONICA.BLOGSPOT.COM

MAURICIO

O INÍCIO

Roteiro e desenhos

Mauricio de Sousa

Arte-final

Paulo Hamasaki

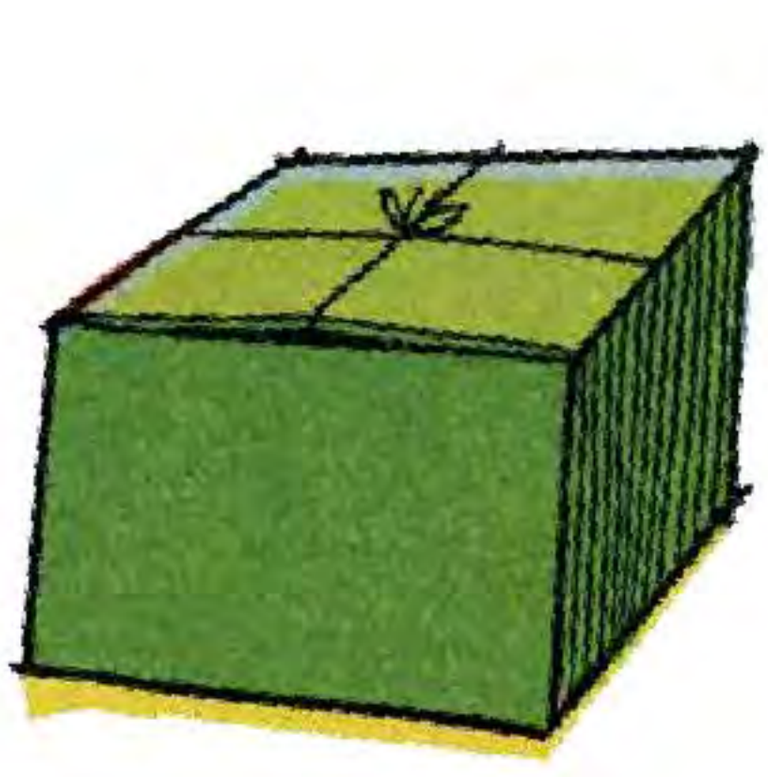
Cores

Joel Link e Alberto Djinishian

wmf martinsfontes

SÃO PAULO 2015

MAURICIO DE SOUSA EDITORA



Mauricio de Sousa é uma caixa de bondade

Sonia M. Bibe Luyten

O que mais caracteriza Mauricio de Sousa é o fator surpresa.

Em todas as etapas de sua vida profissional, parece que ele sempre tem um curinga que tira do bolso com a maior naturalidade do mundo e dá a carta que faltava no baralho.

E o curinga, na simbologia do carteado, é o ser dotado de inteligência e vivacidade mental.

Este livro, *Mauricio – O início*, publicado pela Editora WMF Martins Fontes, nos revela o Mauricio de Sousa dos anos 1960, no início de sua carreira, que fez uma grande surpresa para seus leitores: tirou um curinga do bolso e lançou três livros de histórias ilustrados com seus personagens. E o fato de as obras terem se esgotado na edição inicial provou que todos gostaram da experiência.

Hoje, mesmo passados mais de 50 anos da publicação original, pela FTD, as histórias despertam interesse porque o Mauricio naquela época já semeava aquilo que sempre o caracterizou: fantasia, sonho, entretenimento, sempre com mensagens positivas.

Escrever e desenhar é um árduo esforço criativo. Leva muitos anos para se aprimorar as habilidades a fim de comover as pessoas com palavras e imagens e ter um público que se identifique com suas mensagens. Os bons autores usam uma caixa cheia de ferramentas para criar palavras que nos levam à sensibilidade e ao encanto. E, por meio do desenho, alguns deles têm uma incrível capacidade de brincar com nossas emoções. E, sem sombra de dúvida, Mauricio de Sousa faz parte deste time.

Nesta edição histórica, tirada do fundo do baú, vislumbramos embriões de linguagem, sejam elas do quadrinho ou do conto, que o autor já dominava com mestria.

As seis histórias deste livro vão sendo contadas de forma fluida, compondo a trilogia mágica: autor, narrador e leitor. Mauricio não usa a rima, pois segue mais a tradição do caboclo contando "causos". A sua autenticidade reside em permanecer fiel à sua origem, divertir-se com os hábitos do homem urbano e reafirmar seu humor típico caipira.

O contador de causos é alguém vivido, que tem muitas histórias pra contar. E todas deste livro têm um pouco da vivência do Mauricio: a história da caixa da bondade, a do saci e a da mula

sem cabeça, contadas pela Vó Dita e regadas a caldinho de feijão e farinha bem quentinhos, e a do planeta habitado pelos homens-sorvete. Sem contar a história do dragão de verdade do Zé da Roça e do Hiro, que assombrou até os cientistas de um observatório astronômico, a do dinossauro que se torna amigo do Piteco e os problemas existenciais do mundo do além do Penadinho e sua turma.

O quadrinista Mauricio de Sousa deixou suas marcas nestes contos. Eles estão recheados de figuras convencionais das histórias em quadrinhos: poeirinhas de corrida, gotinhas de suor, estrelinhas de dor, linhas paralelas indicando movimento, coraçõezinhos de amor, palavrões expressos em caracóis, espirais de tontura, enfim tudo aquilo que dá movimento no gibi e que deu um toque peculiar ao livro.

O autor também deixa escapar a vocação de quadrinista principalmente na história do Penadinho, na qual coloca uma profusão de balões que caracterizam os quadrinhos: balão de fome, de sono, exclamativo e interrogativo, de pensamento ou de gritos. Os balões de fala usados por Mauricio de Sousa sempre foram enxutos, e isso tem muito a ver com a profissão de jornalista, que exerceu antes de publicar seus quadrinhos. Como se sabe, Mauricio de Sousa é um desenhista que faz quadrinhos para crianças e gosta de crianças.

Um bom escritor ou desenhista conhece intimamente seu público: usa a linguagem que seus leitores entendem e compartilha de suas alegrias e tristezas. Assim, a história nunca vai cair na monotonia. Ela é direta e enfática, porque o autor sabe o que vai manter o interesse do seu público. A atitude e a personalidade do desenhista criam um estilo que vai se tornar sua marca registrada. Você pode não ser capaz de alterar a sua personalidade, mas pode ajustar sua atitude. Isso é fácil de ver tanto pelo conteúdo dos gibis do Mauricio como pessoalmente.

Fui inúmeras vezes, durante décadas, a lançamentos de seus livros. Apesar das regras das livrarias de ter um número determinado de pessoas para ganhar autógrafos, pude verificar o quanto ele se preocupava com os que não conseguiriam o autógrafo, e ele pedia para liberar a entrada.

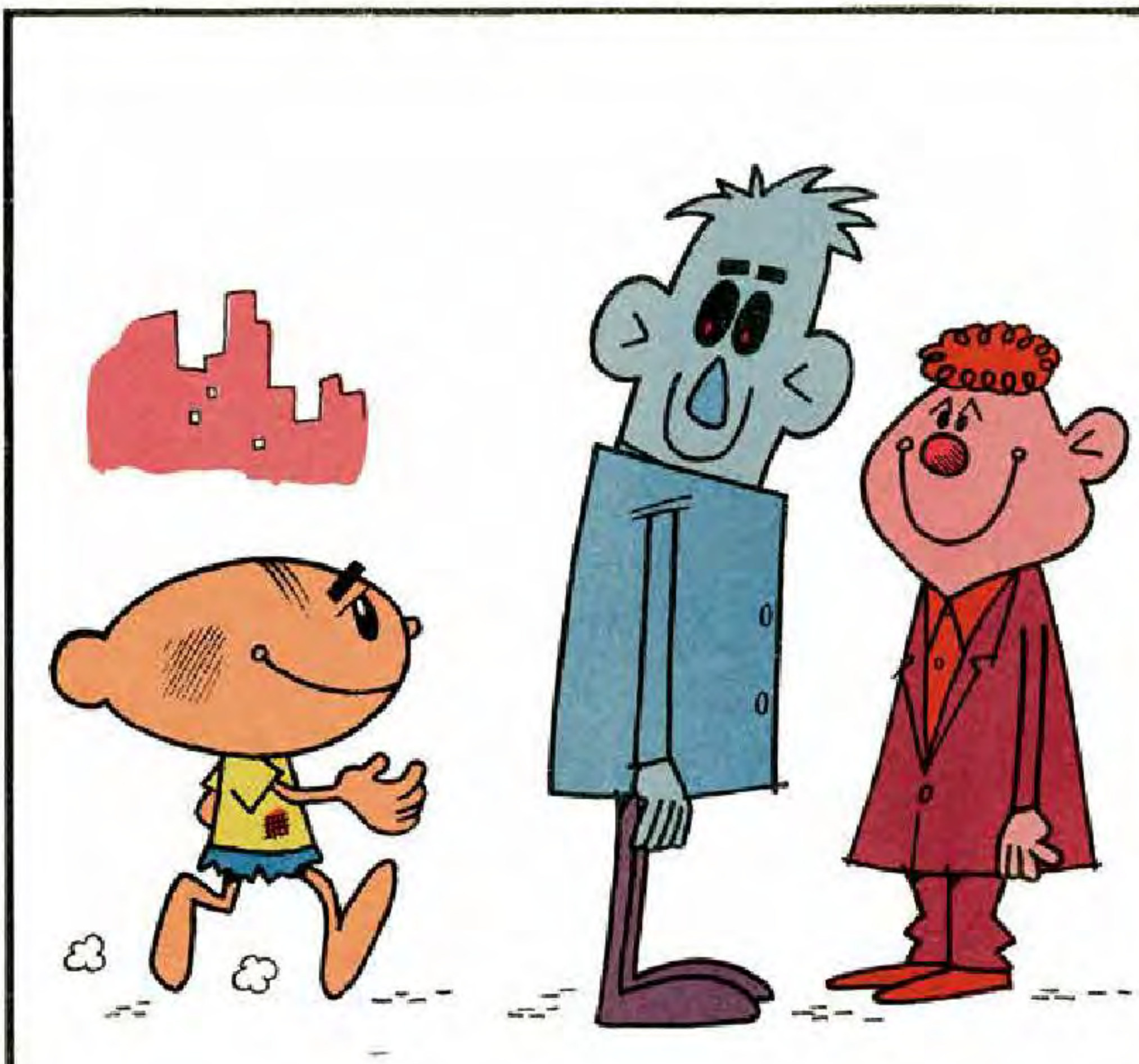
Não há presente maior do que ver o semblante de felicidade das crianças e também dos pais com esse gesto. Isso explica a fidelidade de seus leitores, que passa de geração em geração em função de atitudes generosas como essas.

E foi assim que começou sua carreira – contando histórias que só ele sabia contar. Isso o tornou único e especial na narrativa de seus contos, crônicas e quadrinhos.

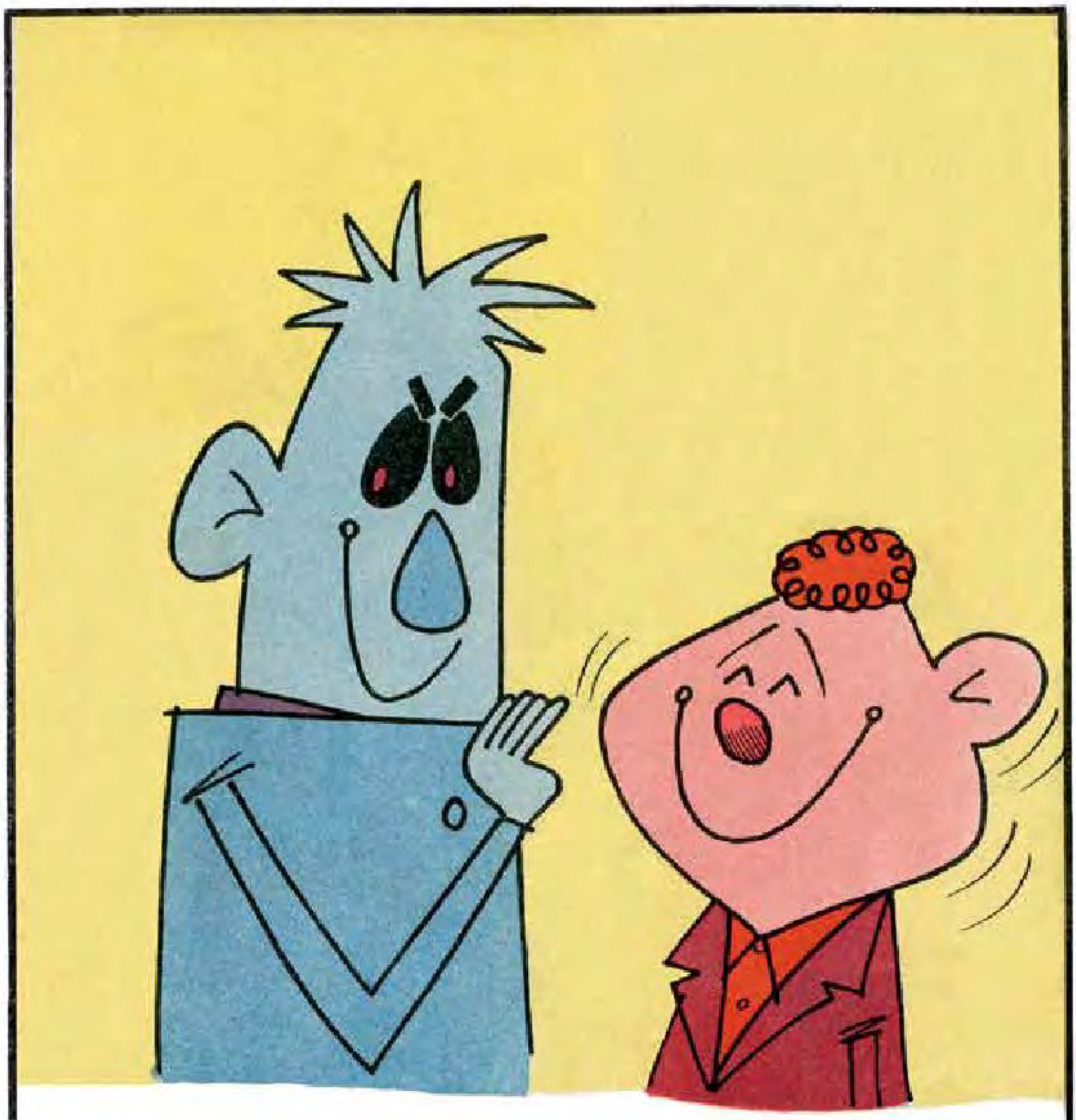
Ele é uma caixa de bondade.

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES

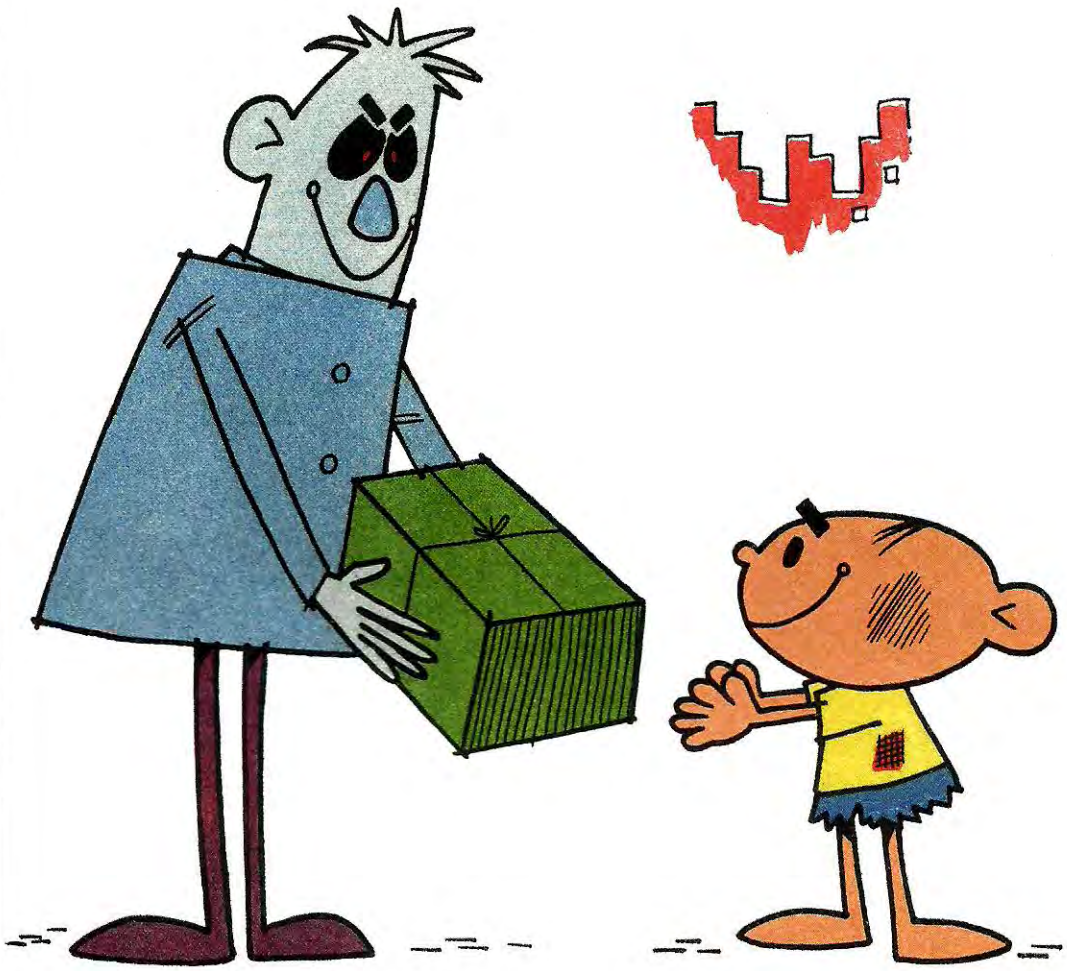
A CAIXA DA BONDADE



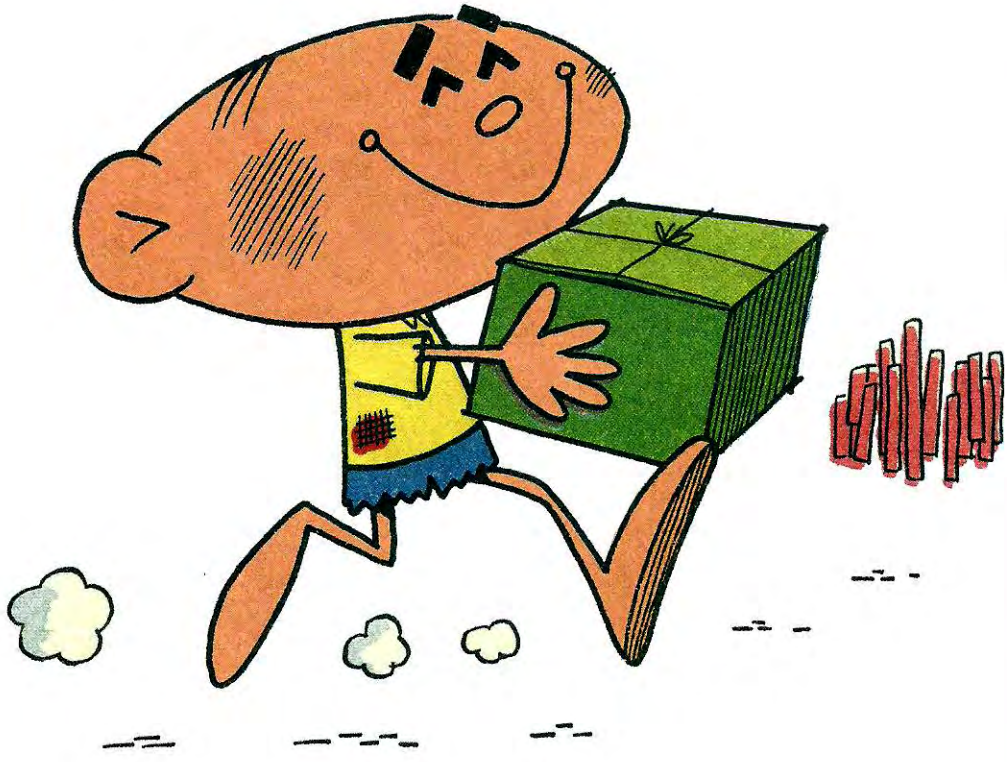
Niquinho não gostava daquilo...
mas precisava pedir
dinheiro na rua.
Era órfão e a mãe
estava desempregada.



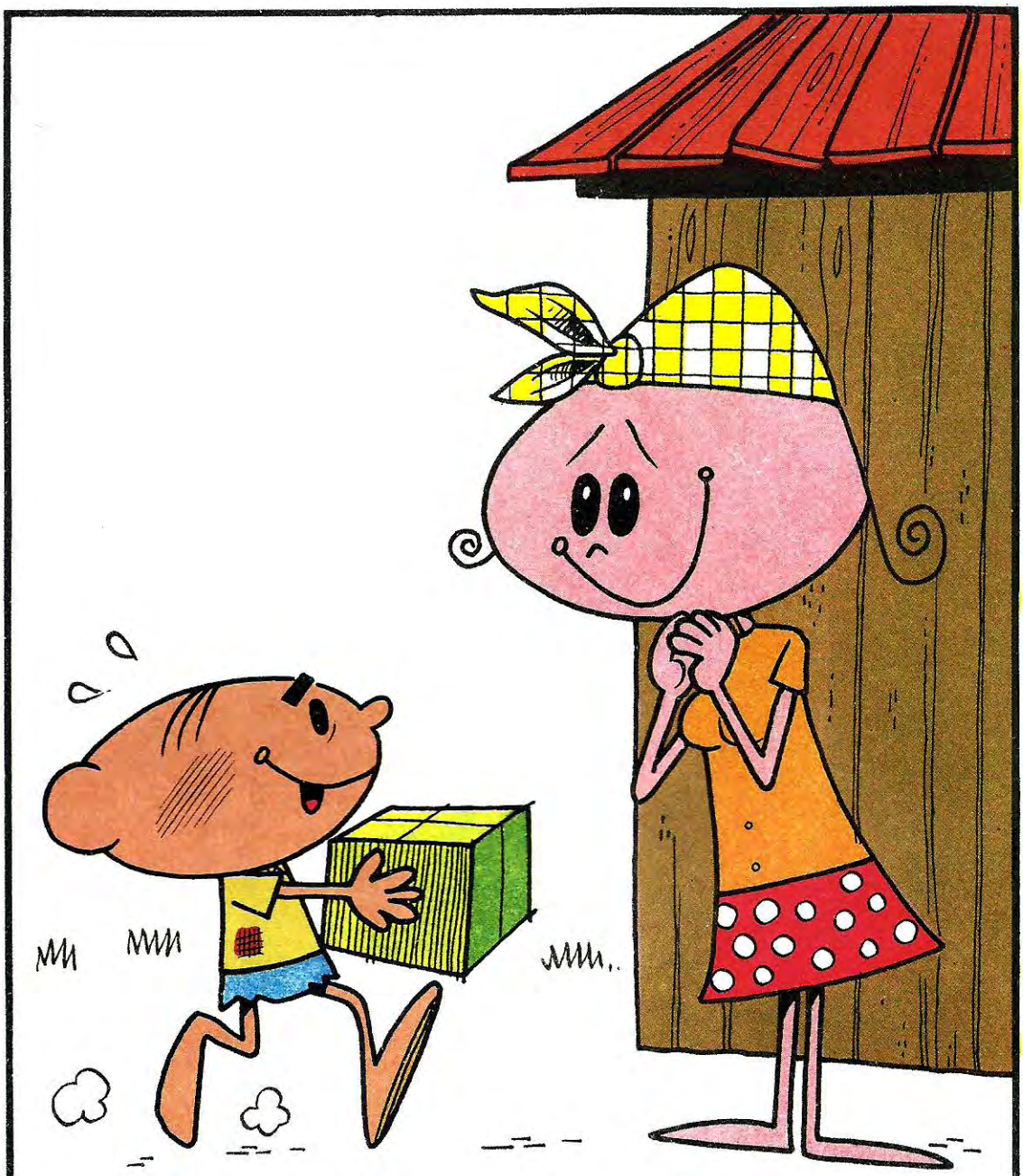
Foi quando encontrou dois homens maus que resolveram fazer uma brincadeira com sua situação humilde.



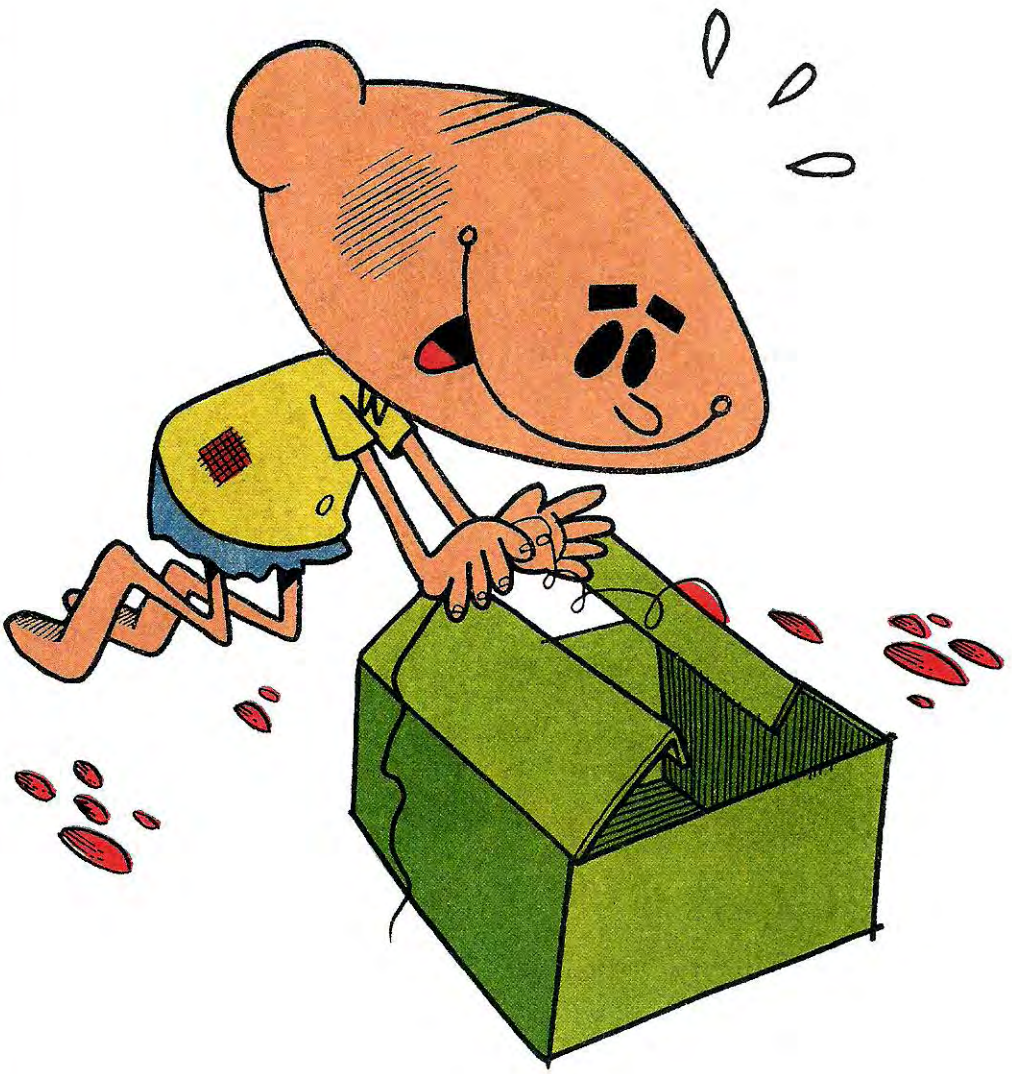
– Nesta caixa damos a você
uma coisa formidável:
um punhado de bondade!
Niquinho arregalou os olhos.
Nunca vira uma
«caixa de bondade».



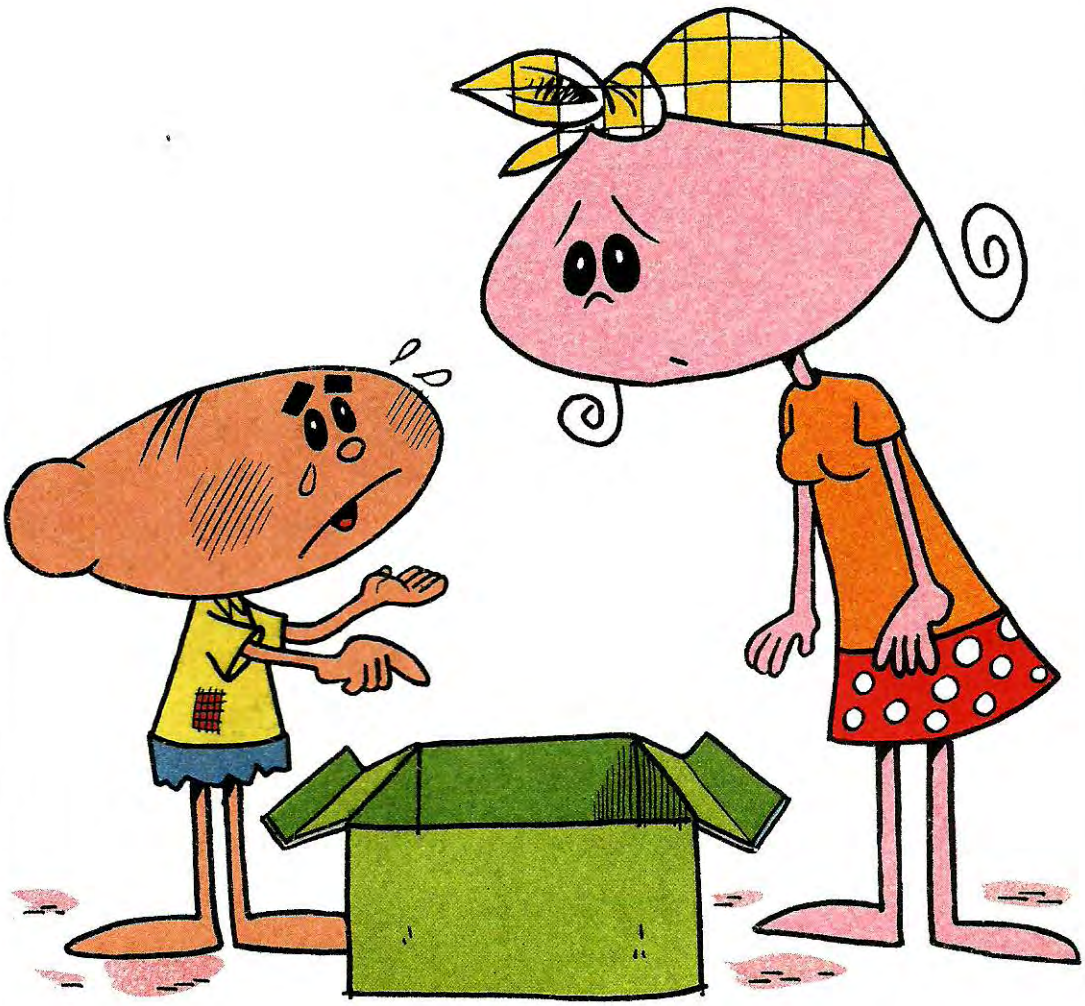
Agradeceu e saiu contente
da vida a fim de mostrar
a «caixa de bondade»
para a mãe. Os dois homens
maus ficaram dando gargalhadas:
haviam dado ao menino
somente uma caixa vazia
que tinham encontrado na rua.



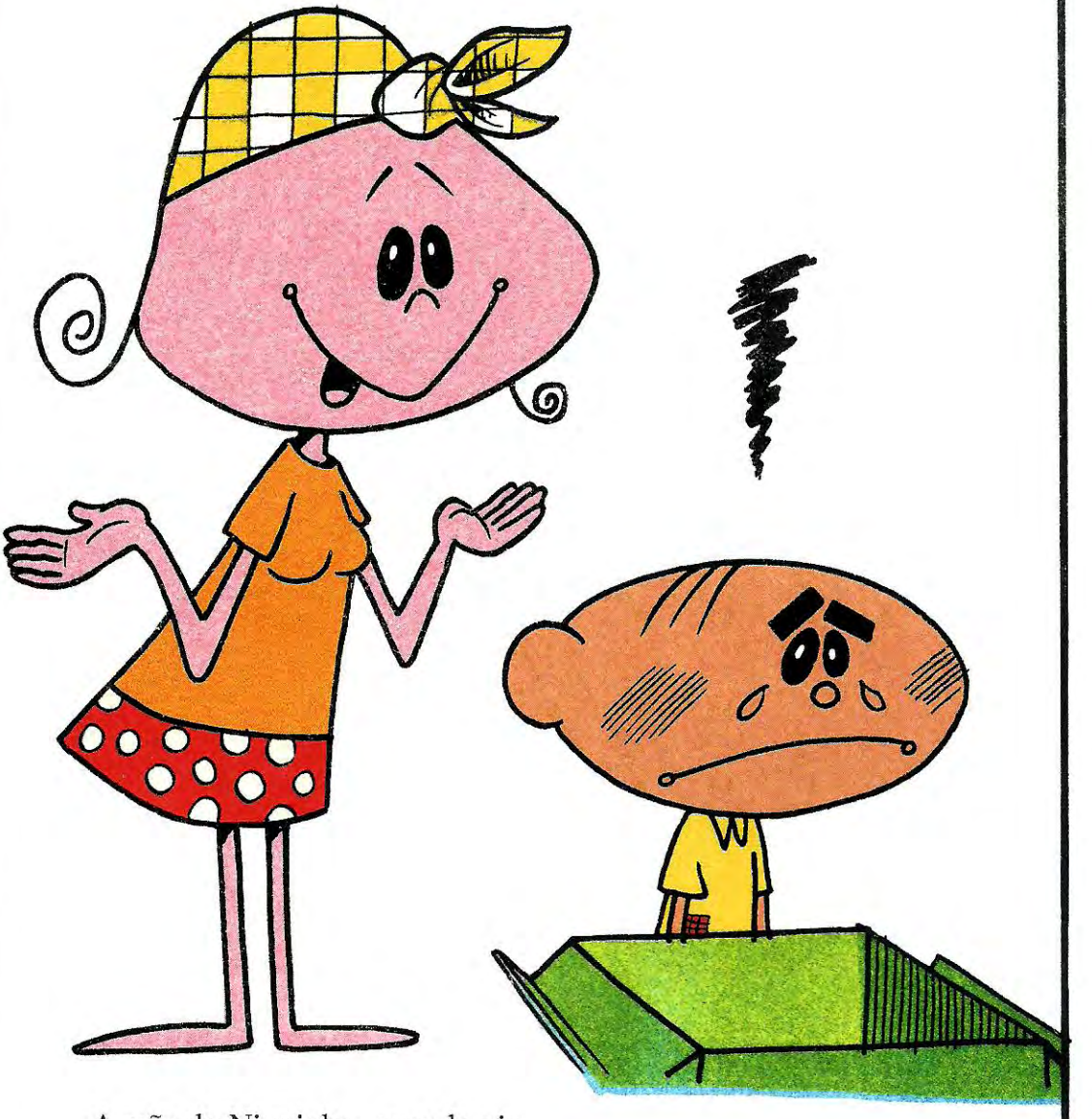
Mas Niquinho não desconfiou
de nada. Chegou à casinha
pobre onde morava e mostrou
a linda caixa para a mãe.



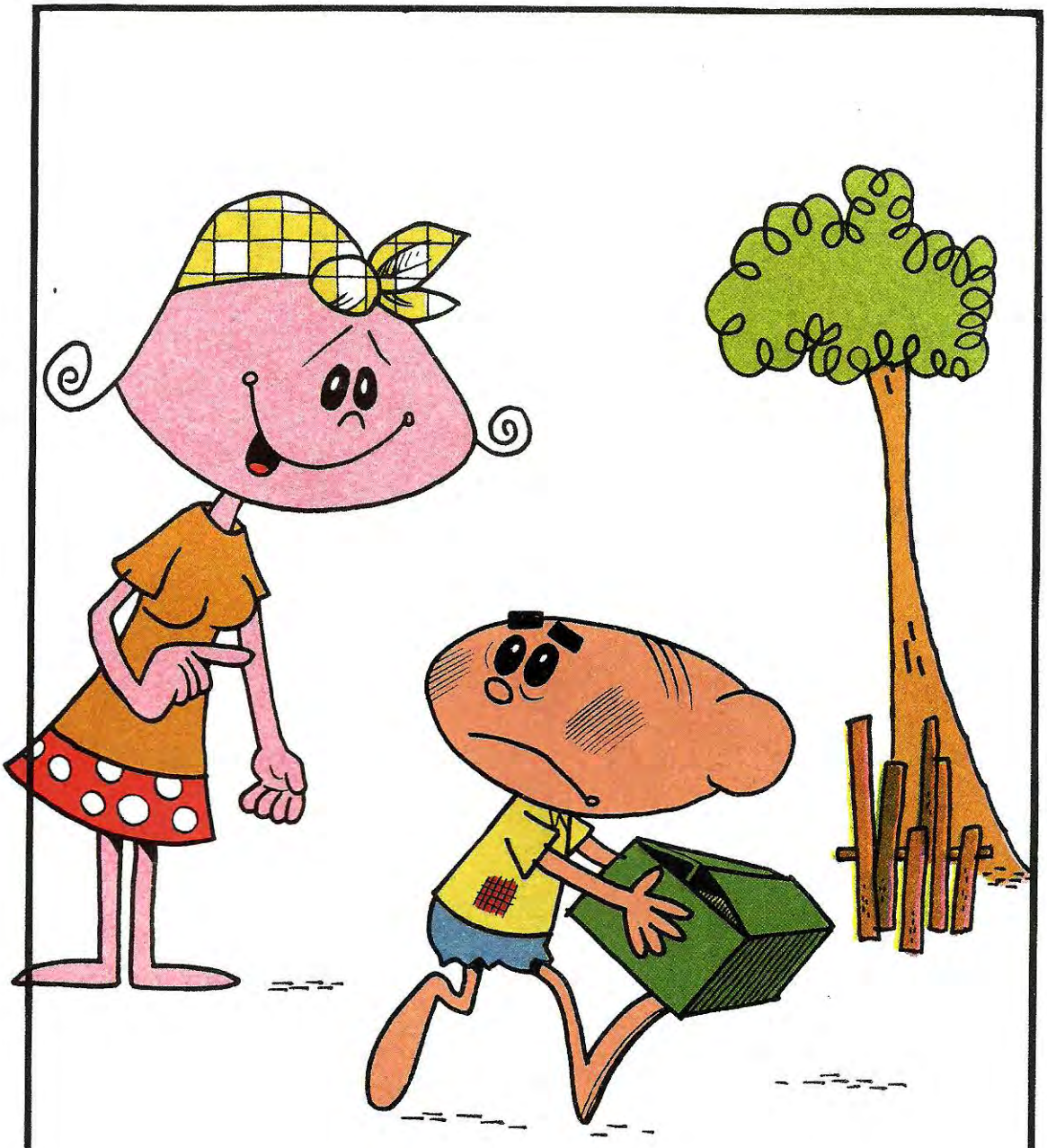
Desamarrar os barbantinhos
para ver o presente
foi coisa de segundos.
Em pouco tempo, a caixa
estava aberta...



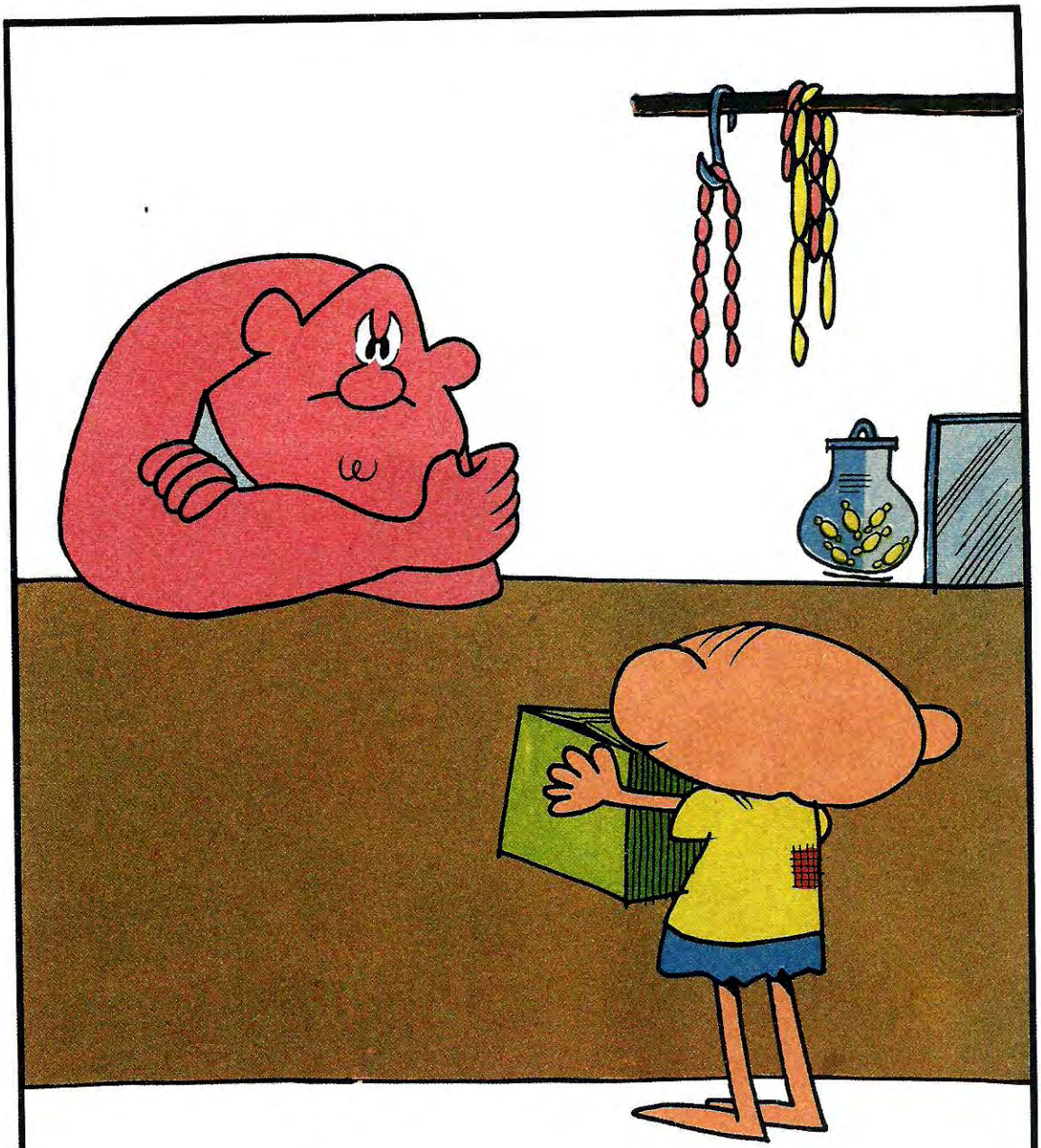
... E Niquinho não viu
nada dentro dela.
Mas os homens haviam dito!
Haviam falado que a caixa
estava cheia de bondade!



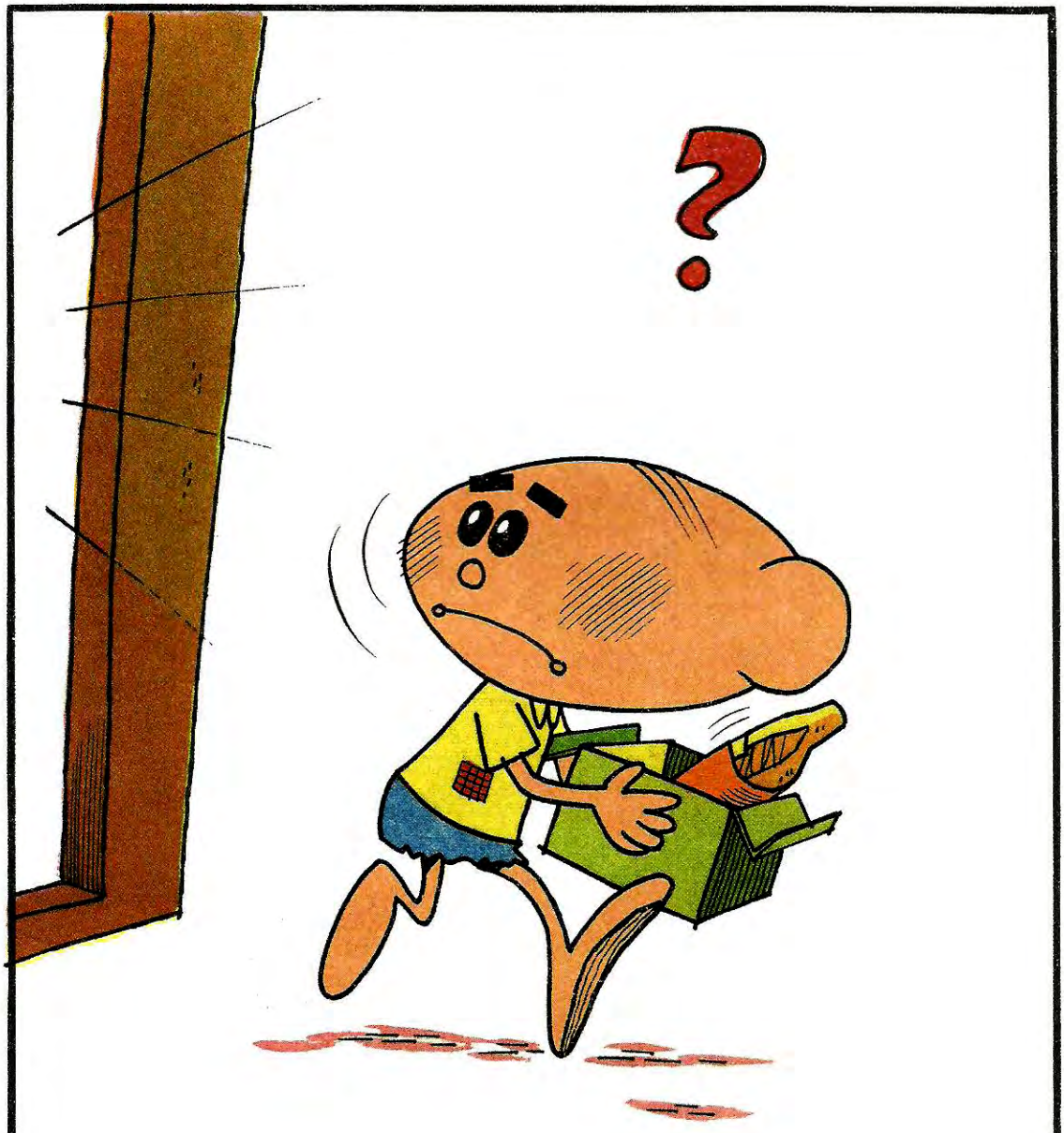
A mãe do Niquinho, quando viu
o filhinho triste, explicou, mais que depressa,
que a bondade é uma coisa invisível.
Não pode ser tocada nem vista.
Por isso é que a caixa estava aparentemente vazia.



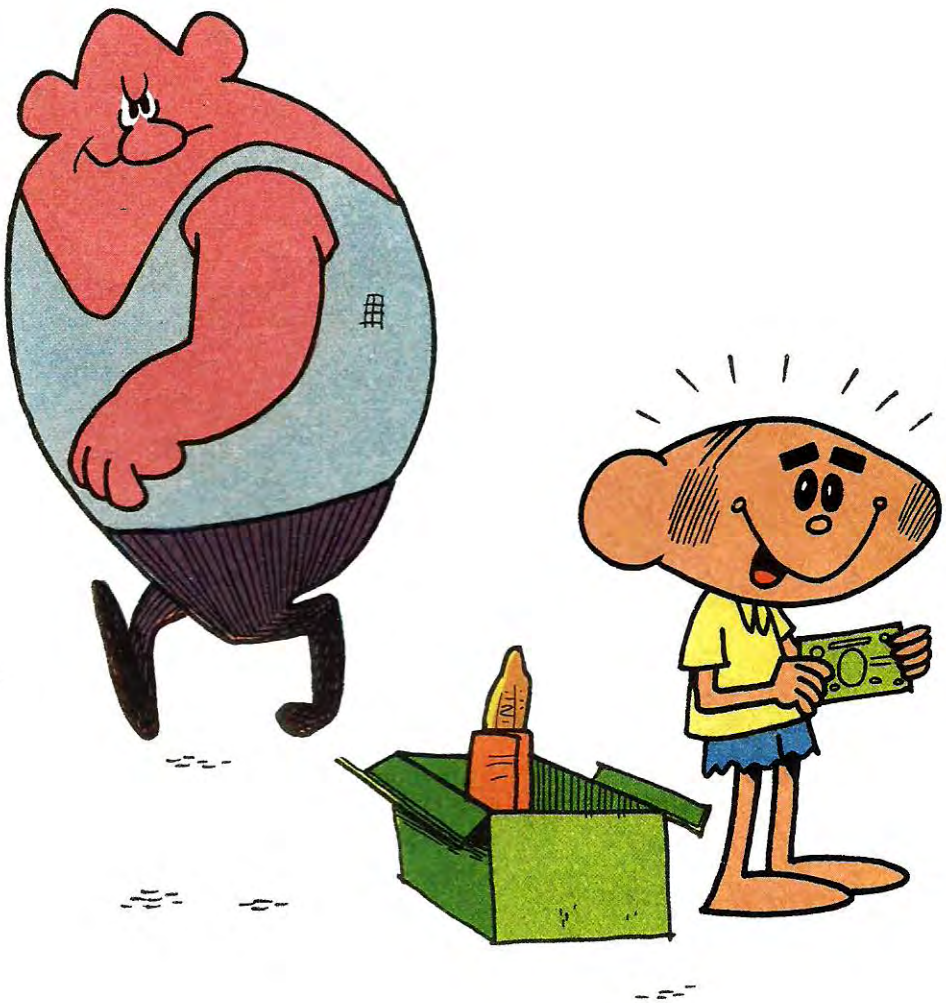
– Mas, apesar disso, a bondade
é uma coisa maravilhosa, meu filho.
Com ela, você consegue qualquer coisa!
Niquinho ficou satisfeito com aquilo
e saiu com a caixa nas mãos.



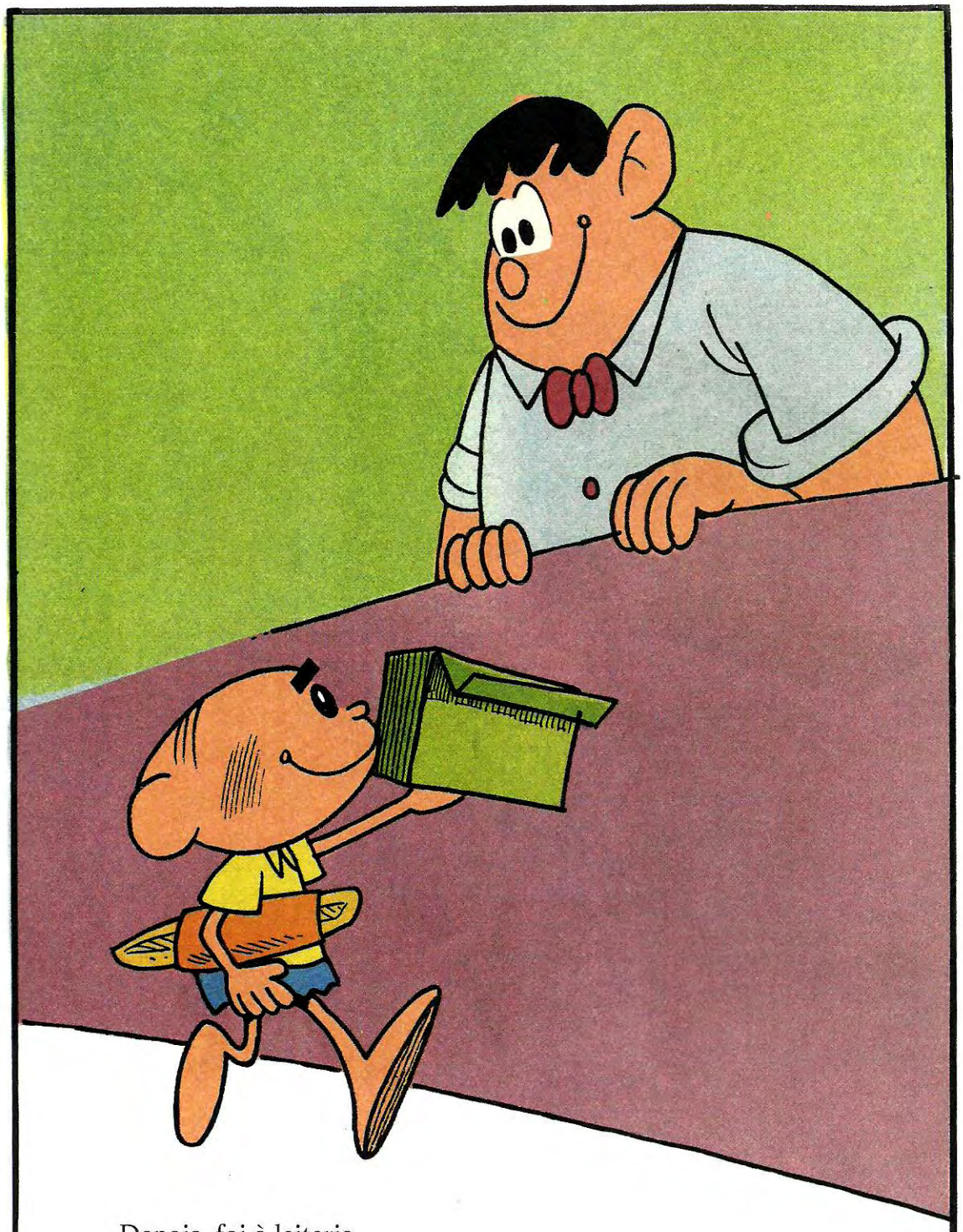
Foi direto para a mercearia.
Sua mãe não havia dito que a bondade
consegue qualquer coisa?
Pediu um pão ao vendeiro.
Havia muito tempo que não comiam
pão fresco na sua casinha.



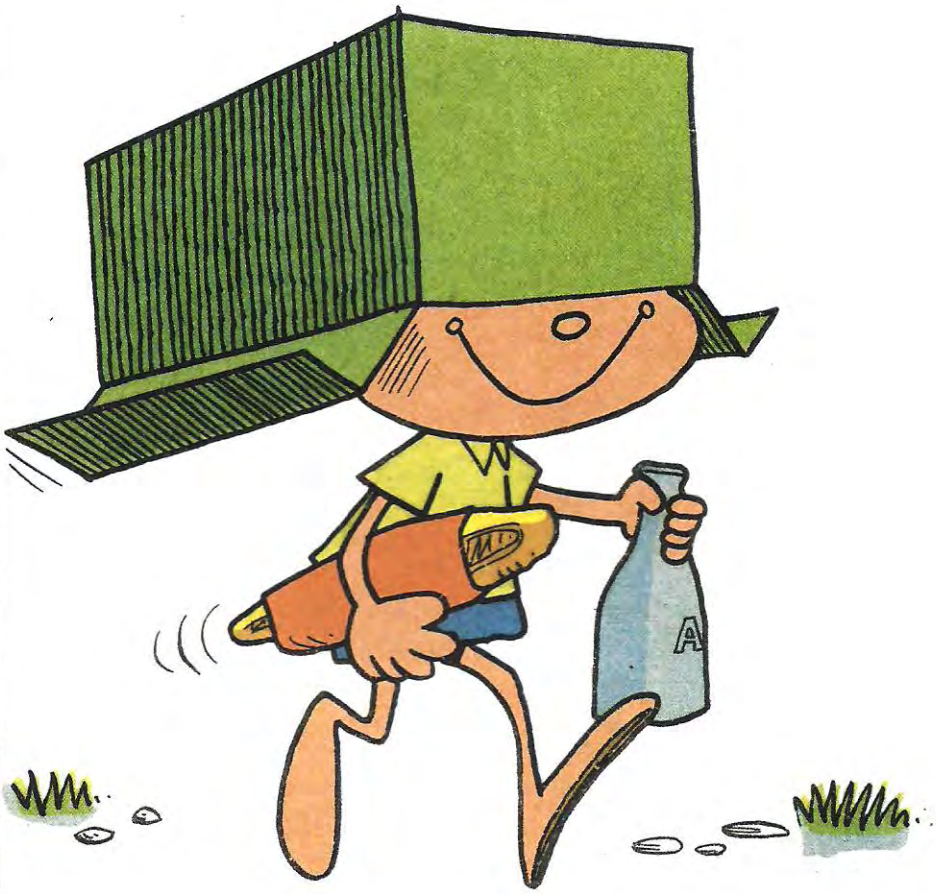
Em seguida, Niquinho saiu do armazém,
todo contente. Sua mãe tinha razão.
A «bondade» da caixa pagara um pão.
Nisso, gritaram por ele.



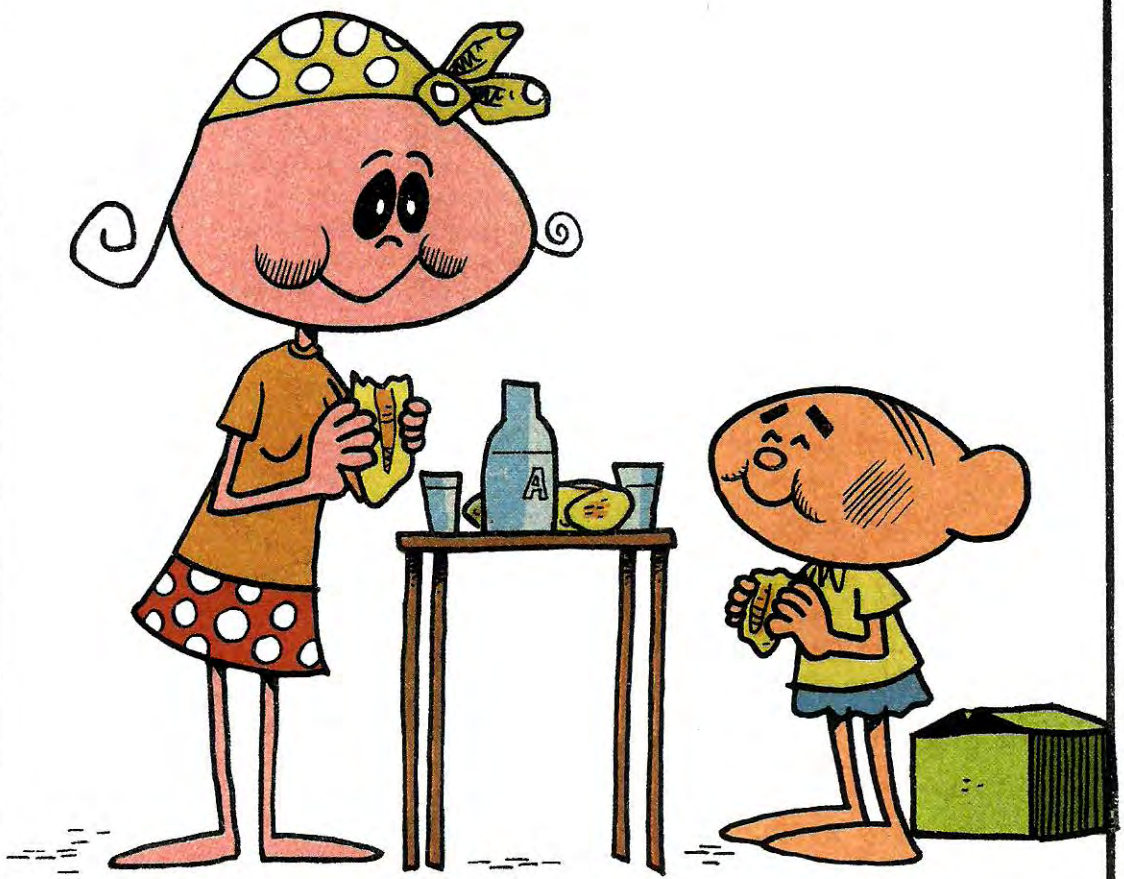
Era o vendeiro com o troco.
Niquinho olhava assustado
para a nota que o homem
colocara em suas mãos.
Não sabia que davam troco
de «bondade».



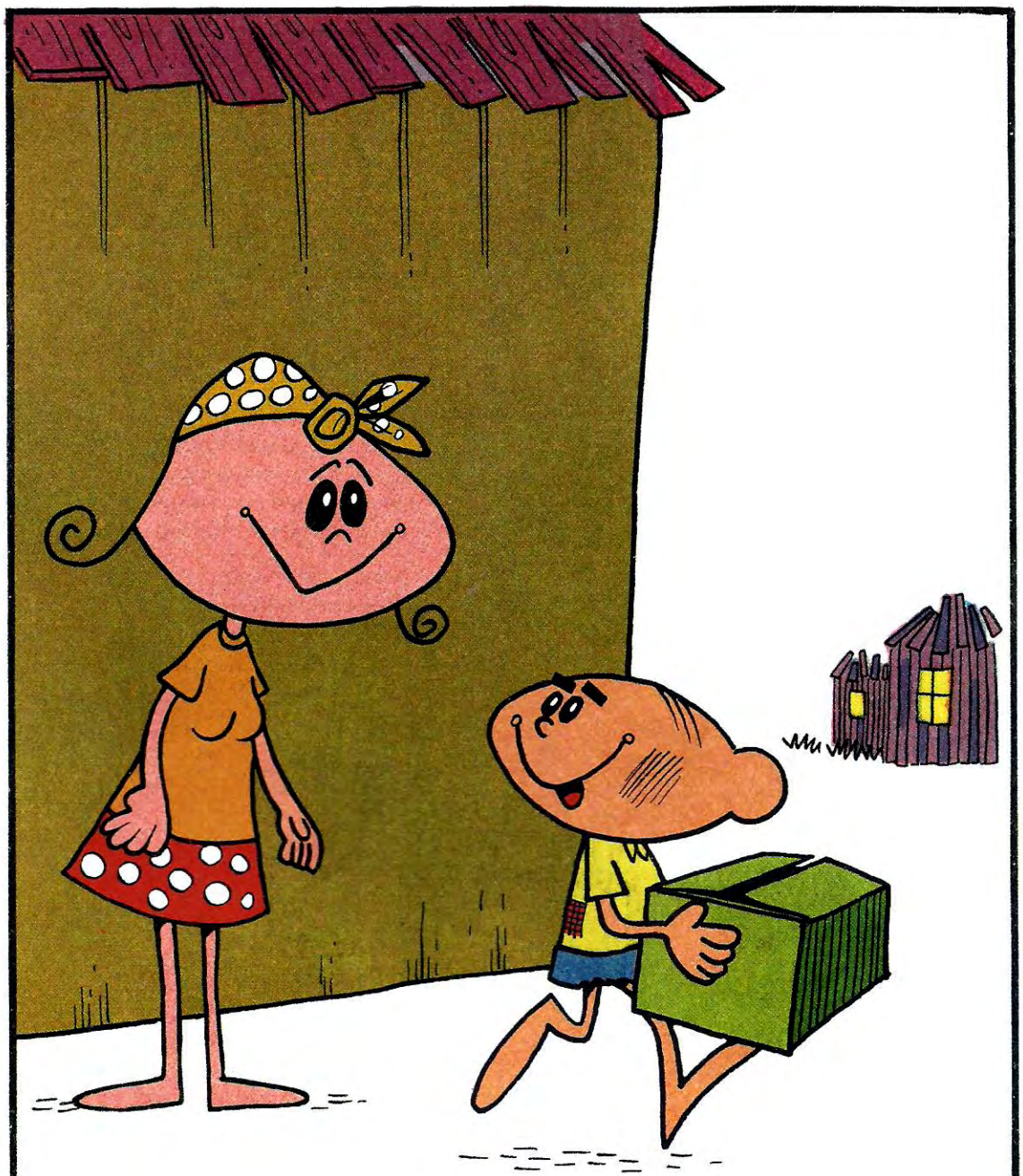
Depois, foi à leiteria.
Pediu um litro de leite e suspendeu
a caixa para que o leiteiro
pegasse o pagamento.



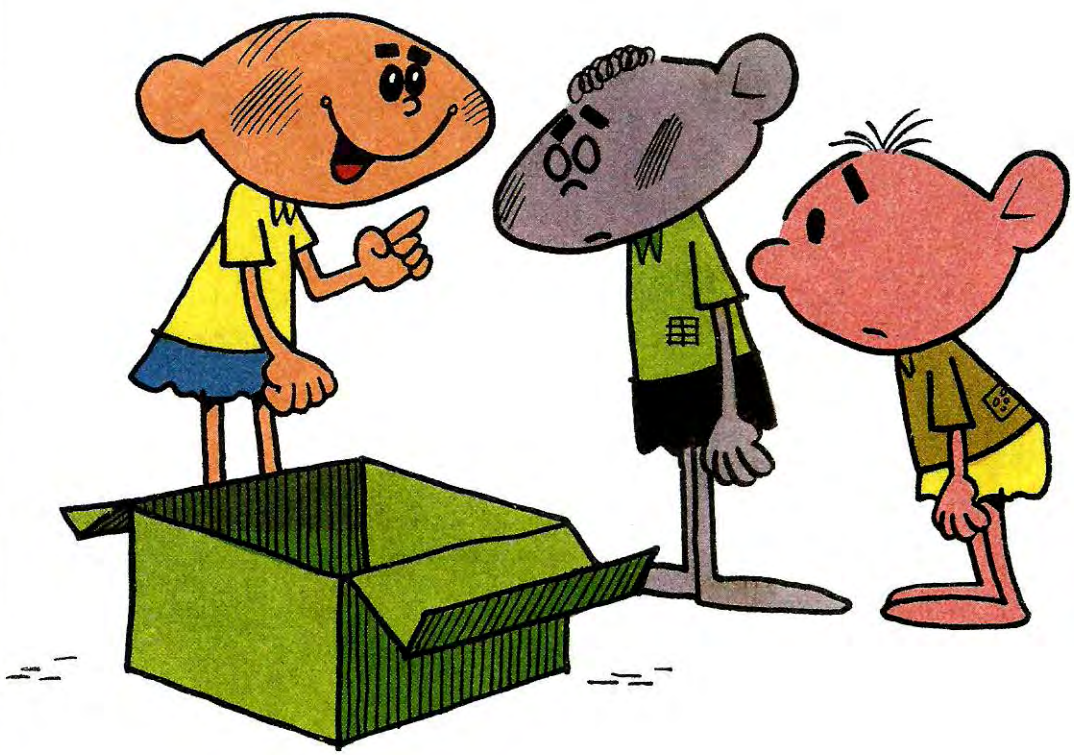
Feito isso, voltou alegremente
para sua casinha com
o leite e o pão.



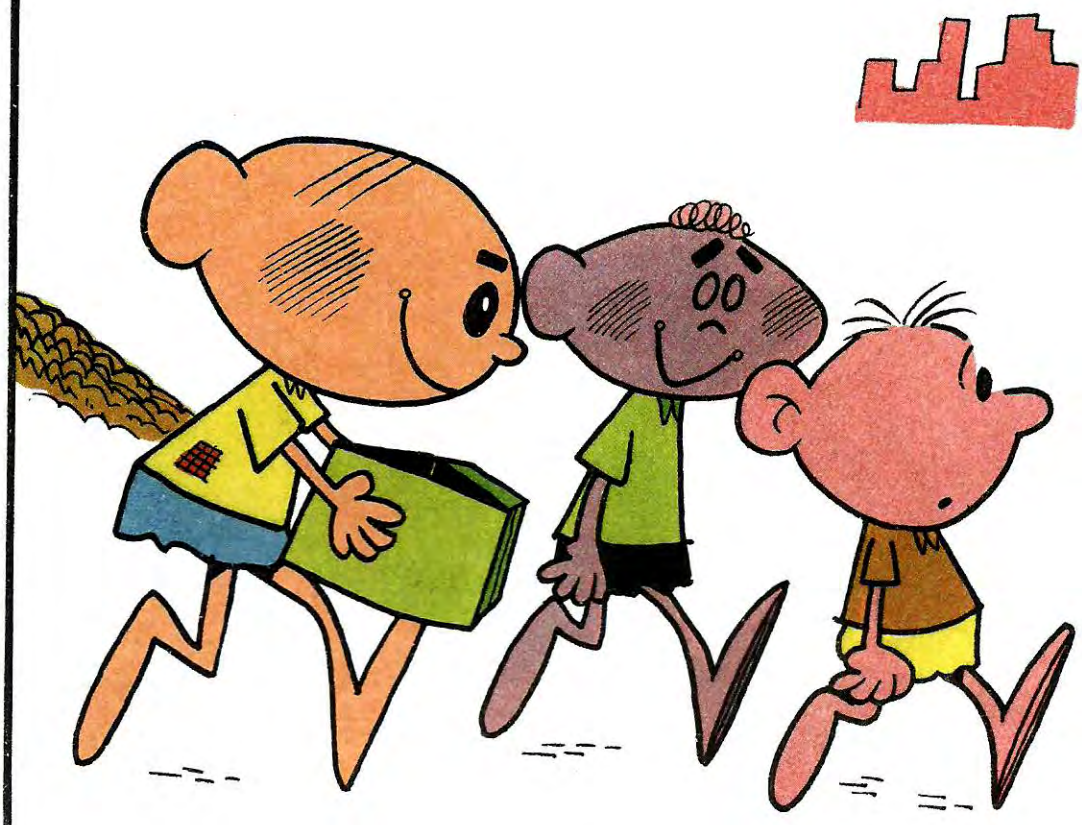
Sua mãezinha mal acreditava naquilo.
– Foi a «bondade» da caixa –
explicava o Niquinho.



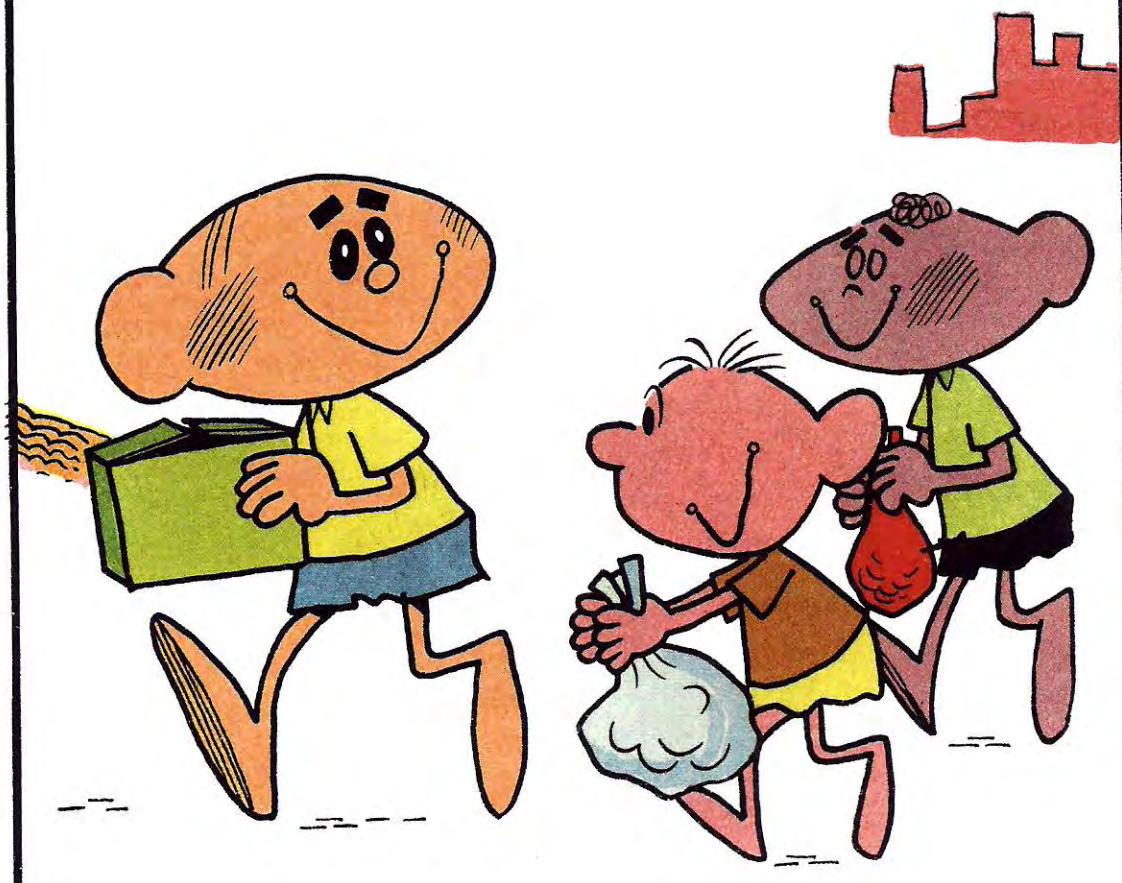
Mas logo o menino
já estava imaginando uma maneira
de a «bondade» da sua caixa «pagar»
também algumas coisas boas para
os outros menininhos da rua.



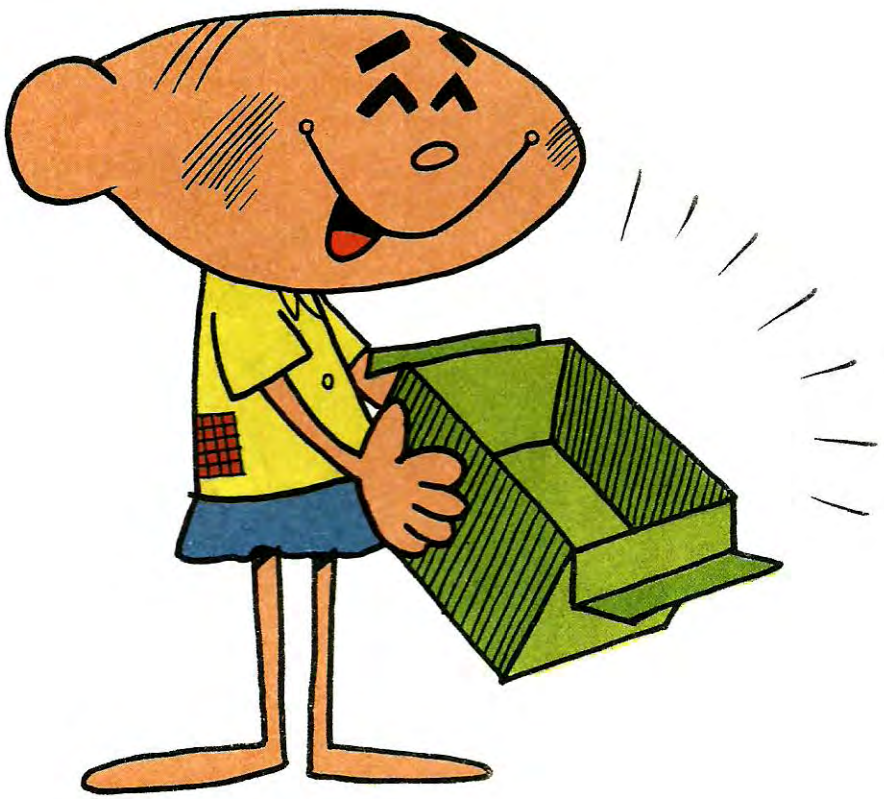
Chamou dois dos mais
pobrezinhos e os convidou
para irem à cidade.



Quando Niquinho falou
o que iam fazer na cidade,
os menininhos nem acreditaram.
Imagine só! Iam comer
doces e balas.



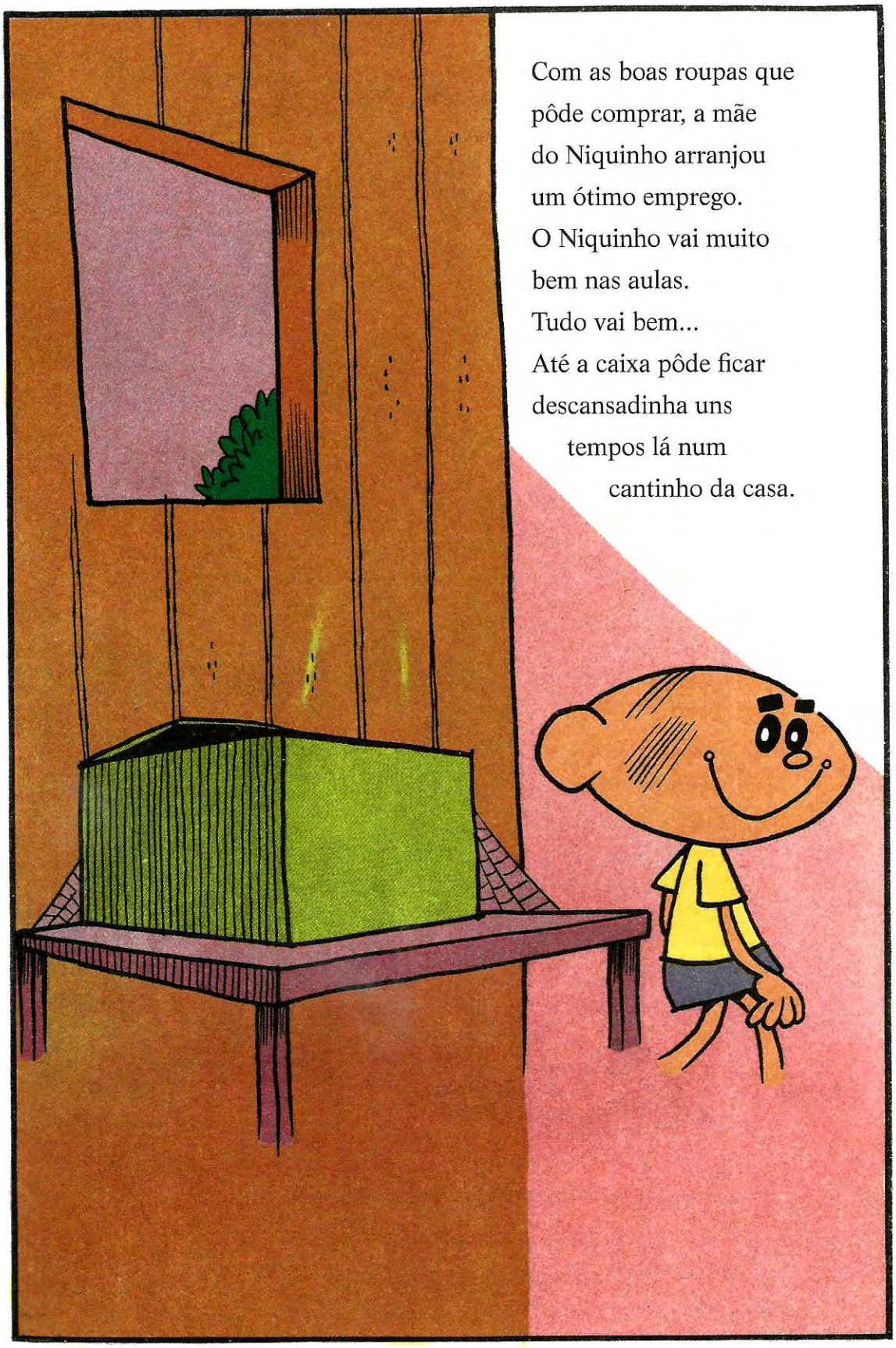
E dito e feito. Dali a algumas
horas, os meninos voltavam
carregados de presentes do Niquinho.
A caixa da bondade continuava
«pagando» tudo.



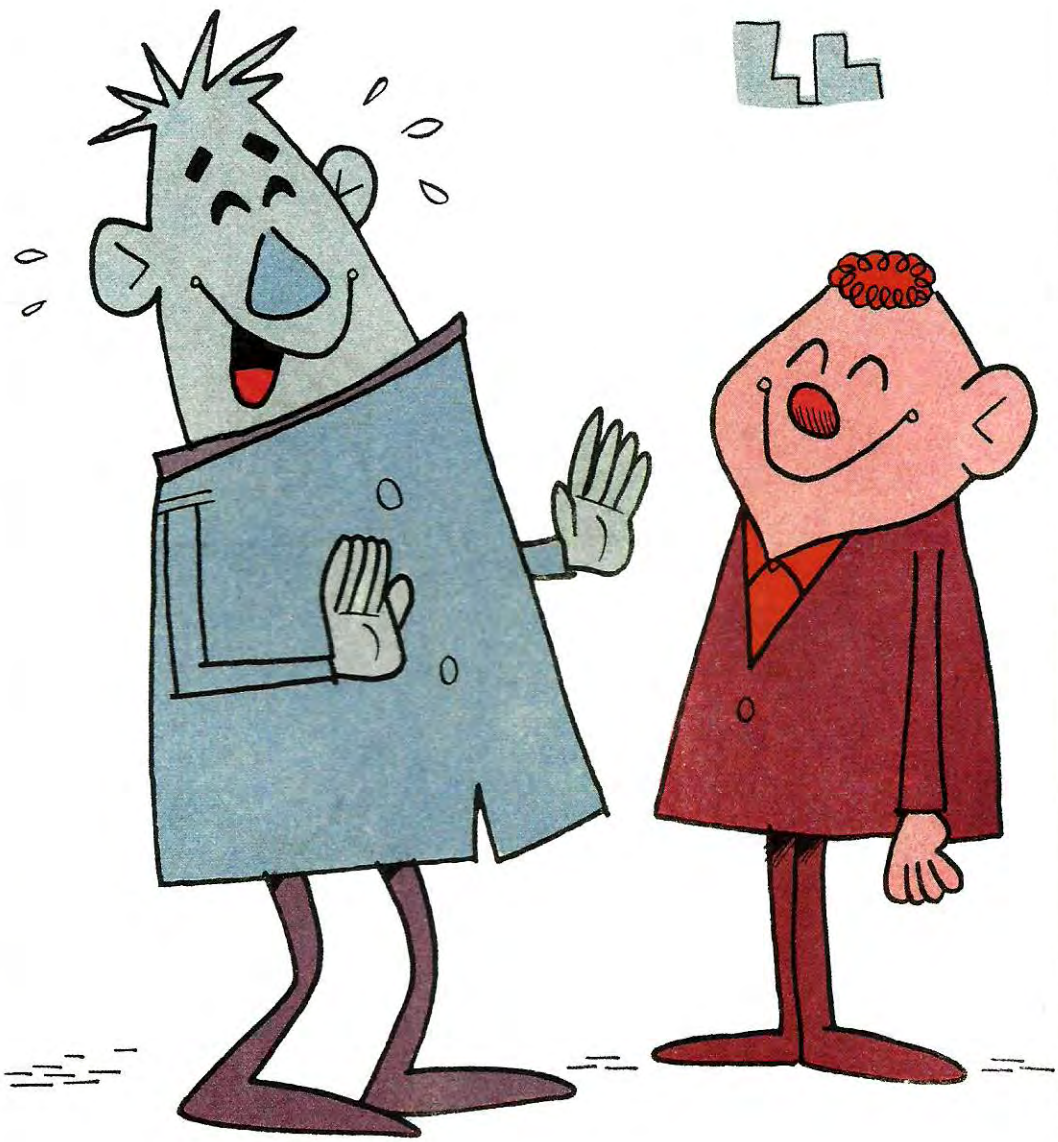
Niquinho e sua mãezinha
passaram a comprar tudo
o que precisavam
na sua casinha modesta.

Graças à «caixa da bondade»,
num instante, a casa do Niquinho
se transformou num exemplo
de conforto e higiene.

Até na escola o Niquinho entrou.
O que foi a melhor coisa que fez até hoje.
Afinal, não precisava mais andar
pelas ruas pedindo coisas.

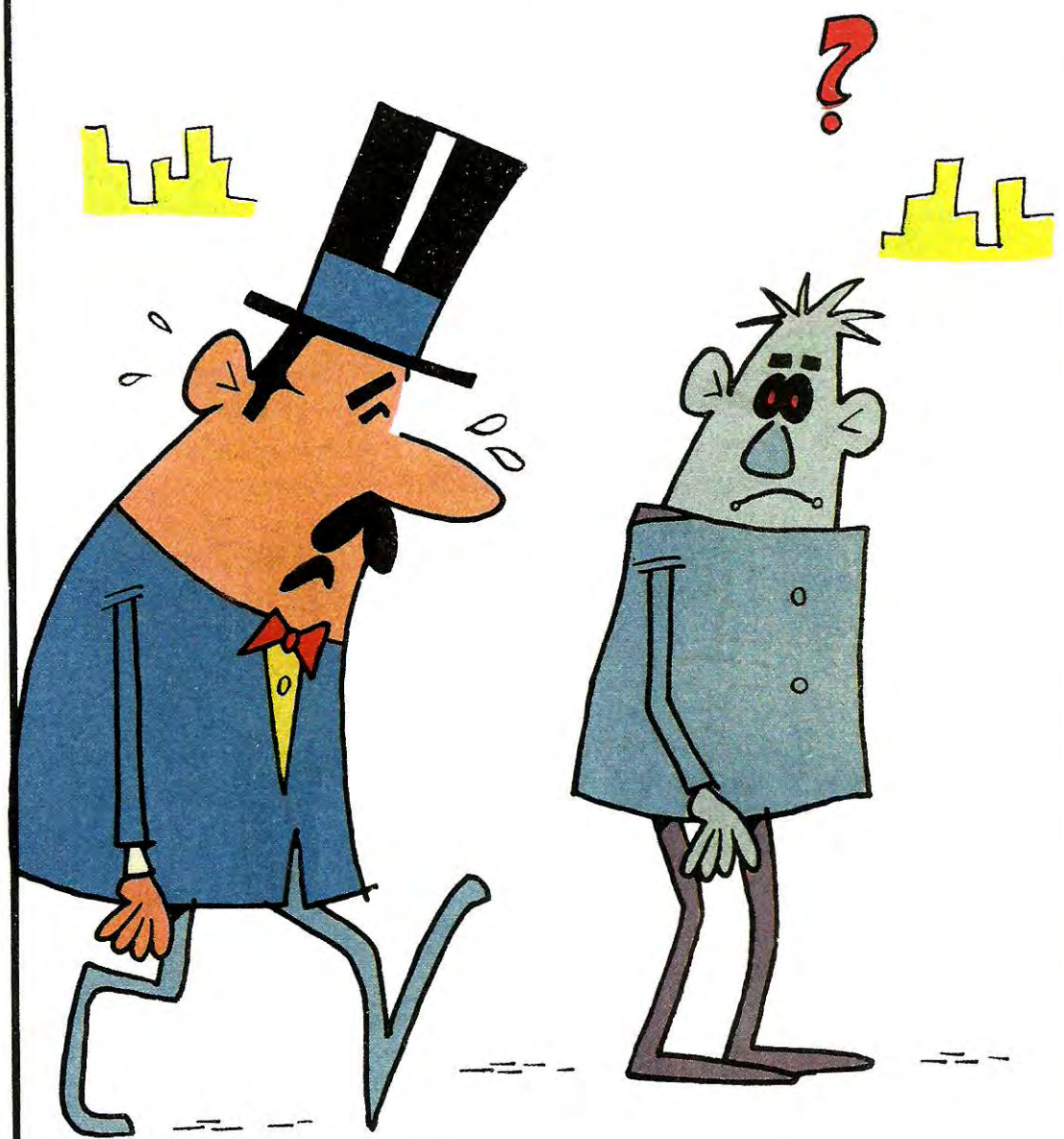


Com as boas roupas que
pôde comprar, a mãe
do Niquinho arranjou
um ótimo emprego.
O Niquinho vai muito
bem nas aulas.
Tudo vai bem...
Até a caixa pôde ficar
descansadinha uns
tempos lá num
cantinho da casa.



Mas há dois homens maus muito bobos
que vivem rindo até hoje da «peça» que
pregaram num pobre menininho.

Isto é... viviam rindo, até que um mágico desesperado, o grande Martu, passou por ali choramingando.

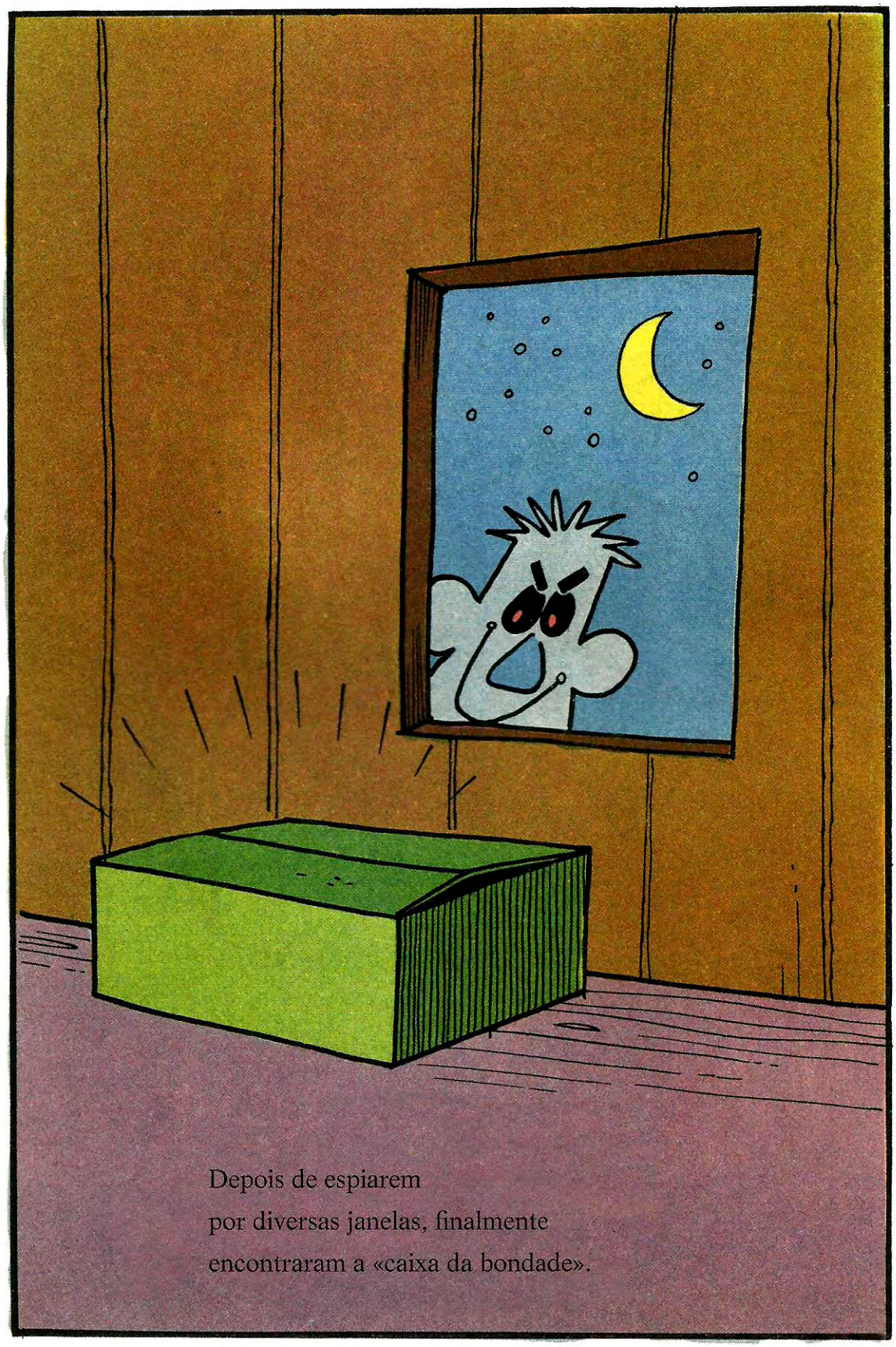


– Minha caixa mágica...
minha caixa mágica!
– dizia o mágico.

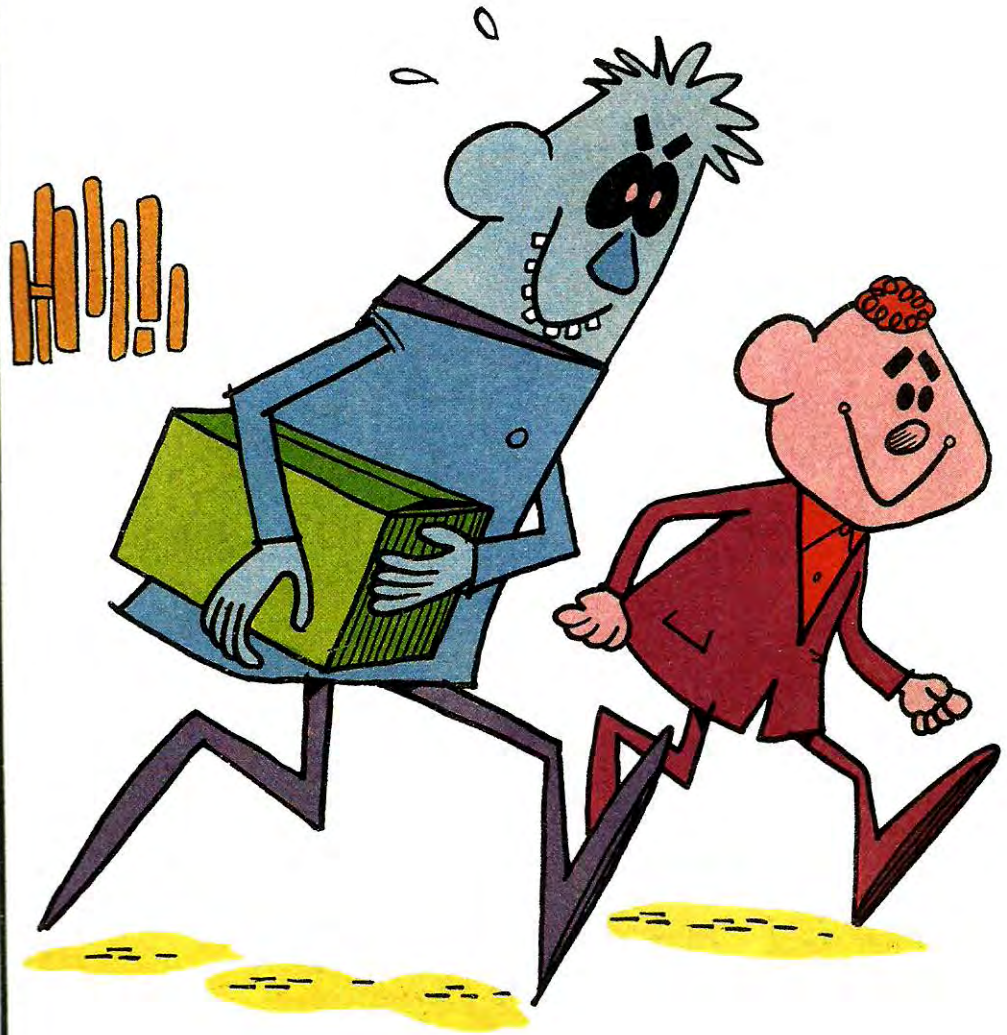
– Era a única no mundo.
Parecia vazia, mas era como um cofre.
O que eu conseguia esconder dos
fiscais de impostos, guardava na caixa.

– E era só abri-la e enfiar as mãos nela para
o dinheiro ir aparecendo.
E eu a perdi nesta rua, tenho certeza.

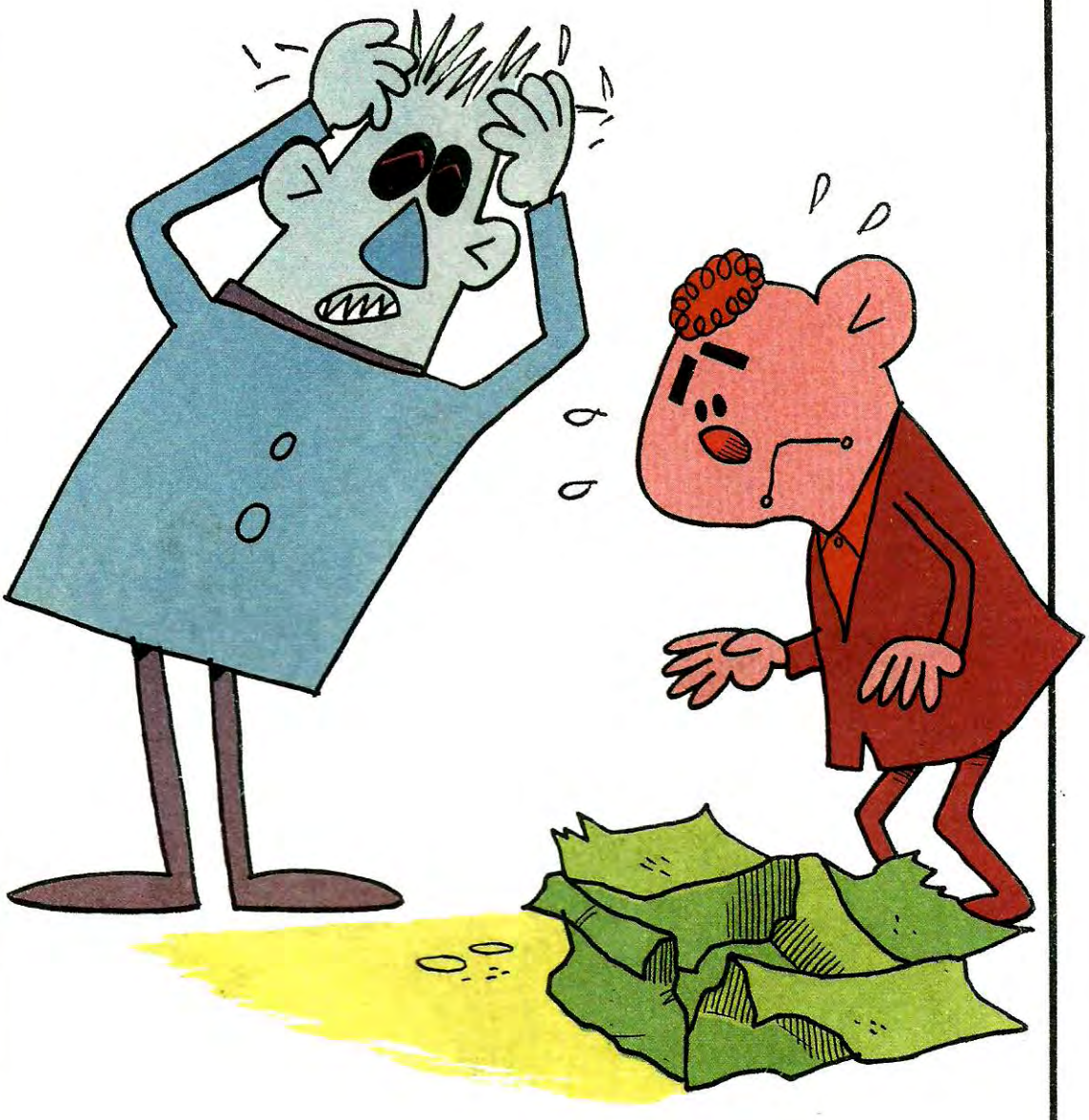
Os dois homens maus
nem esperaram por mais
lamúrias do mágico.
Saíram correndo em direção
à rua por onde o menino se fora
após ganhar a caixa.



Depois de espiarem
por diversas janelas, finalmente
encontraram a «caixa da bondade».



Rápidos como raios, os dois homens
maus saíram correndo carregando a caixa.
Ah! Não é que quase deixaram a fortuna
escapar das mãos?

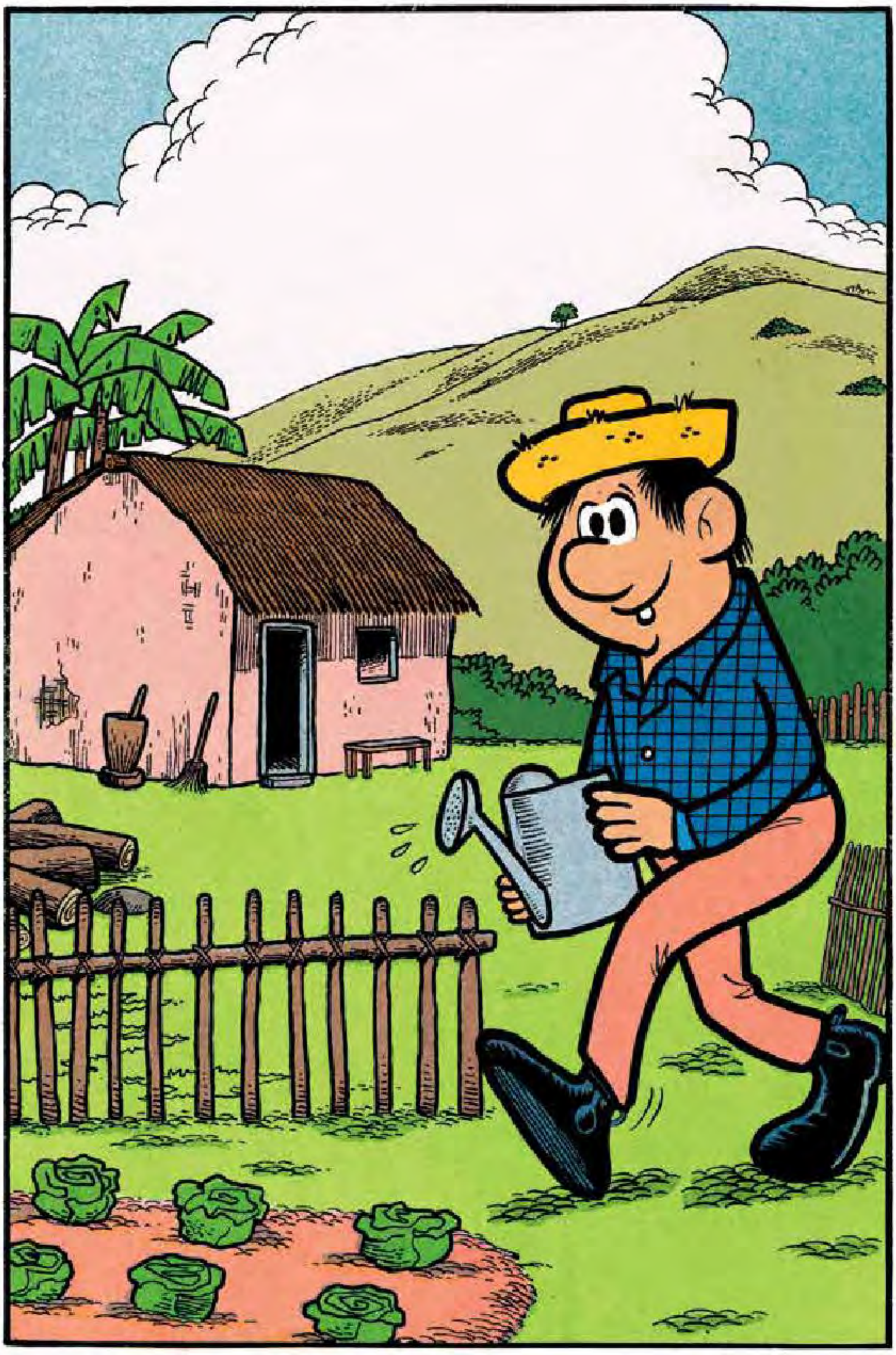


Mas a maldade sempre é castigada.
Por mais que remexessem e destruíssem a caixa,
não encontraram nem uma nota de cruzeiro.
Niquinho havia usufruído de toda a bondade
da caixa. Ele era bom. Para os maus, não sobrou
nada, como sempre.

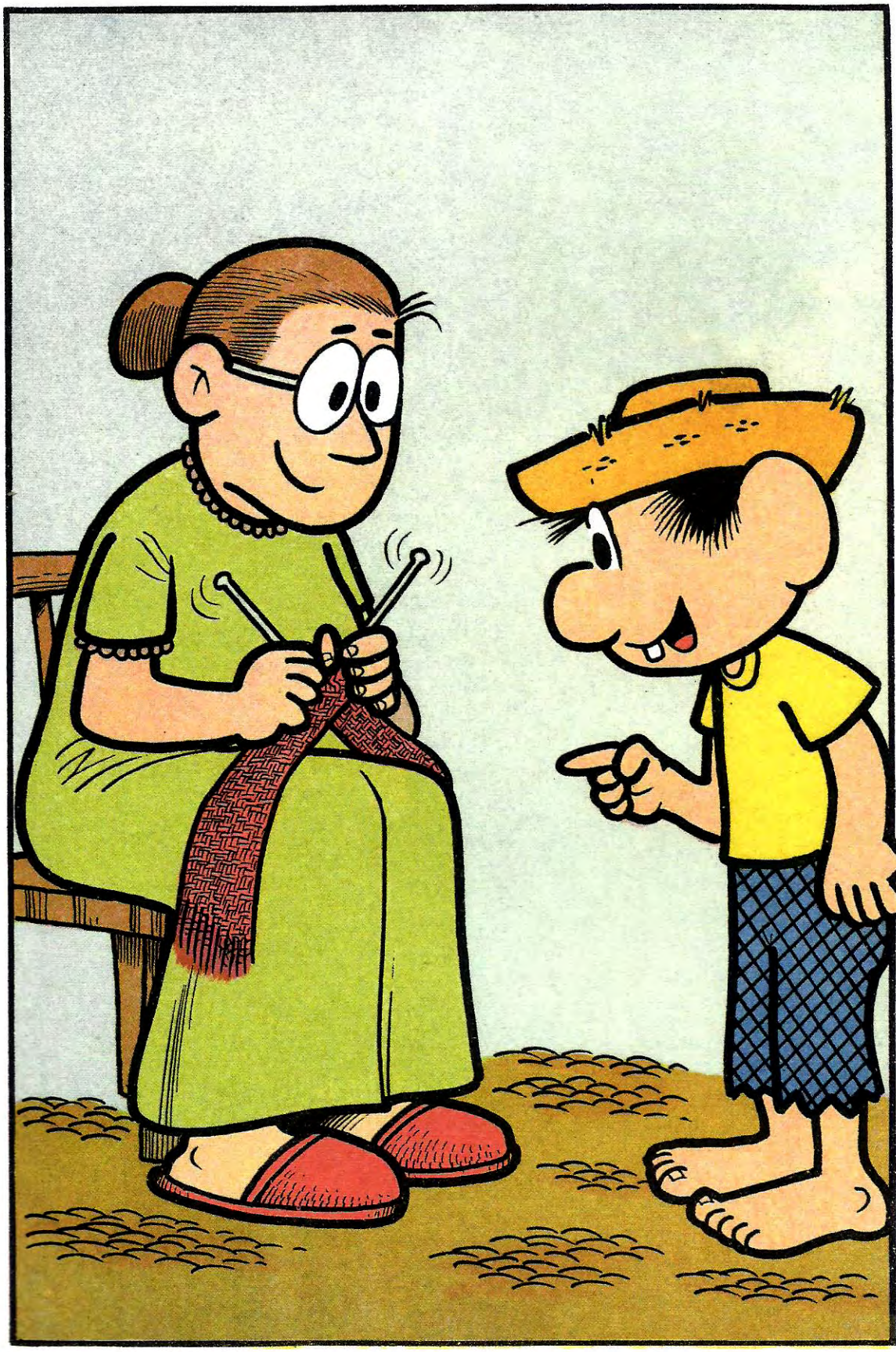
MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES

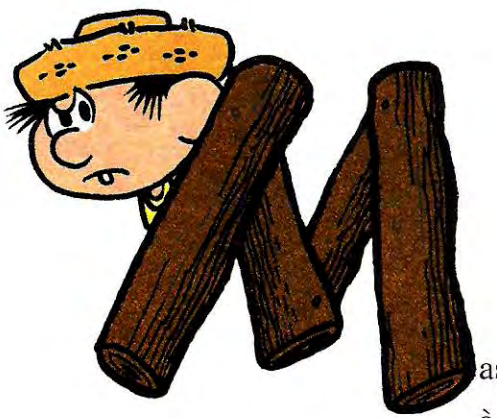
CHICO BENTO

um ranchinho ali perto do grotão,
vive uma feliz família de caboclos.
Nhô Zé Bento tem sua rocinha
num pedaço de terra boa. Dá para
vender suas verdurinhas lá na vila.

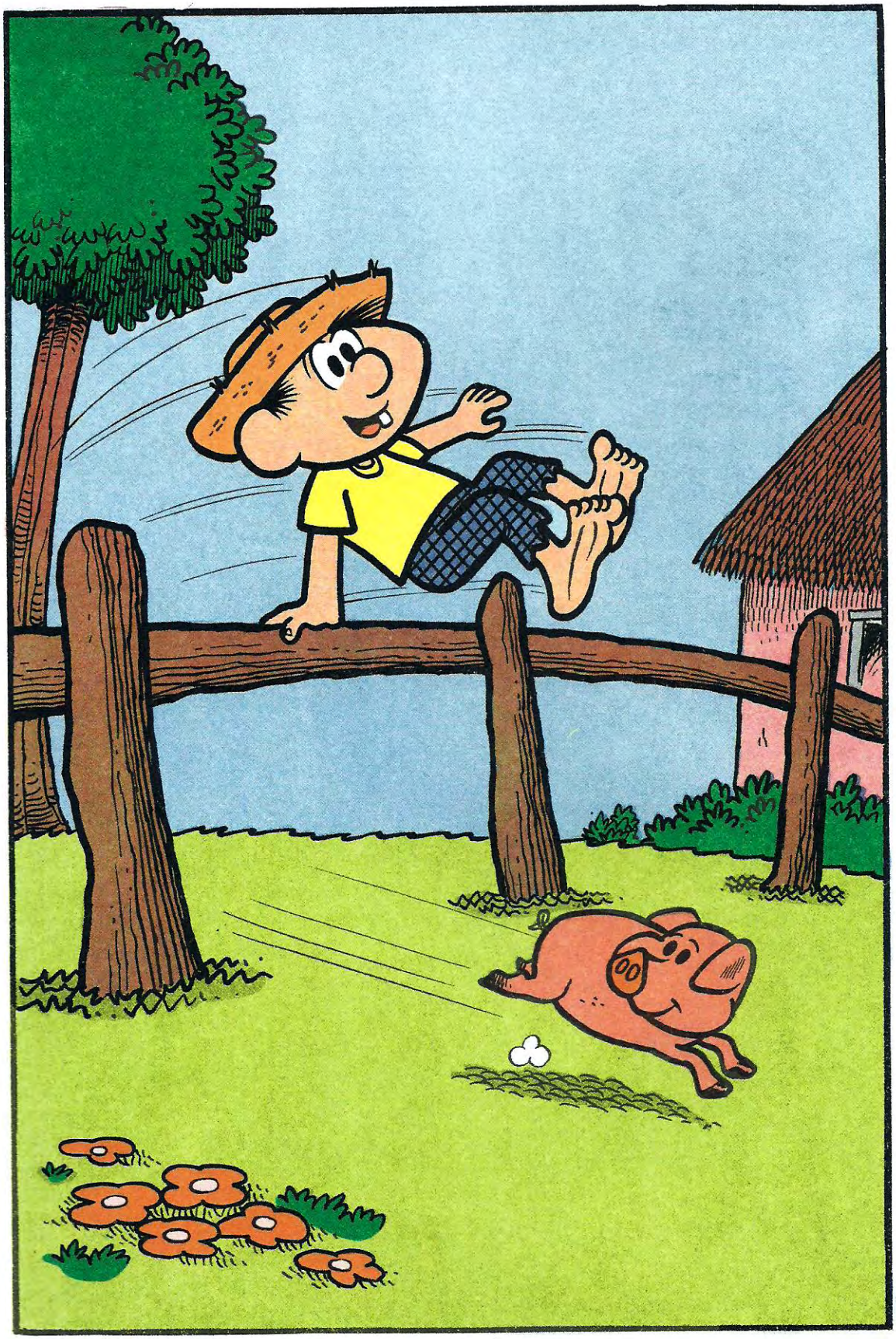


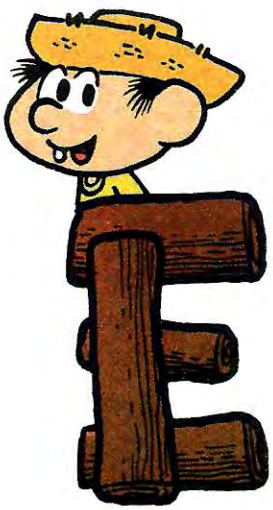
há Zefa, sua mulher,
faz uns trabalhos de tricô
muito bonitos.
Já teve encomenda
de umas colchas até da filha
do delegado. Aquela que
se casou outro dia.



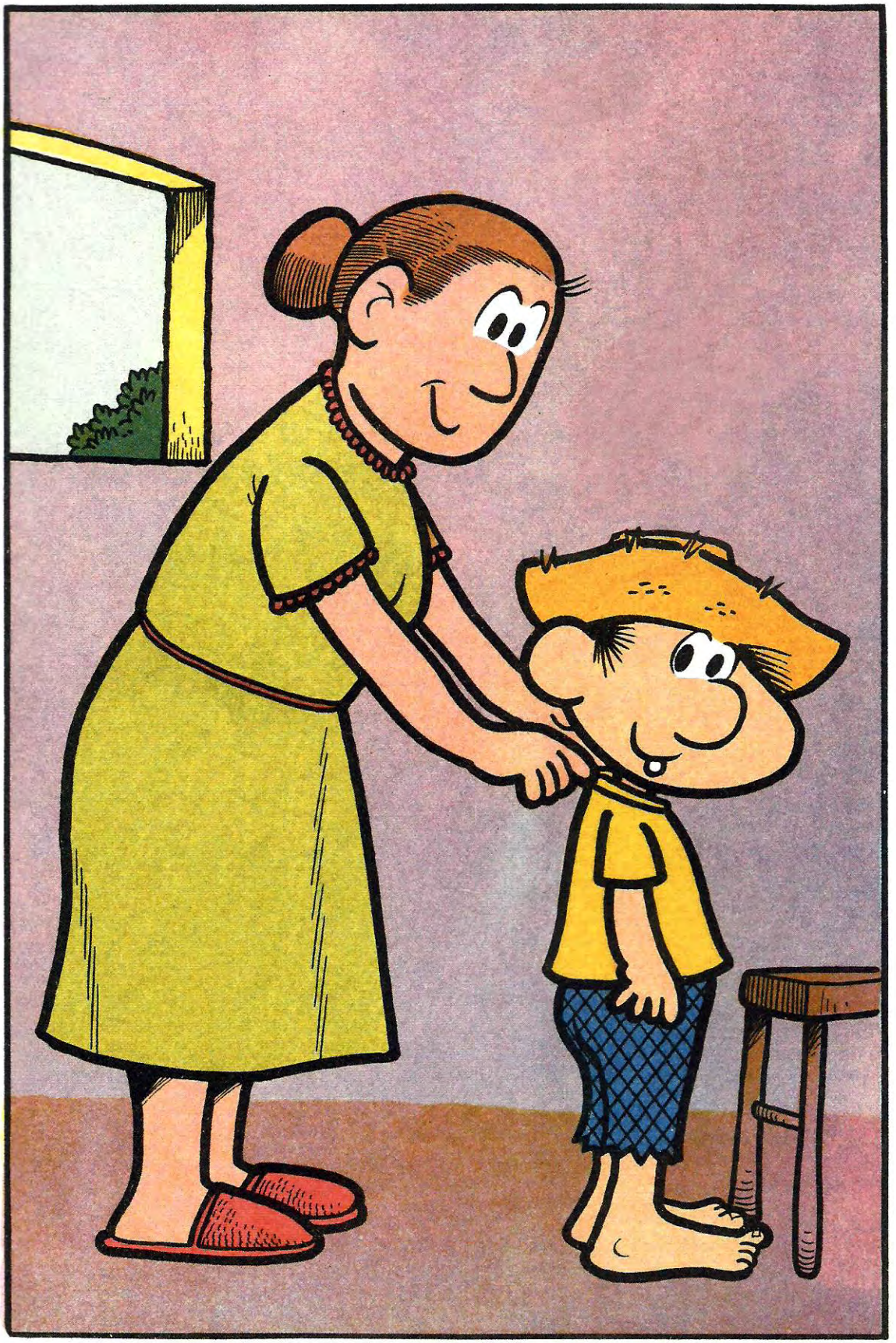


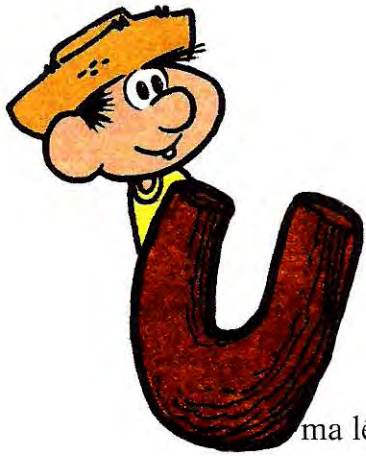
as quem dá vida
àquele ranchinho pobre,
mas limpinho e bem
arrumado é o filho
do casal: um caboclinho
de 8 anos, levado da breca.



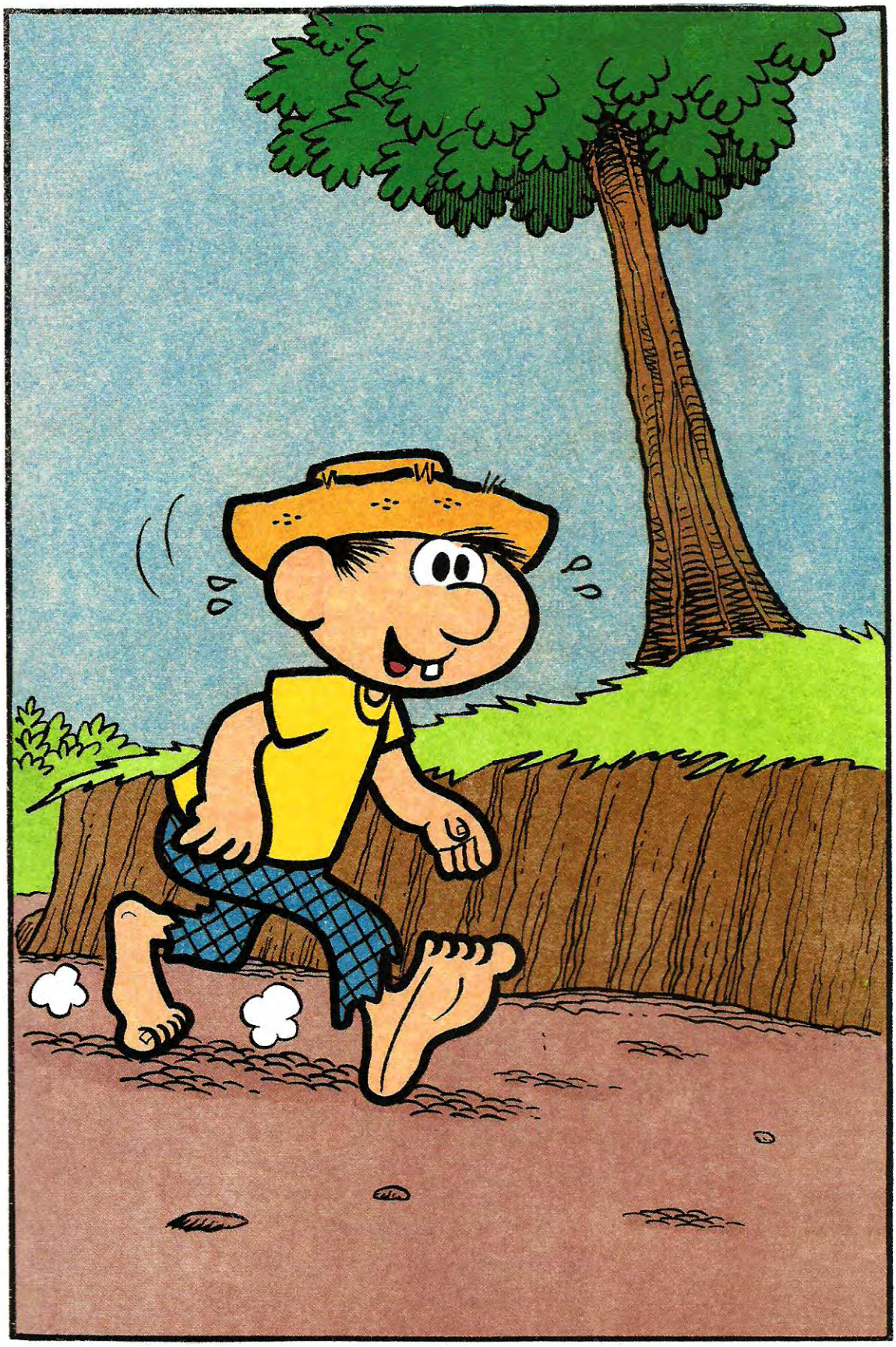


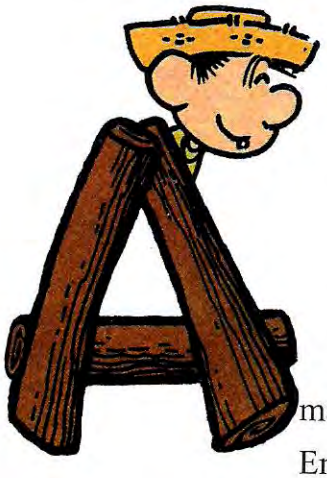
hoje é um dia especial
para o Chico, como
todos os sábados.
É dia de ir à casa da sua avó,
para ouvir histórias.



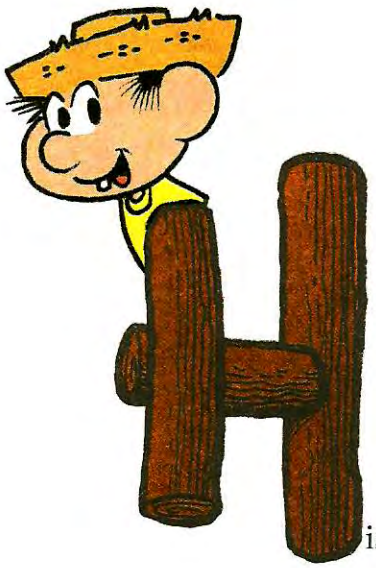


ma légua é pouco para o Chico,
quando pensa que vai
ver a vó Dita.
Comer um caldinho de feijão
com farinha quentinho, quentinho,
e em seguida ouvir as histórias
tão gostosas que ela sabe contar.

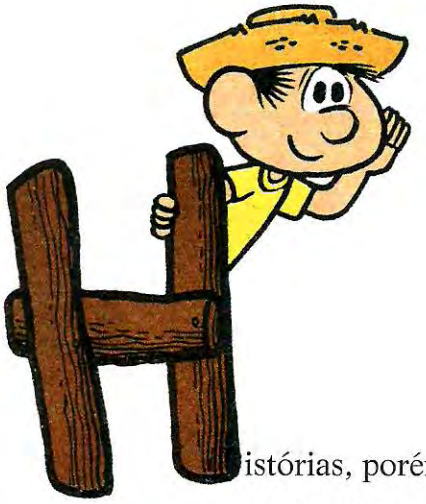




manhã é domingo.
Então ele pode ficar ouvindo
histórias até tarde, porque
não tem aula cedinho.
O Chico está no segundo
ano, seção A, mas promete
passar para a seção B logo, logo.

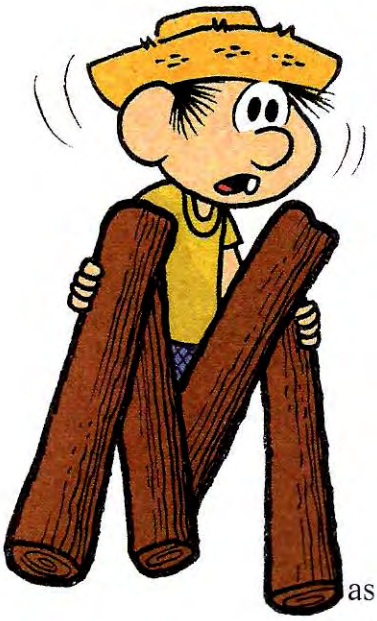


istórias do tempo
em que os bichos falavam,
de reis e rainhas, dos
tempos da escravidão.

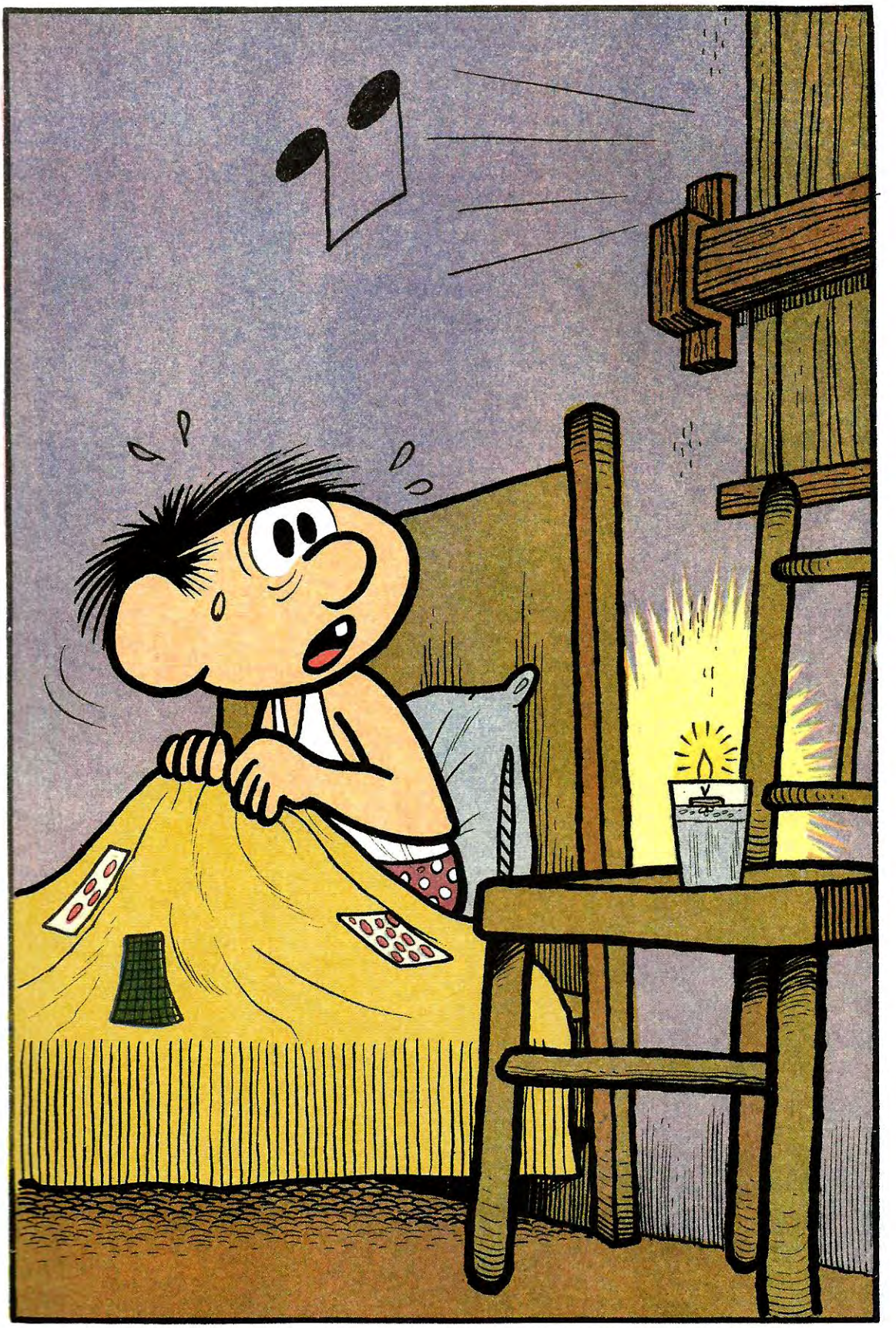


istórias, porém, que o Chico
gosta mesmo é de assombração,
embora depois precise dormir
com a cabeça debaixo
do cobertor, de medo.

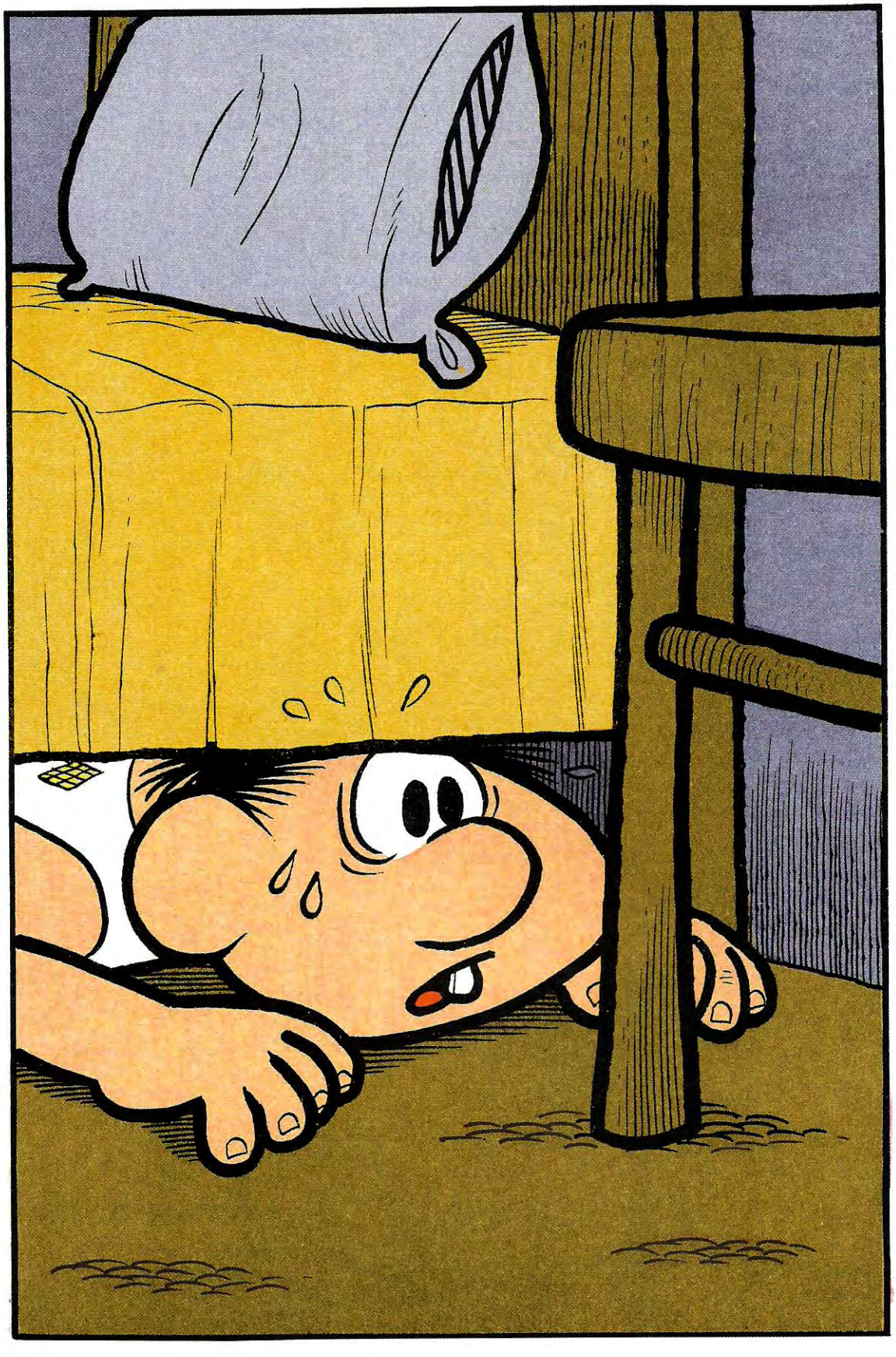
as hoje a vó exagerou um pouco.
Contou história de saci,
mula sem cabeça e lobisomem.
Tudo junto. Chico está
impressionado mesmo.



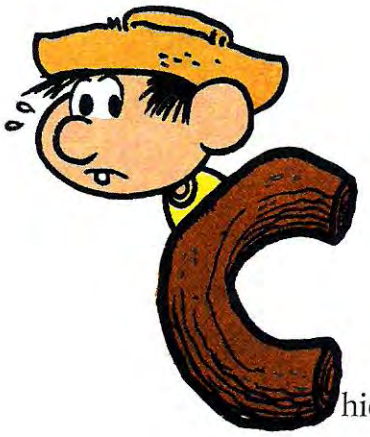
as fica mais assustado
ainda quando ouve
um assobiozinho fininho,
fininho, que parece que vem
lá do terreirão.
– Só pode ser o saci.



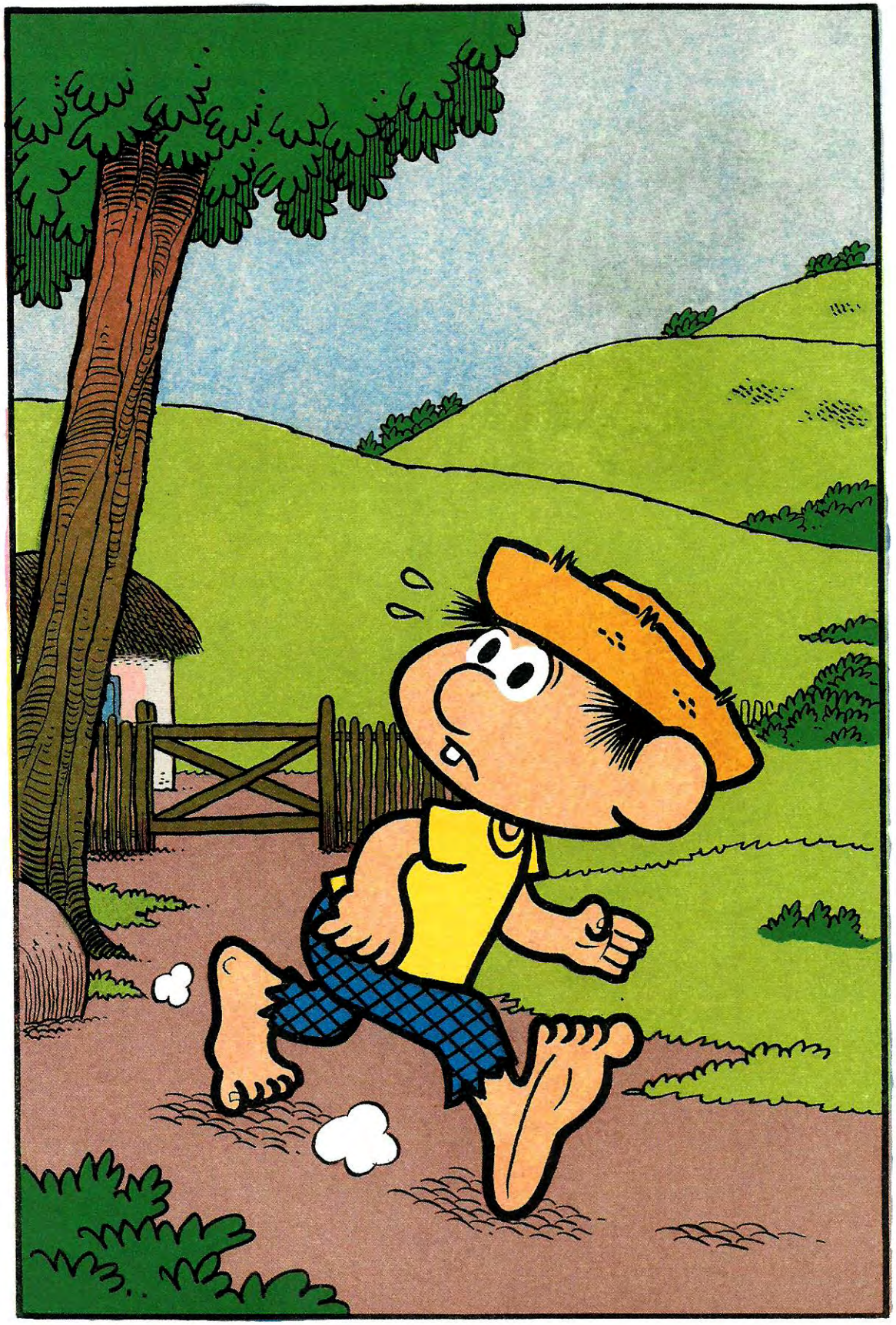
epois, um galope em volta
da casa. Chico está apavorado.
– Deve ser a mula sem cabeça.
Só pode ser...
E se esconde mais ainda de medo.

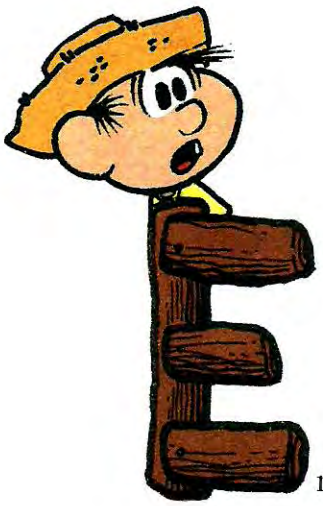


sol espanta o Chico
da cama logo de manhãzinha.
E, enquanto toma seu café
com farinha, ouve da vó
que os cavalos do sítio amanheceram
todos com o rabo trançado.
Arte do saci.



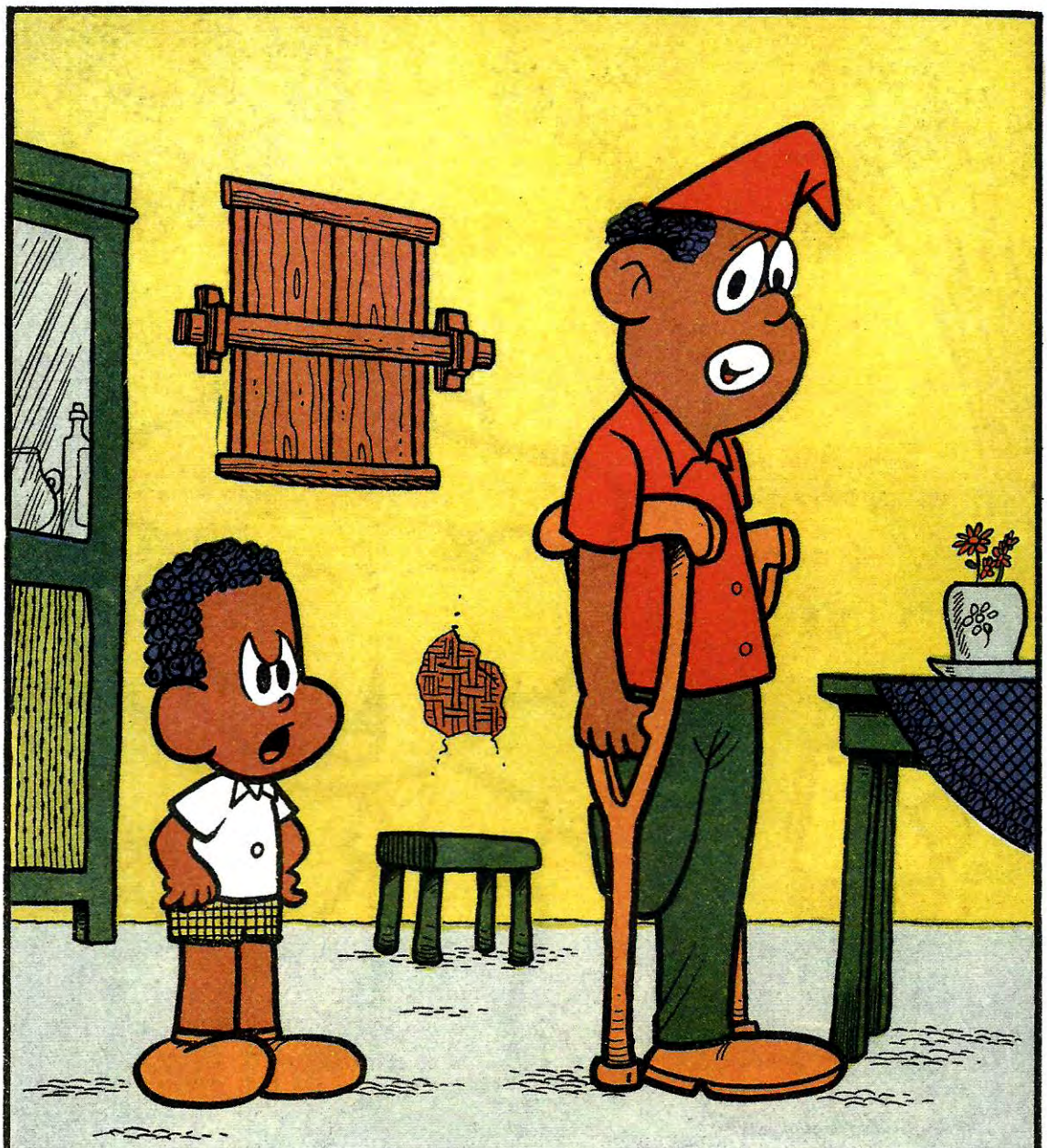
Chico não quer saber
de mais nada. Já basta
a noite que passou.
Volta para casa correndo,
onde nunca ouviu os assobios
do saci ou o galopar da mula.





naquela tarde mesmo
conta as suas «aventuras»
ao seu amiguinho
Jeremias, que mora num
rancho vizinho.
Fala do saci e tudo mais.
Mas Jeremias ri com vontade
da história.

No final, Chico começa
a rir também.
Onde já se viu ter medo
de coisas que ninguém
sabe se existem ou não?
Ele nem chegou a ver nada.
Só ouviu uns ruídos
e assustou-se.

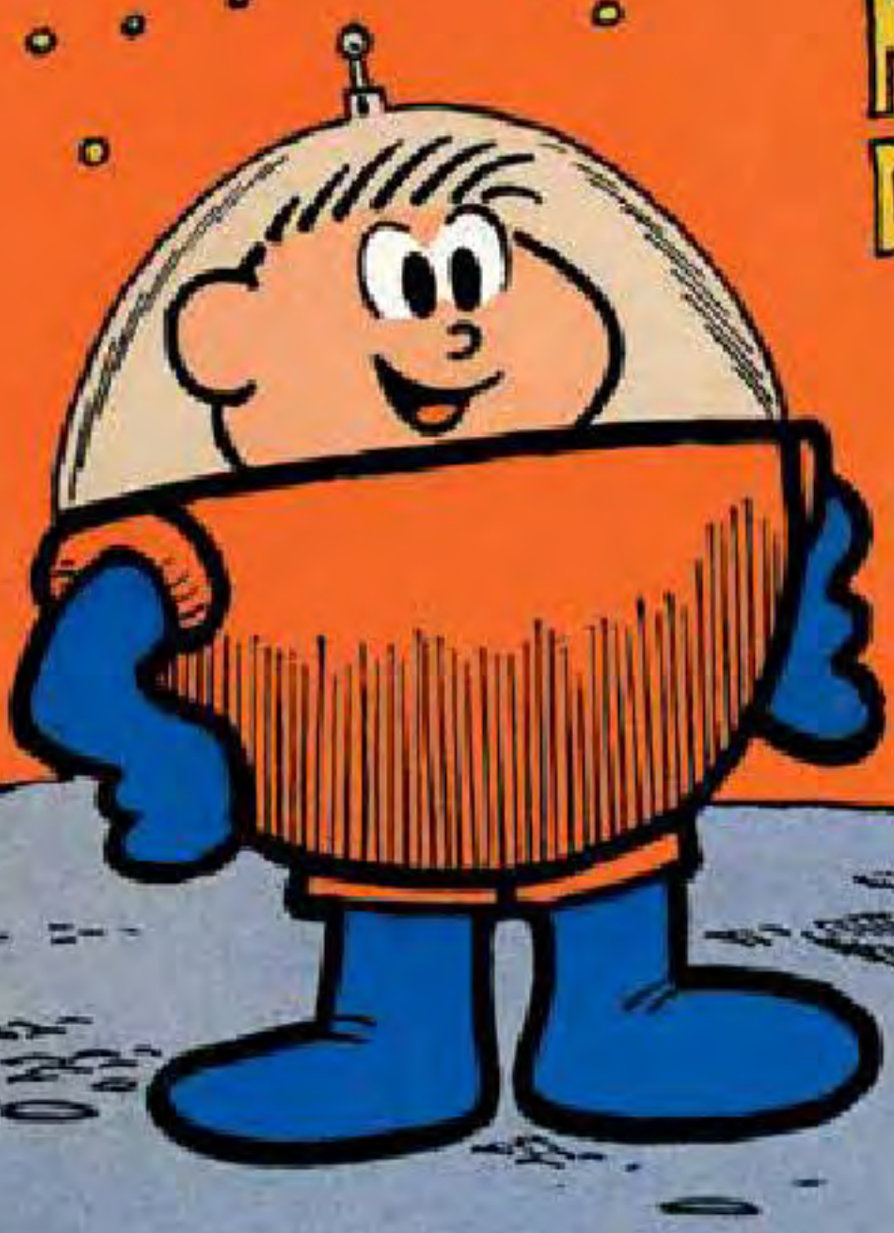


Mas, naquela noite, quando Jeremias
voltou para o seu rancho e contou
a história do Chico Bento para o pai,
este prometeu que não voltaria a assustar
mais ninguém das redondezas.
Tão certo como seu nome era Damião Pererê.

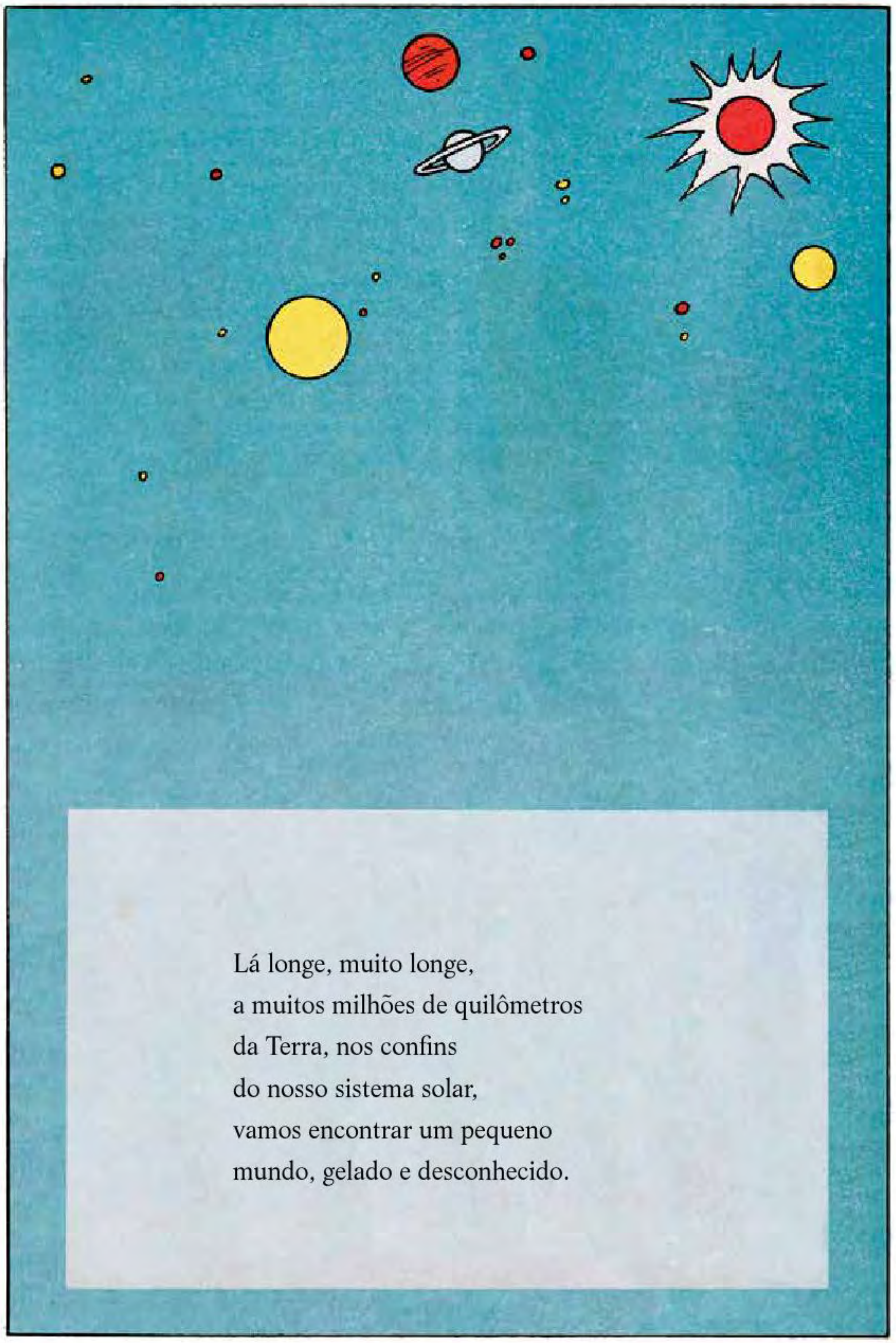
MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES

O ASTRONAUTA

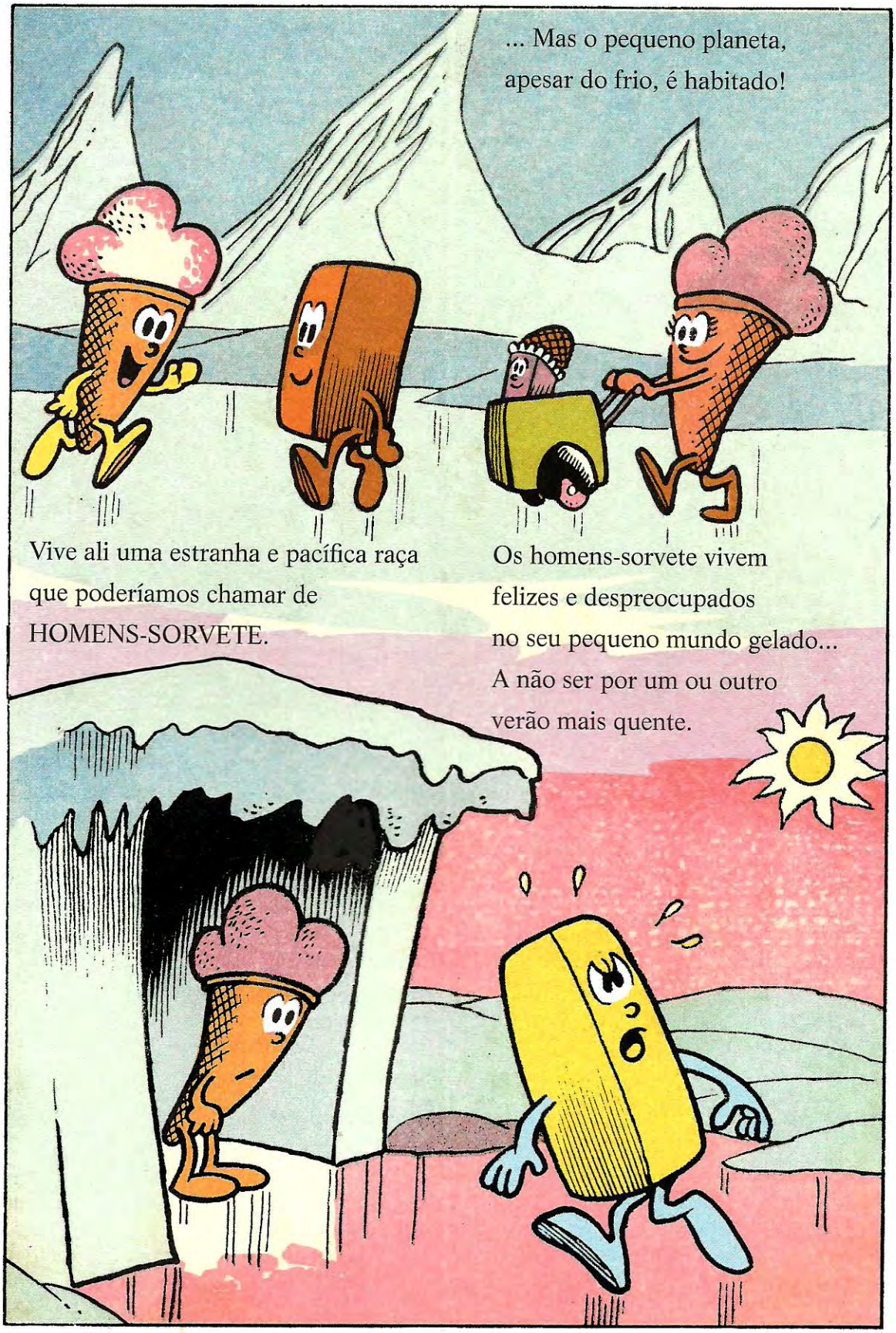
NO PLANETA DOS HOMENS-SORVETE



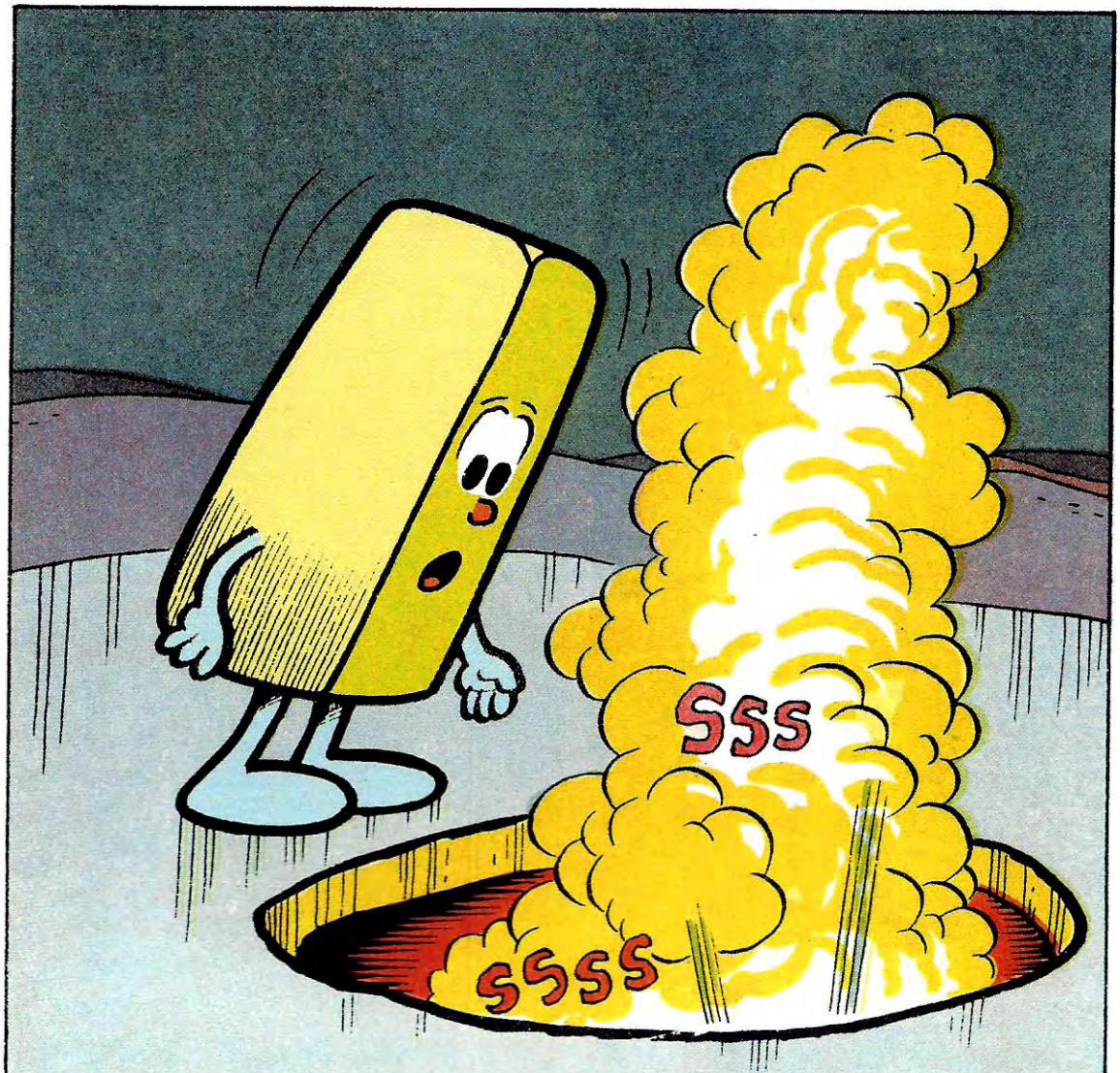
AQUI



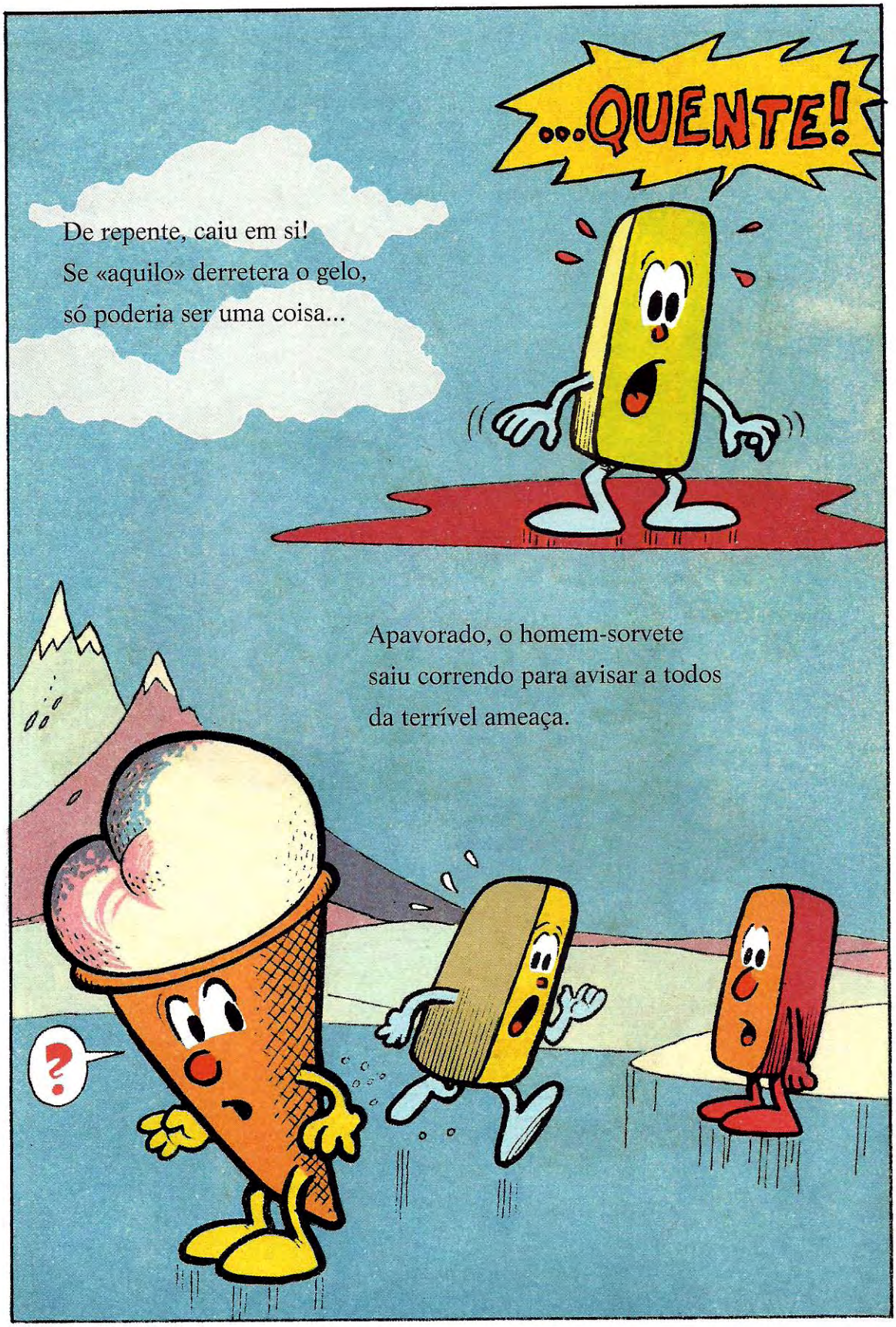
Lá longe, muito longe,
a muitos milhões de quilômetros
da Terra, nos confins
do nosso sistema solar,
vamos encontrar um pequeno
mundo, gelado e desconhecido.

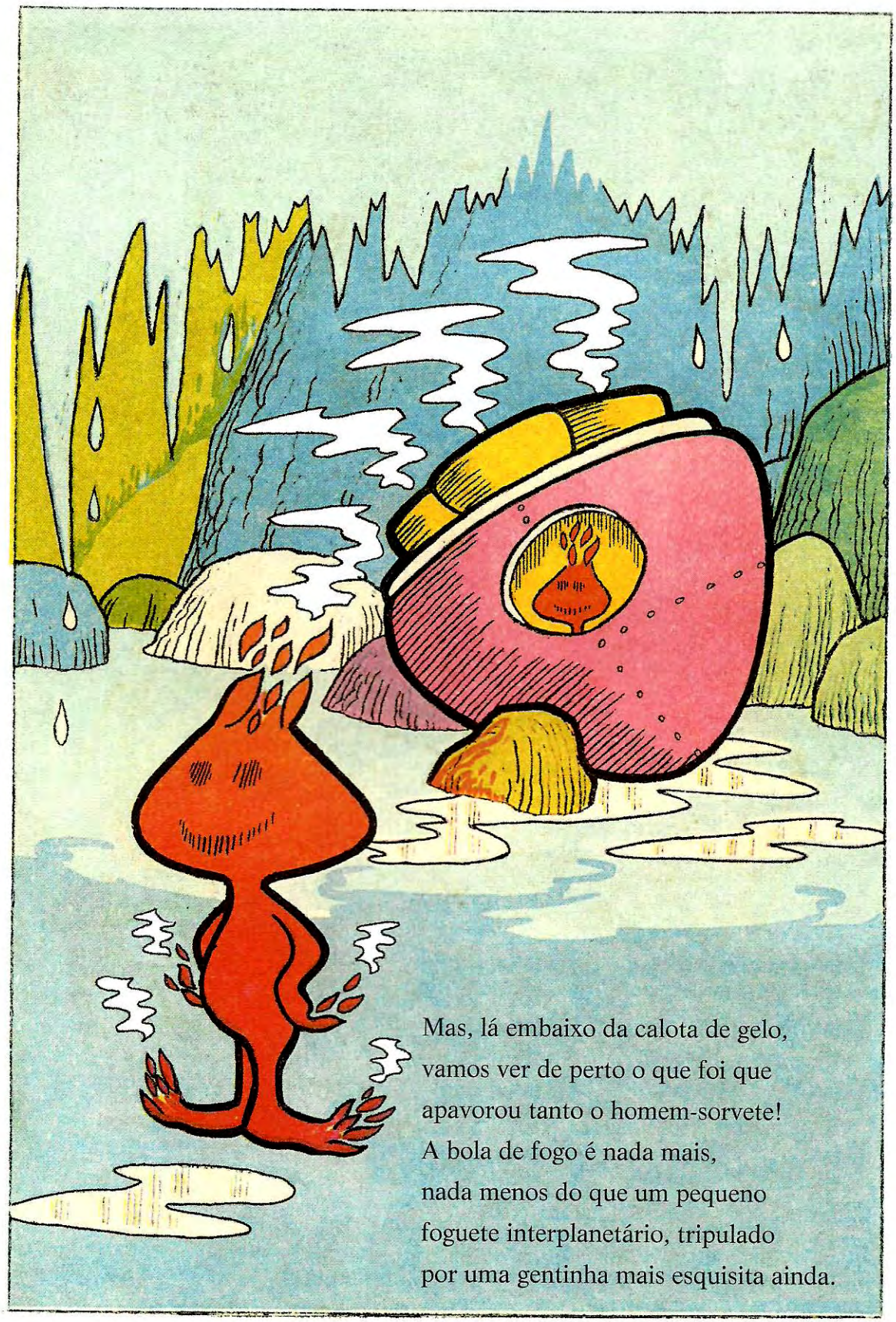

... Mas o pequeno planeta,
apesar do frio, é habitado!
Vive ali uma estranha e pacífica raça
que poderíamos chamar de
HOMENS-SORVETE.
Os homens-sorvete vivem
felizes e despreocupados
no seu pequeno mundo gelado...
A não ser por um ou outro
verão mais quente.

Mas um dia, porém, uma bola de fogo atravessa o céu e choca-se contra a superfície gelada daquele estranho mundo.
!
?

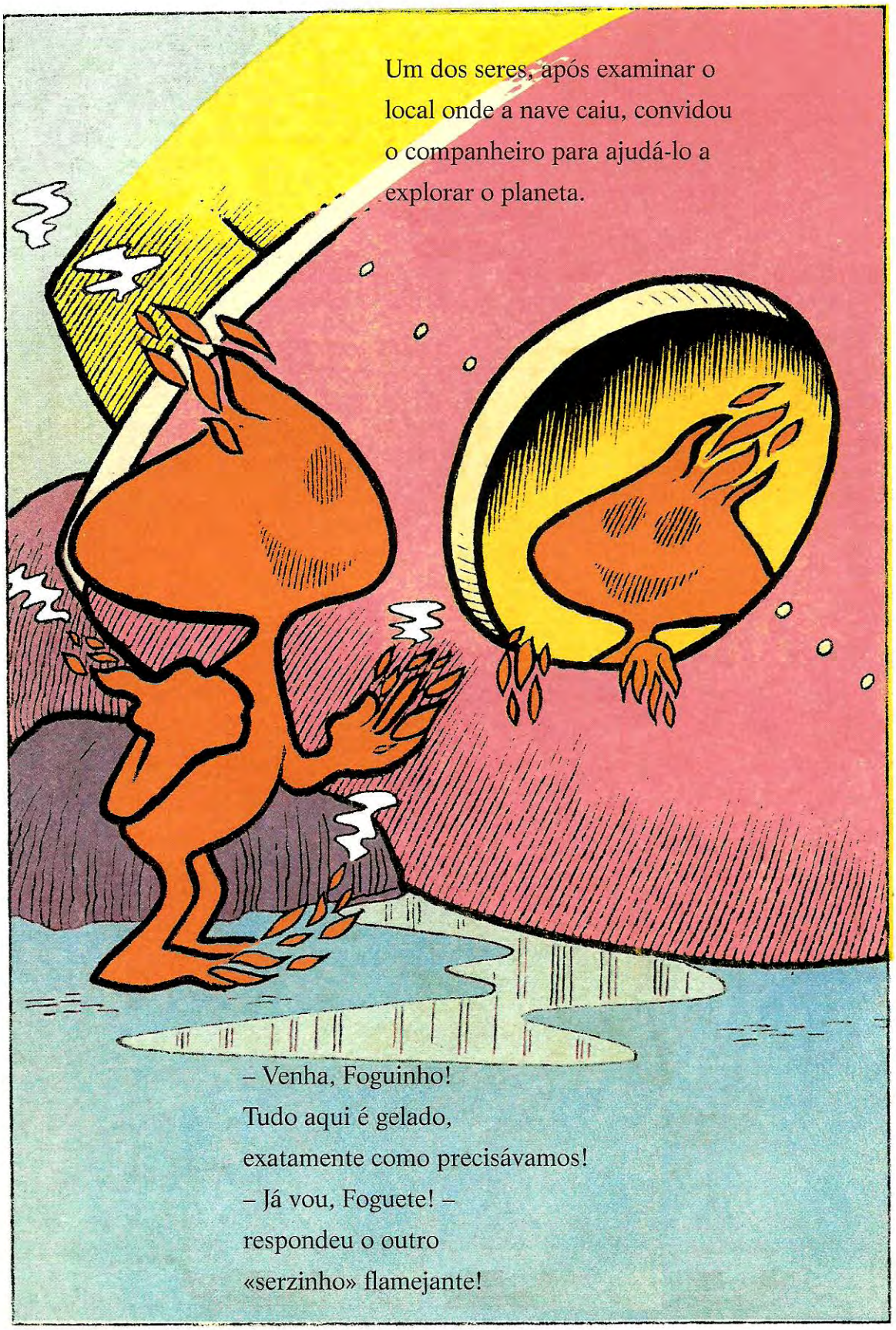


Um homem-sorvete viu tudo!
Viu quando a «bola» caiu!
Viu quando o gelo derreteu para
dar passagem à bola e continuou
ali por perto, de olhos esbugalhados,
à espera de mais alguma coisa!


...QUENTE!
De repente, caiu em si!
Se «aquilo» derretera o gelo,
só poderia ser uma coisa...
Apavorado, o homem-sorvete
saiu correndo para avisar a todos
da terrível ameaça.
?

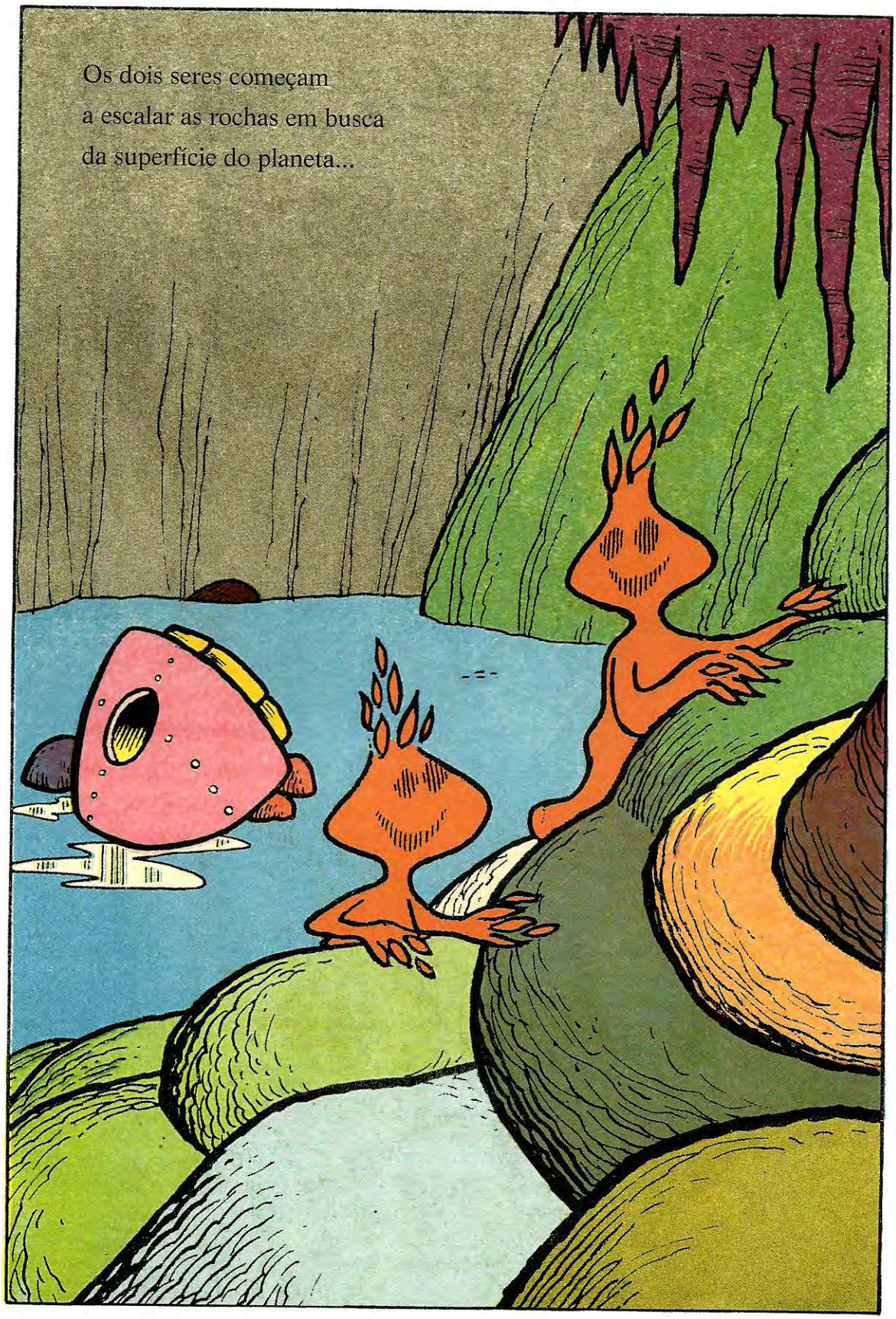


Mas, lá embaixo da calota de gelo,
vamos ver de perto o que foi que
apavorou tanto o homem-sorvete!
A bola de fogo é nada mais,
nada menos do que um pequeno
foguete interplanetário, tripulado
por uma gentinha mais esquisita ainda.



Um dos seres, após examinar o local onde a nave caiu, convidou o companheiro para ajudá-lo a explorar o planeta.

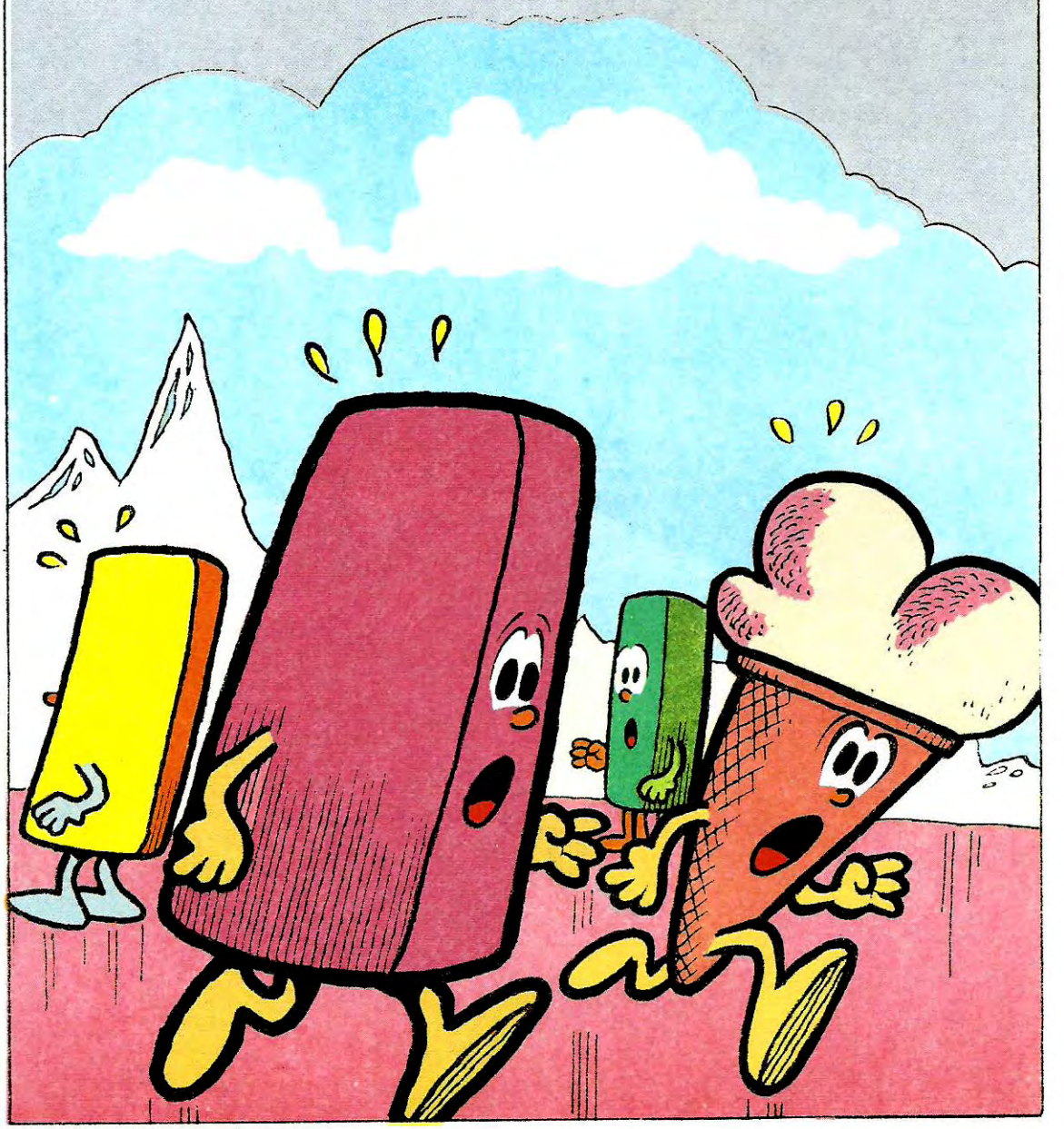
– Venha, Foguinho!
Tudo aqui é gelado,
exatamente como precisávamos!
– Já vou, Foguete! –
respondeu o outro
«serzinho» flamejante!

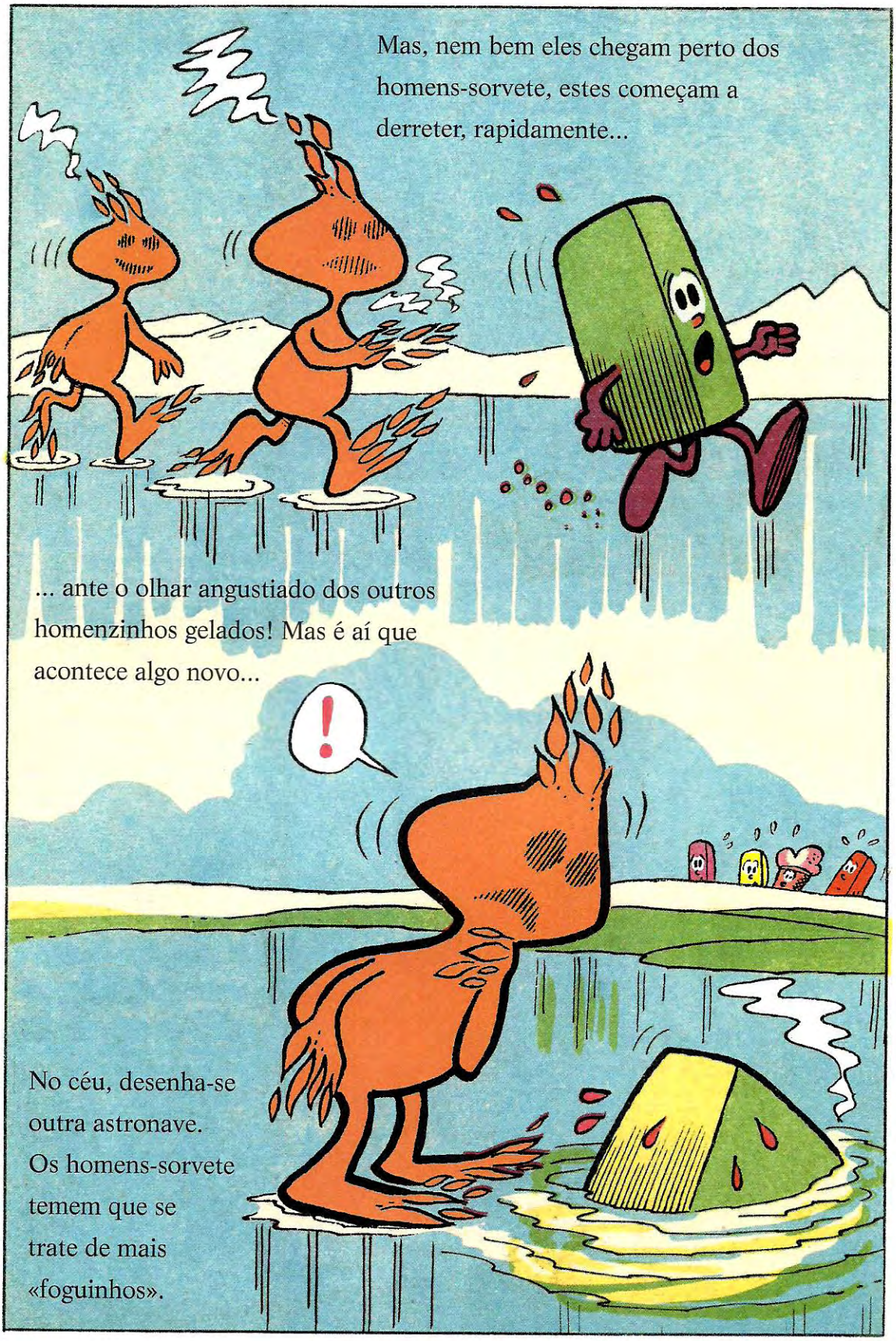

Os dois seres começam
a escalar as rochas em busca
da superfície do planeta...

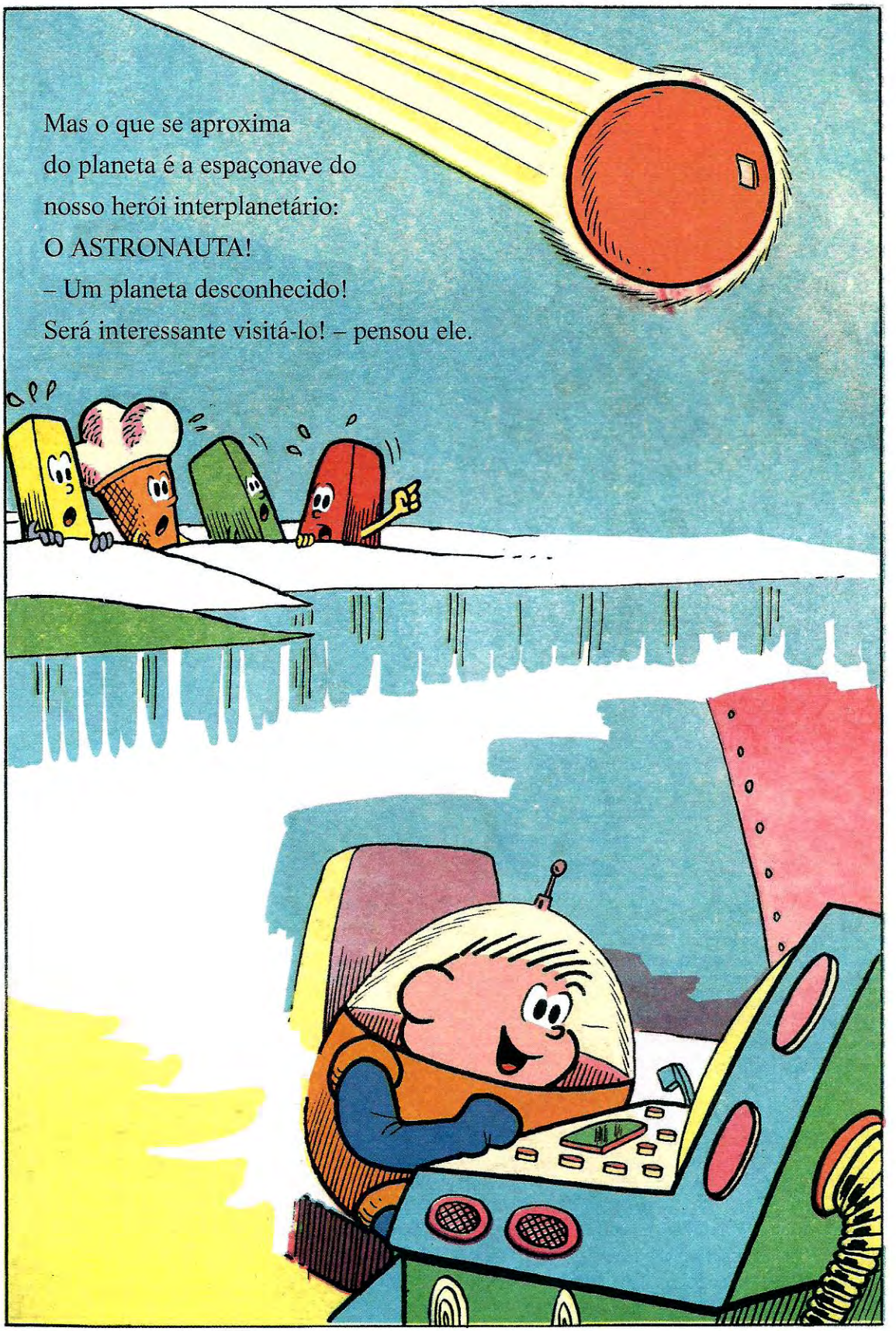
... E, em pouco, chegam até lá.
Estão maravilhados com tanto
gelo. Mas, por outro lado,
lá detrás de uns montes de neve,
os homens-sorvete estão
paralisados de pavor.

– É horrível! –
exclama Groselho.
– Se aqueles monstros
continuarem por aqui,
acabarão liquidando
com nossa raça!

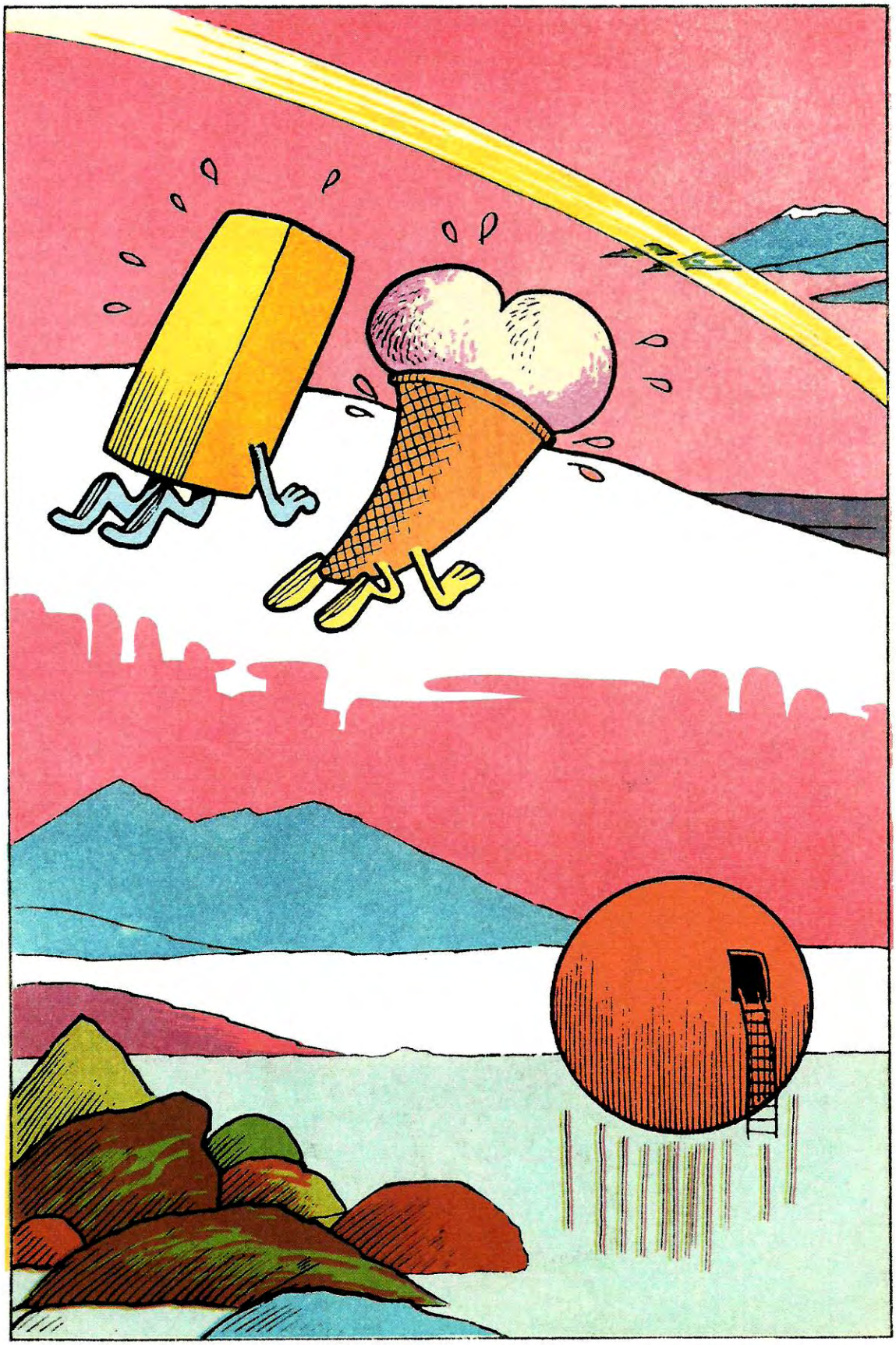
Dali a pouco, os temores
do homem-sorvete se confirmavam:
os «foguinhos» descobriram que
o planeta era habitado e corriam
atrás dos nativos.



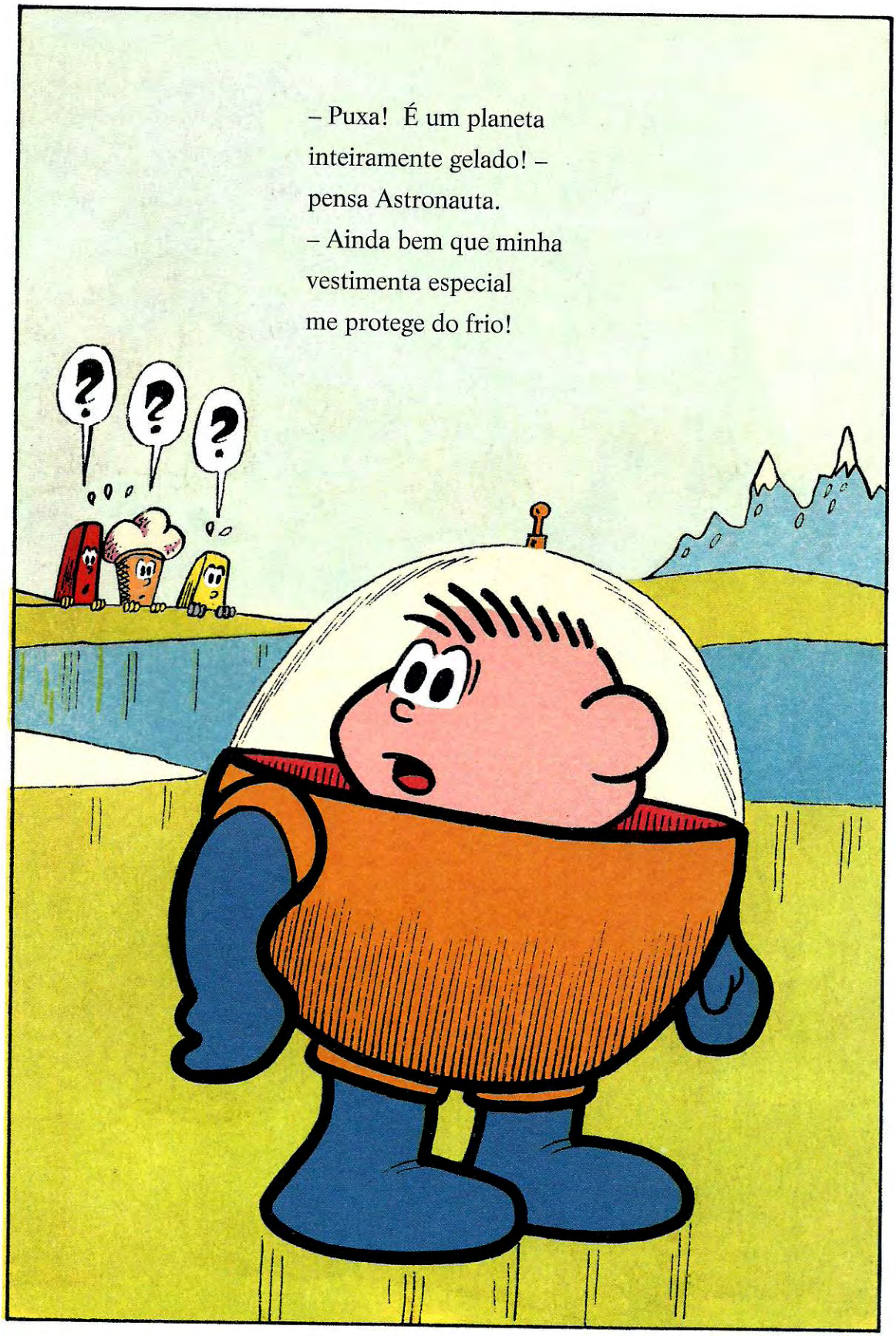

Mas, nem bem eles chegam perto dos homens-sorvete, estes começam a derreter, rapidamente...
... ante o olhar angustiado dos outros homenzinhos gelados! Mas é aí que acontece algo novo...
!
No céu, desenha-se outra astronave. Os homens-sorvete temem que se trate de mais «foguinhos».


Mas o que se aproxima
do planeta é a espaçonave do
nosso herói interplanetário:
O ASTRONAUTA!
– Um planeta desconhecido!
Será interessante visitá-lo! – pensou ele.

E, logo depois, a estranha espaçonave pousa, à sua maneira, na superfície do mundo gelado!
Meio tonto com a aterrissagem, Astronauta fica pensando se não teria sido melhor se não tivesse confiado a construção de sua nave a um cientista fanático por futebol.

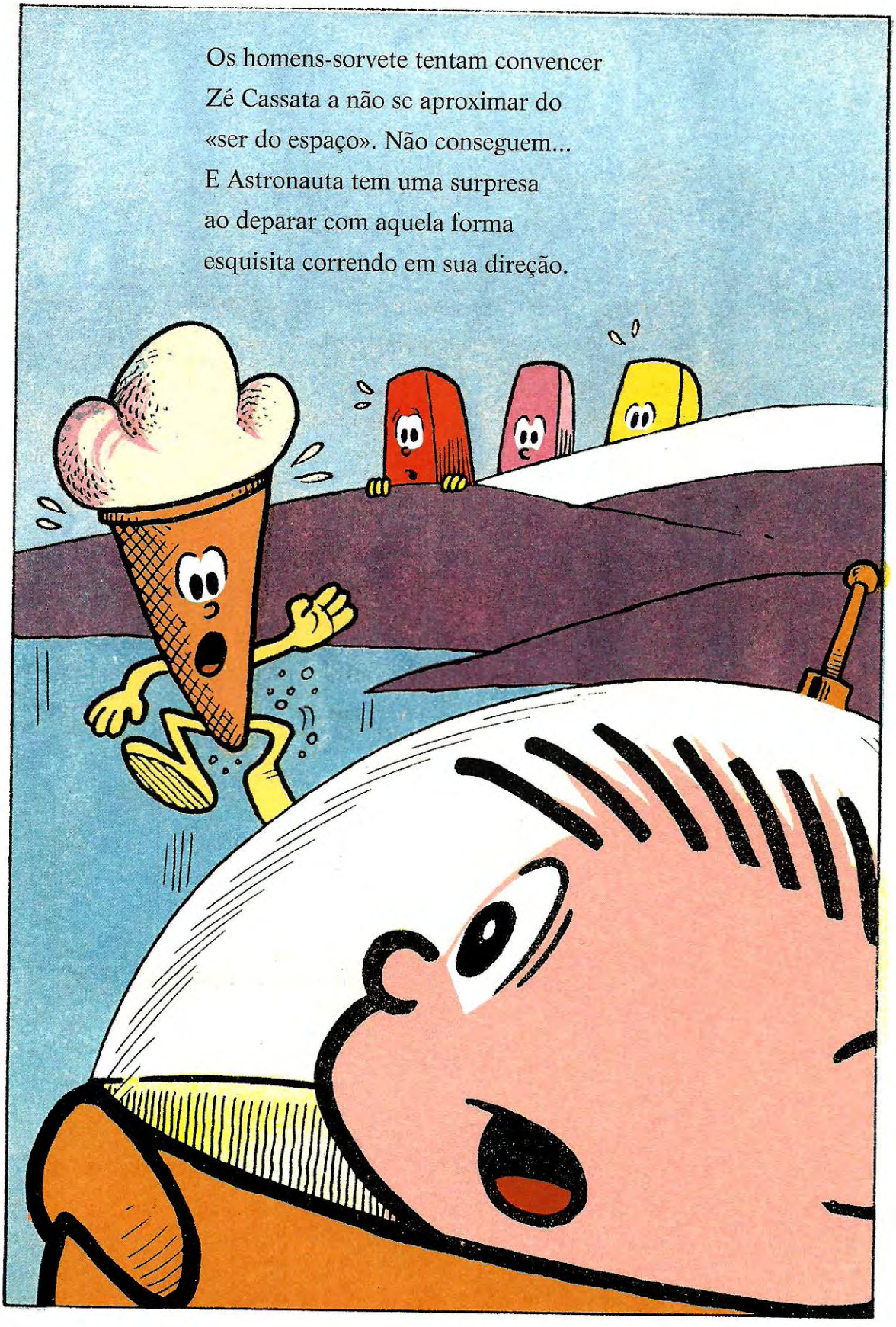


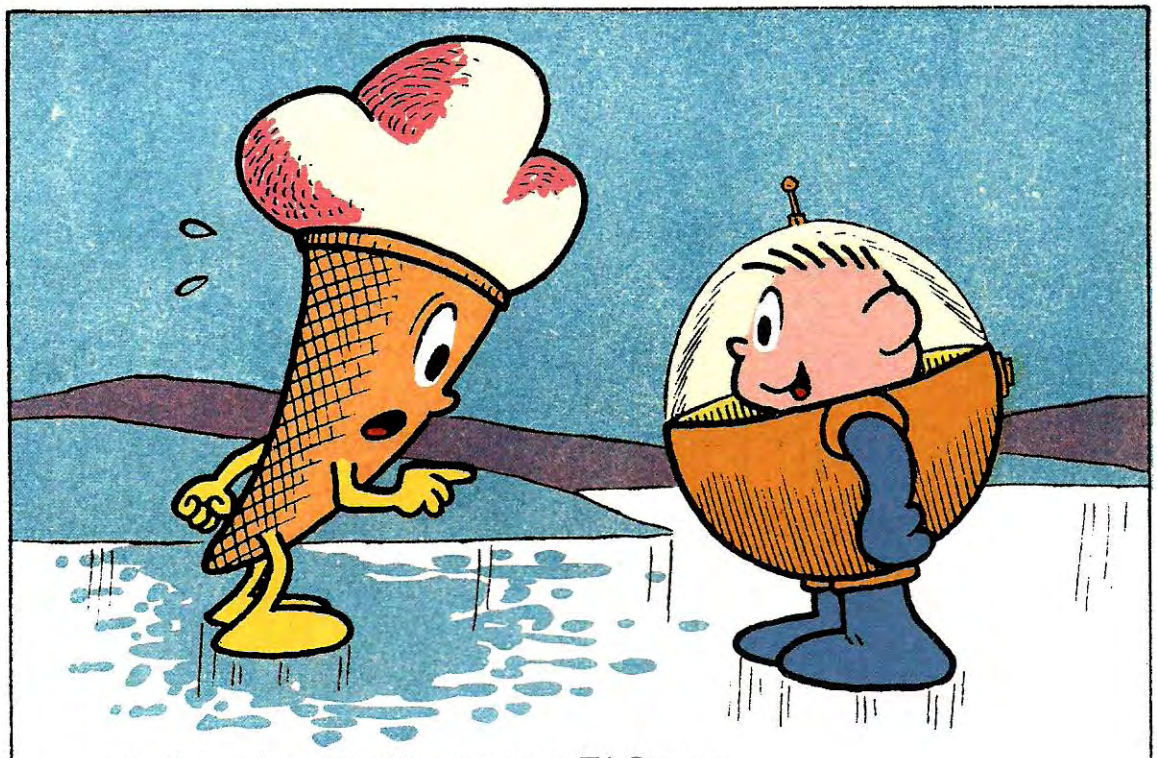
– Puxa! É um planeta inteiramente gelado! – pensa Astronauta.
– Ainda bem que minha vestimenta especial me protege do frio!



Enquanto isso, os homens-sorvete estão observando e concluindo que o ser recém-chegado não é um «foguinho».
Zé Cassata diz:
– Ele tem uma estranha aparência... Mas talvez seja nossa salvação!
Vou falar com ele!

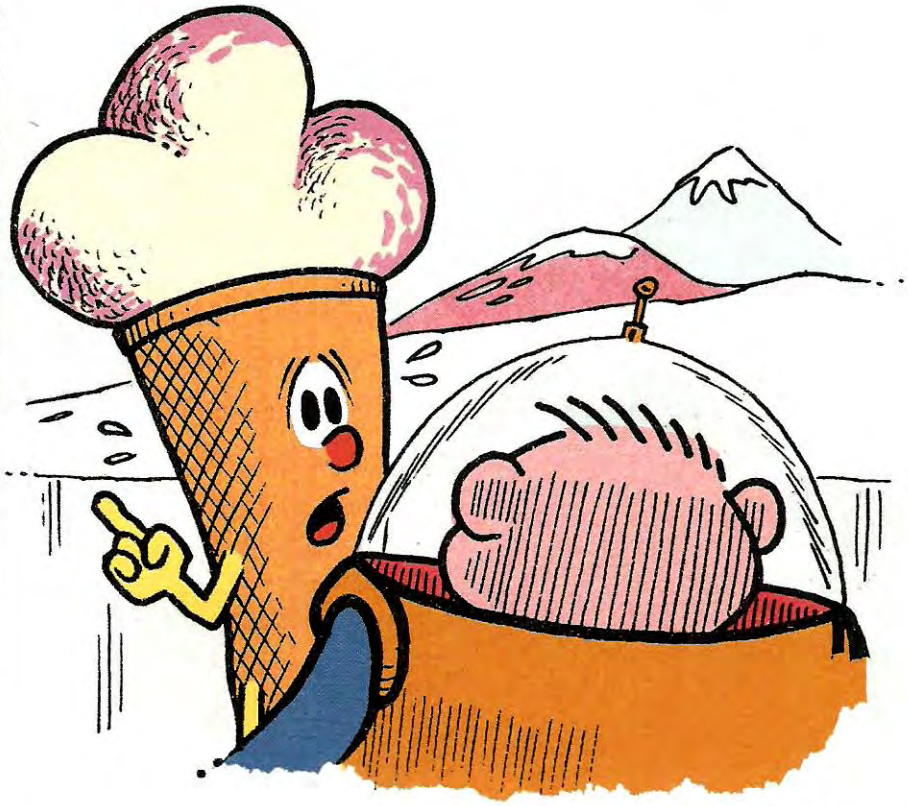
Os homens-sorvete tentam convencer
Zé Cassata a não se aproximar do
«ser do espaço». Não conseguem...
E Astronauta tem uma surpresa
ao deparar com aquela forma
esquisita correndo em sua direção.





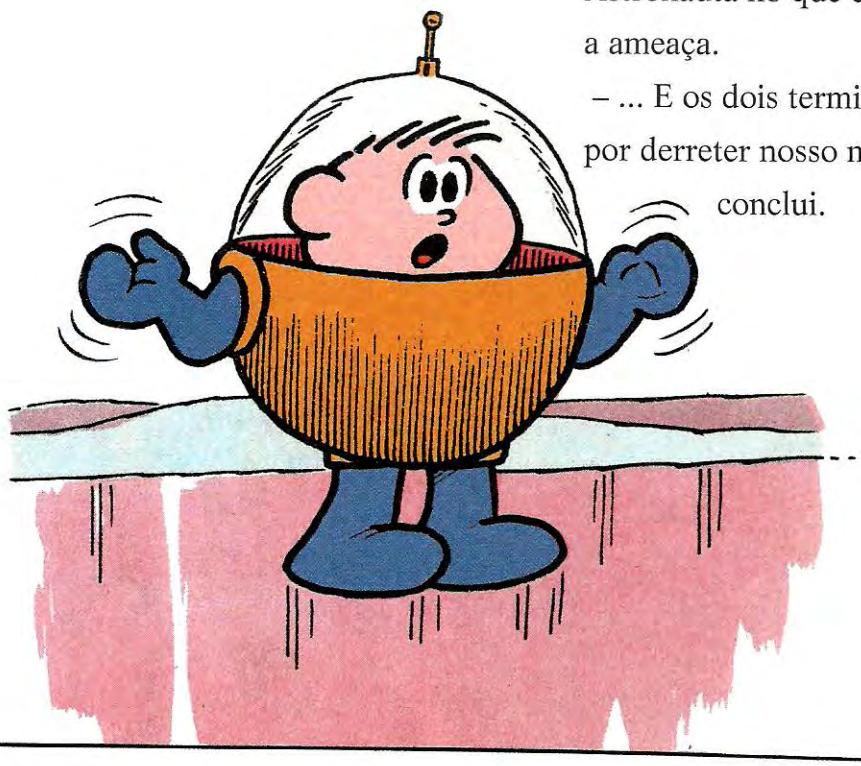
– Você é amigo, não é? – pergunta Zé Cassata. Astronauta responde que sim, enquanto examina com viva curiosidade aquele ser parecido com um sorvetinho.

– Então você precisa nos salvar de uma ameaça terrível! – exclama Zé Cassata.



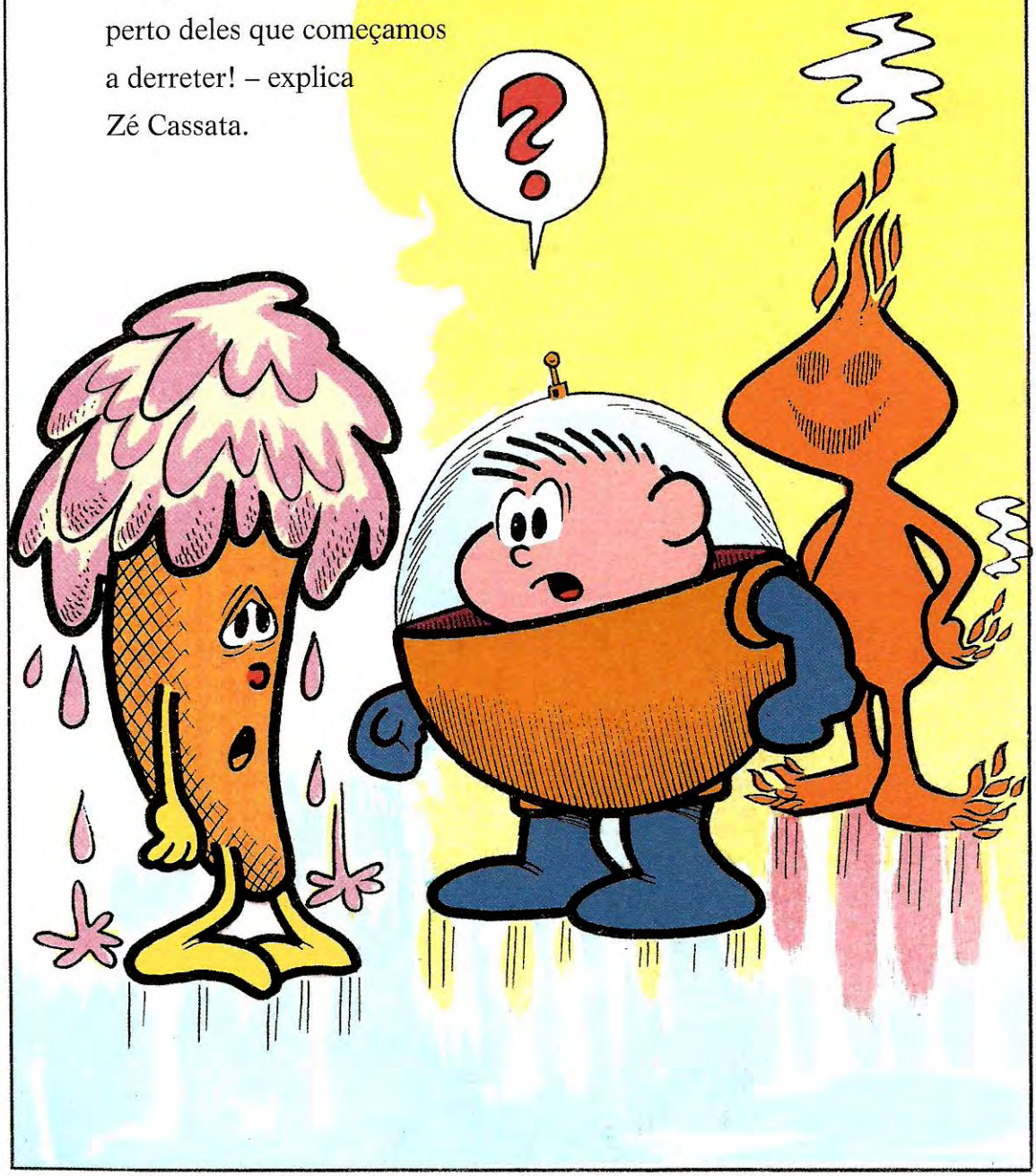
Zé Cassata explica a Astronauta no que consiste a ameaça.

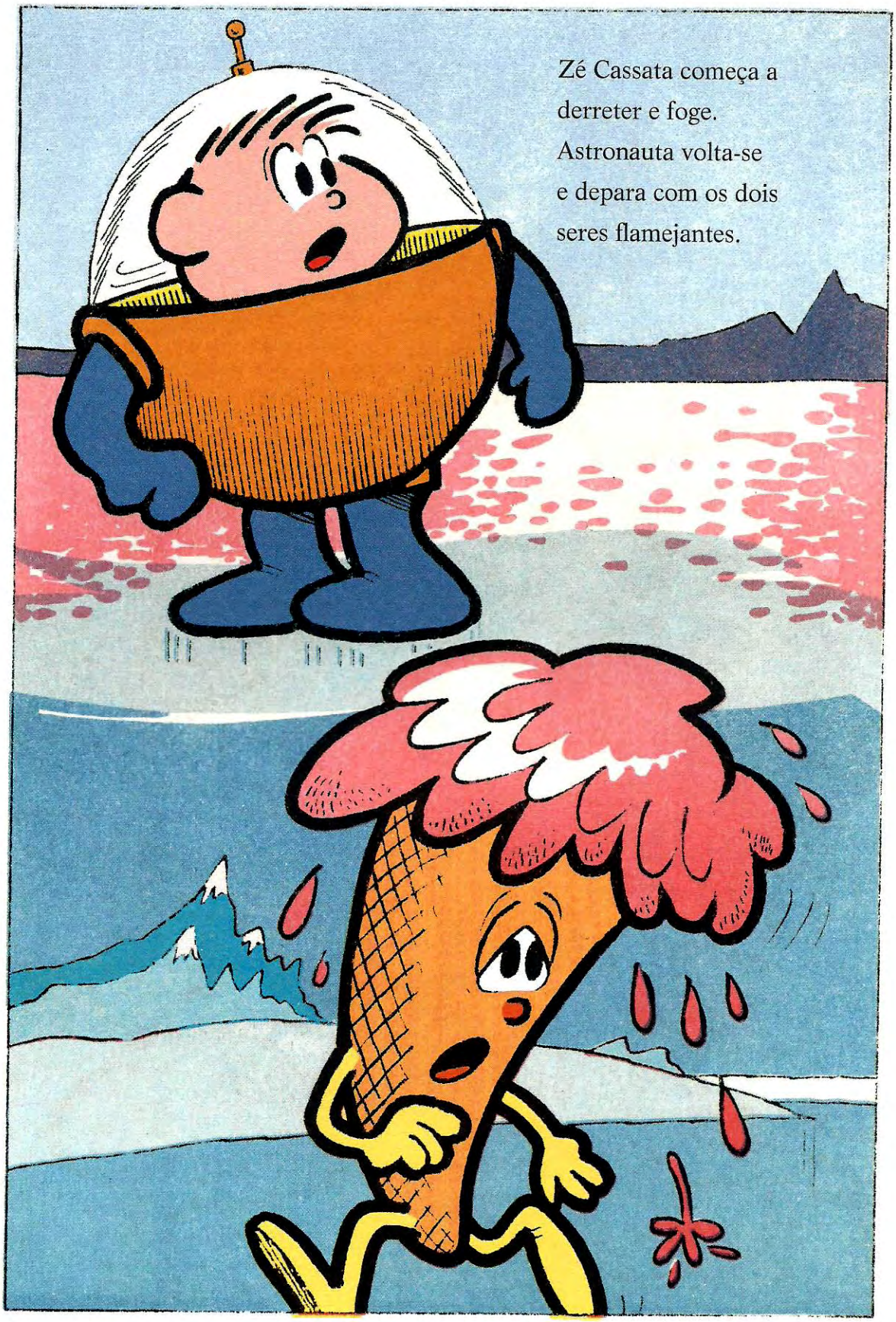
– ... E os dois terminarão por derreter nosso mundo! – conclui.

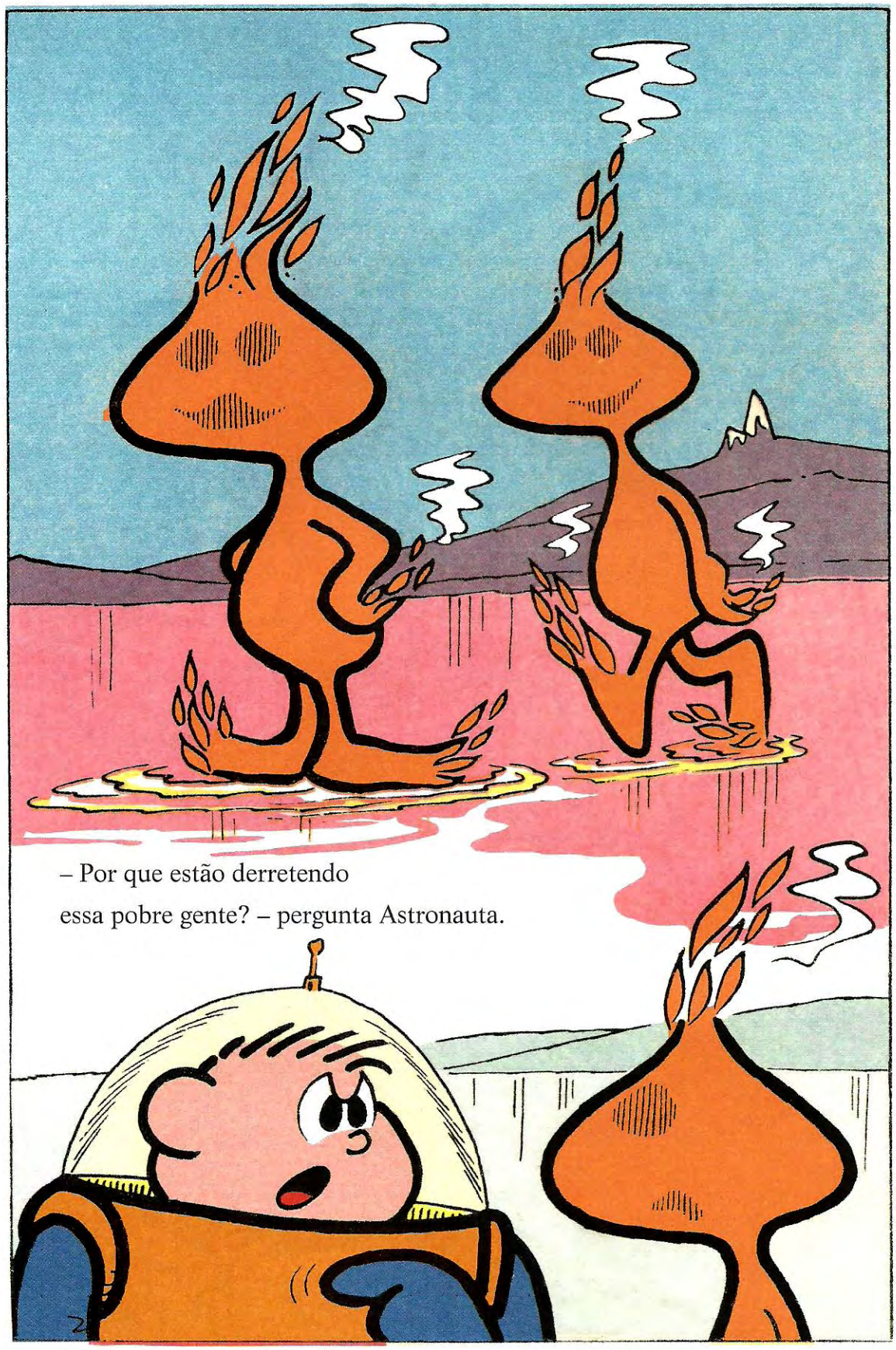


– Mas por que não pedem
para que eles voltem para
o lugar de onde vieram?

– De que maneira?
Não podemos nem chegar
perto deles que começamos
a derreter! – explica
Zé Cassata.

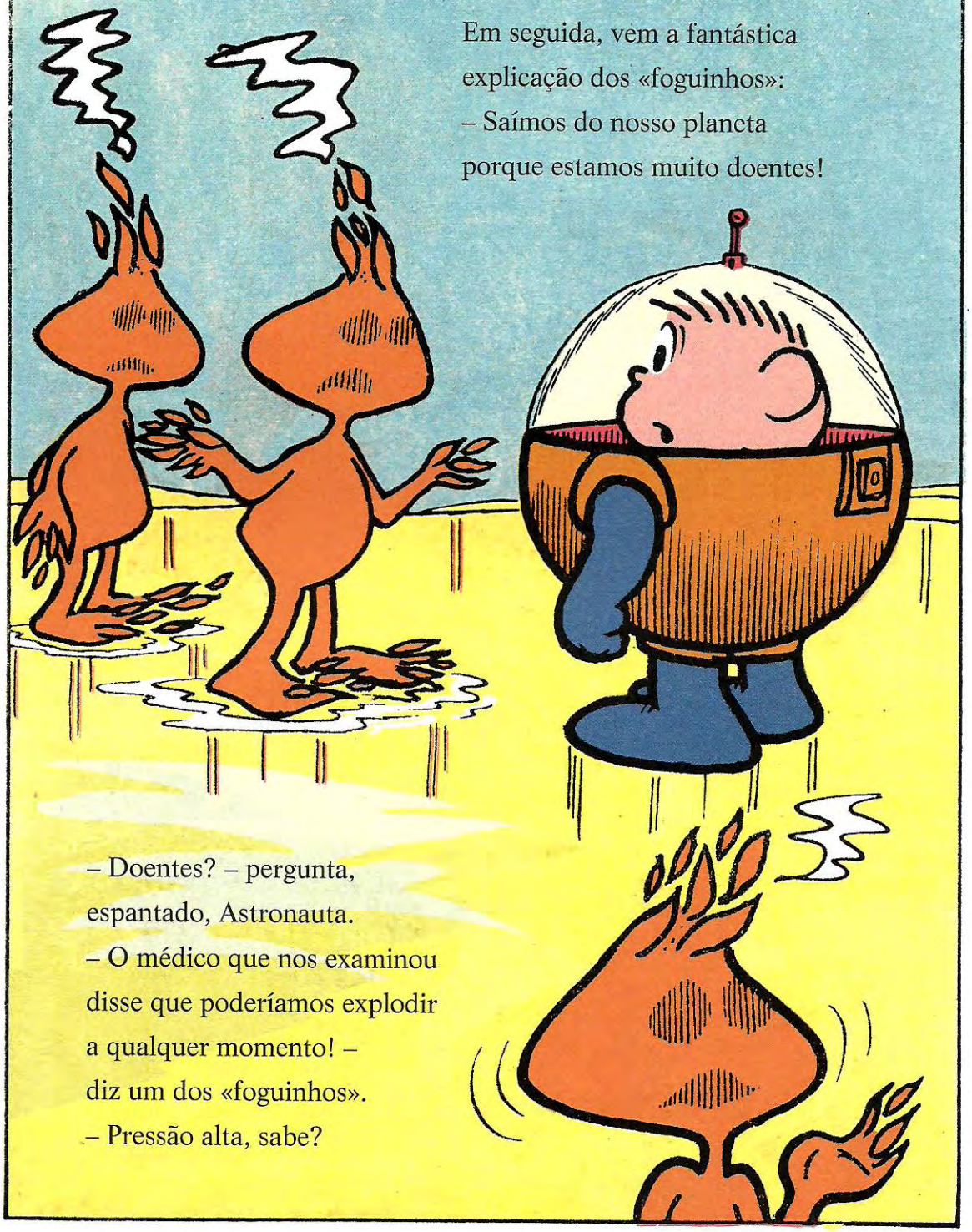



Zé Cassata começa a derreter e foge. Astronauta volta-se e depara com os dois seres flamejantes.

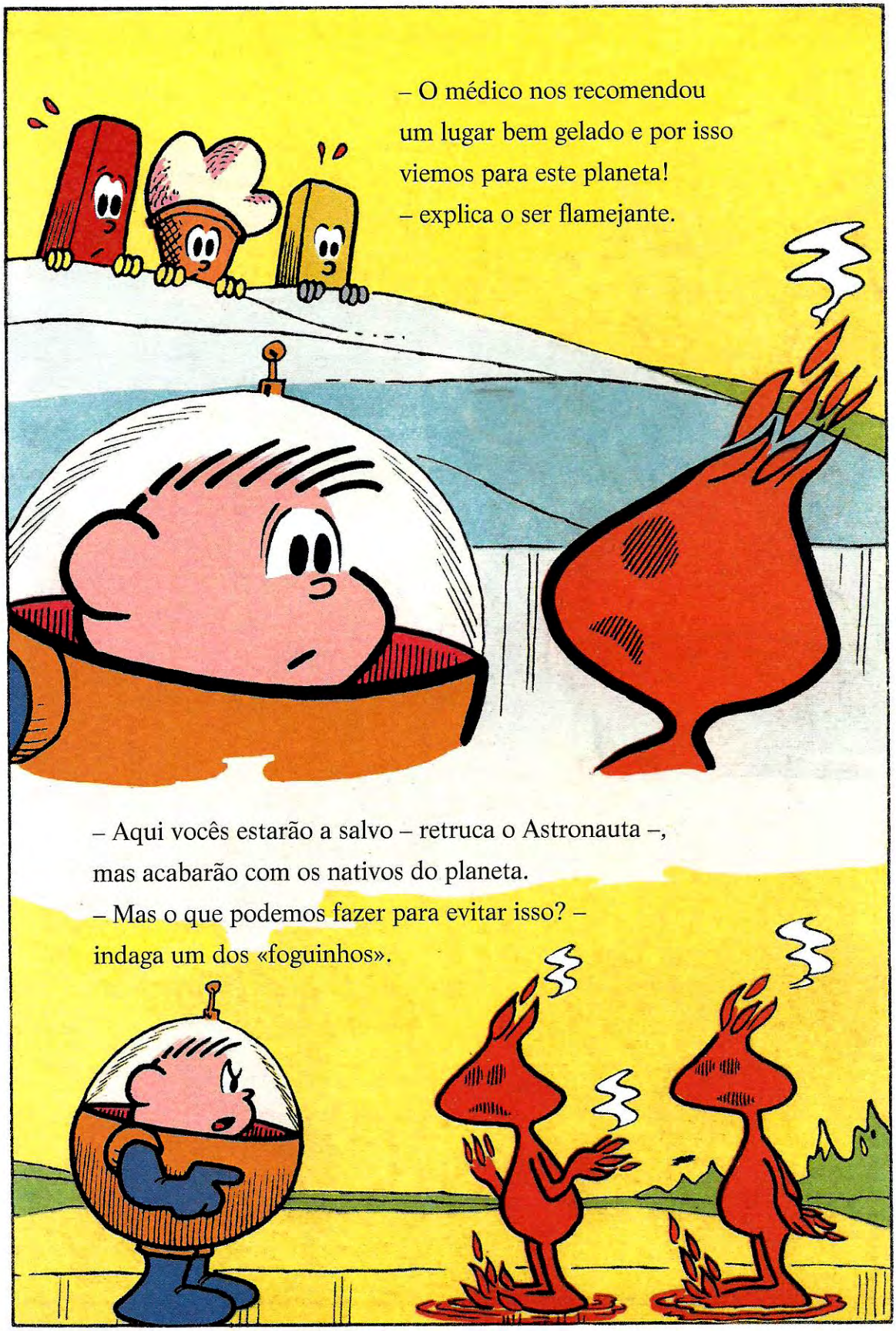

– Por que estão derretendo
essa pobre gente? – pergunta Astronauta.

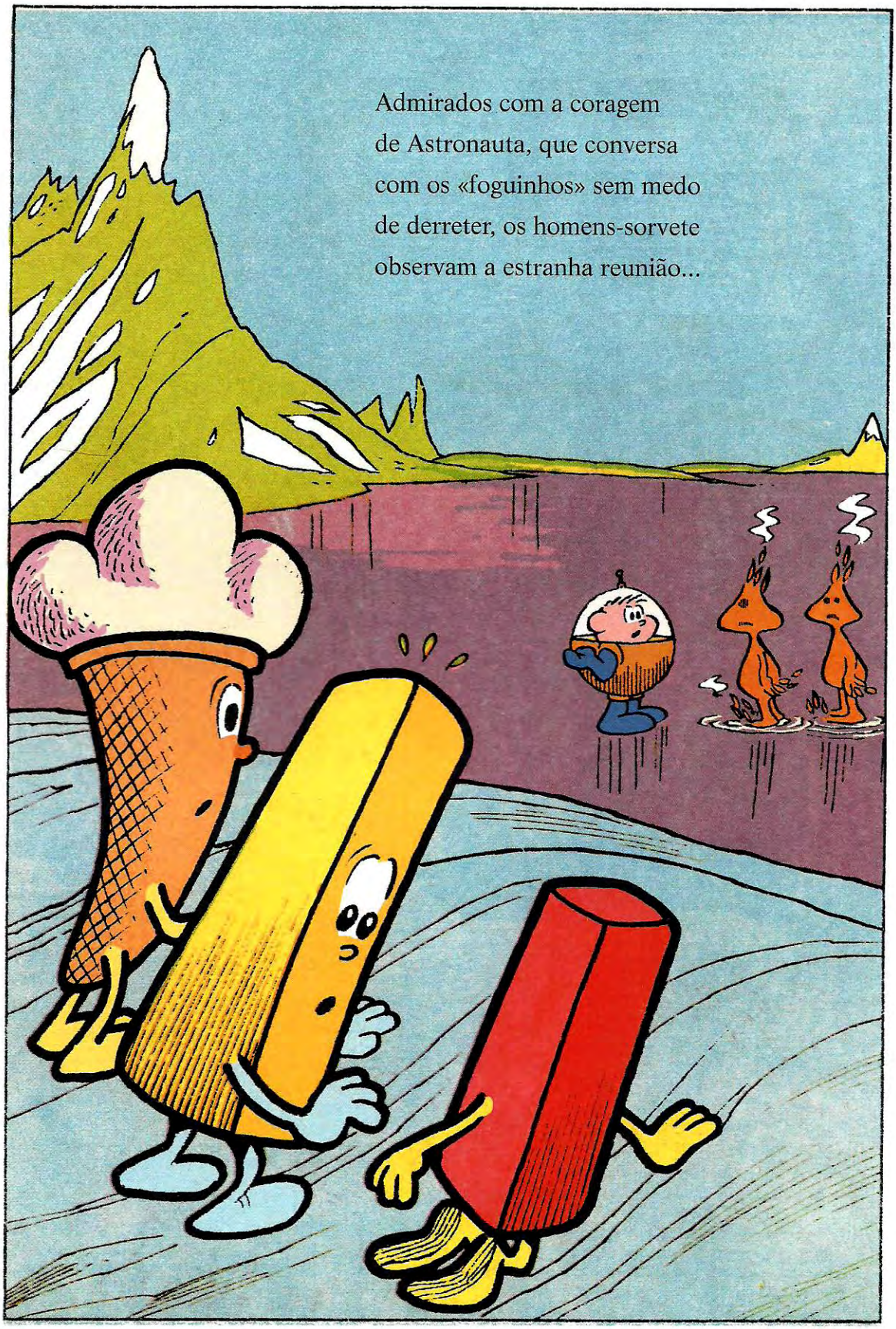
– Nós não queremos isso!
Acredite, por favor! –
respondeu um dos «foguinhos».

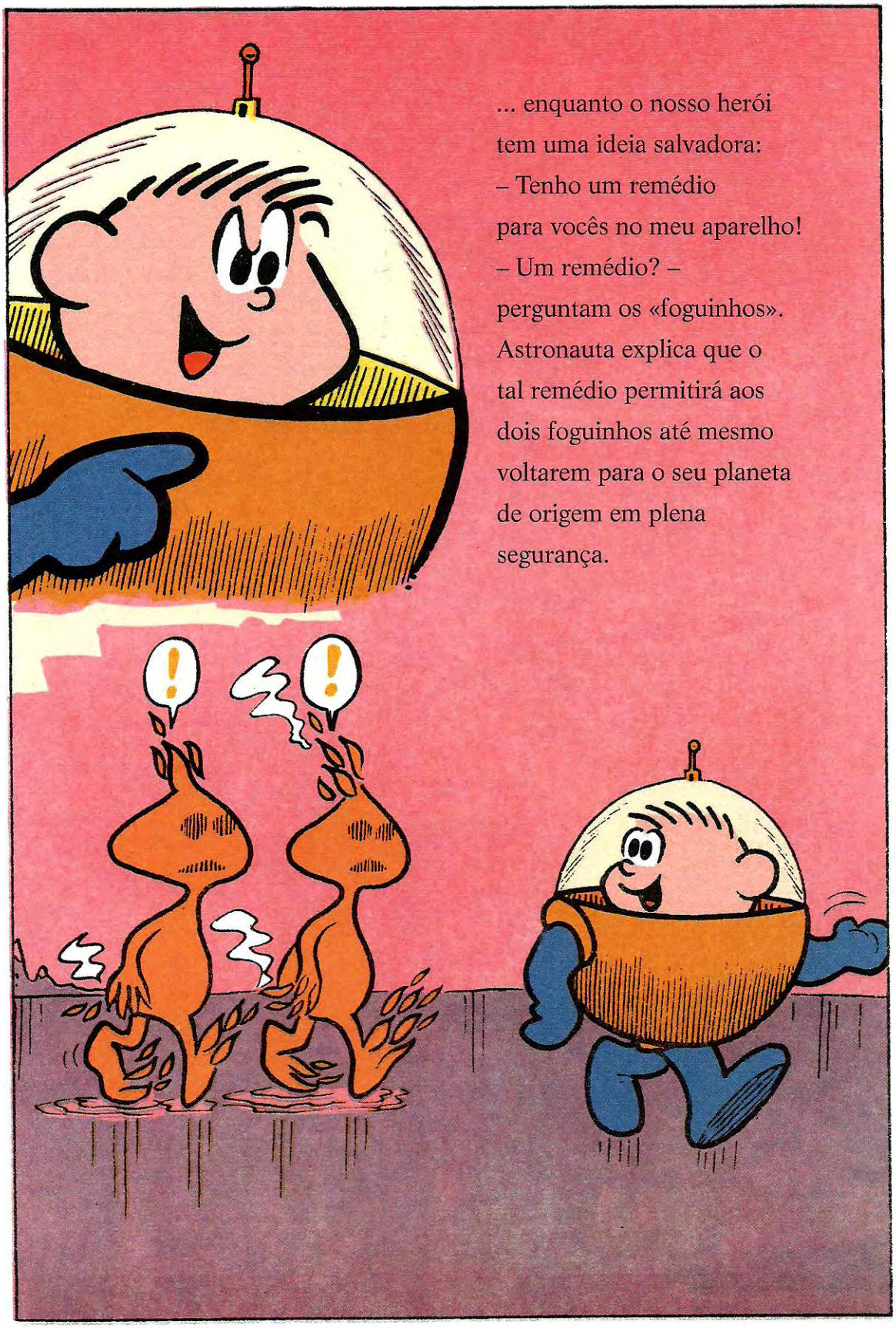
Em seguida, vem a fantástica
explicação dos «foguinhos»:
– Saímos do nosso planeta
porque estamos muito doentes!



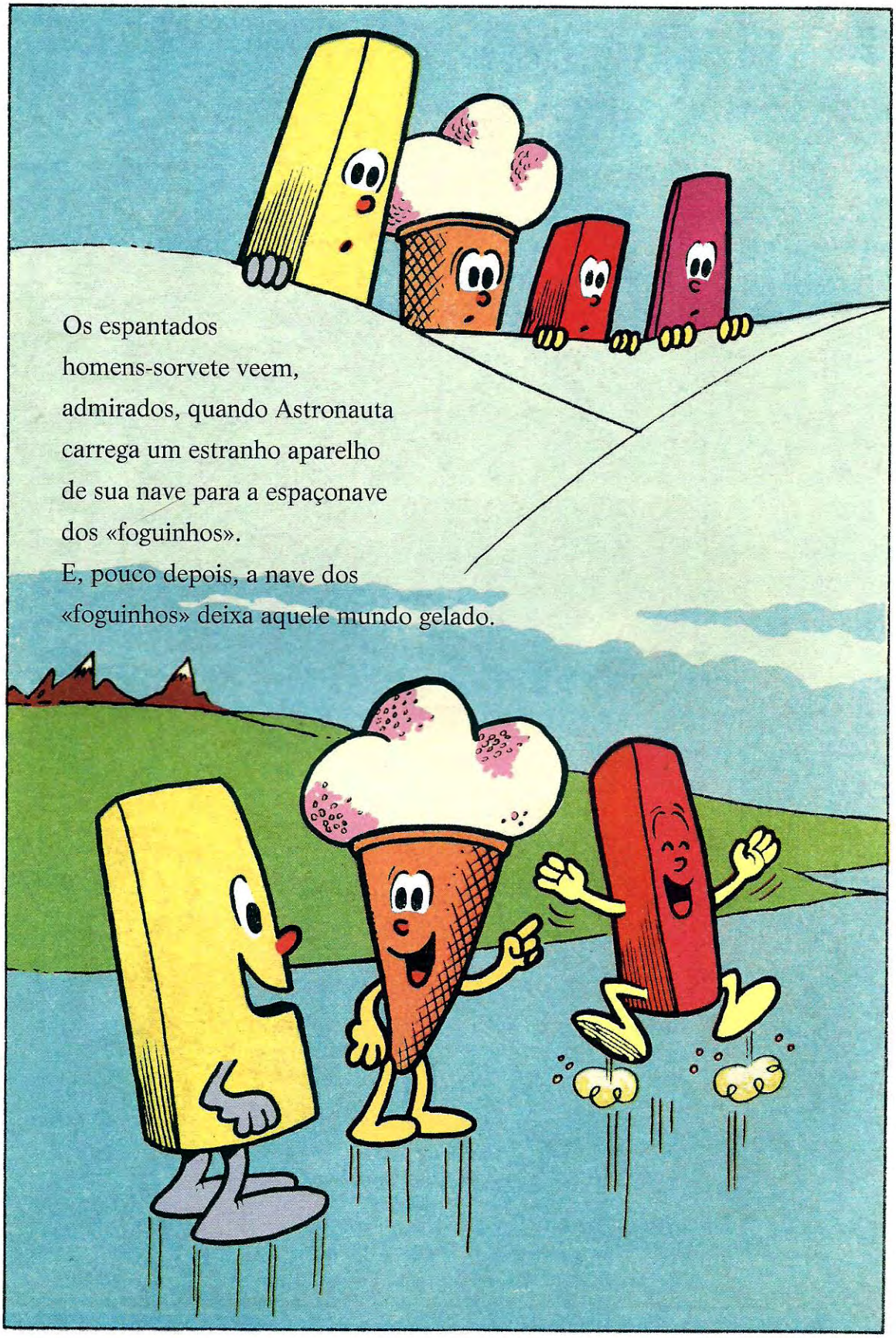
– Doentes? – pergunta,
espantado, Astronauta.
– O médico que nos examinou
disse que poderíamos explodir
a qualquer momento! –
diz um dos «foguinhos».
– Pressão alta, sabe?


– O médico nos recomendou um lugar bem gelado e por isso viemos para este planeta! – explica o ser flamejante.
– Aqui vocês estarão a salvo – retruca o Astronauta –, mas acabarão com os nativos do planeta.
– Mas o que podemos fazer para evitar isso? – indaga um dos «foguinhos».

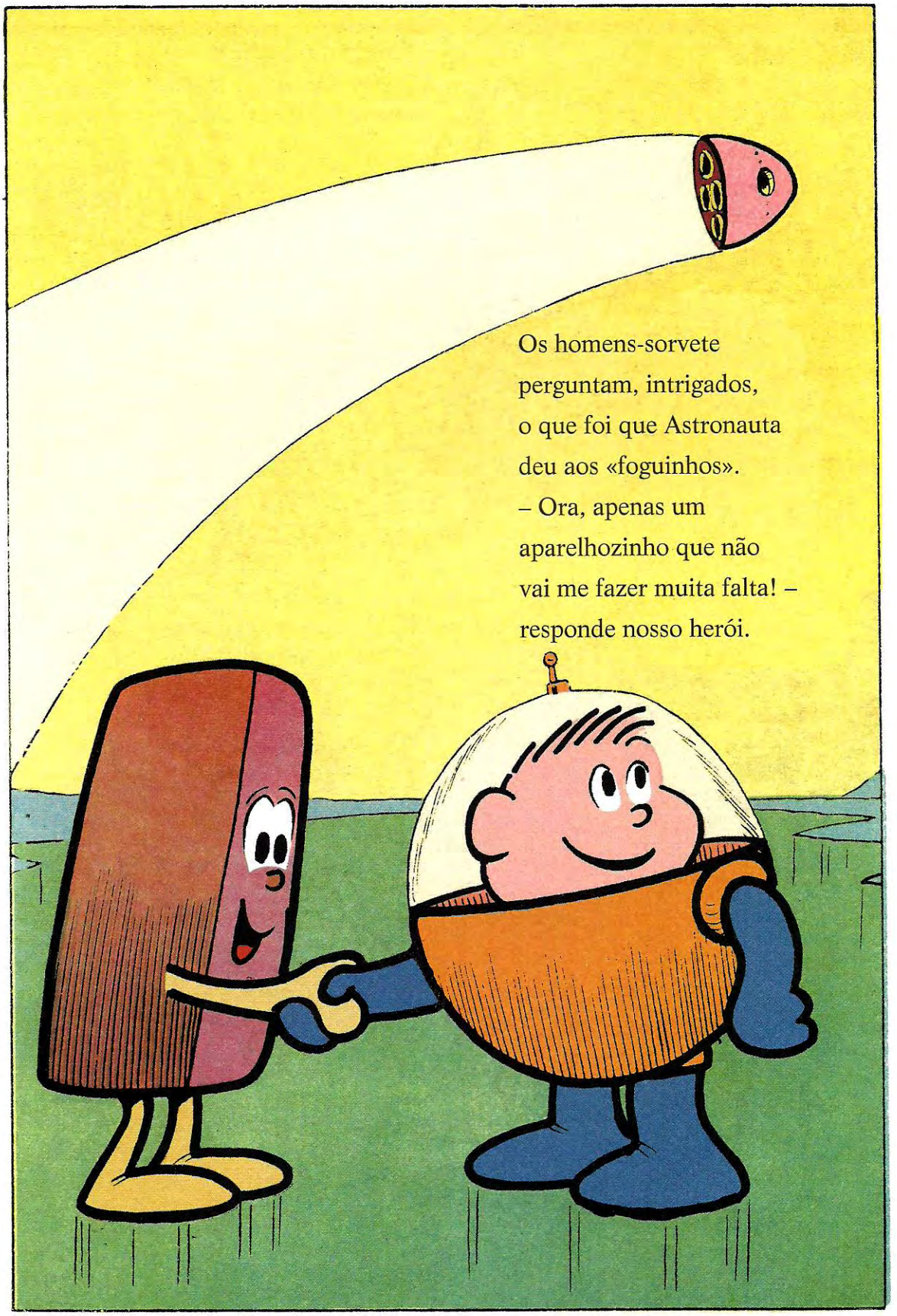

Admirados com a coragem
de Astronauta, que conversa
com os «foguinhos» sem medo
de derreter, os homens-sorvete
observam a estranha reunião...



... enquanto o nosso herói tem uma ideia salvadora:
– Tenho um remédio para vocês no meu aparelho!
– Um remédio? – perguntam os «foguinhos».
Astronauta explica que o tal remédio permitirá aos dois foguinhos até mesmo voltarem para o seu planeta de origem em plena segurança.

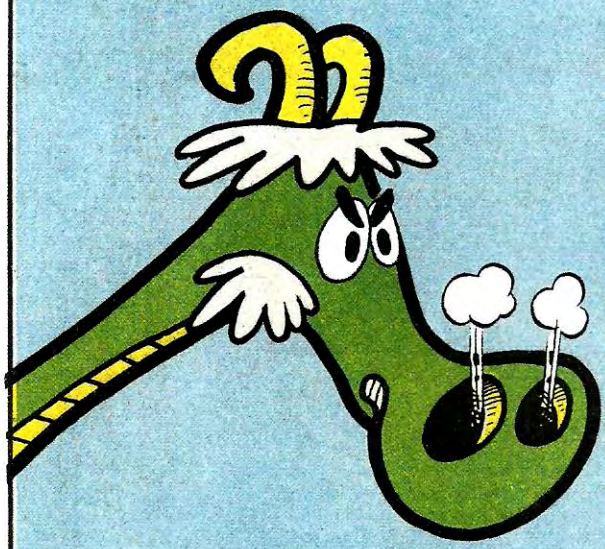


Os espantados
homens-sorvete veem,
admirados, quando Astronauta
carrega um estranho aparelho
de sua nave para a espaçonave
dos «foguinhos».
E, pouco depois, a nave dos
«foguinhos» deixa aquele mundo gelado.

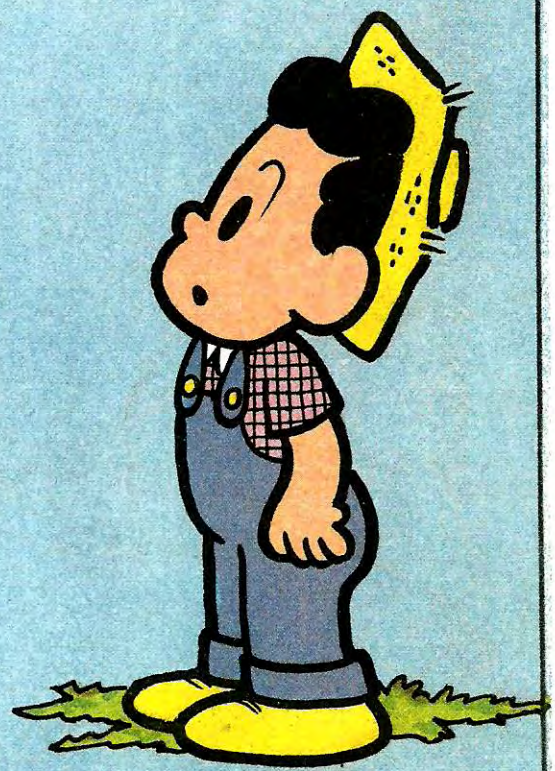

Os homens-sorvete
perguntam, intrigados,
o que foi que Astronauta
deu aos «foguinhos».
– Ora, apenas um
aparelhozinho que não
vai me fazer muita falta! –
responde nosso herói.

Enquanto os homens-sorvete
o aclamam, Astronauta
promete voltar
«qualquer dia»...
... E parte para o espaço, em busca
de novas aventuras, enquanto
conclui que os primeiros pilotos
até que não passavam tão mal
sem uma geladeira no avião.
Uma geladeira como aquela
que deu aos «foguinhos».

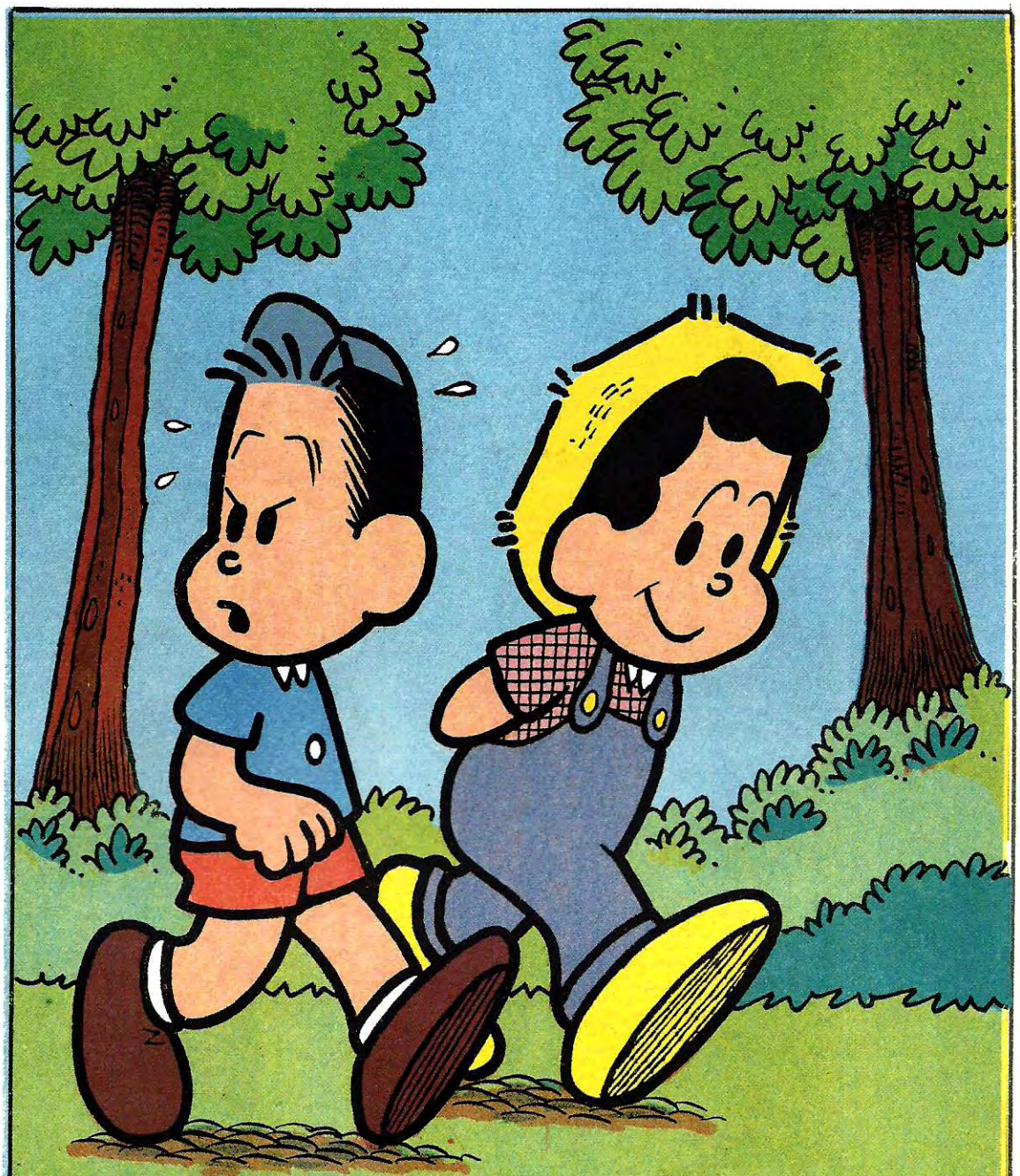
MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES



ZÉ DA ROÇA



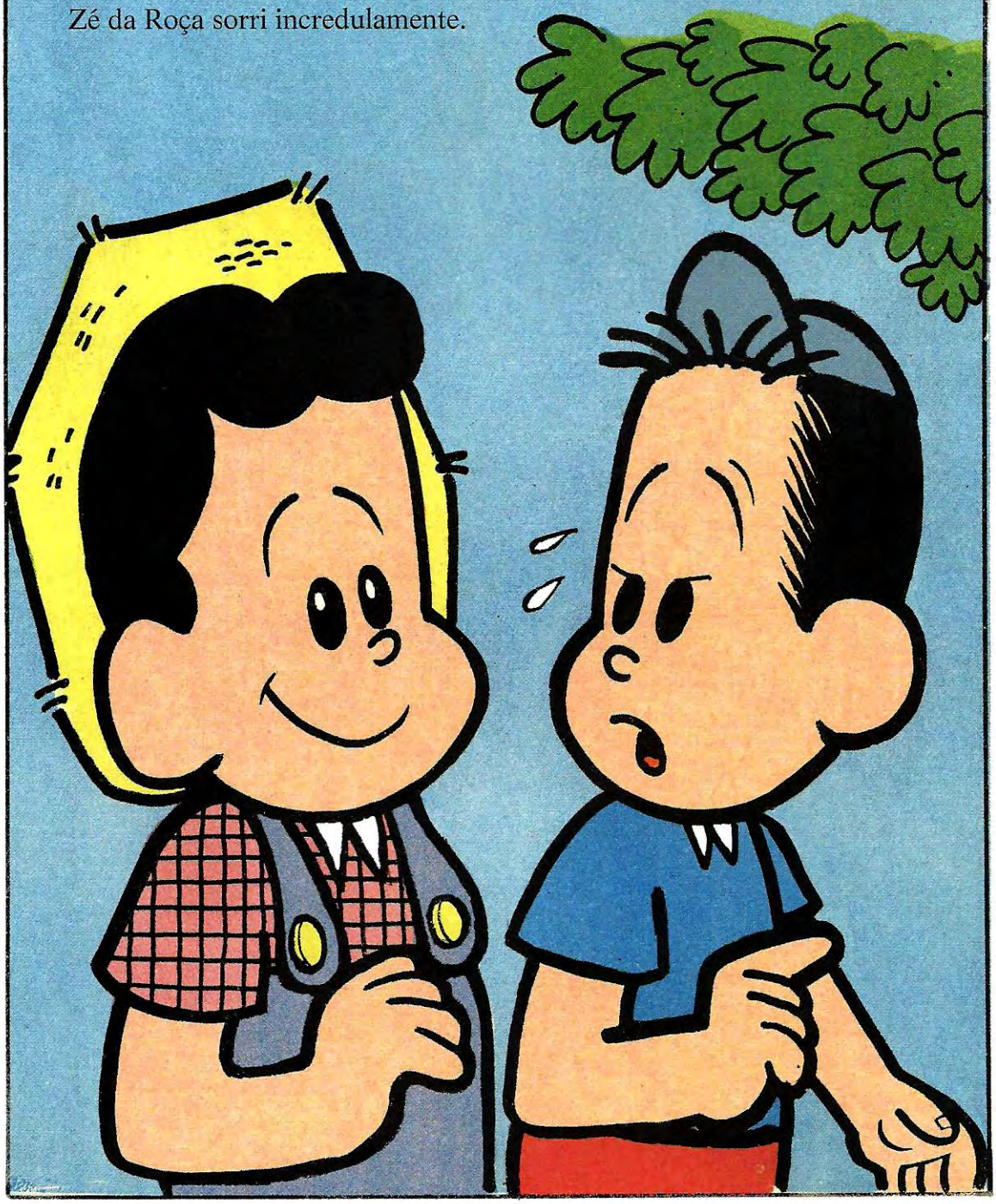
...E O DRAGÃO QUE NÃO EXISTIA

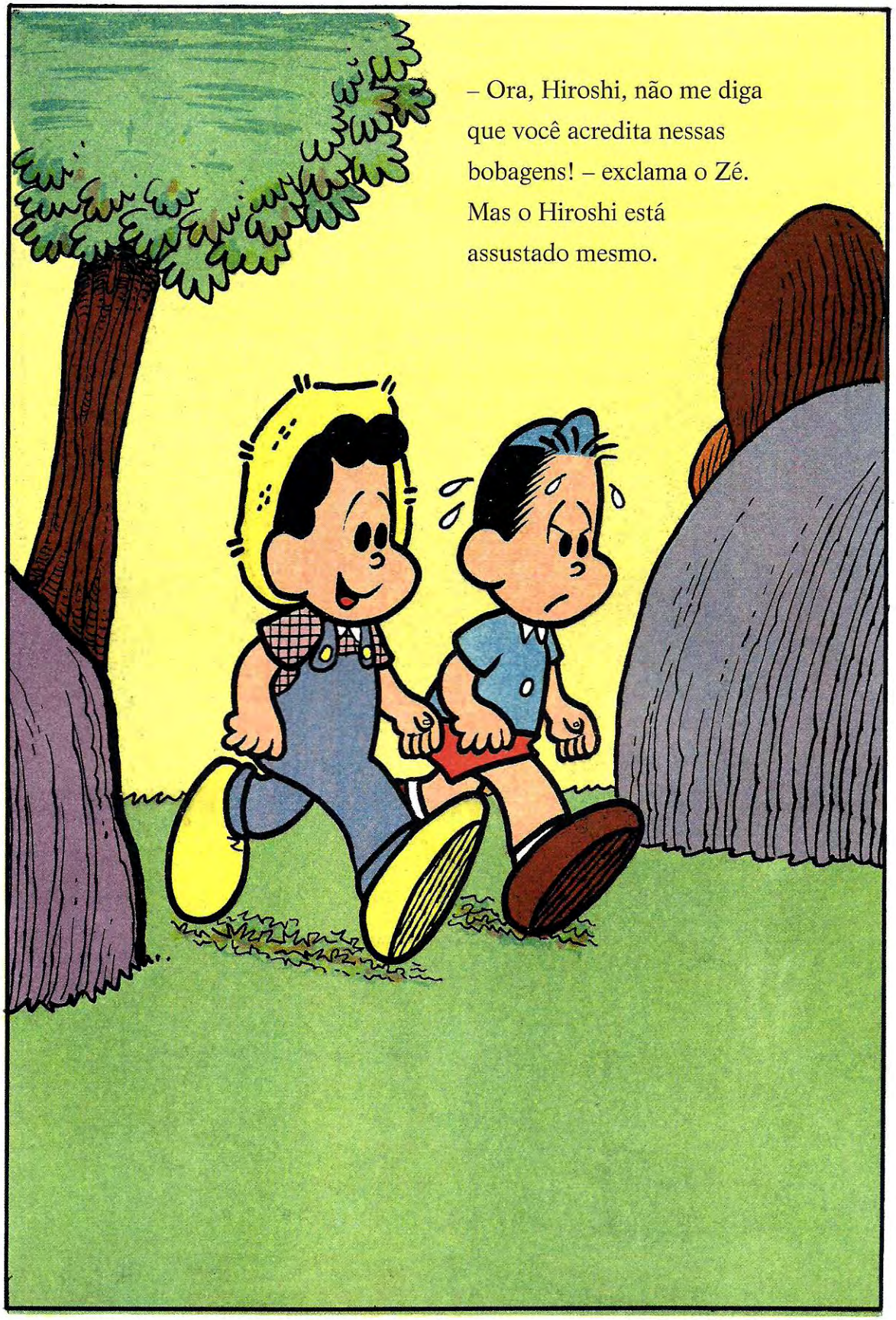


Zé da Roça, esperto caboclinho,
passeia pela mata com seu
amiguinho nissei, o Hiroshi,
mas este está um tanto apreensivo!

– Nós não estamos naquela parte da mata em que dizem que há um dragão, Zé? – pergunta o assustado Hiro.

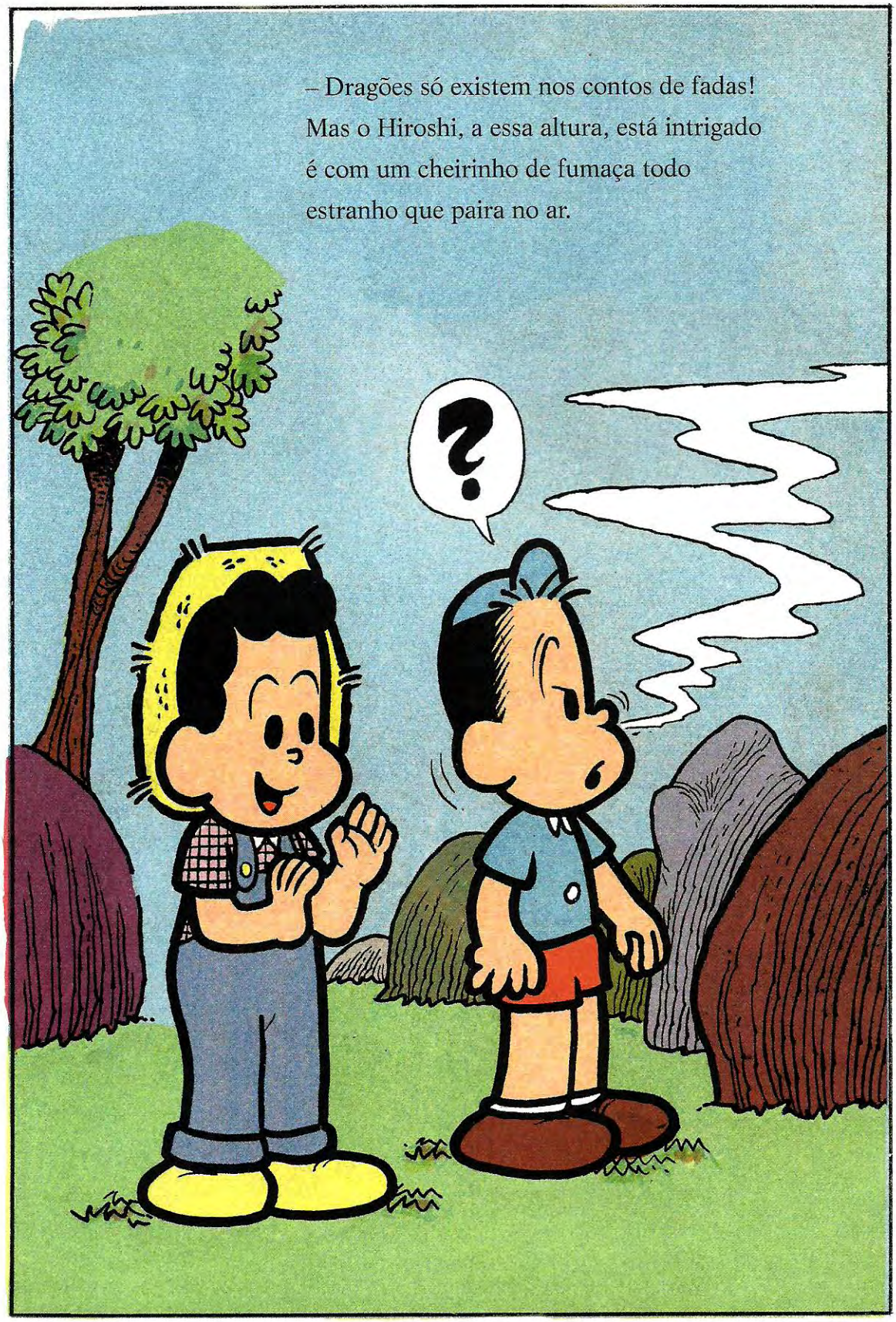
Zé da Roça sorri incredulamente.




– Ora, Hiroshi, não me diga
que você acredita nessas
bobagens! – exclama o Zé.
Mas o Hiroshi está
assustado mesmo.

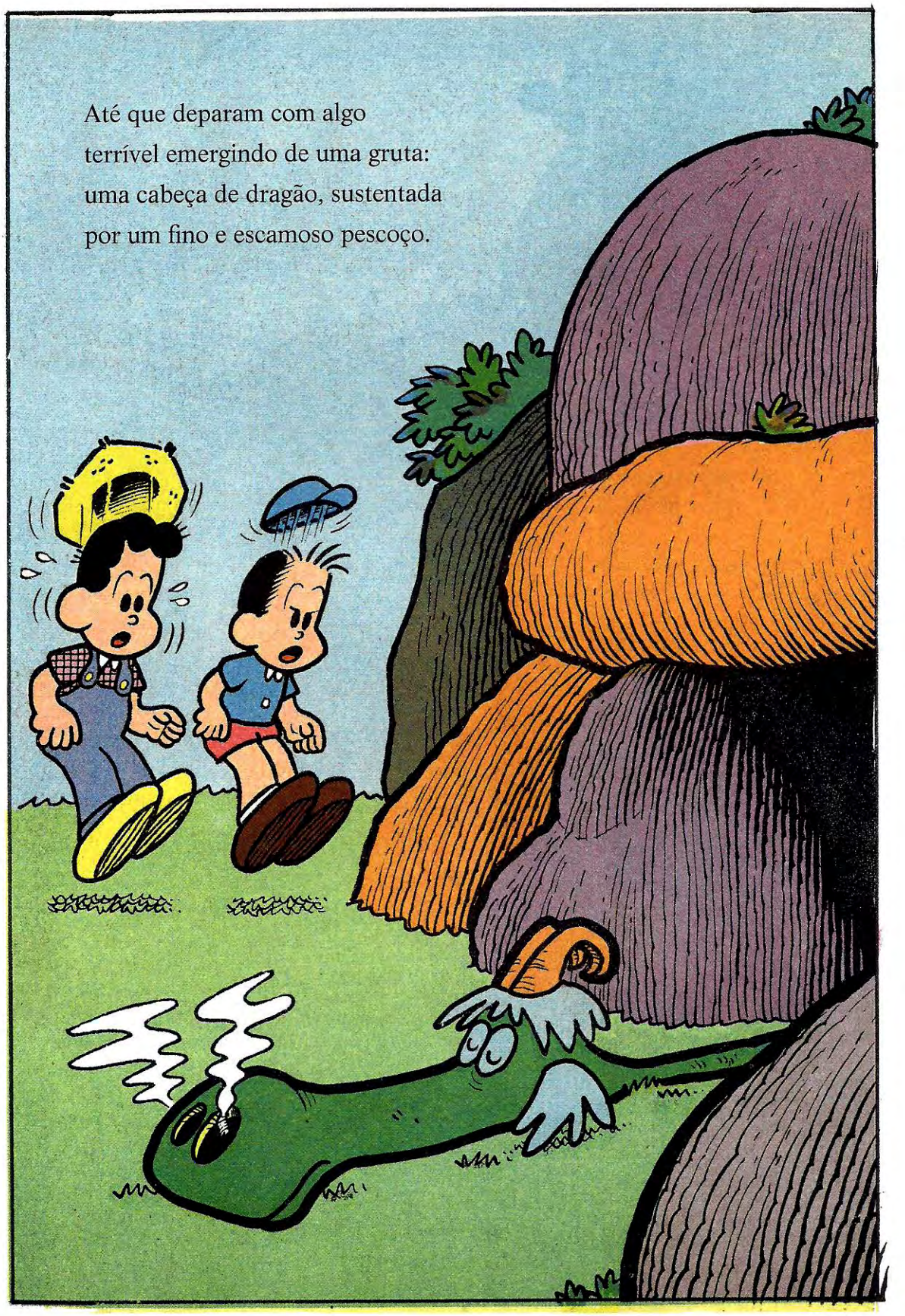
– Dragões só existem nos contos de fadas!

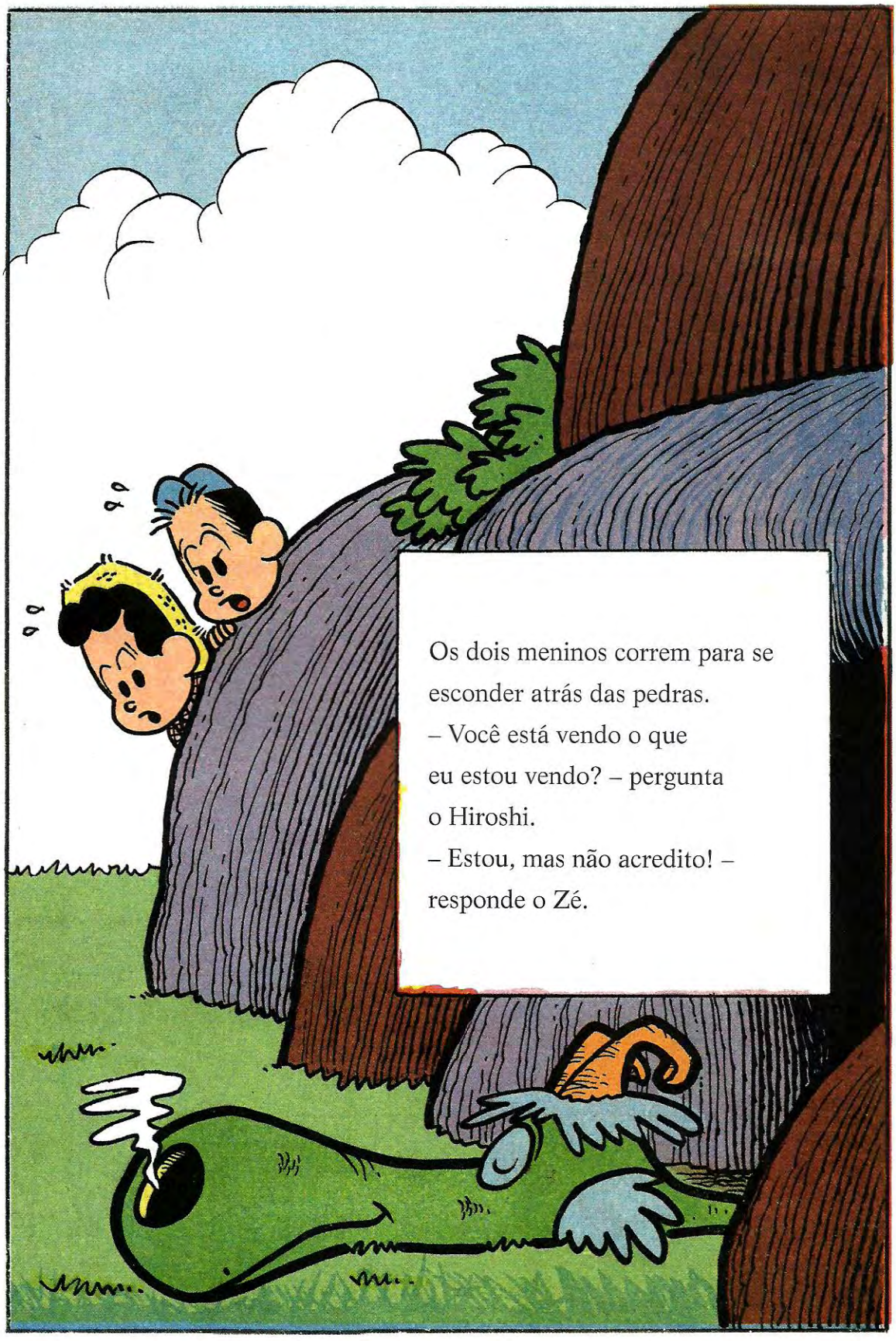
Mas o Hiroshi, a essa altura, está intrigado é com um cheirinho de fumaça todo estranho que paira no ar.



– Isso é cheiro de bafo
de Dragão, Zé! Vamos sair
daqui, depressa! –
grita o Hiroshi, assustado.

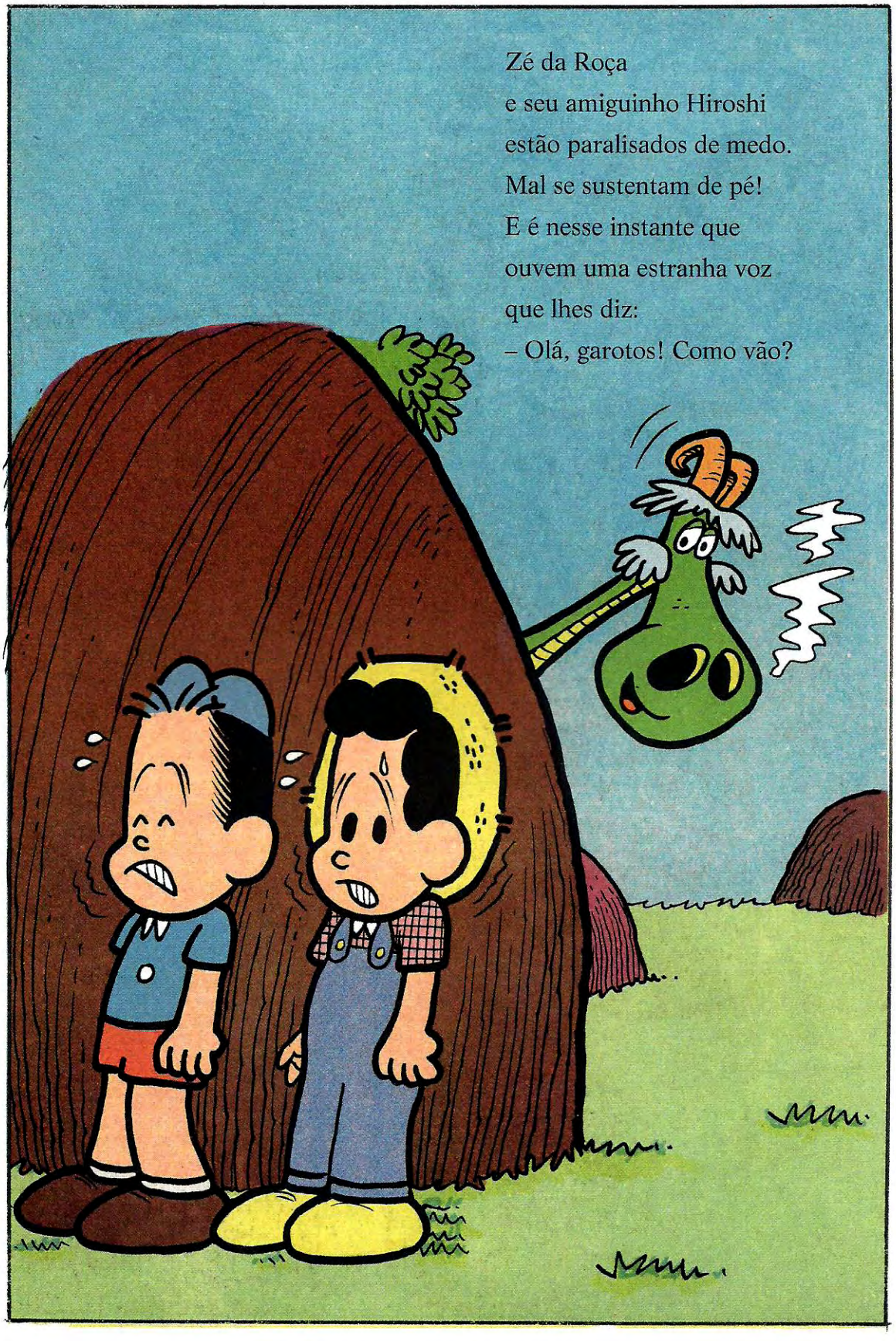
Até que deparam com algo
terrível emergindo de uma gruta:
uma cabeça de dragão, sustentada
por um fino e escamoso pescoço.



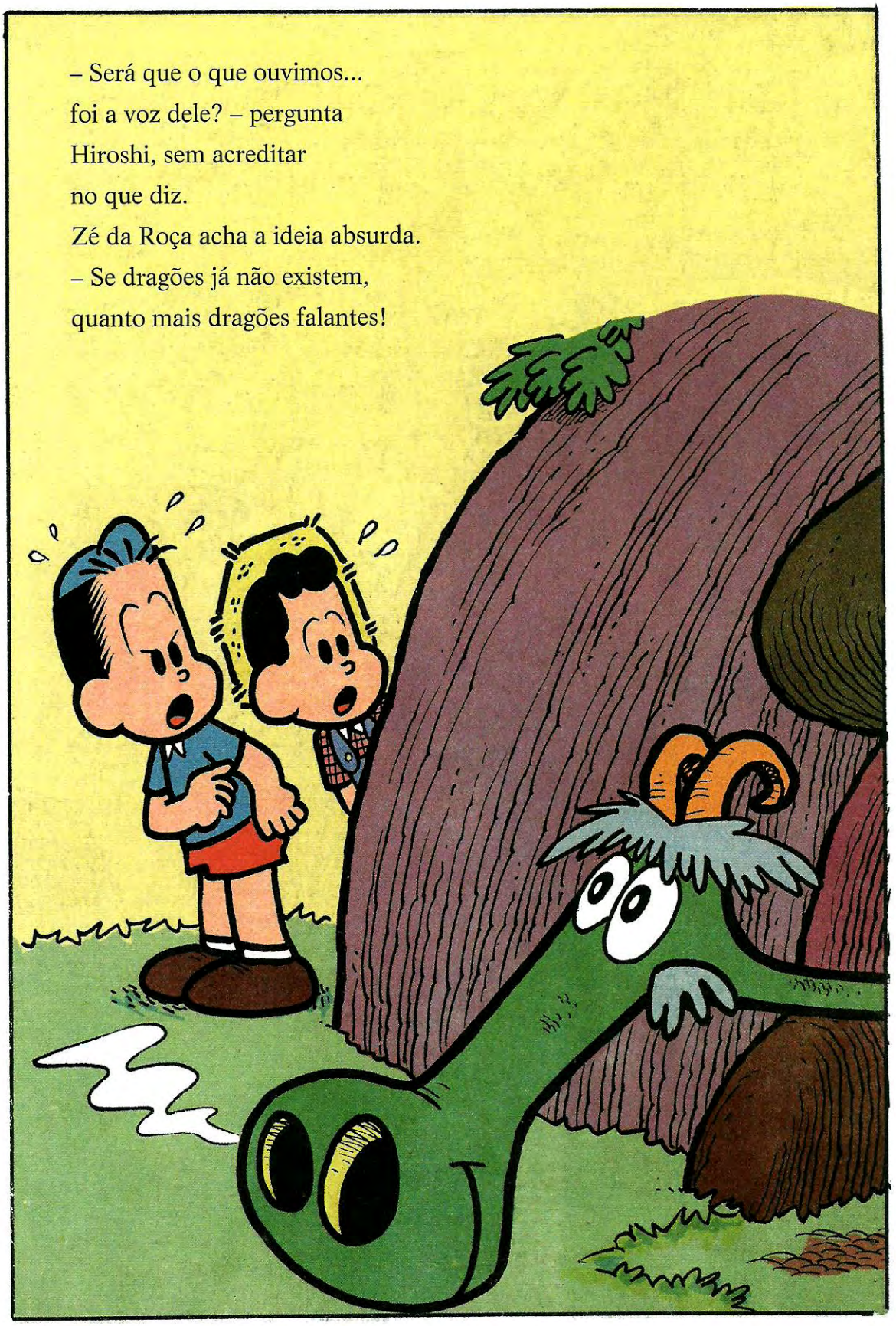

Os dois meninos correm para se esconder atrás das pedras.
– Você está vendo o que eu estou vendo? – pergunta o Hiroshi.
– Estou, mas não acredito! – responde o Zé.

– E o chato – diz o Zé –
é que eu não consigo
nem fugir. Minhas pernas
estão moles como geleia.
E, nisso, acontece algo
mais terrível ainda:
o Dragão começa a acordar.

Zé da Roça
e seu amiguinho Hiroshi
estão paralisados de medo.
Mal se sustentam de pé!
E é nesse instante que
ouvem uma estranha voz
que lhes diz:
– Olá, garotos! Como vão?

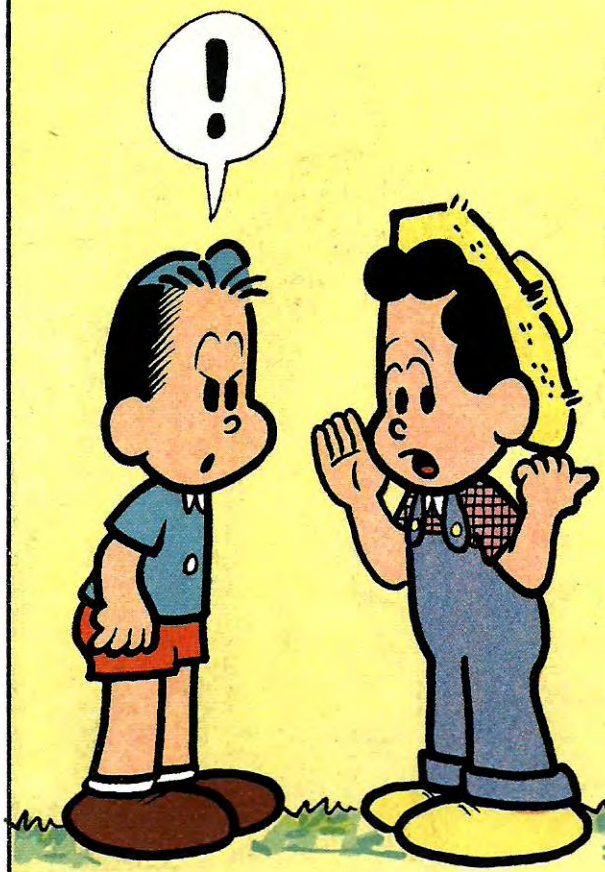


– Será que o que ouvimos...
foi a voz dele? – pergunta
Hiroshi, sem acreditar
no que diz.
Zé da Roça acha a ideia absurda.
– Se dragões já não existem,
quanto mais dragões falantes!



Boquiabertos, os meninos
verificam que, realmente,
o dragão fala!
E está muito triste.
– Ninguém acredita que
eu existo! – choraminga
o monstro.

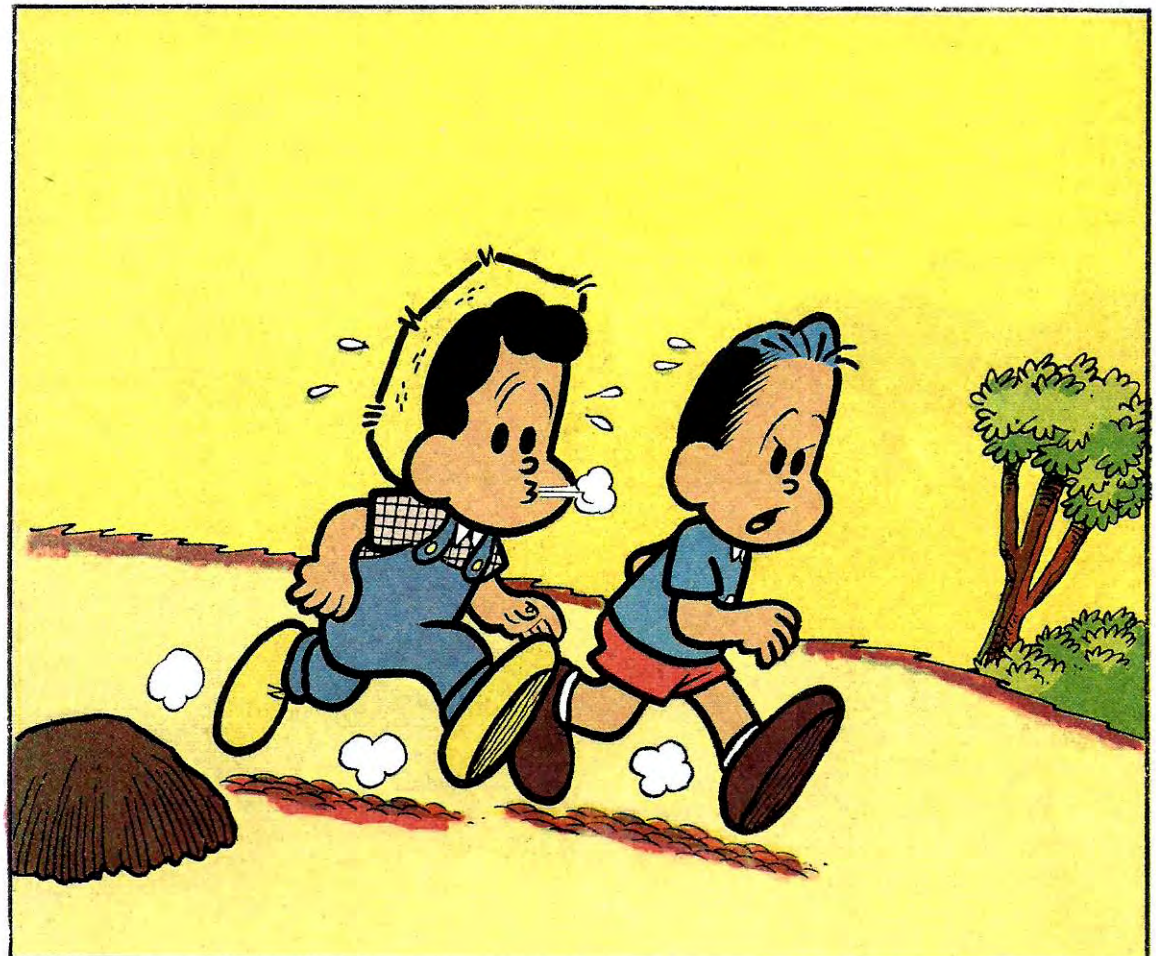
Enquanto os garotos se perguntam se estão enxergando e ouvindo bem, o dragão continua a choramingar.

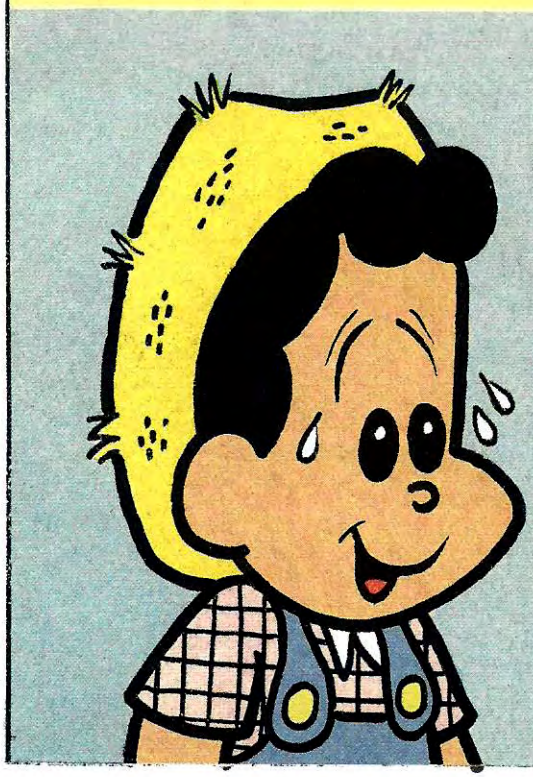


Zé da Roça, depois de conversar com o Hiro, chega também à conclusão a que chegaram os demais que viram o dragão:
– Aquilo não existe!

– Se contarmos por aí que vimos um dragão, vão dizer que somos malucos – explica o Zé.

E os dois garotos, com medo
de começar a acreditar
naquela «visão», abandonam
rapidamente o local.



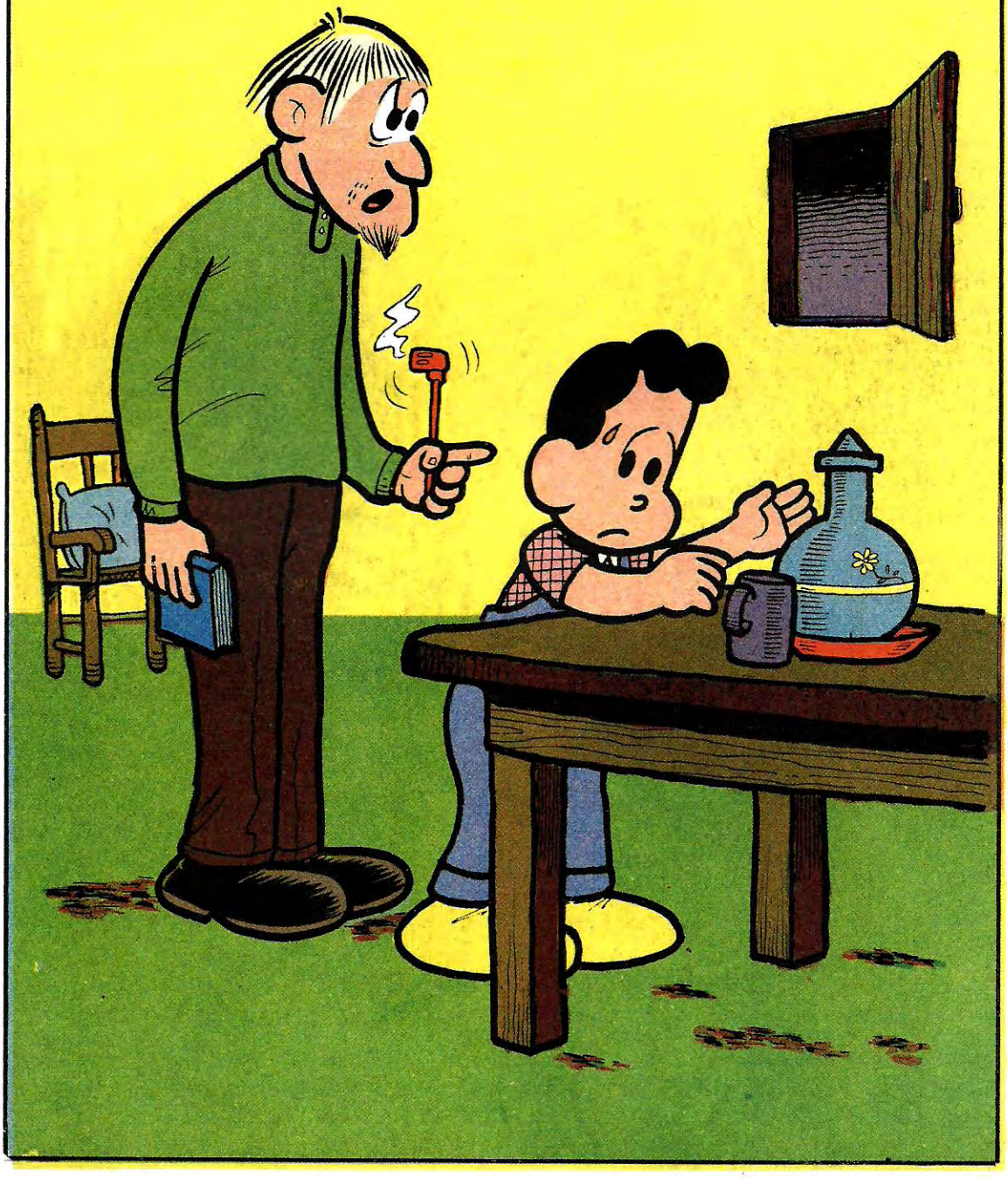


Pouco depois, já estão
bem longe da «visão»
e do medo por que passaram.
– Puxa, Hiro! – exclama Zé. –
Você viu como a gente pode
ser influenciado por essas
histórias que contam por aí?

Os dois amiguinhos se despedem.
No dia seguinte, brincarão mais.

O pai do Zé da Roça,
porém, nota algo de
estranho no seu filho
assim que ele entra.

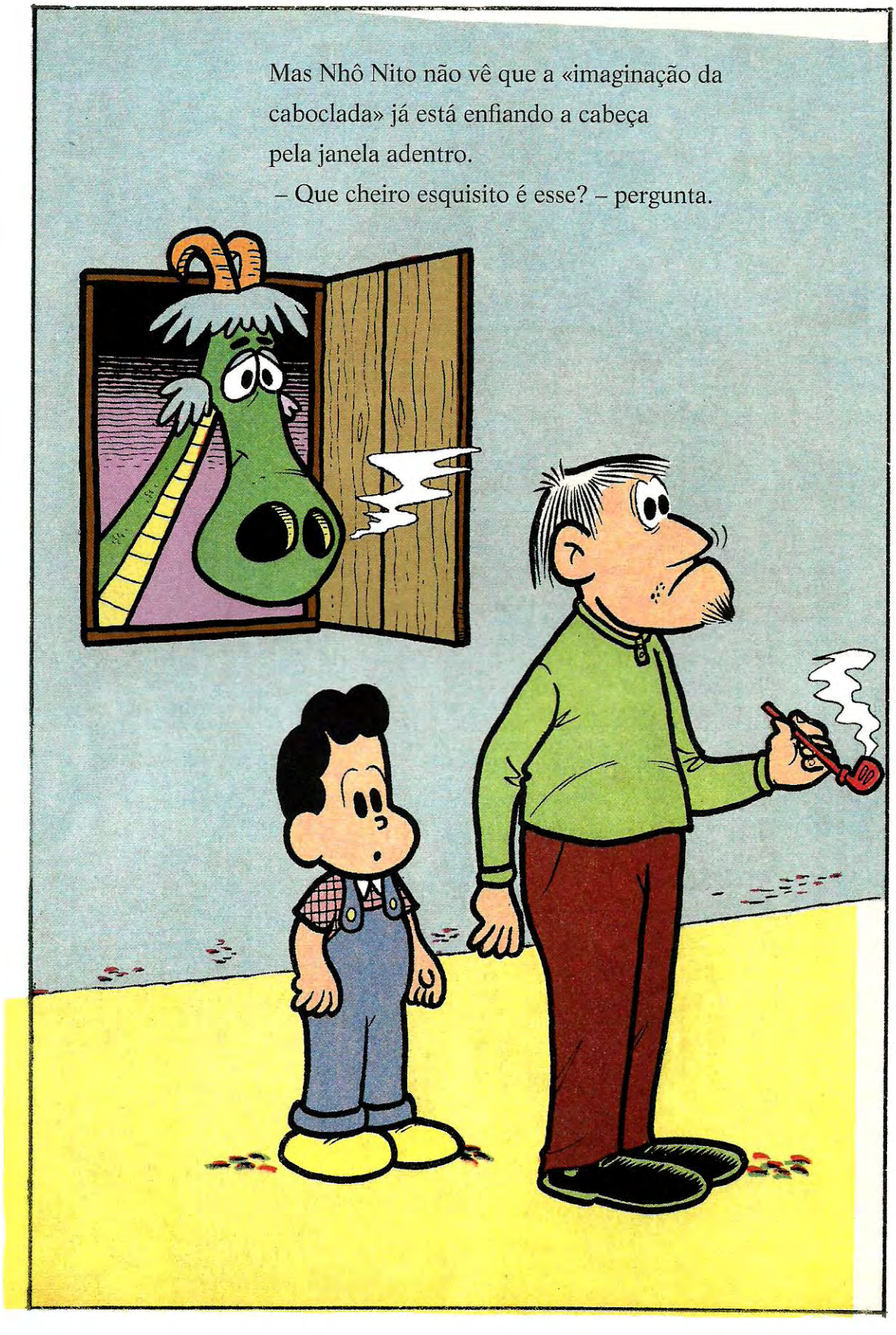
– Que é que você tem,
filho? – pergunta Nhô Nito. –
Está branco igual a um papel!
Zé custa a encontrar coragem
para responder.



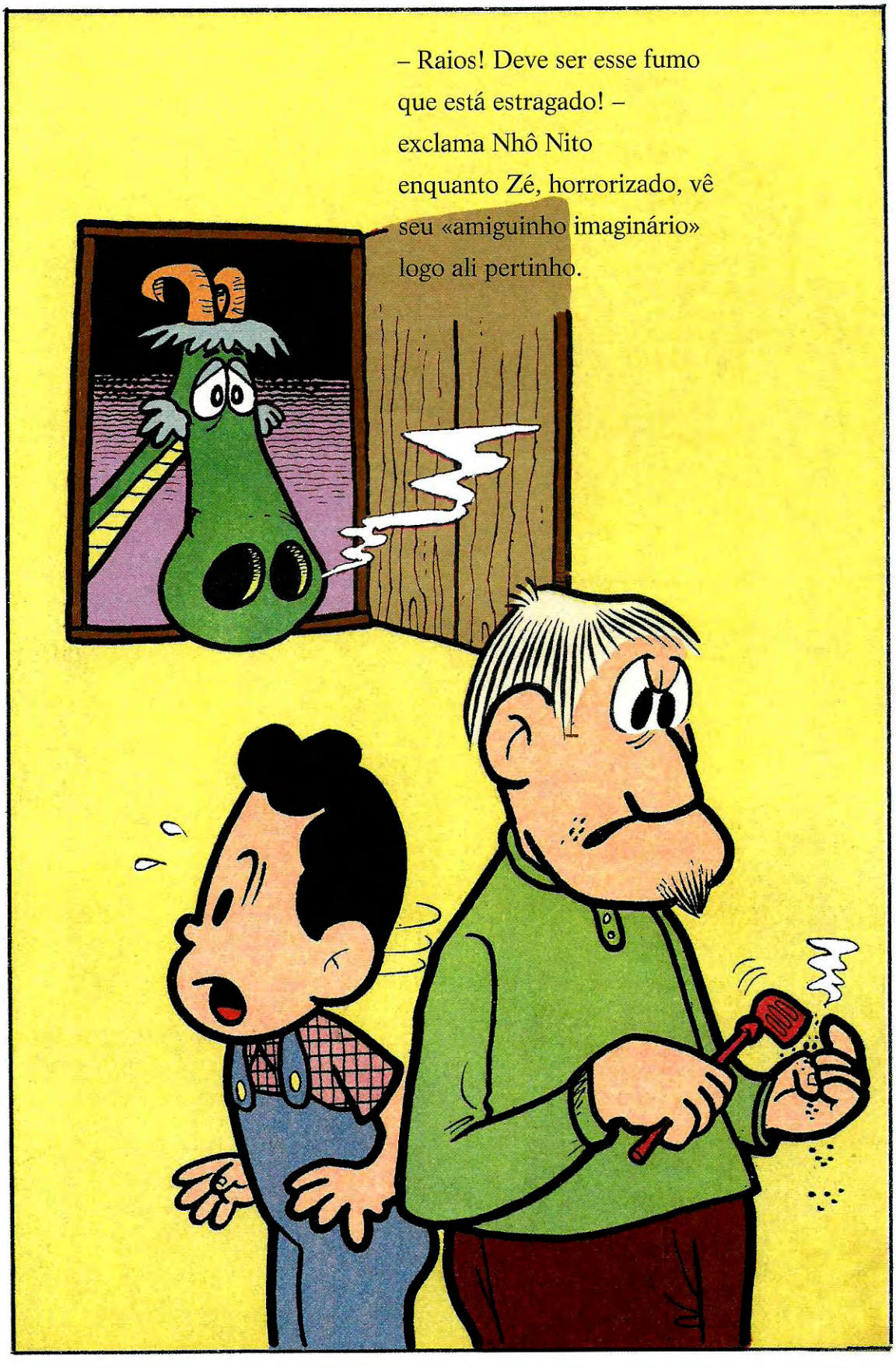
– O senhor... acredita
no dragão que dizem que
existe numa gruta ali
na beira da mata?
!
Nhô Nito sorri.
– Isso é lenda! – explica. –
Imaginação da caboclada!

Mas Nhô Nito não vê que a «imaginação da caboclada» já está enfiando a cabeça pela janela adentro.

– Que cheiro esquisito é esse? – pergunta.

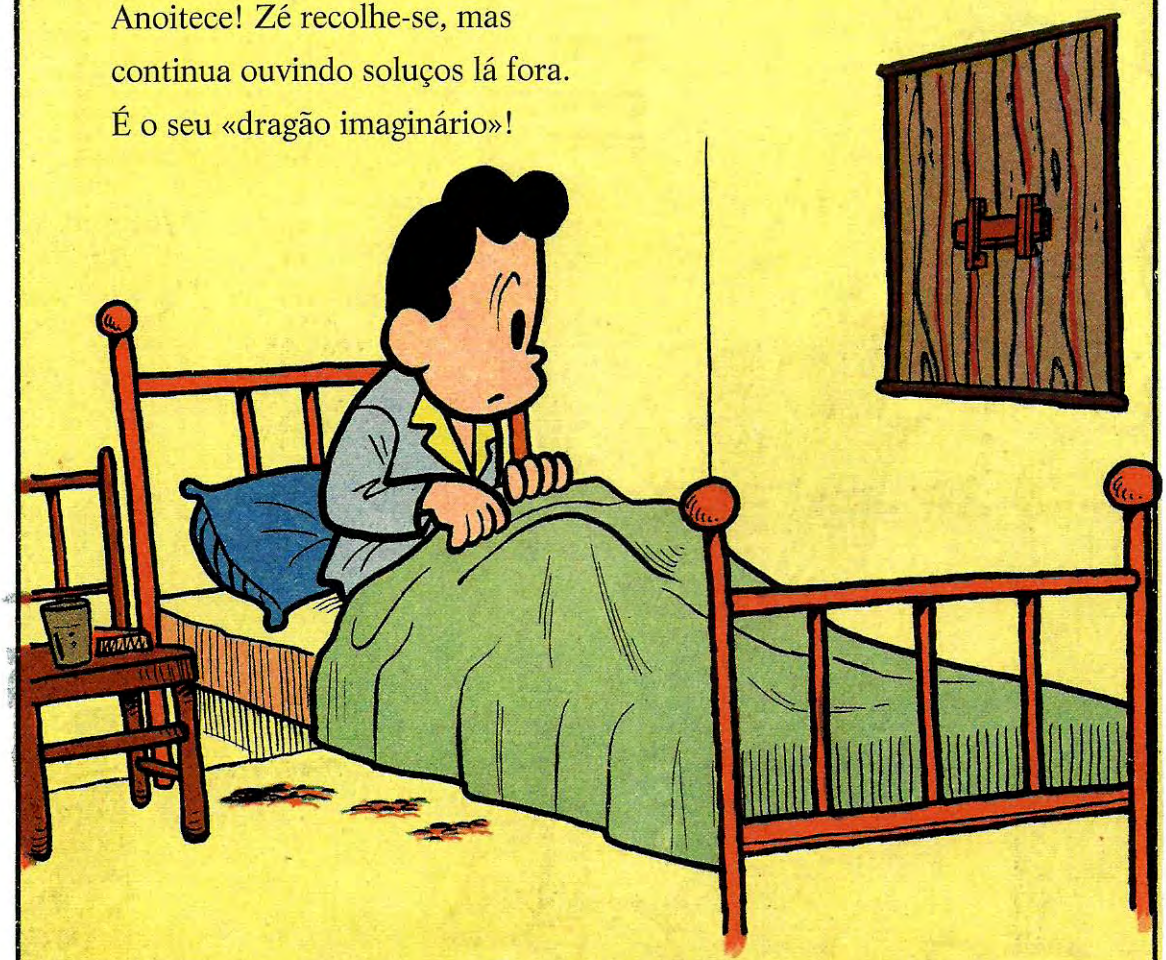


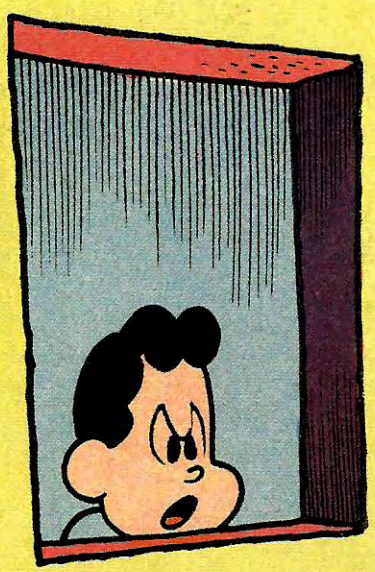
– Raios! Deve ser esse fumo que está estragado! – exclama Nhô Nito enquanto Zé, horrorizado, vê seu «amiguinho imaginário» logo ali pertinho.



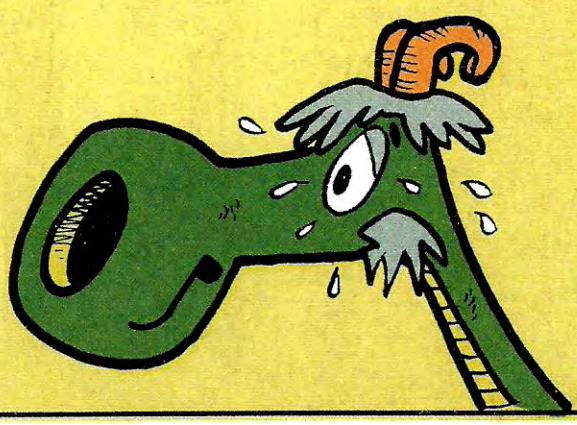
Enquanto Nhô Nito sai da sala
para buscar mais fumo,
Zé procura enxotar o dragão dali:
– Saia daqui! Você não existe!
– Sempre a mesma história! –
lamuria-se o dragão. –
Por que não sou bem-vindo
a nenhum lugar?

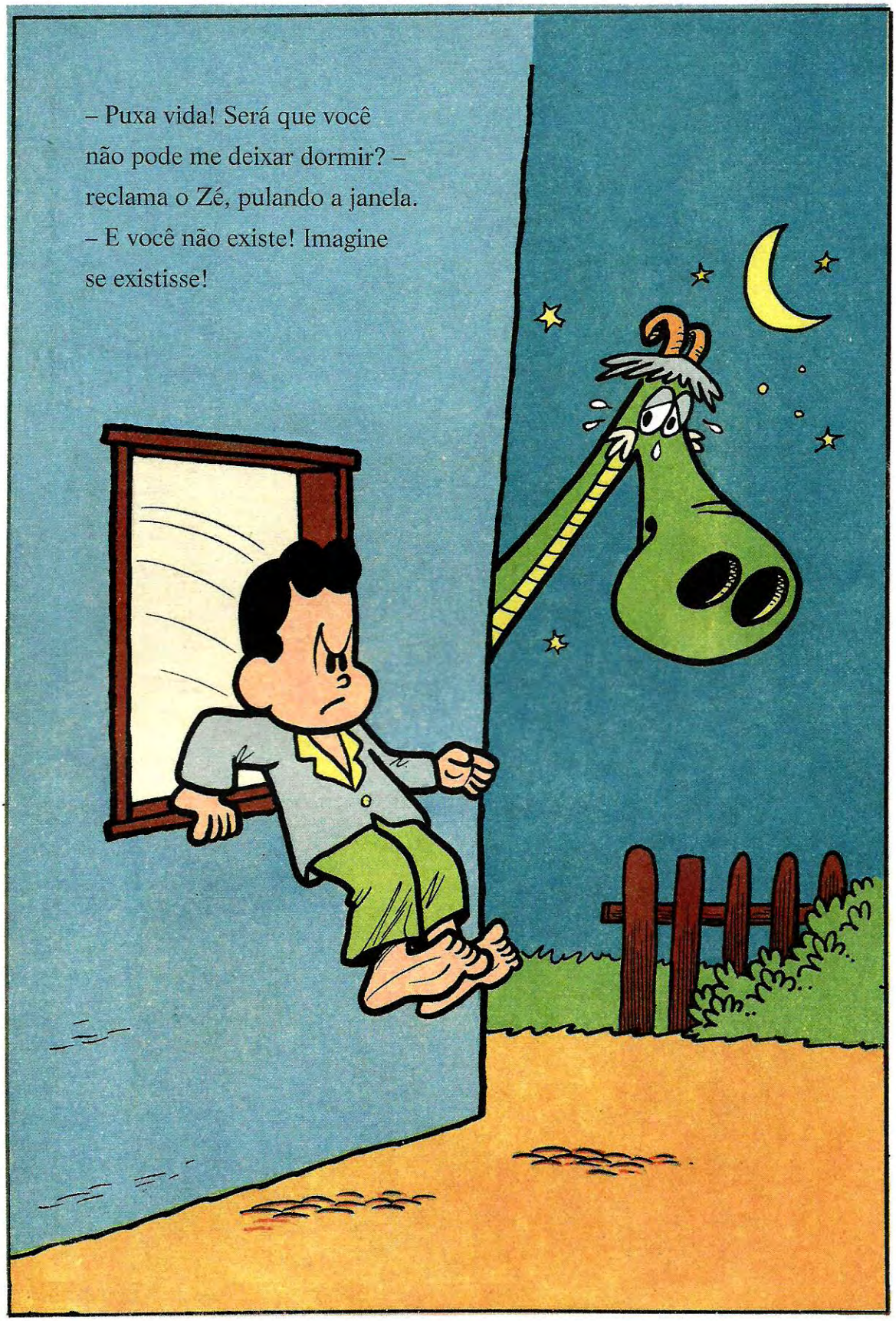
Anoitece! Zé recolhe-se, mas
continua ouvindo soluços lá fora.
É o seu «dragão imaginário»!

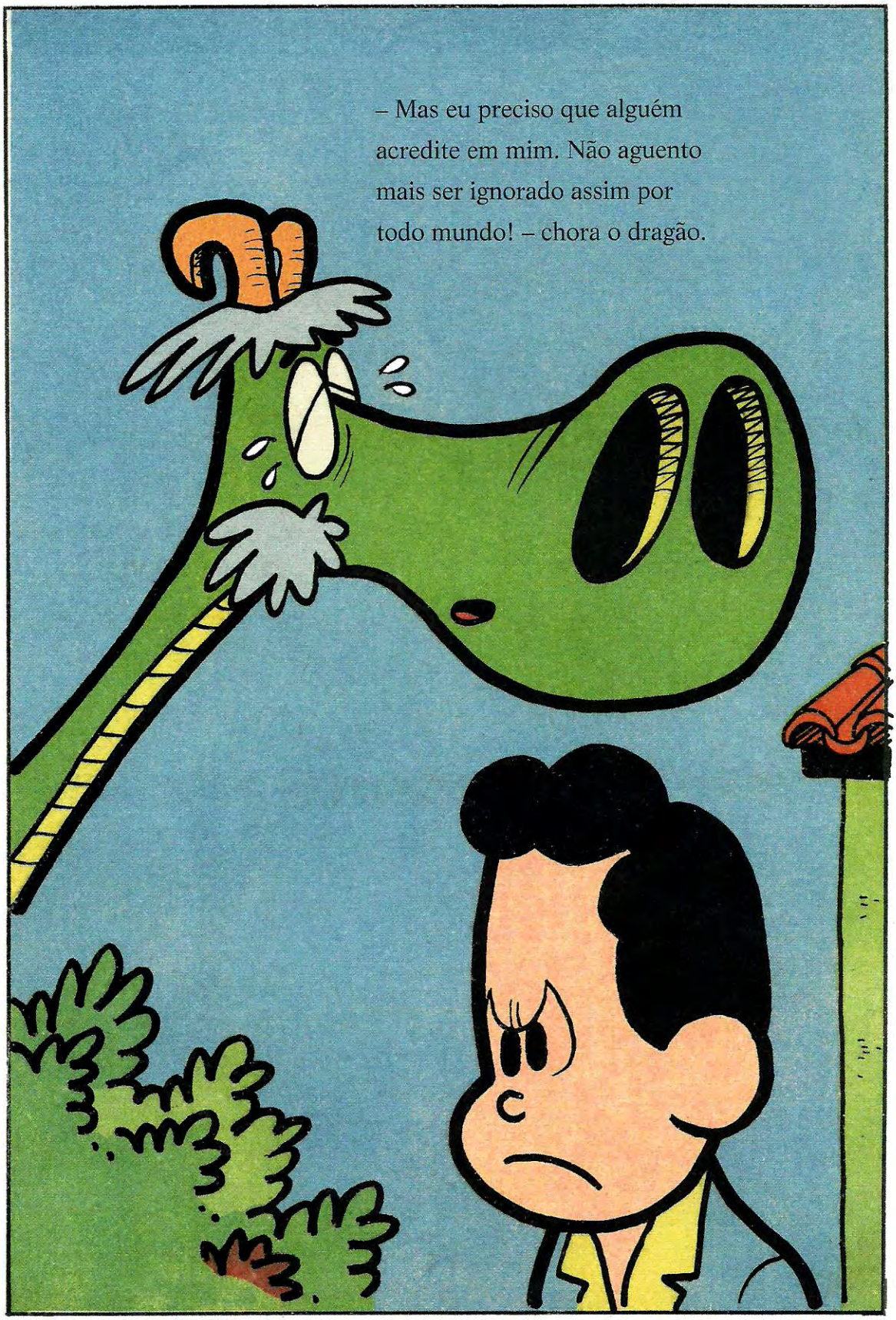


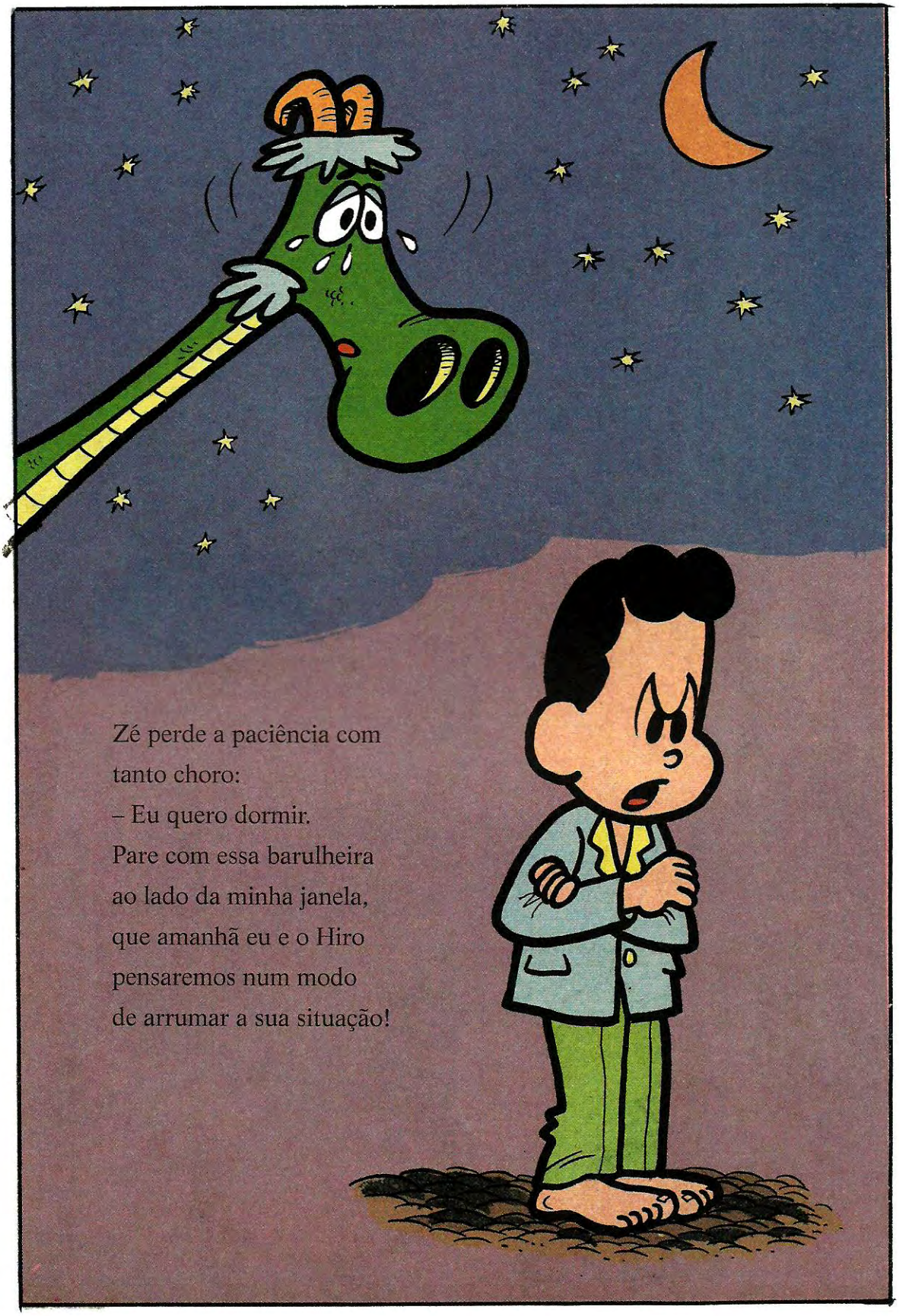


Zé não consegue dormir. Levanta-se,
abre a janela e interpela o dragão:
– Afinal, o que quer? Por que não
me deixa dormir?

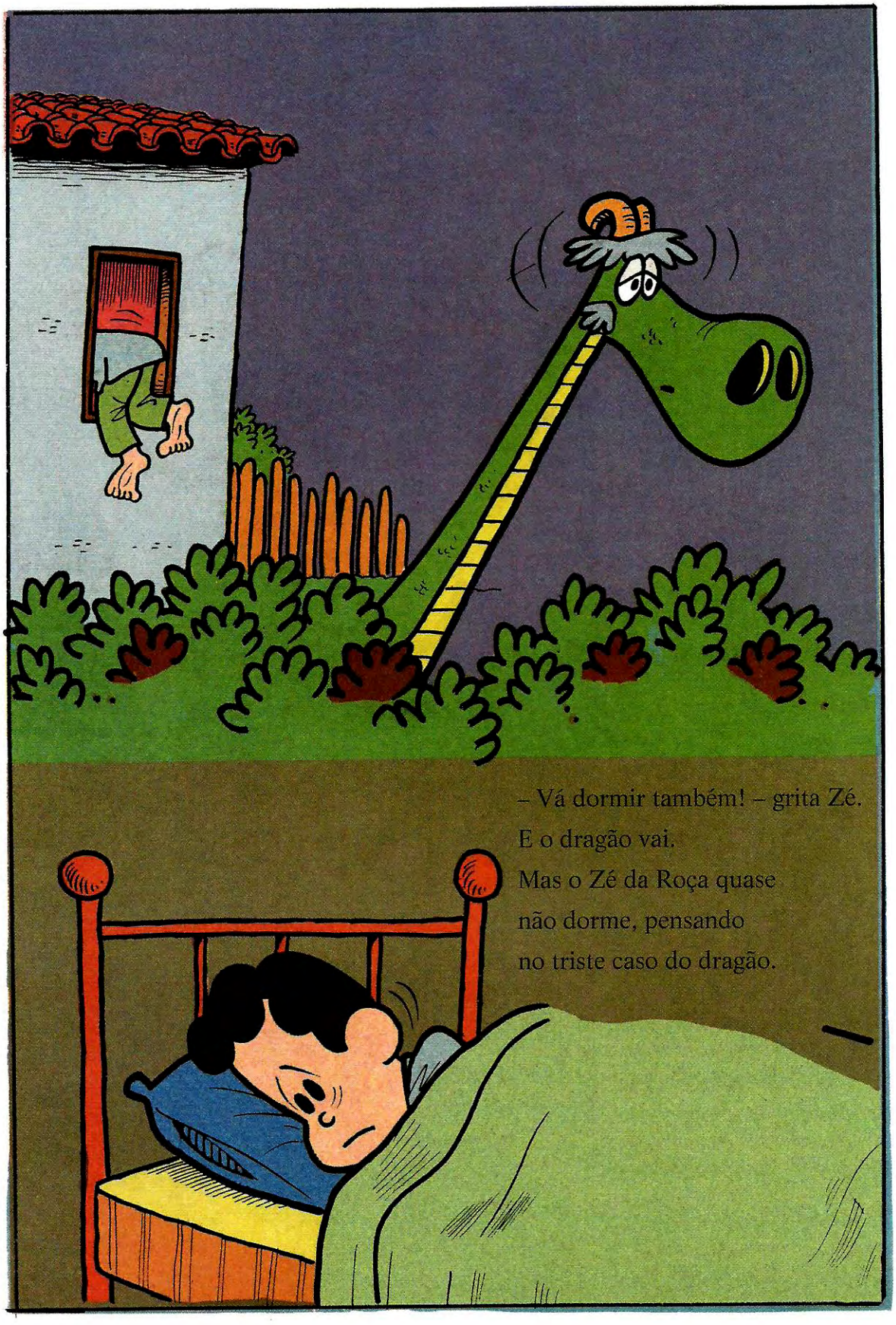



– Puxa vida! Será que você não pode me deixar dormir? – reclama o Zé, pulando a janela.
– E você não existe! Imagine se existisse!

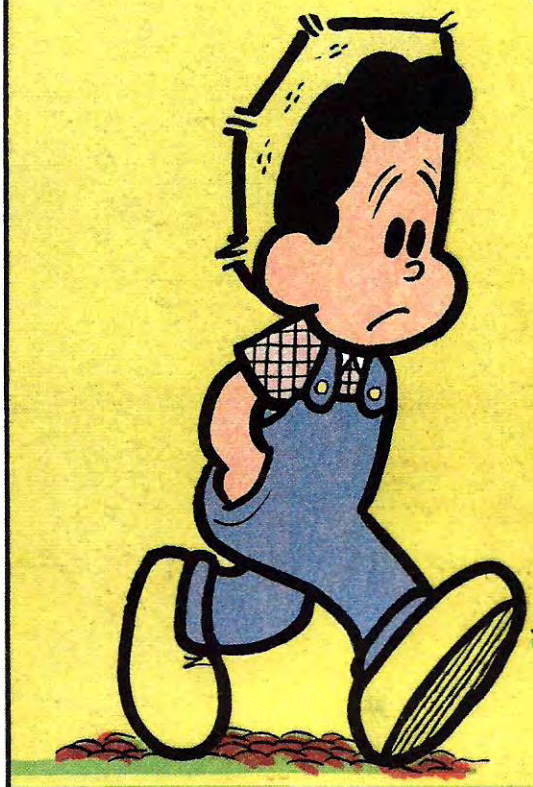

– Mas eu preciso que alguém acredite em mim. Não aguento mais ser ignorado assim por todo mundo! – chora o dragão.

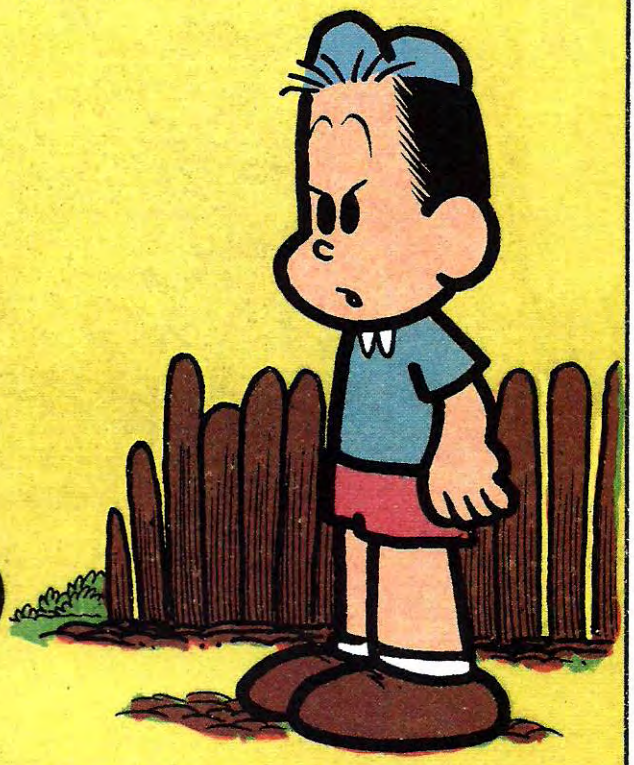


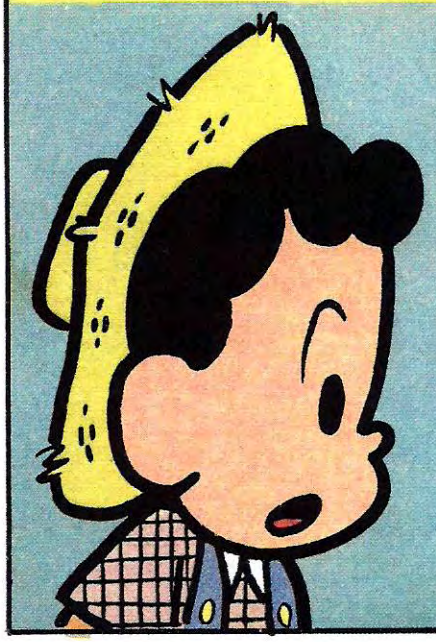
Zé perde a paciência com
tanto choro:
– Eu quero dormir.
Pare com essa barulheira
ao lado da minha janela,
que amanhã eu e o Hiro
pensaremos num modo
de arrumar a sua situação!


– Vá dormir também! – grita Zé.
E o dragão vai.
Mas o Zé da Roça quase
não dorme, pensando
no triste caso do dragão.

No dia seguinte, Zé sai cedinho de casa para falar com o Hiroshi sobre «aquele dragão imaginário» que ambos «pensam ter visto» na véspera.





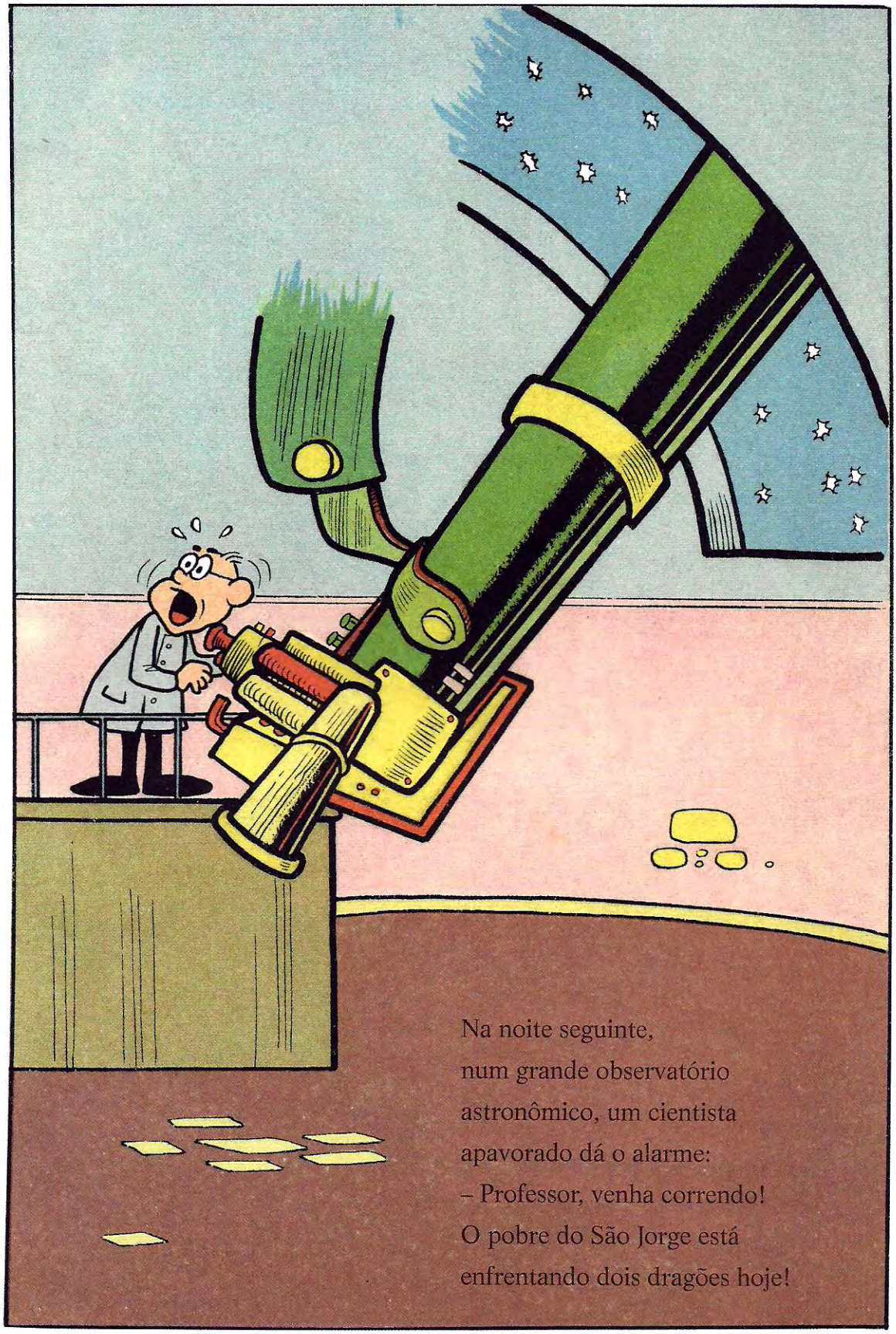


– Precisamos dar um jeito no bicho! Ele ficou choramingando a noite toda ao lado da minha janela! – explica o Zé.

– Supondo-se que o dragão exista mesmo, o que você acha que poderia fazê-lo voltar a ser feliz? A ser acreditado? – pergunta o Zé.
– Voltar a ser feliz, a ser acreditado? Penso que tenho uma ideia! – exclama o Hiroshi.

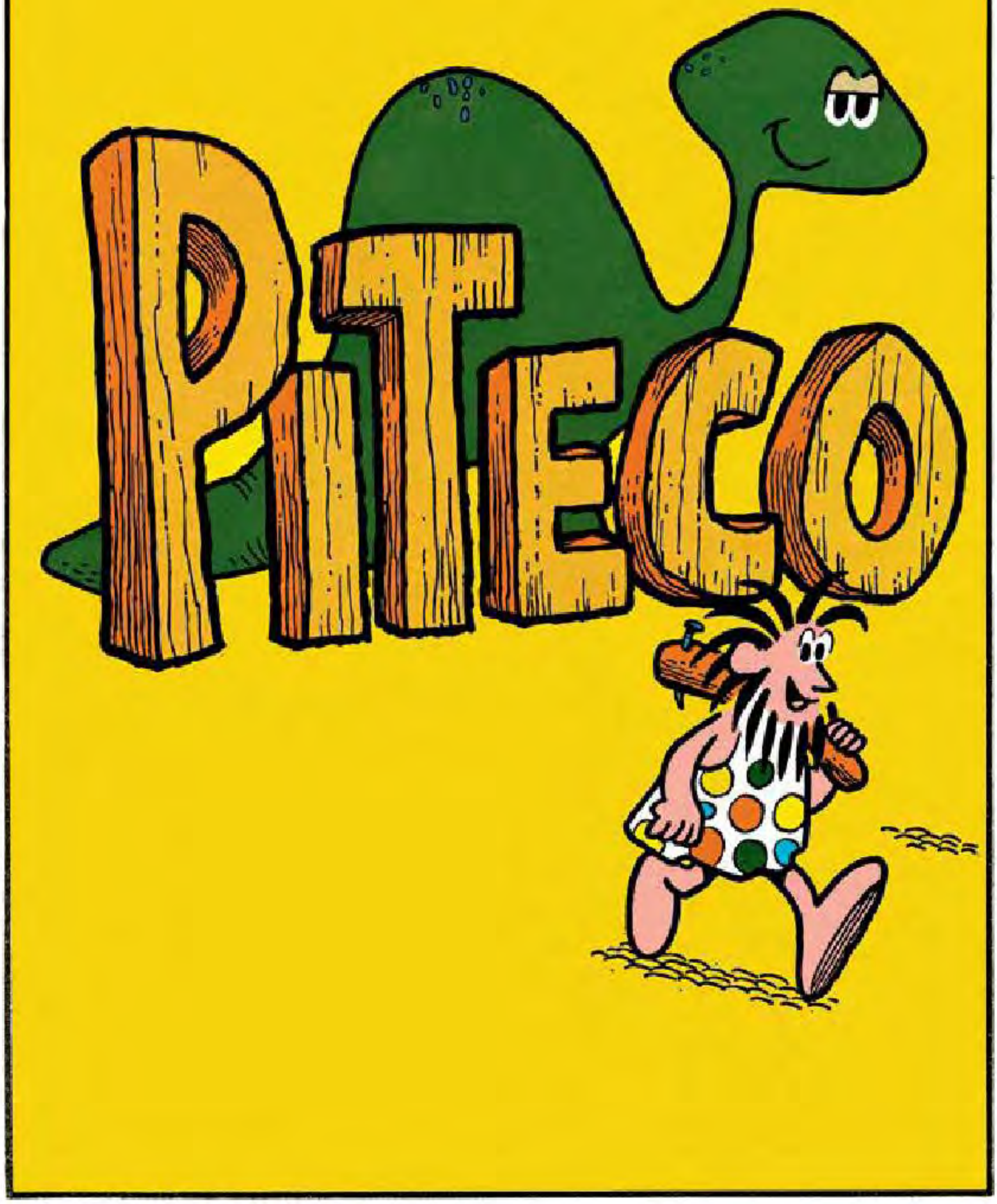
Depois que o Hiro explica
o plano, Zé fica radiante.
Saem correndo à procura do
«dragão imaginário».

E o encontram...
e explicam o plano.
O dragão fica exultante.
Finalmente vai poder ser visto.
Acreditado de novo.
E, especialmente, vai poder usar suas
asinhas de morcego novamente.

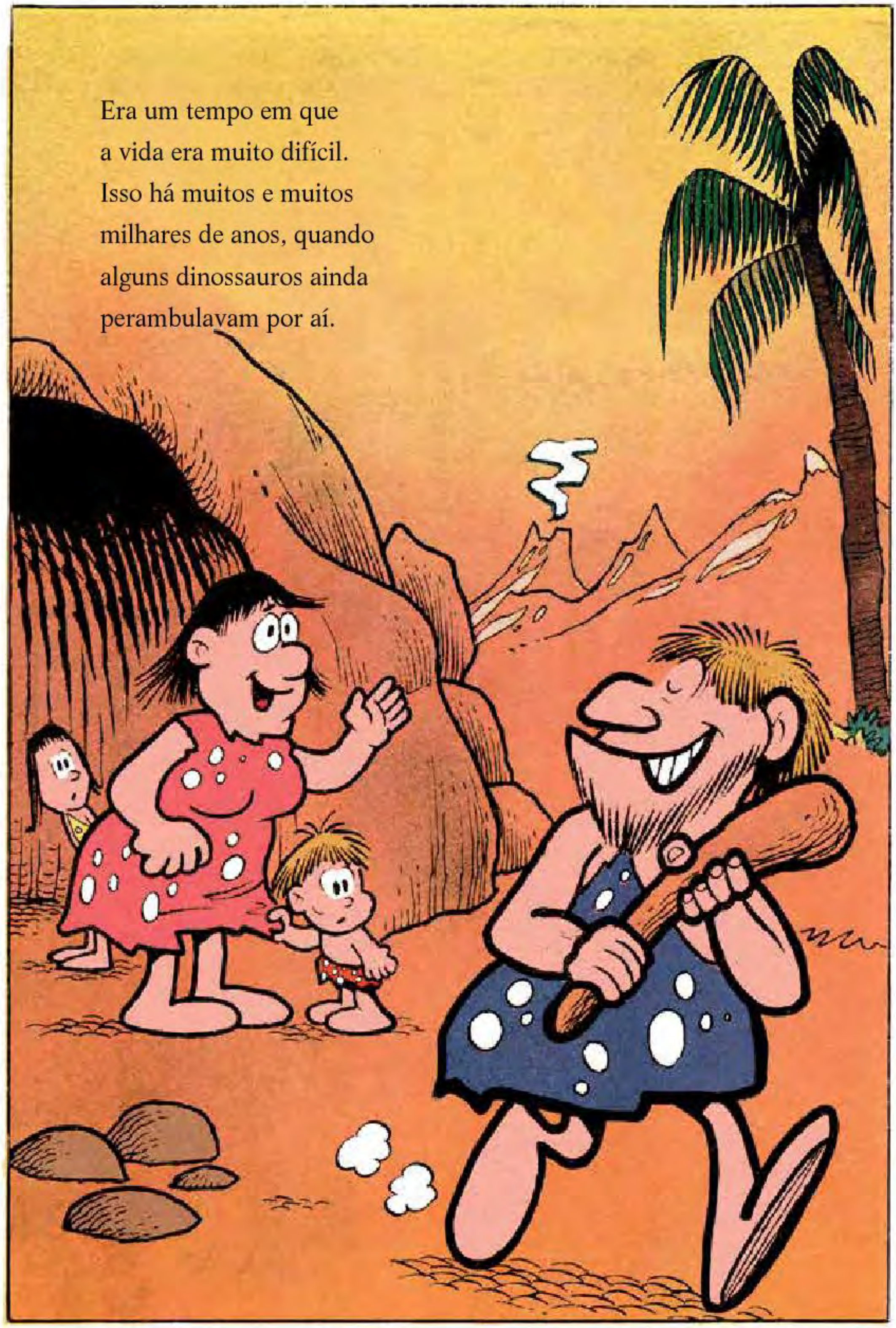


Na noite seguinte,
num grande observatório
astronômico, um cientista
apavorado dá o alarme:
– Professor, venha correndo!
O pobre do São Jorge está
enfrentando dois dragões hoje!

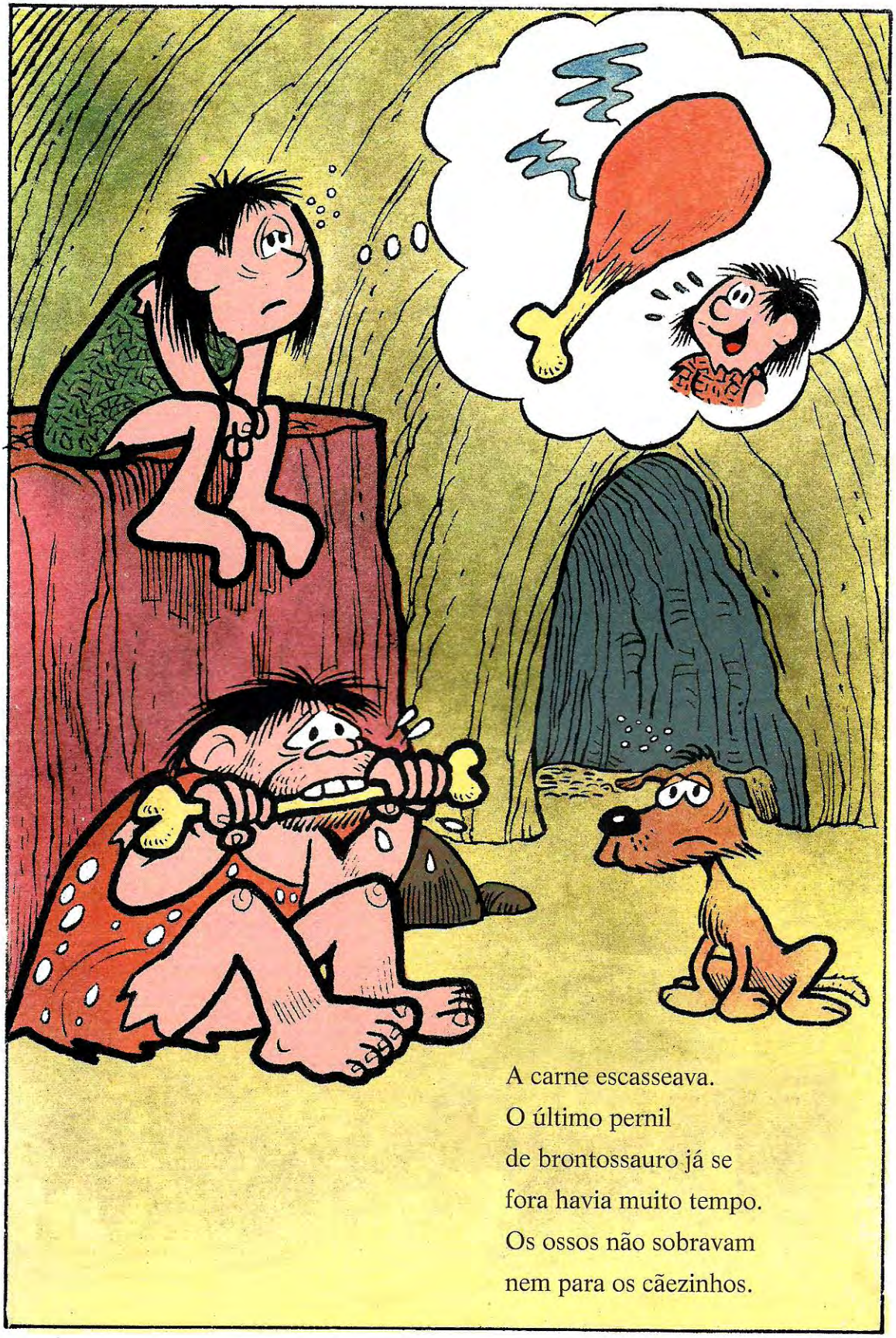
MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES



Era um tempo em que
a vida era muito difícil.
Isso há muitos e muitos
milhares de anos, quando
alguns dinossauros ainda
perambulavam por aí.

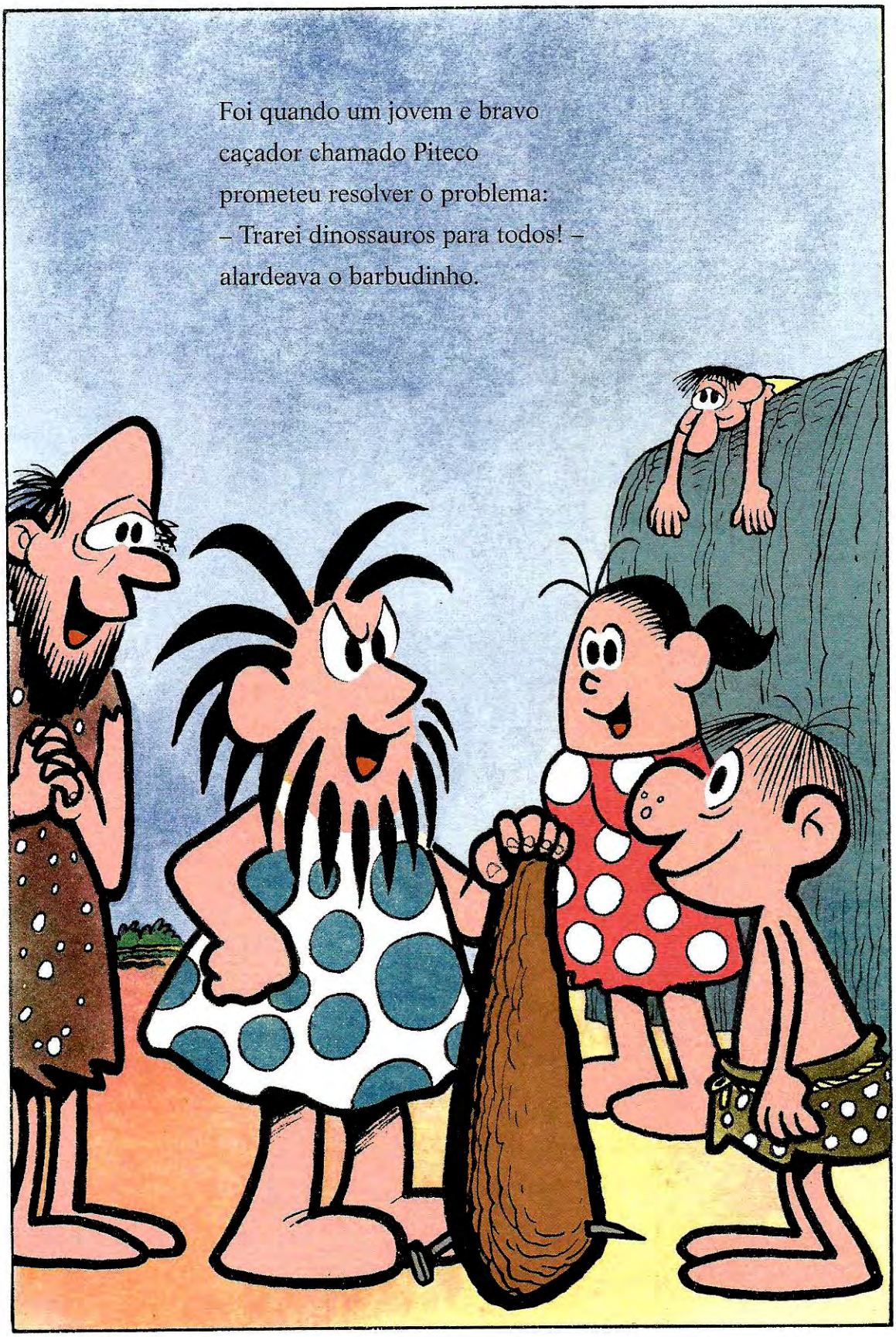


A caça nem sempre era
fácil e a fome ameaçava
os primeiros homens.



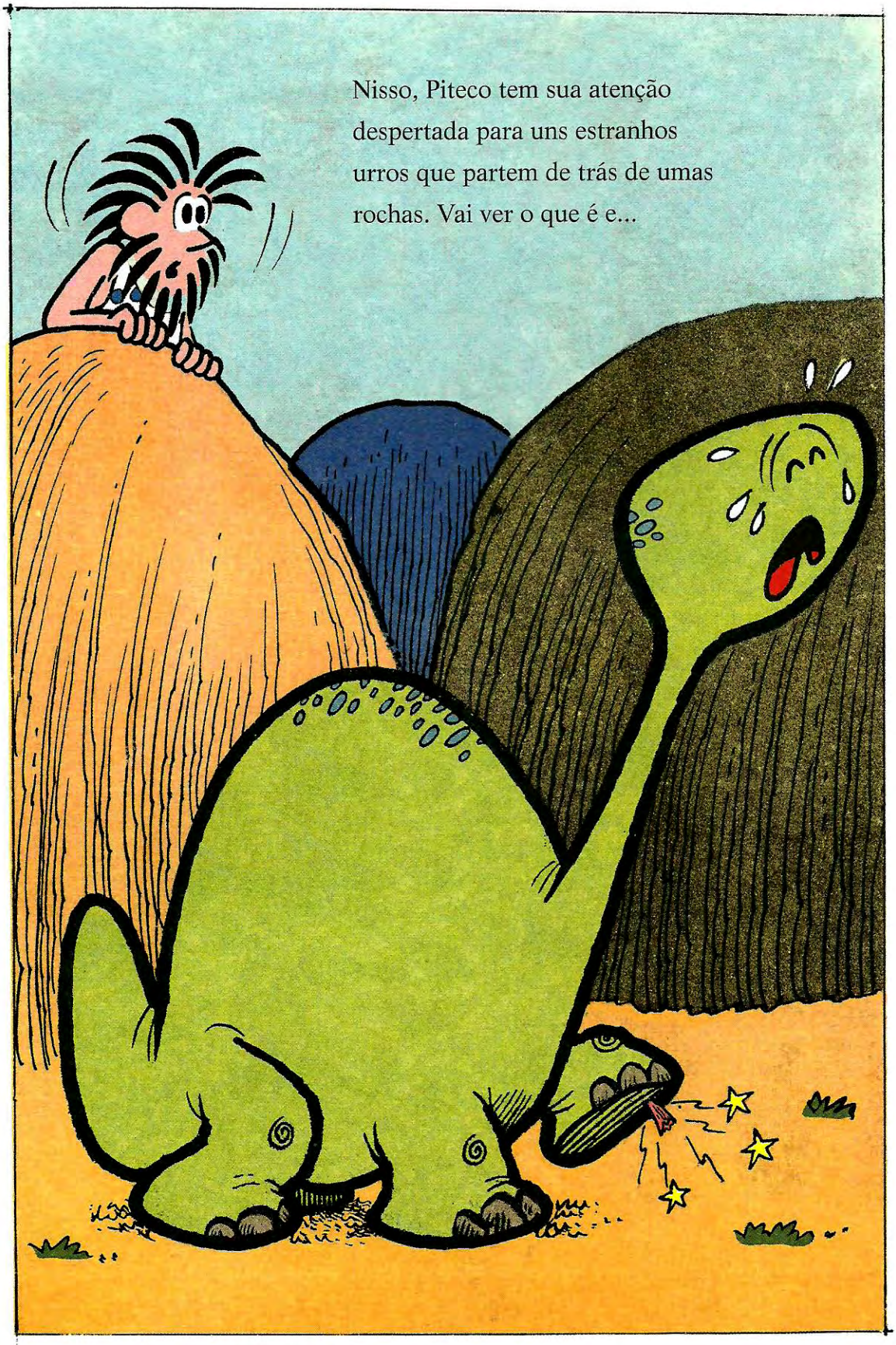
A carne escasseava.
O último pernil
de brontossauro já se
fora havia muito tempo.
Os ossos não sobravam
nem para os cãezinhos.

Foi quando um jovem e bravo
caçador chamado Piteco
prometeu resolver o problema:
– Trarei dinossauros para todos! –
alardeava o barbudinho.

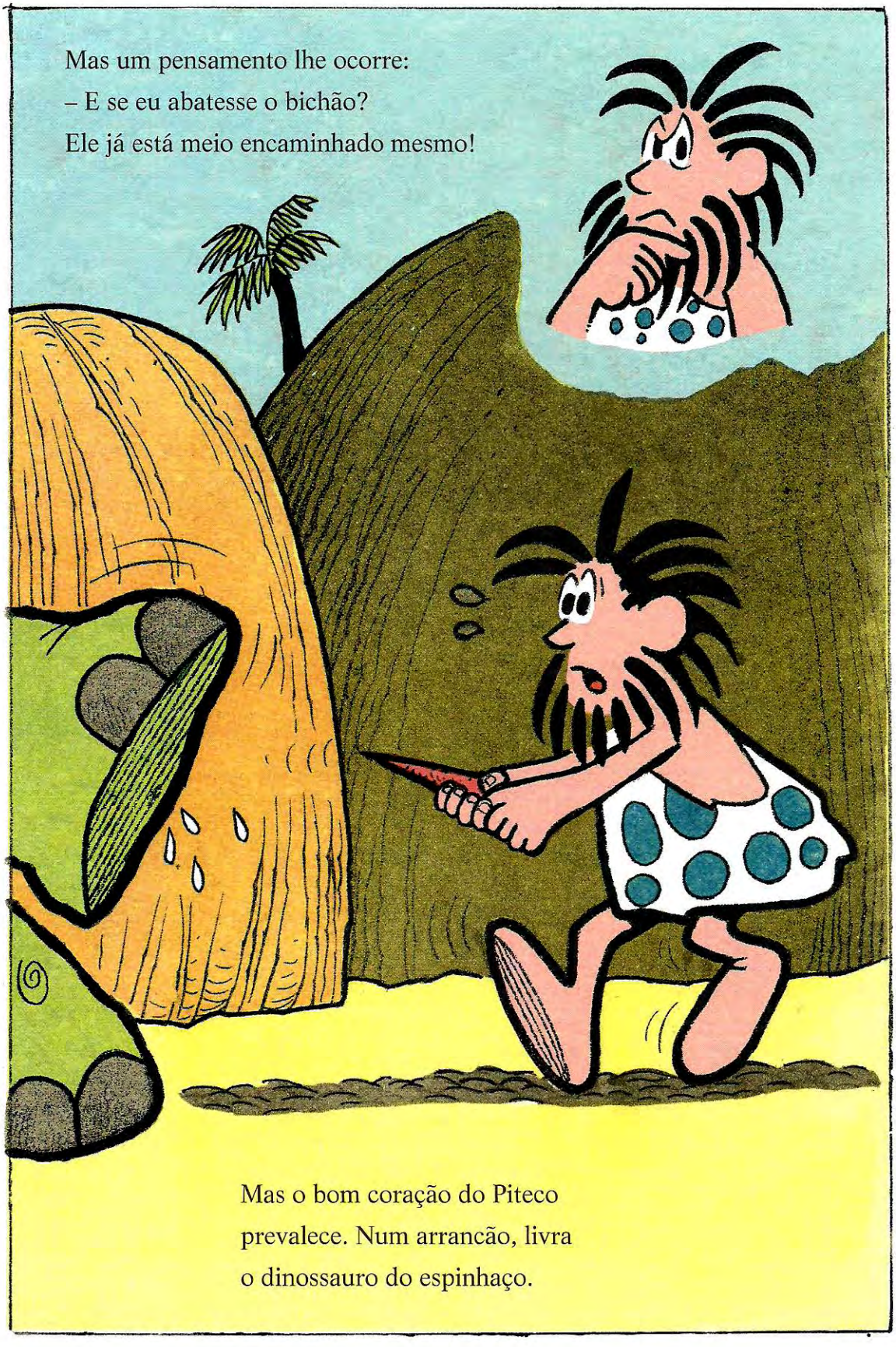


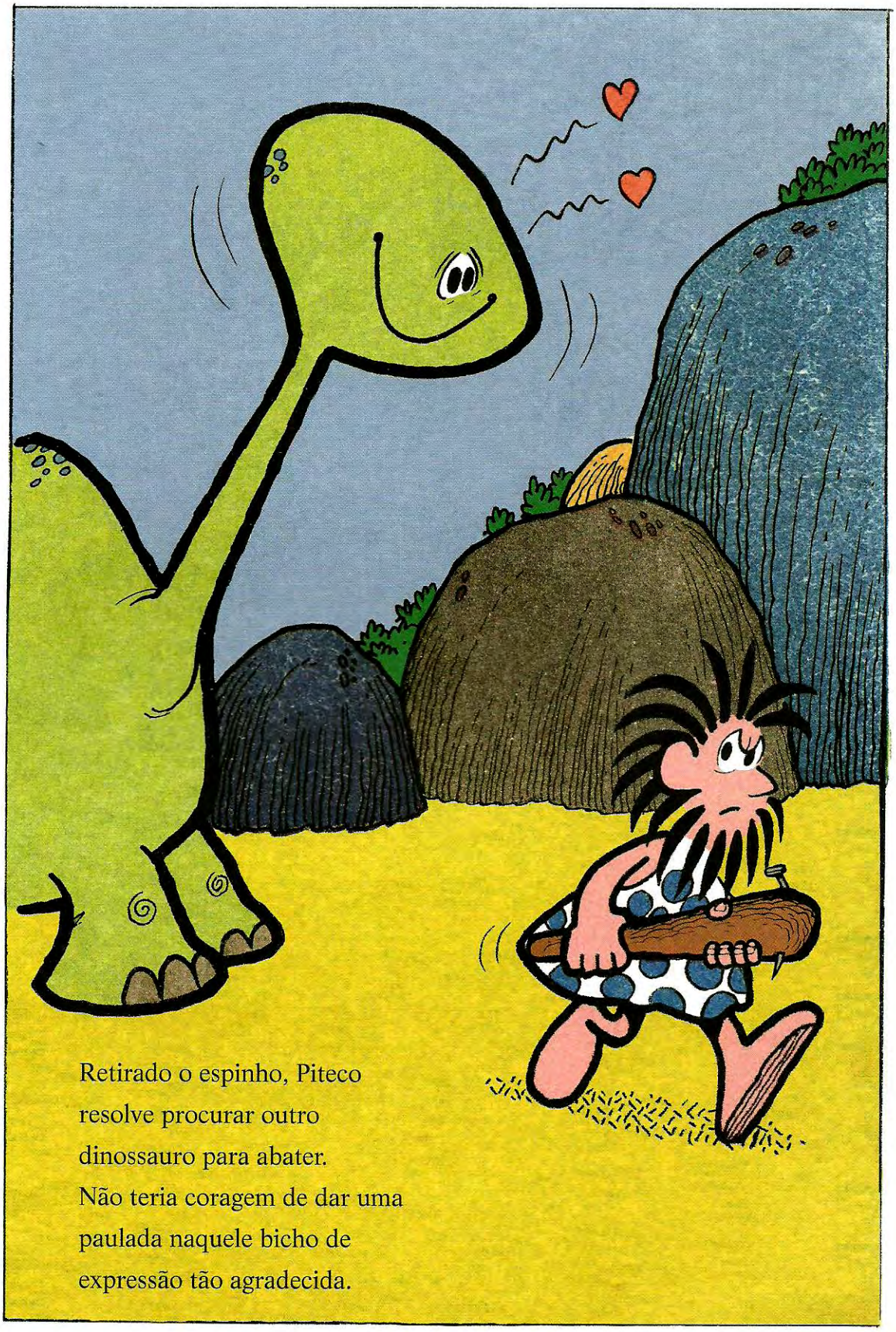
Renasceu a esperança nos corações daqueles famintos. O jovem caçador iria salvá-los, com sua clava e sua inteligência!

Mas nem o «Branco capador» parecia ter mais sorte que os demais.
A caça devia estar caçando por outras bandas.


Nisso, Piteco tem sua atenção despertada para uns estranhos urros que partem de trás de umas rochas. Vai ver o que é e...

– Um dinossauro ferido! –
exclama. – Tem um espinho
cravado no pé!
A primeira reação do Piteco
é socorrer o animal,
arrancando o espinho.

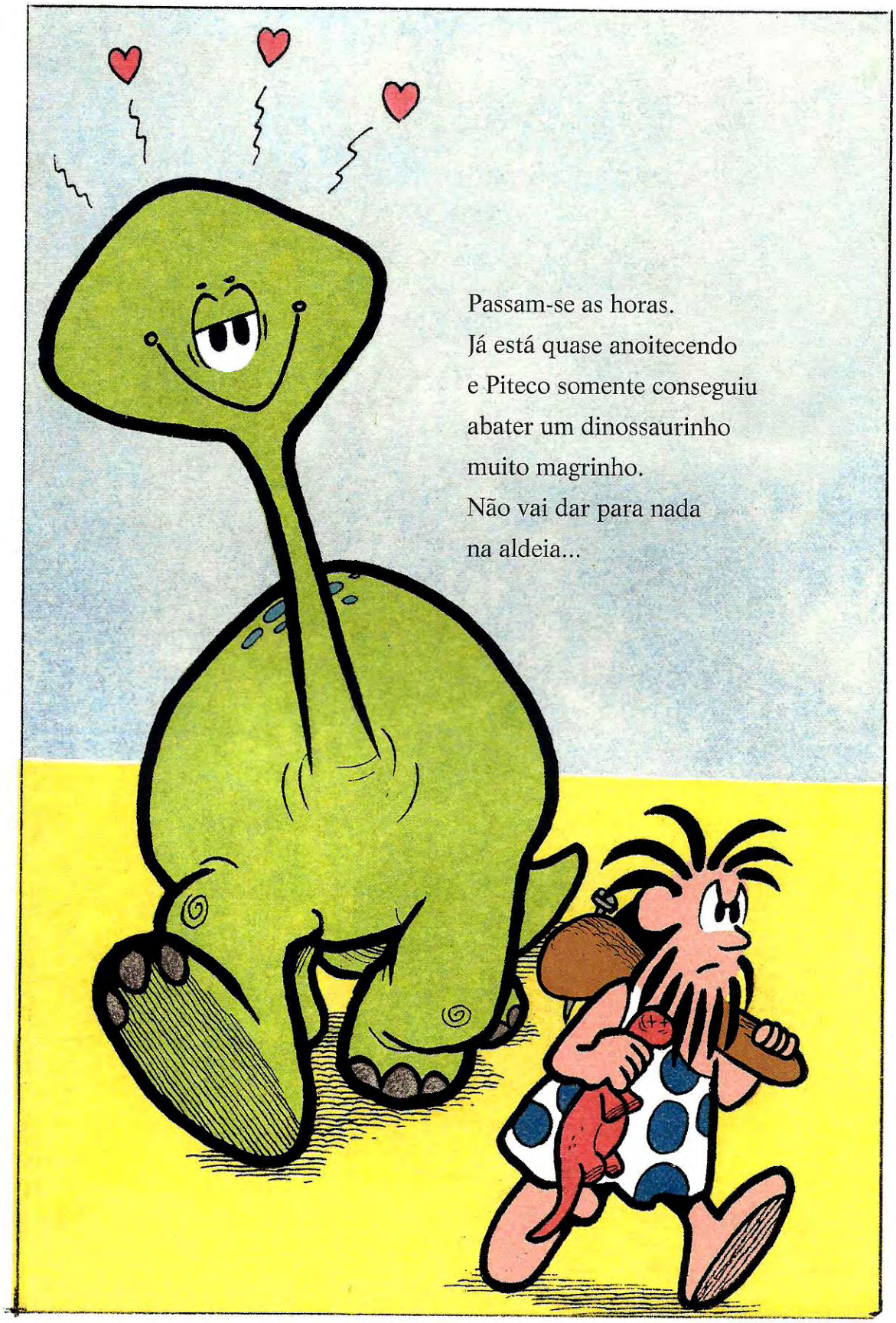

Mas um pensamento lhe ocorre:
– E se eu abatesse o bichão?
Ele já está meio encaminhado mesmo!
Mas o bom coração do Piteco
prevalece. Num arrancão, livra
o dinossauro do espinhaço.



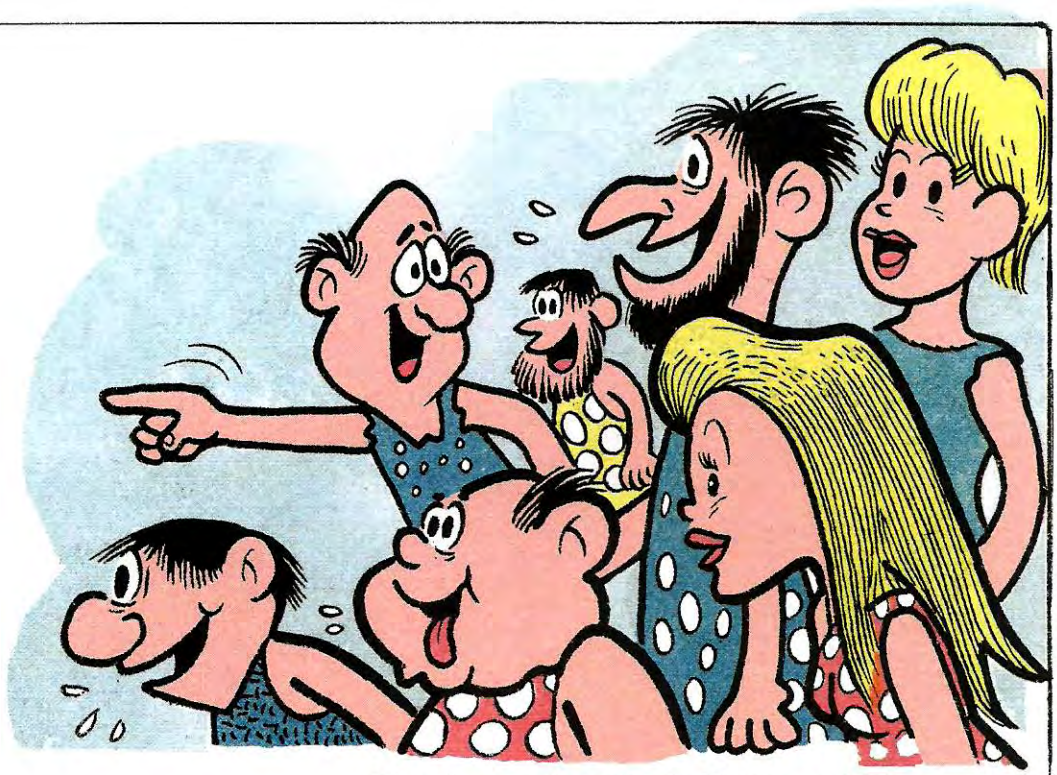
Retirado o espinho, Piteco resolve procurar outro dinossauro para abater. Não teria coragem de dar uma paulada naquele bicho de expressão tão agradecida.

Mas o bicho de expressão tão agradecida resolve expressar mais gratidão ainda.
Passa a seguir Piteco pela mata adentro, como se fosse um cachorrinho...

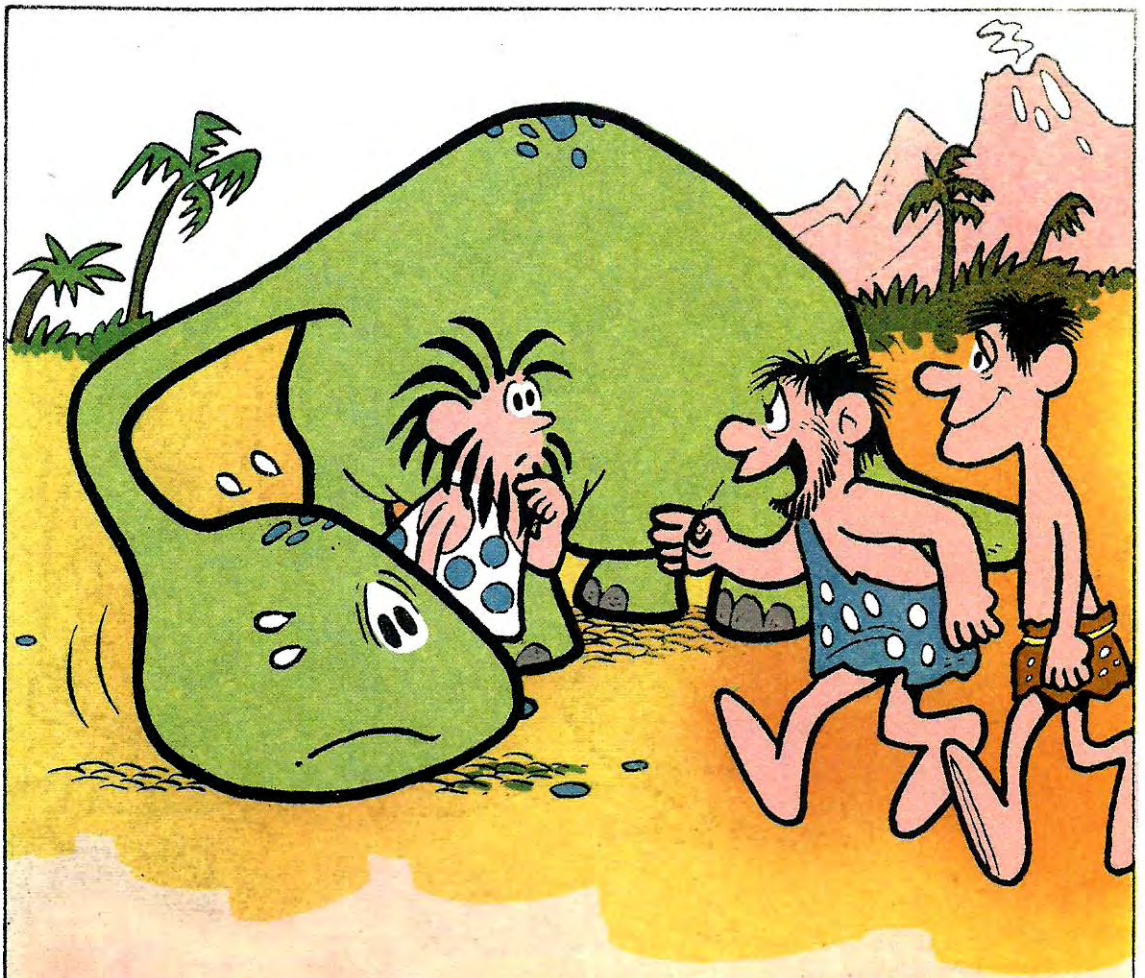
... não obstante os violentos sermões do jovem caçador.



Passam-se as horas.
Já está quase anoitecendo
e Piteco somente conseguiu
abater um dinossaurinho
muito magrinho.
Não vai dar para nada
na aldeia...



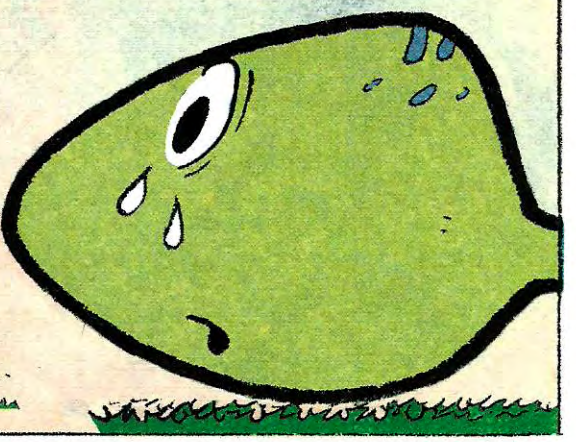
Mas, à aproximação do Piteco, a aldeia
se alvoroça. Logo atrás do jovem caçador
vem carne, da boa... aos montes... E fresquinha.
Andando, andando, ainda!
O dinossauro fica um tanto assustado.
Piteco logo adivinha o porquê do alvoroço.



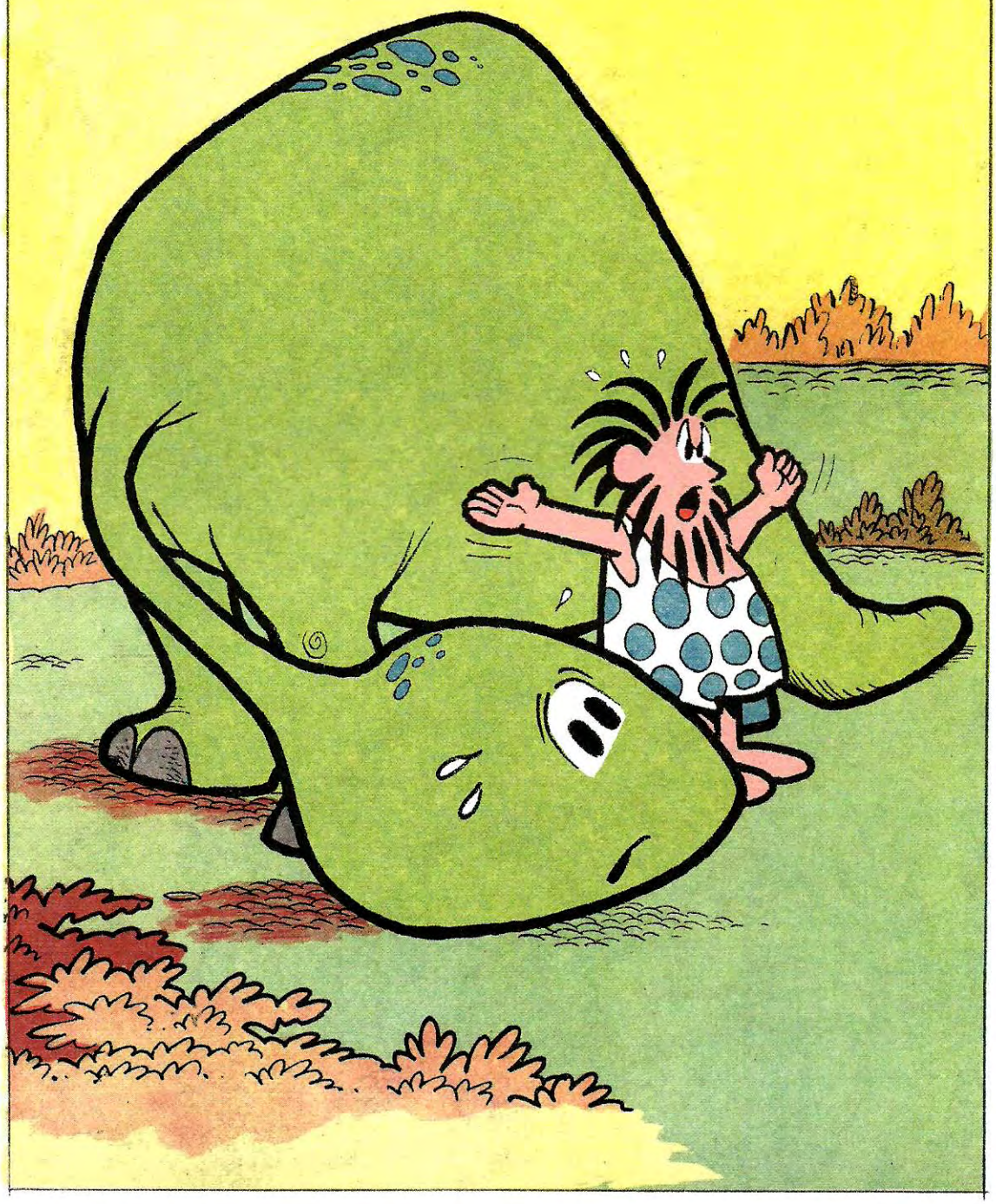
Enquanto o dinossauro
se aninha ao lado,
com medo, Piteco é
cumprimentado por ter
trazido tanta «comida».
Mas é inútil!
O nosso caçador não
teria coragem de matar
o simpático monstro!
E explica que «aquilo tudo»
é amiguinho seu.

– Eu o salvei – explica Piteco –
e ele está me seguindo desde que
saí da floresta.
Quer demonstrar gratidão!

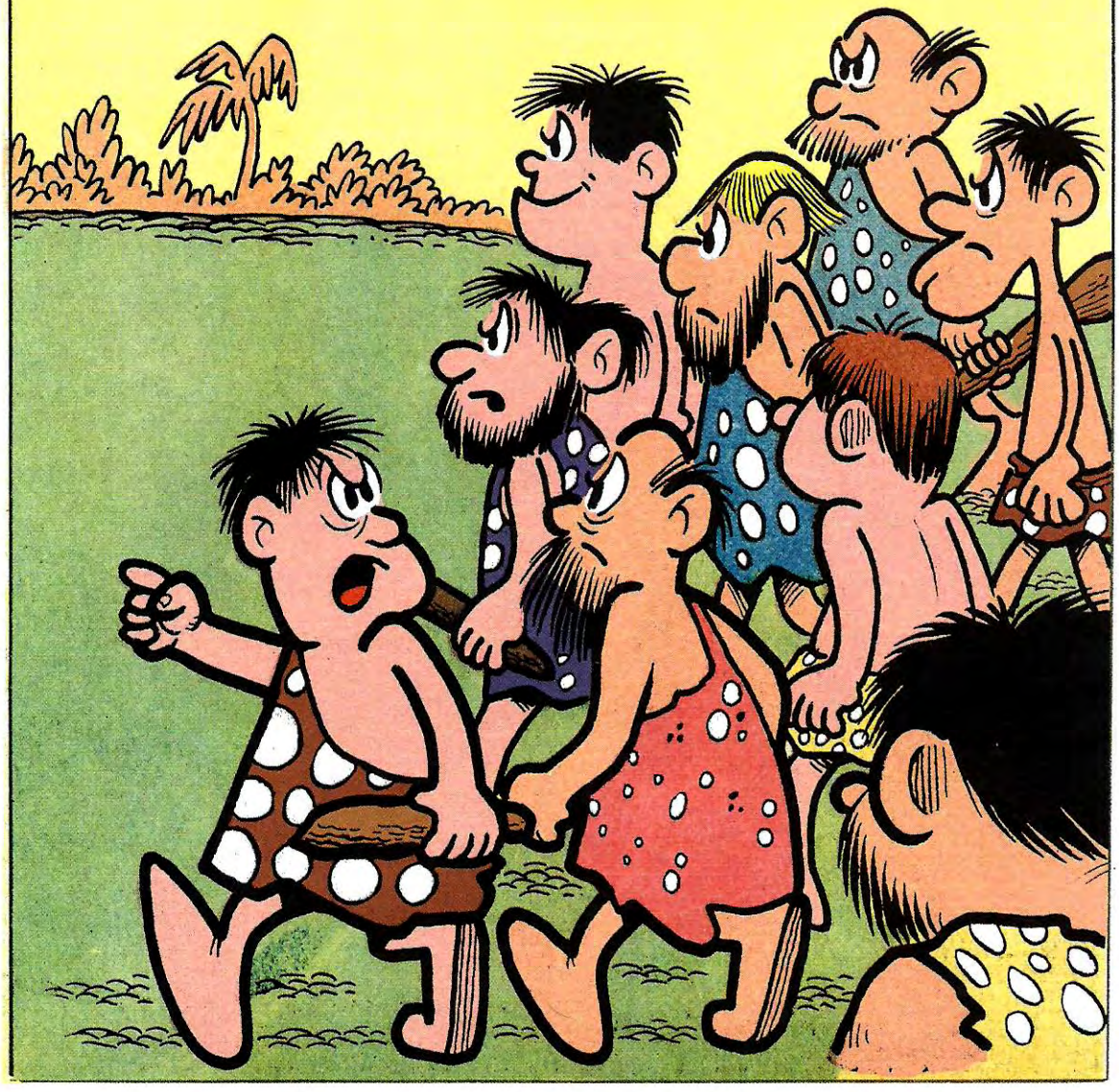
Os aldeões, porém, não
querem saber de conversa.
Querem que se abata
o animal imediatamente.



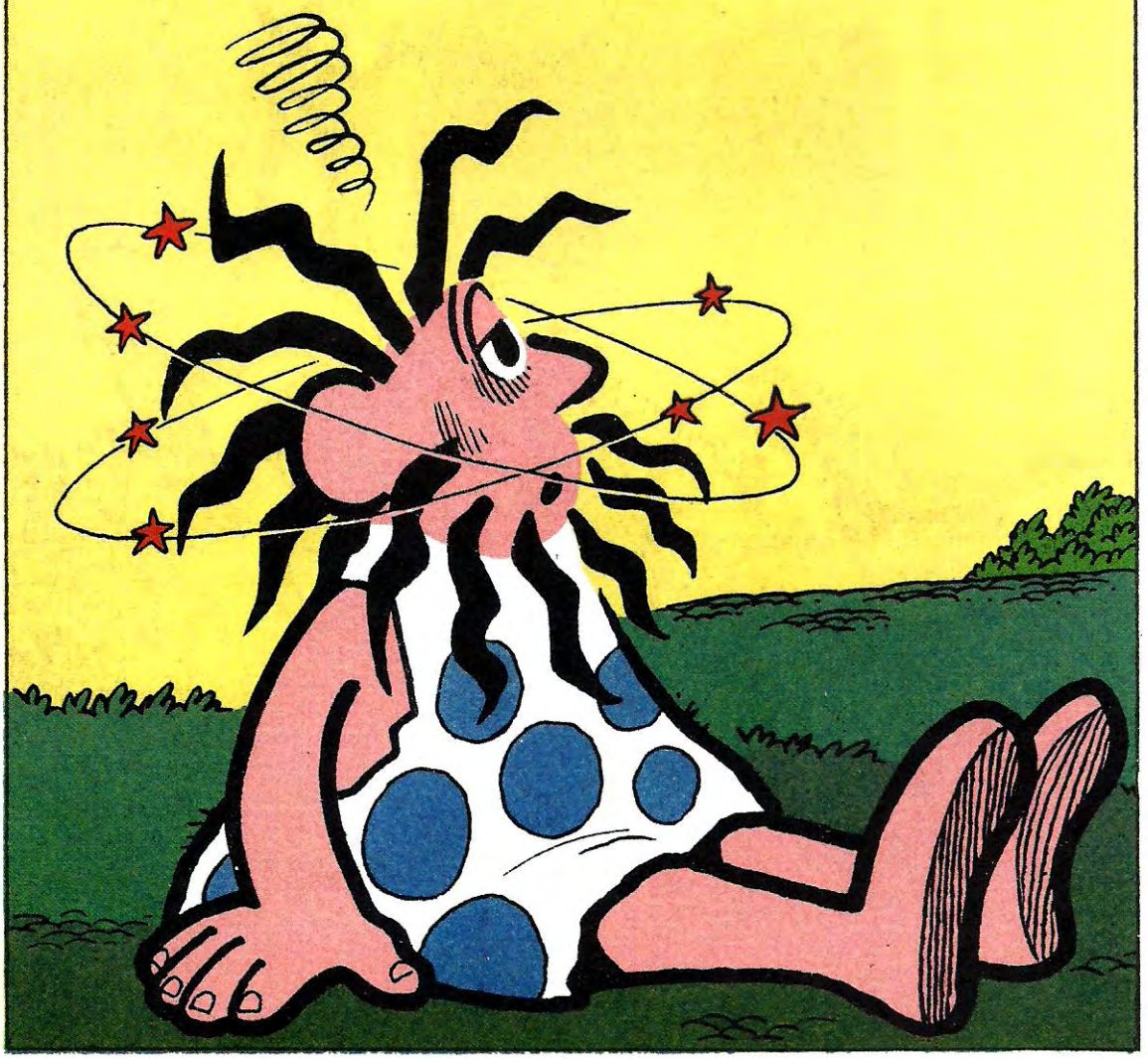
– Afastem-se. Eu caço outro animal para vocês – grita nosso herói.

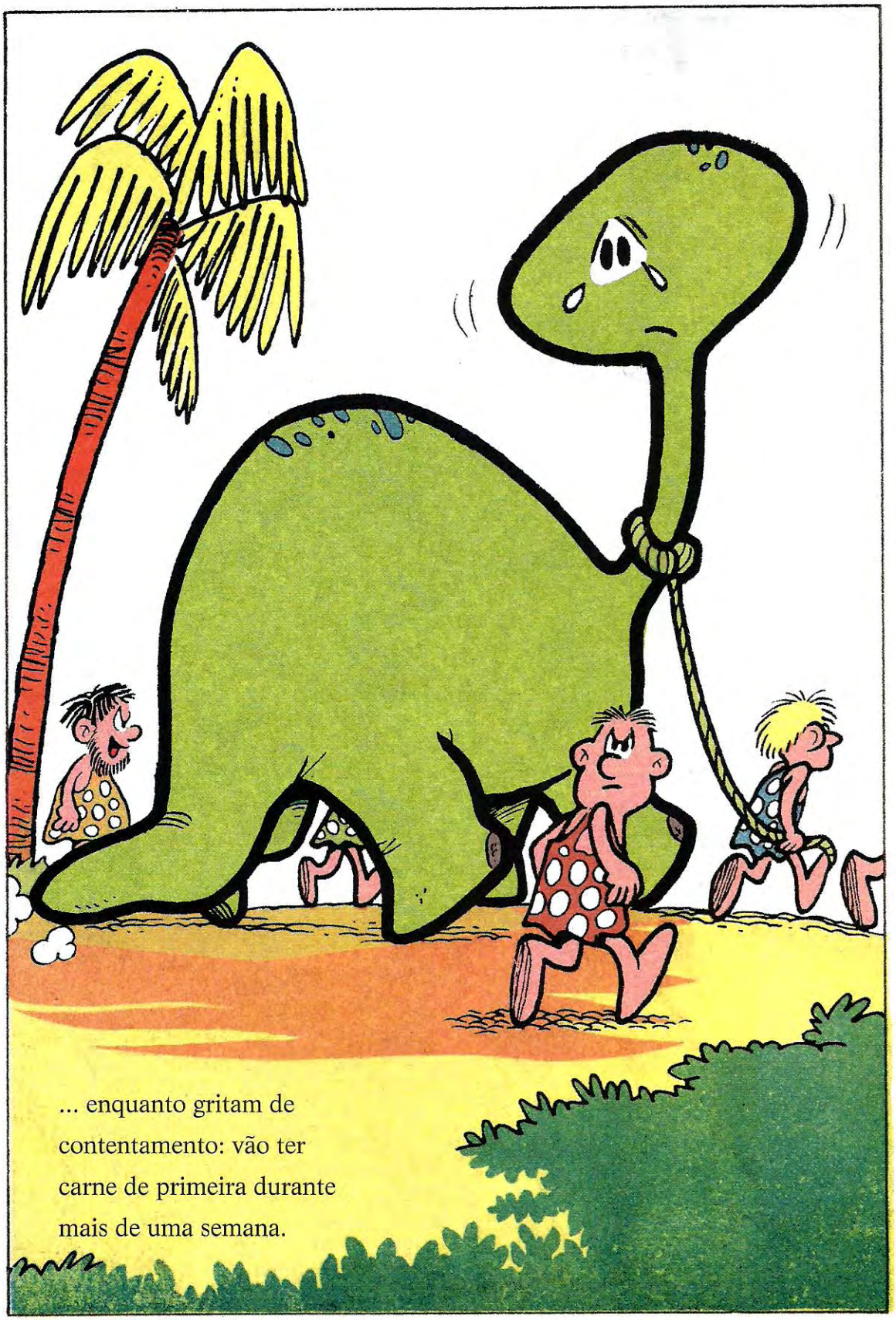


Piteco reage violentamente.
Ele não queria que o animal o seguisse.
Mas, agora que o bicho está ali, tão
amorosinho, não concebe a ideia de
vê-lo transformado em churrasco.

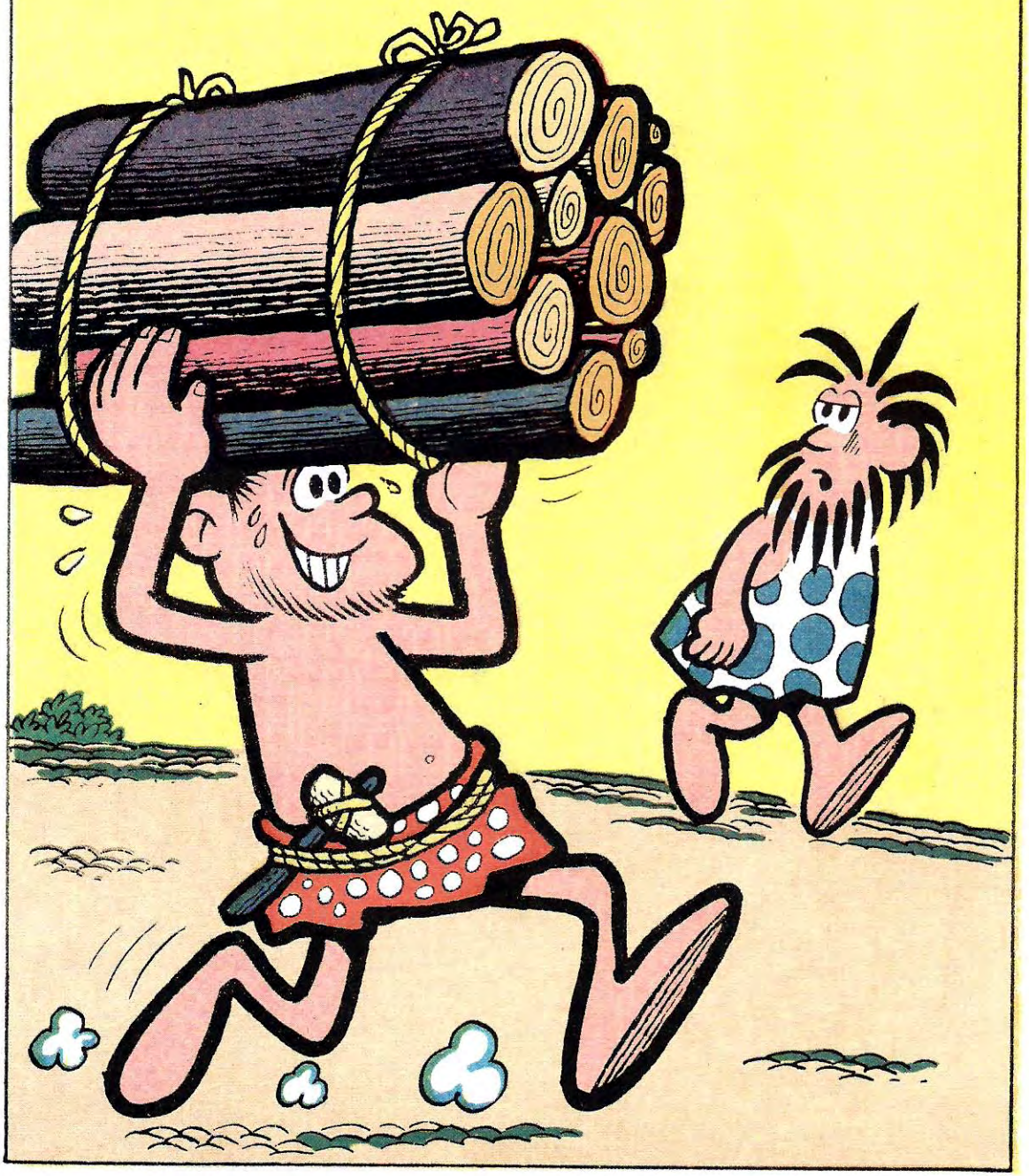


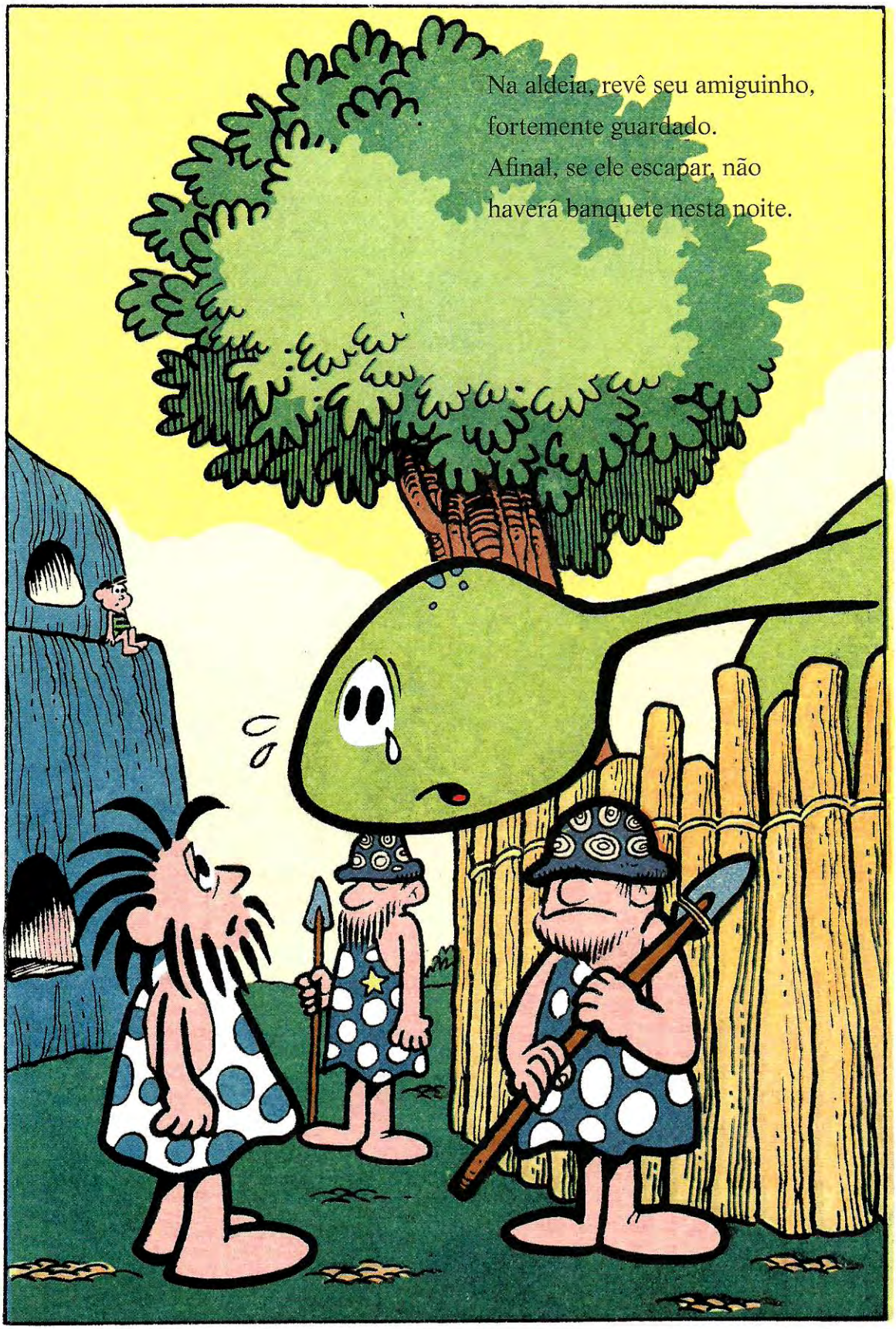
Mas a disposição de defender
o dinossauro logo cede à força
de umas pauladas. Piteco, meio
atordoado, vê os aldeões levarem
o «bichinho» para longe...




... enquanto gritam de
contentamento: vão ter
carne de primeira durante
mais de uma semana.

Mais tarde, já um tanto recuperado
da tunda que levou, Piteco retoma
o rumo da aldeia e, pelo caminho,
já observa os preparativos para
o grande churrasco.

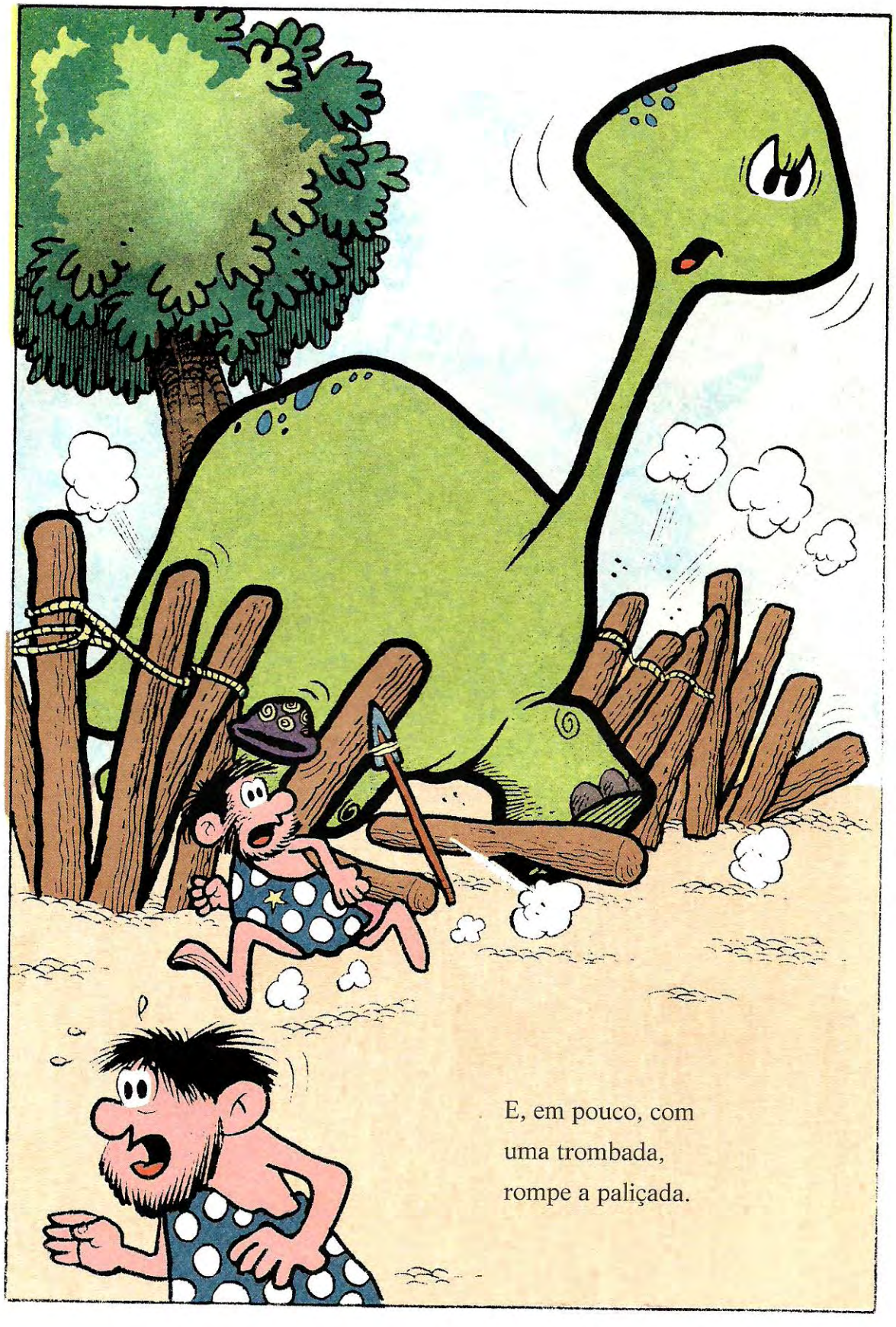



Na aldeia, revê seu amiguinho,
fortemente guardado.
Afinal, se ele escapar, não
haverá banquete nesta noite.

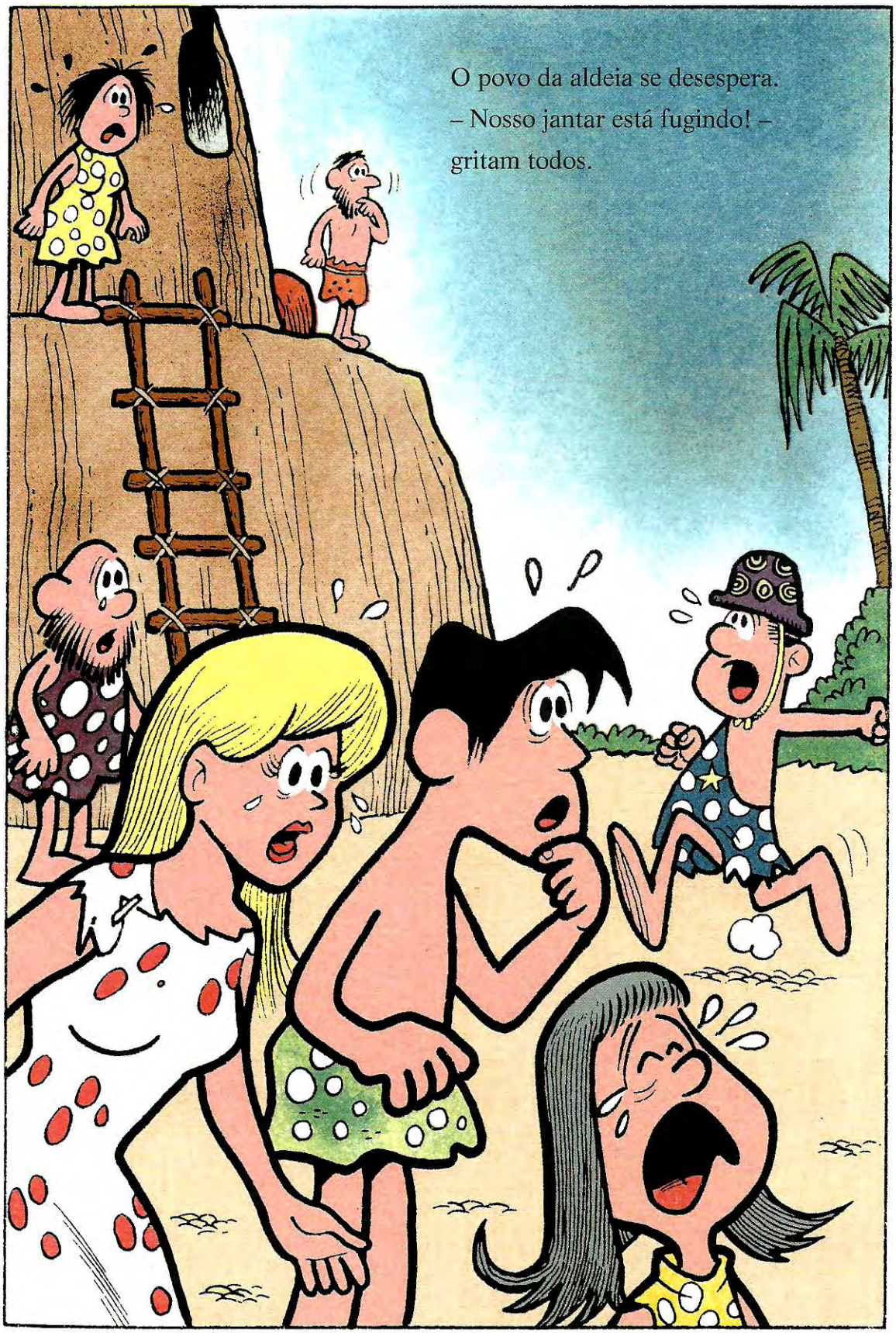
Piteco resolve deixar a aldeia
por aquela noite. Aprendeu
a gostar do bichinho e não
suportaria ver a sua execução.

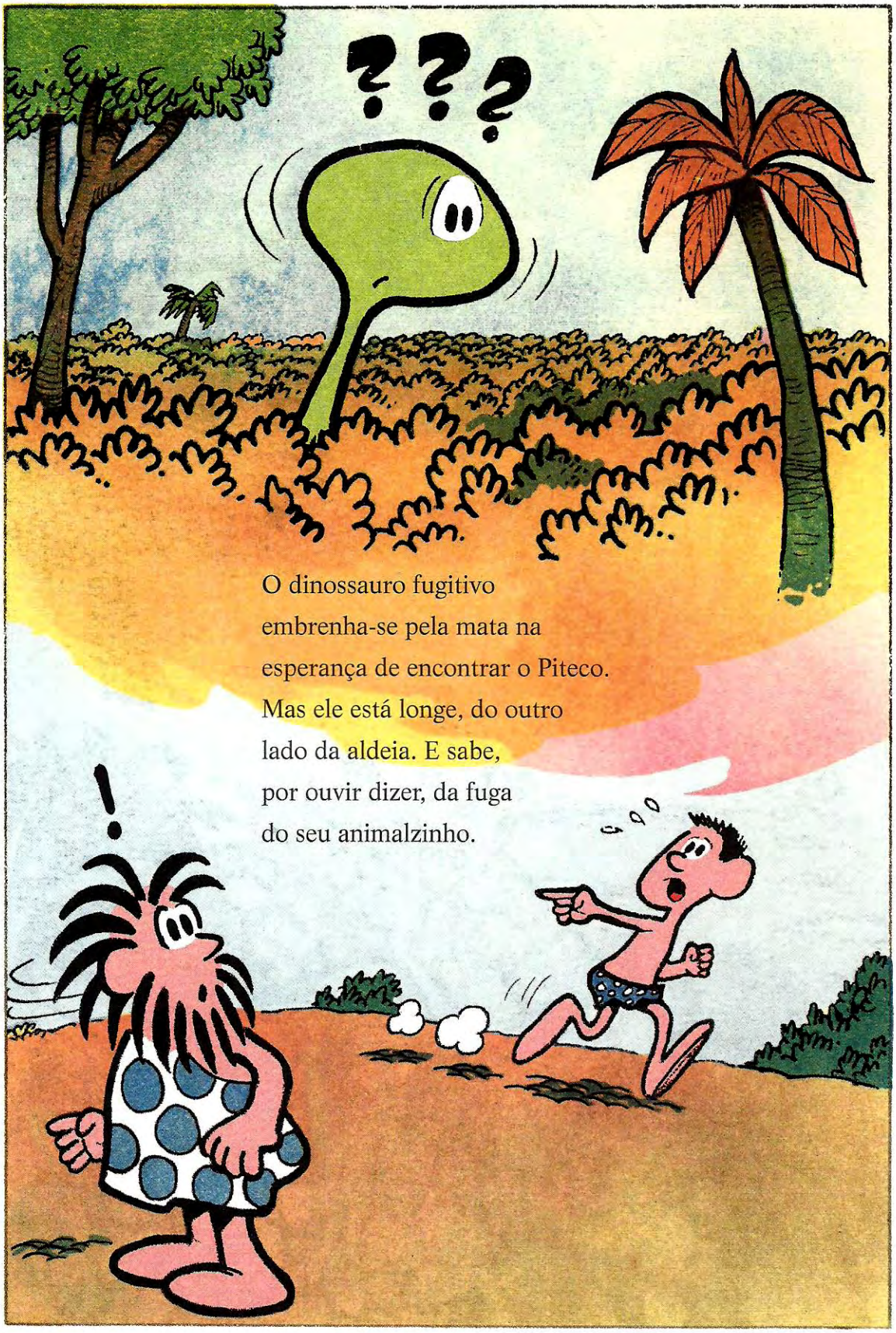
– Se não houvesse tanta fome
na aldeia – pensa ele –, daria
um jeito para ele escapar!
Mas não posso fazer isso.
O povo não vê carne fresca
há muito tempo.

Mas Piteco não conta com o desespero do dinossauro.
Este, ao vê-lo afastar-se, começa a espernear.

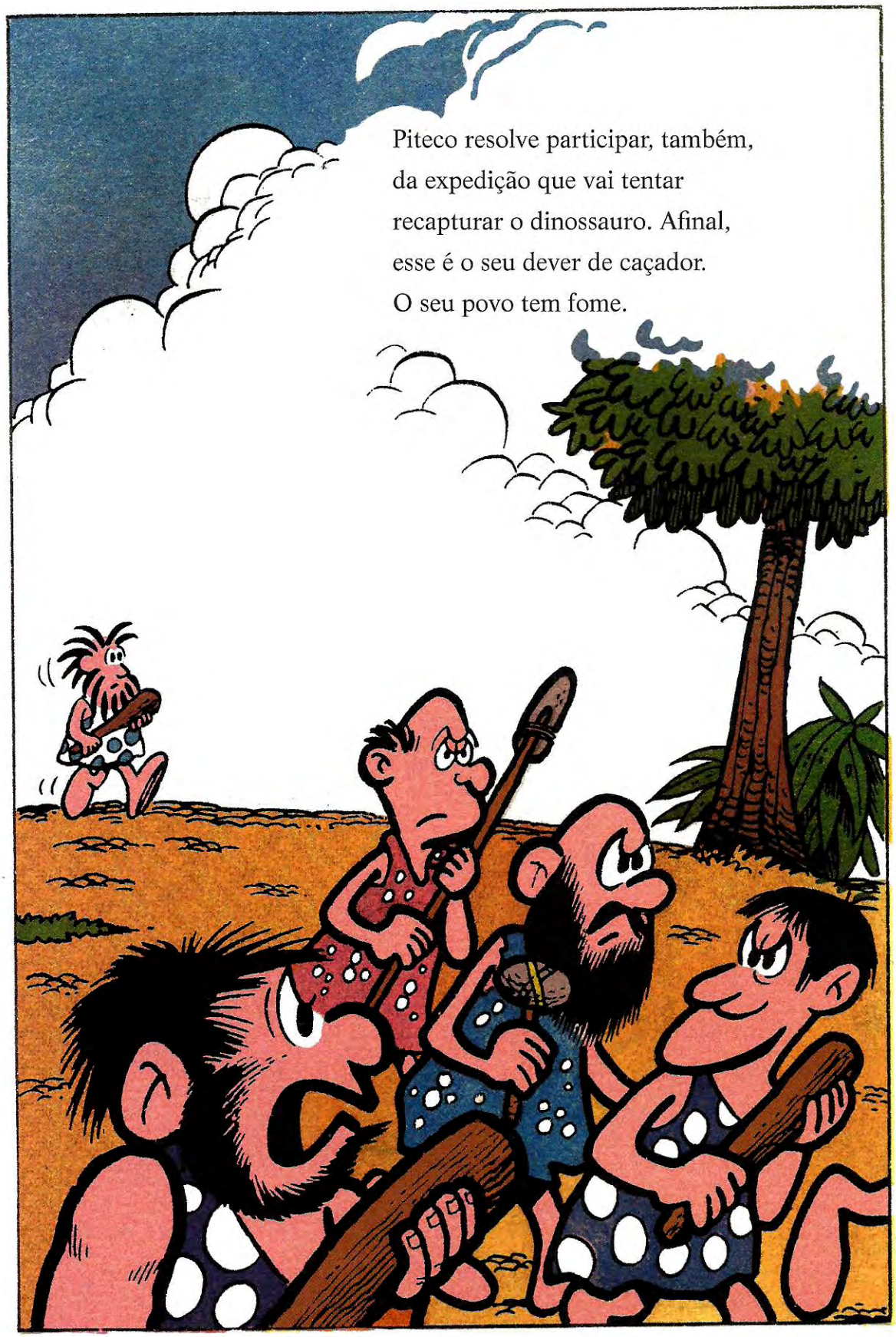


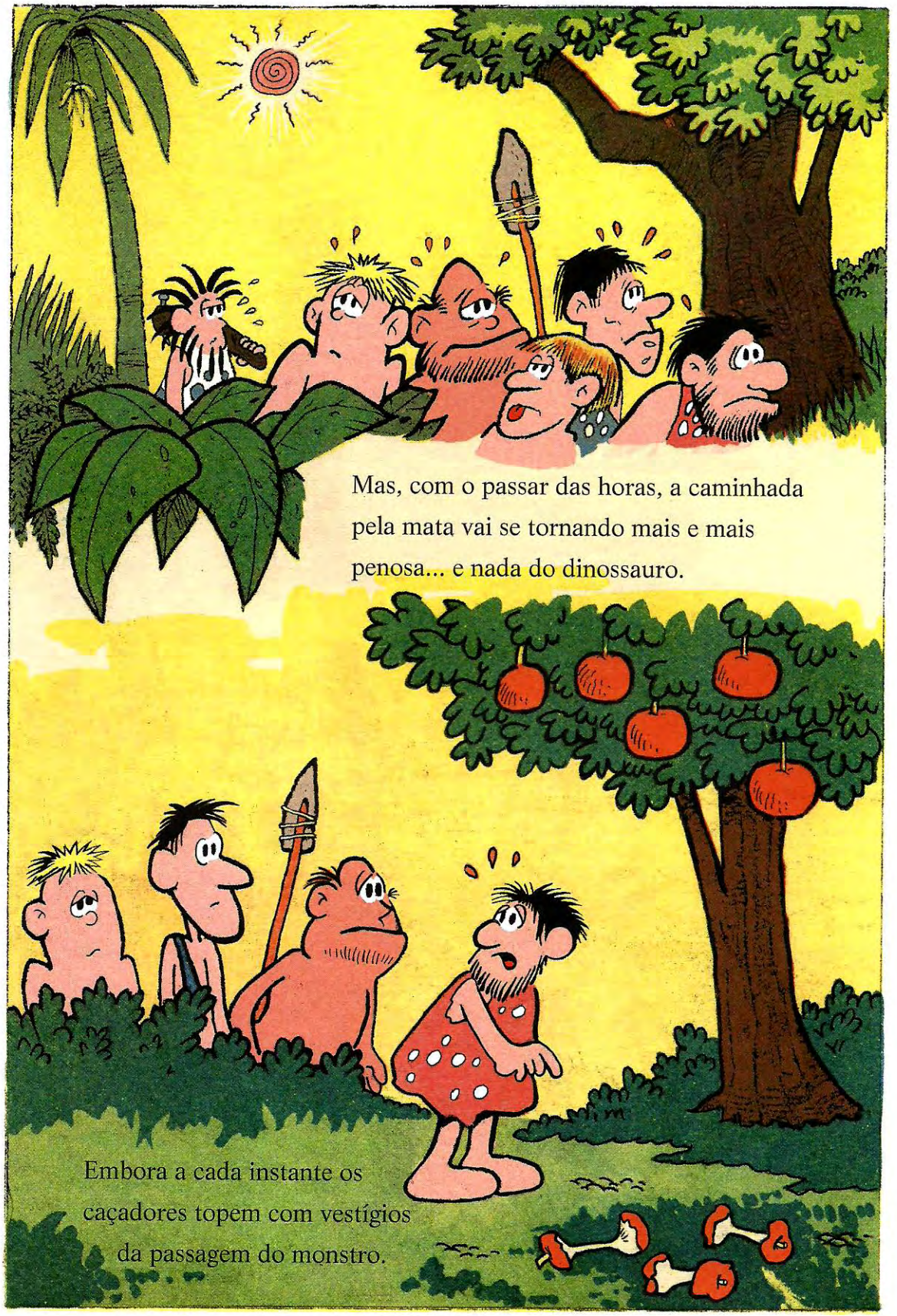
E, em pouco, com
uma trombada,
rompe a paliçada.

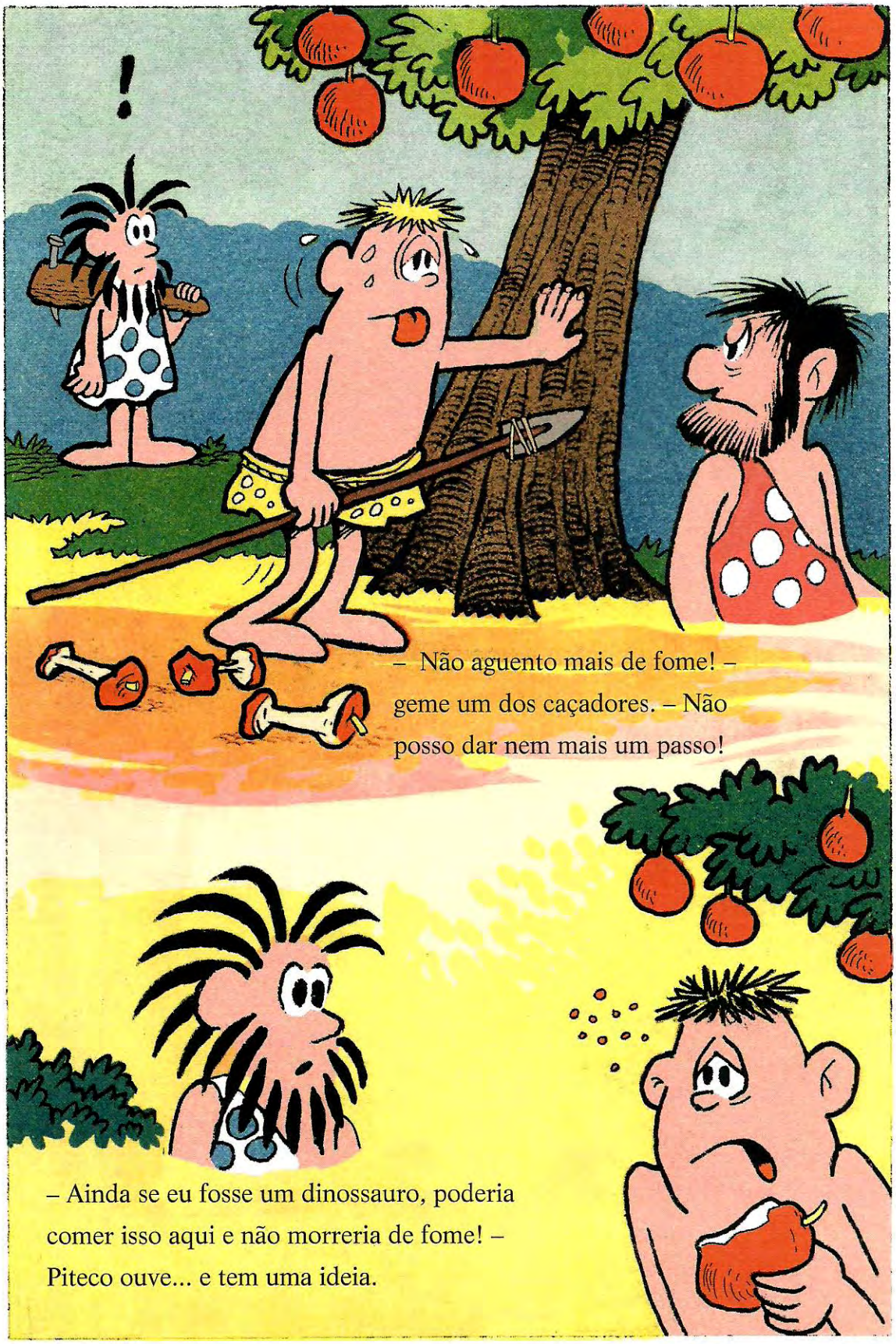

O povo da aldeia se desespera.
– Nosso jantar está fugindo! –
gritam todos.

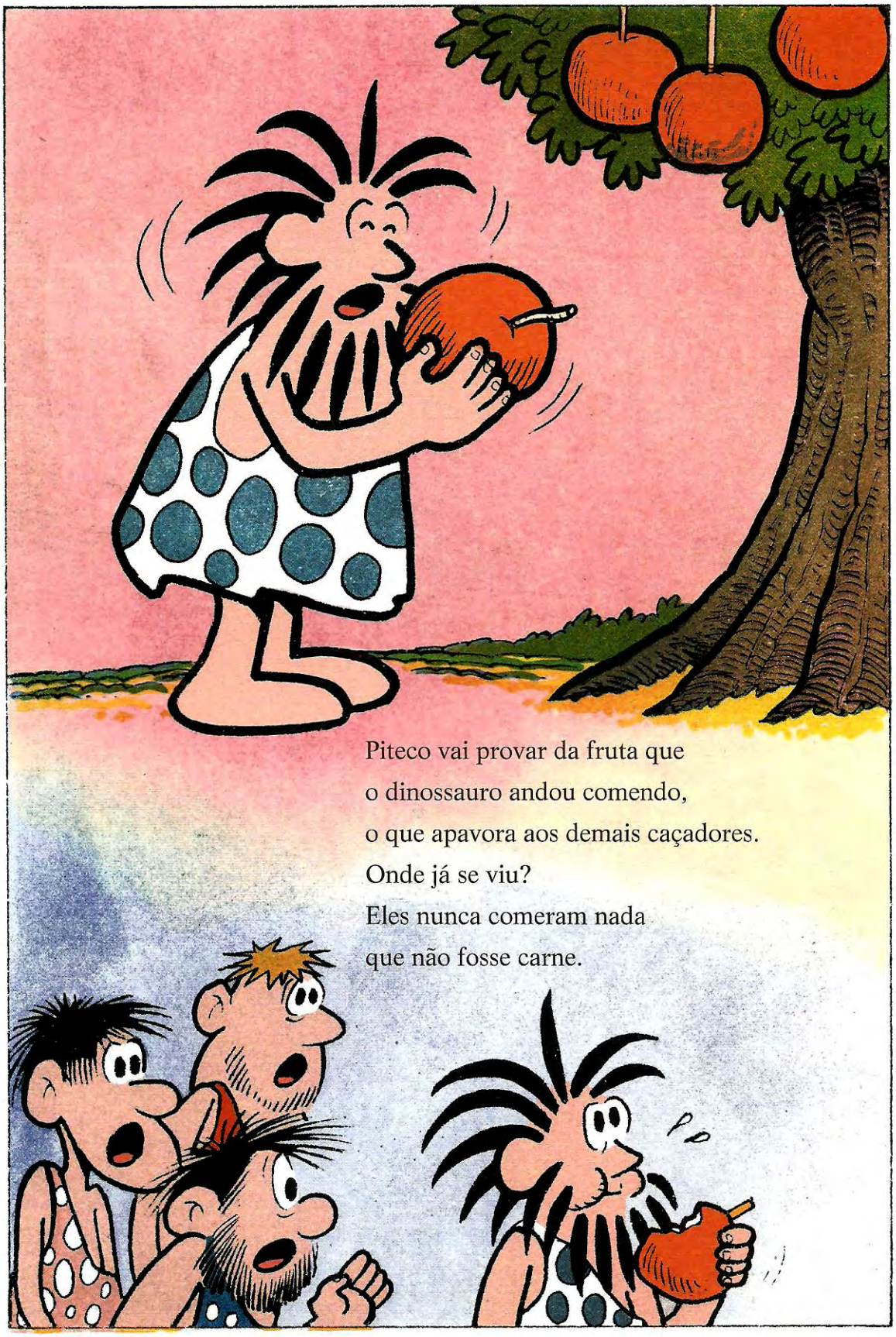


O dinossauro fugitivo
embrenha-se pela mata na
esperança de encontrar o Piteco.
Mas ele está longe, do outro
lado da aldeia. E sabe,
por ouvir dizer, da fuga
do seu animalzinho.


Piteco resolve participar, também,
da expedição que vai tentar
recapturar o dinossauro. Afinal,
esse é o seu dever de caçador.
O seu povo tem fome.


Mas, com o passar das horas, a caminhada pela mata vai se tornando mais e mais penosa... e nada do dinossauro.
Embora a cada instante os caçadores topem com vestígios da passagem do monstro.


!
– Não aguento mais de fome! – geme um dos caçadores. – Não posso dar nem mais um passo!
– Ainda se eu fosse um dinossauro, poderia comer isso aqui e não morreria de fome! – Piteco ouve... e tem uma ideia.



Piteco vai provar da fruta que
o dinossauro andou comendo,
o que apavora aos demais caçadores.
Onde já se viu?
Eles nunca comeram nada
que não fosse carne.

Mas Piteco continua comendo,
gosta da fruta e diz isso aos
companheiros.
A fome faz o resto.

Dali a pouco, os bravos caçadores
estão voltando para a aldeia,
carregados de frutos.
O povo não passará mais fome
quando faltar carne.

Ah! O dinossauro?
Vai bem, obrigado!
Aliás, é o animalzinho
de estimação do Piteco.
E ninguém pensa mais
em devorá-lo, depois
que provaram o gosto
de maçãs, laranjas,
bananas e pêssegos.

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES

PENADINHO

CONTRA O CAÇADOR DE CABEÇA

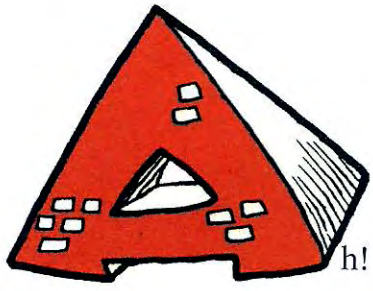
Este é o Penadinho, um
fantasminha boa-praça.
Mora num cemiteriozinho
lá nos arredores da cidade,
juntamente com outros
amiguinhos seus...
Também fantasmas, é lógico.

as há alguns outros personagens naquele recanto fantasmagórico que não são, exatamente, fantasmas. Frank é um deles.

QUANDO É QUE VOCÊ VAI FAZER AQUELA OPERAÇÃOZINHA PLÁSTICA, HEM?

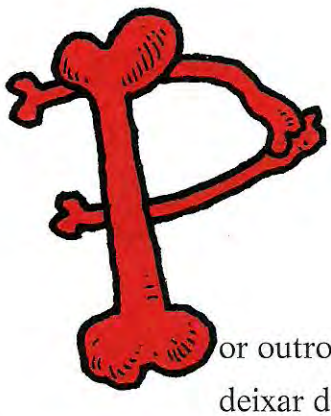
utro é o Zé Vampir, garotinho
aparentado com um nobre
– um tal de Conde Drácula –
e que vive sonhando com um
emprego num banco de sangue.

...QUE PESADELO, "SEU"! IMAGINE QUE EU SONHEI QUE ESTAVA ANÊMICO!
!



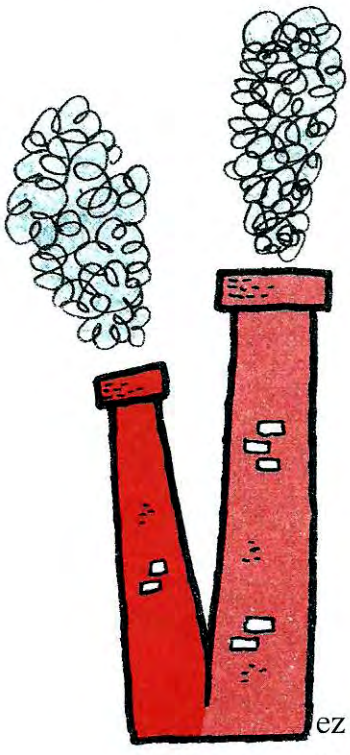
h! Esquecemos de um outro amigo muito querido do Penadinho: o Muminho, que um dia fugiu do museu e veio morar junto com a «turminha» do outro mundo, no cemitério.

...EU TINHA QUE FUGIR DE LÁ, PENADINHO! TODOS OS ESTUDANTES DO CURSO DE ENFERMAGEM IAM LÁ TREINAR COM MINHAS ATADURAS!
!

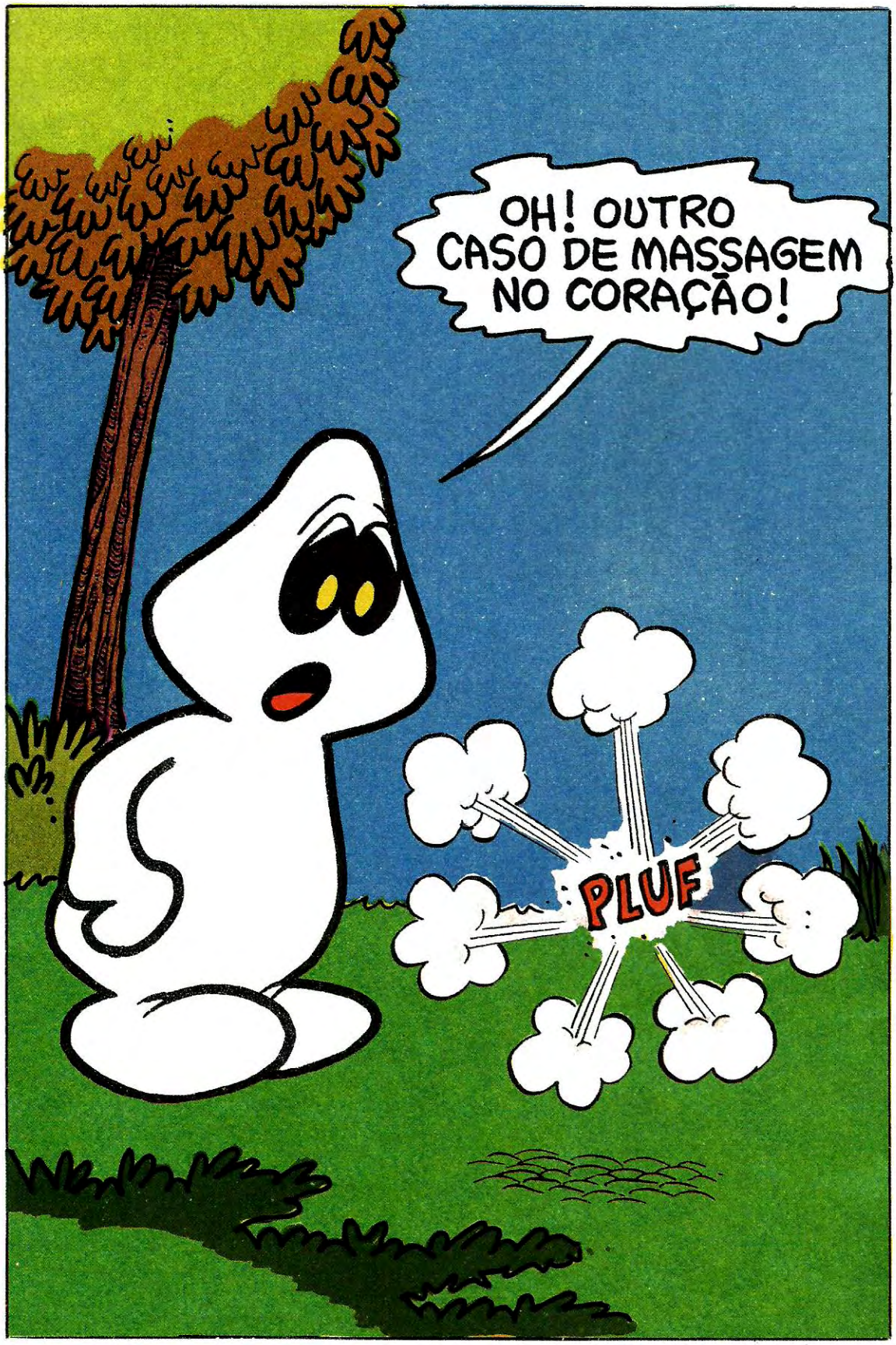


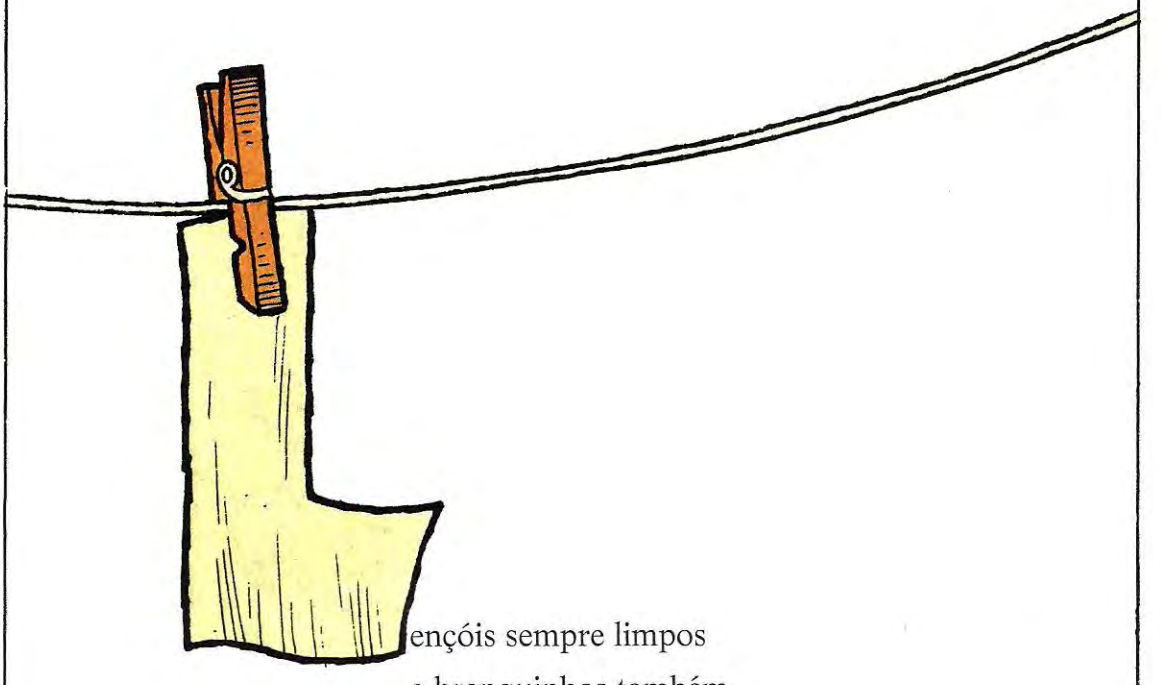
Por outro lado, não podemos
deixar de mencionar um dos
mais simpáticos amigos
do Penadinho: o Cranicola.
É um velho morador do lugar
e inteligente como ele só.
É realmente um «crânio».

...MAS, APESAR DE TUDO, ÀS VEZES SINTO A CABEÇA TÃO VAZIIIIA!



ez por outra, o progresso
já tem dado alguns sustos
no Penadinho. No outro dia
mesmo, ele conheceu um novo
fantasminha, bateram
um papinho e, quando
começavam a ser bons amigos...

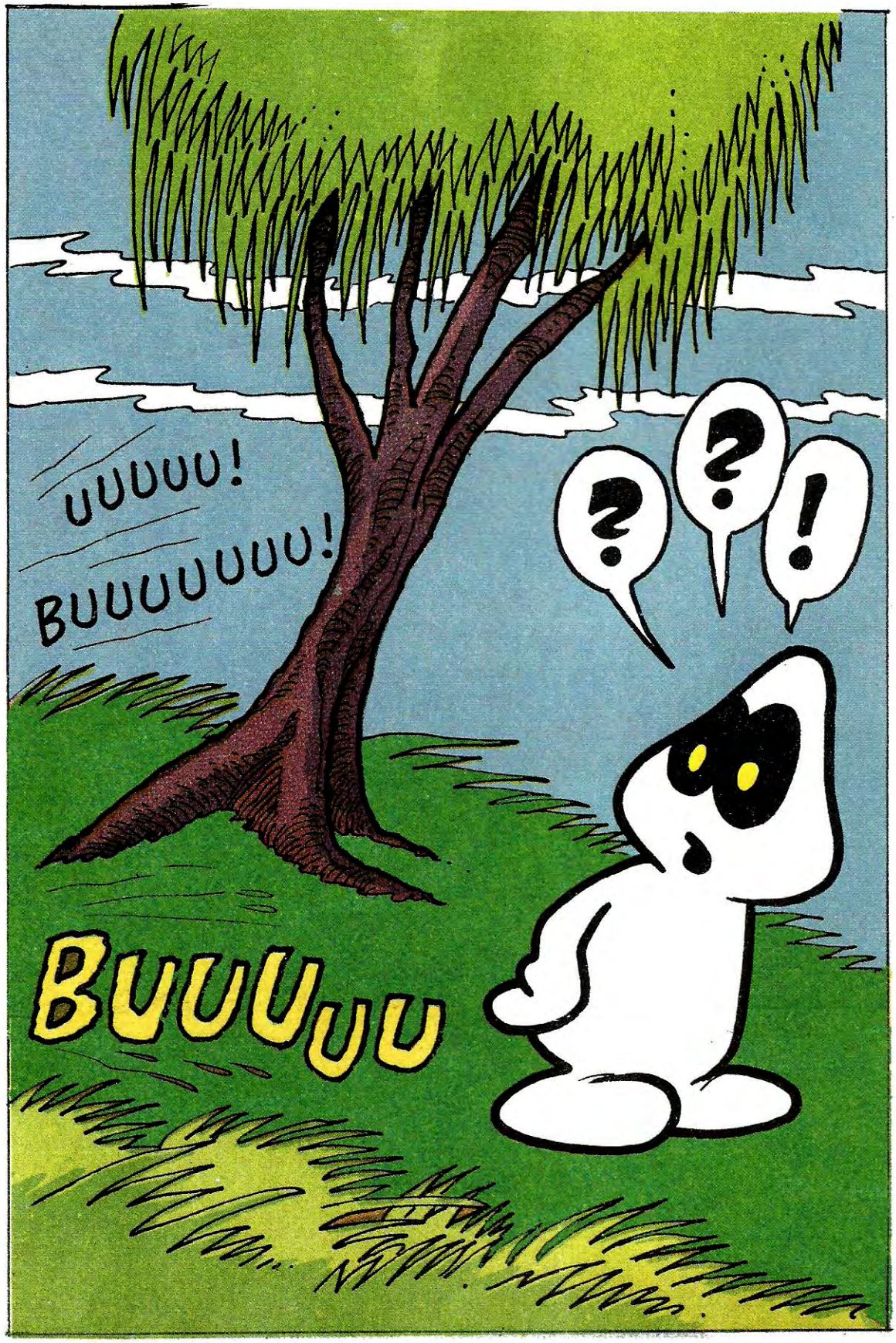

OH! OUTRO CASO DE MASSAGEM NO CORAÇÃO!
PLUF



Lençóis sempre limpos
e branquinhos também
constituem problema para
o pessoalzinho do «outro mundo».
E, como em todos os lugares,
há os que conseguem ser mais
limpinhos do que os outros.

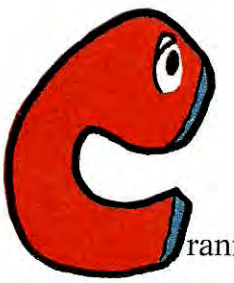
POR QUE SEU LENÇOL É MAIS BRANCO DO QUE O MEU?
É QUE EU MORRI ONTEM!

as estamos aqui para
contar uma história de terror...
E vamos ter que contá-la.
Paciência!
E, como não podia deixar
de ser, inicia-se numa noite
fria e nevoenta, com gemidos
e ruídos estranhos dentro
da noite.

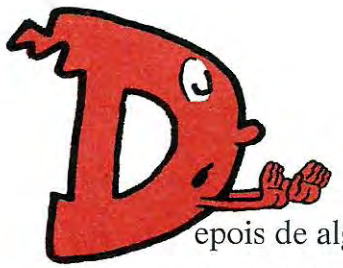

UUUUU!
BUUUUUUU!
? ? !
BUUUUUU

enadinho, meio assustado, corre para ver do que se trata e depara com um quadro assustador: Cranicola geme de pavor encolhido num cantinho de sua pedra.

PUXA! CRANICOLA!!
O QUE HOUVE?
BUUU!



ranicola conta, aterrado, que não tem mais nem coragem de botar a cabeça pra fora, desde que chegou ao cemitério um novo fantasma... um fantasma de um «Caçador de Cabeça».

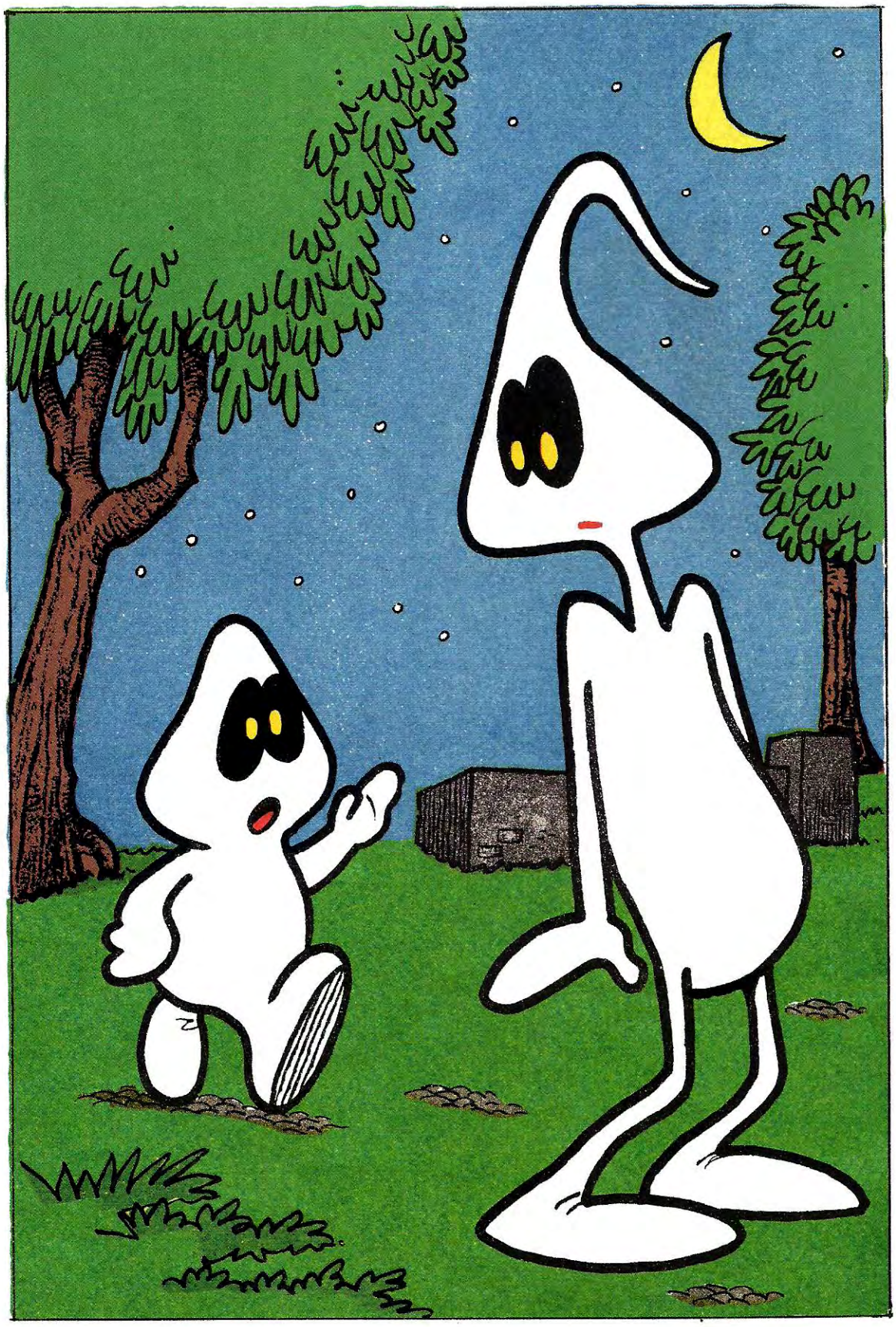


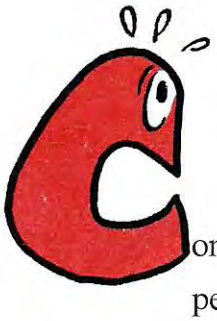
epois de algum tempo,
Penadinho consegue
acalmar Cranicola.
Diz que vai falar com o tal
«Caçador de Cabeça»
e sondar suas intenções.

CALMA! FIQUE SOSSEGADO!

Penadinho encontra, dali a pouco, o novo fantasma.

– Até que é um sujeito simpático para ser um «Caçador de Cabeça» – pensa ele.





om muito jeitinho, o Penadinho pergunta se o «Caçador de Cabeça» está por ali atrás de alguma cabeça.
Ou... mais claramente... atrás da cabeça do Cranicola.

!
...PORQUE, SE VOCÊ LHE TIRA A CABEÇA, TIRA UM AMIGO NOSSO INTEIRINHO!

ual não é a surpresa do Penadinho,
porém, ao ver que o tal
«Caçador de Cabeça» começa
a gargalhar, em vez de
se mostrar ofendido.

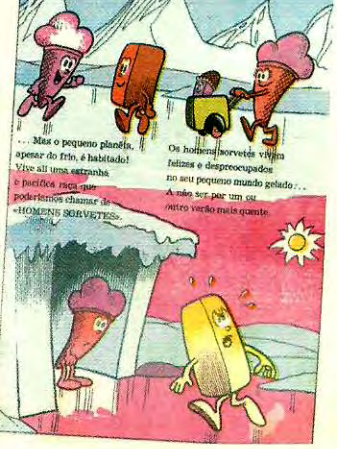
HA-HA-HA! VOCÊS ESTÃO COMPLETAMENTE ENGANADOS!
?

ouco depois, o tal caçador
e o Penadinho estão diante
do espantado Cranicola.
E explicam tudo!
Cranicola quase não acredita!
O tal fantasma não é o canibal
que todos julgavam.

EU ERA CAÇADOR... NUMA TERRA EM QUE O PESSOAL PERDIA A CABEÇA MUITO FACILMENTE!
!

Cranicola fica aliviado. Não está ameaçado coisa alguma. Penadinho exulta pela volta da calma ao seu amigo. E sai com o caçador, todo satisfeito.

FIM


... Mas o pequeno planeta, apesar do frio, é habitado! Vive ali uma estranha e pacífica raça que poderíamos chamar de «HOMENS SORVETES».
Os homens-sorvetes vivem felizes e despreocupados no seu pequeno mundo gelado... A não ser por um ou outro verão mais quente.

...EU TINHA QUE FUGIR DE LÁ, PENADINHO! TODOS OS ESTUDANTES DO CURSO DE ENFERMAGEM IAM LÁ TREINAR COM MINHAS ATADURAS!
!

Retirado o espinho, Piteco resolve procurar outro dinossauro para abater. Não teria coragem de dar uma paulada naquele bicho de expressão tão surpreendida.

Zé Cassata explica ao Astronauta no que consiste a ameaça. — «... E os dois terminarão por derreter nosso mundo!» Conclue.

Mas lá embaixo vamos ver de p que apavorou Homem-Sorvet A «Bola» de f nada menos d pequeno fogu interplanetár gentinha ma

Zé Cassata começa a derreter-se e foge. Astronauta volta-se e depara com os dois séres flamejantes.

Piteco vai provar da fruta que o dinossauro andou comendo, o que apavora aos demais caçadores. Onde já se viu? Eles nunca comeram nada que não fosse carne.

— «Isso é cheiro de bafo de Dragão, Zé! Vamos sair daqui, depressa!». Grita o Hiroshi assustado.

?
Pegou o pão e pediu para o vendeiro apanhar o «pagamento» na «caixa da bondade». O comerciante estranhou um pouco mas enfiou a mão

Mas logo o menino já estava imaginando a maneira de a «bondade» da sua caixa «pagar» também algumas coisas boas para os outros meninhos da rua.

— «Um dinossauro ferido?» Exclama.
— «Tem um espinho cravado no pé»!
A primeira reação do Piteco

Resgatando a história por trás desta obra

Por Sidney Gusman

Esta bela edição compila os três primeiros livros escritos e ilustrados por Mauricio de Sousa. Publicados originalmente pela editora FTD em 1965, eles estavam fora de catálogo havia quatro décadas. Durante muitos anos, só podiam ser encontrados em sebos e por valores bastante altos. Trata-se de um resgate deste material histórico – o primeiro em que o criador da Turma da Mônica usou o nome Mauricio de Sousa Produções já associado ao símbolo Bidu, mantido até hoje.

Pouca gente conhece a história da produção de *A caixa da bondade*, *Piteco* e *O Astronauta no planeta dos homens-sorvete*. Como surgiu a ideia?

Em quanto tempo esses livros foram feitos? Como foi o processo de realização?

Quem responde a essas e a outras perguntas é o próprio Mauricio de Sousa, num bate-papo que o fez regressar cinquenta anos no tempo e reviver boas lembranças.

Como surgiu o projeto desses três livros, Mauricio?

Naquela época, eu tinha um amigo chamado Moacir, que morava em Mogi das Cruzes e era advogado da FTD. Como as tiras de jornais com meus personagens já começavam a se tornar conhecidas dos leitores, tive a ideia e arrisquei. Ele conversou com a editora e fiquei aguardando uma resposta. Na ocasião, eu trabalhava com três jornais: *Folha de S.Paulo*, *Diário de S.Paulo* e *Diário da Noite*. Os dois últimos pertenciam aos *Diários Associados*. Então, a FTD topou a ideia. Desde que eu fizesse três livros de 64 páginas, mais as capas, em... menos de uma semana! Cinco dias úteis!

Mas esse prazo era absurdo!

Era a oportunidade que eu tinha... E a editora queria os livros para participar de uma feira que aconteceria naqueles dias.

Você já tinha as histórias, pelo menos?

Não, eu não tinha nada! Nunca tinha feito aquilo. Quando o Moacir trouxe o desafio, chamei minha equipe de artistas para conversar. Ainda era pouca gente, mas conseguíamos manter as tiras e as páginas semanais dos jornais com muito esforço e competência. Às vezes, à custa de noites em claro. Mas os livros eram uma deliciosa tentação. A oportunidade de ver meus personagens saltarem das histórias em quadrinhos e ganharem o texto corrido, a ilustração colorida, a capa dura... Então, eu e a minha pequena equipe decidimos que valeria a pena o desafio. Reuni os artistas e disse: "Vamos fazer bastante café para todos aguentarem. Eu vou escrevendo e desenhando e vocês vão fazendo a arte-final."

Nessa época, onde ficava o estúdio?

Não era um "estúdio"! Ficava no meu apartamento, na Alameda Glete, bem pertinho da *Folha*, em São Paulo. Dividimos a equipe: alguns me ajudaram nos livros e outros continuaram nos quadrinhos para os jornais. Éramos seis ou sete pessoas na época. Nesse projeto, eu não queria fazer histórias em quadrinhos, porque daria mais trabalho. Os livros, apesar de terem ilustrações maiores, rendiam mais, porque tinham menos texto por página e usaríamos letras compostas, em vez das feitas à mão, como nas tiras. Sugeri, o pessoal da editora aceitou, e saímos a produzir: texto, desenho, texto, desenho, texto, desenho, e foi saindo. Só por isso consegui cumprir o prazo.

Nos três livros, você variou bastante o *layout* das páginas...

Por causa do prazo tão curto, tive que criar estratégias. Era uma questão de sobrevivência. Cumprir o prometido era importante. Além disso, era a primeira vez que eu podia testar *layouts* diferentes dos que usava nas páginas de quadrinhos. Mas, se eu desenhasse em todas as páginas, como fiz no *Niquinho, Zé da Roça, Astronauta* e *Piteco* (que teve até ilustração de página dupla), não entregaria na data.

Assim, no *Chico Bento* e no *Penadinho*, eu fiz o desenho na página da direita e apliquei o texto na da esquerda. Mas aquele texto "pelado" ali ficava sem graça. Por isso, criei capitulares [as letras iniciais de cada parágrafo] que tivessem a ver com a história. Uma diferente para cada página. E o resultado agradou.

E como escolheu os personagens? Você já havia criado a Mônica, mas ela não aparece na coleção.

Naquele tempo, eu tinha os personagens divididos em dois blocos: na *Folha*, saíam as tiras do Bidu e Franjinha, do Cebolinha, do Piteco, do Penadinho e do Raposão. Nos *Diários Associados*, vinham as do Hiro e Zé da Roça, do Astronauta e do Chico Bento. Só não usei os personagens no núcleo principal, com Cebolinha, Franjinha, Bidu e a Mônica, que começava a ganhar notoriedade, porque eu tinha planos de fazer livros com eles também.

Uma curiosidade interessante é que, na época, o Chico Bento era coadjuvante do Zé da Roça e do Hiro.

Pois é. Muita gente não sabe, mas o Chico nasceu como coadjuvante. Ele estreou em 1963, na tira Hiroshi e Zezinho (o Hiro e o Zé da Roça), publicada na revista da cooperativa Coopercotia. Ele era quase uma versão mirim do Jeca Tatu, personagem clássico de Monteiro Lobato. Naquele mesmo ano, a tira passou a sair no *Diário de S.Paulo*, e não demorou muito para o Chico ganhar a cena. Logo depois, ele já estrelava seu primeiro tabloide no jornal. Por isso, foi escolhido para compor um dos livros da coleção. E vale notar como o visual dos pais dele era diferente do atual.

O Niquinho, de *A caixa da bondade*, já existia?

Não, criei especialmente para o livro. Eu precisava de um sexto personagem, já que cada livro traria duas histórias. Então, veio *A caixa da bondade*.

Ainda assim, você colocou Niquinho na capa, em vez de apostar no Chico Bento, que já existia.

Porque eu senti que a história tinha apelo, poderia "falar" aos leitores. Ainda assim, depois da publicação, decidi não continuar fazendo o Niquinho. Porque ele nasceu sofredor, não tinha família, vivia na rua. Não gosto de personagem sofredor.

Outra coisa chama a atenção em *A caixa da bondade*: você usou um traço diferente do seu. Lembrava os desenhos animados clássicos do estúdio americano UPA, aqueles de curta-metragem.

Foi para testar mesmo, já que era um personagem que os leitores não conheciam ainda. E porque eu adorava as animações da UPA, claro. E os leitores gostaram.

Voltando ao processo de produção, você só tinha cinco dias úteis...

Nós trabalhamos feito loucos. Eu escrevia e desenhava, o Paulo Hamasaki arte-finalizava [aplicava nanquim sobre o traço a lápis] e o Joel Link e o Alberto "Dudu" Djinishian faziam a indicação de cores, que era assim: cada página tinha uma folha de papel vegetal, com uma mancha dos tons que eu queria, tudo calculado em porcentagens: tanto de ciano, tanto de magenta, tanto de amarelo, tanto de preto. Era tudo muito rudimentar, bem diferente de hoje. Meu irmão Marcio Roberto, o José Aparecido (mais conhecido como Apa) e o Sérgio Cantara também ajudaram aqui e ali na confecção das páginas. Lembro que fiz a entrega dos originais em dois dias diferentes: a primeira parte na quarta-feira; e a segunda, na sexta-feira. Coloquei as páginas numa pasta, enfiei debaixo do braço e levei lá no bairro da Mooca, onde ficava a editora. E fui de ônibus! Mas, no fim das contas, conseguimos cumprir o prazo e todos ficaram felizes: a editora, o pessoal do estúdio e os leitores.

Esses três livros foram os primeiros que você fez como Mauricio de Sousa Produções. E ainda usou o Bidu como logomarca, como é até hoje. Foi proposital?

É... acho que foi uma premonição. Estava começando uma nova etapa, né? Fico feliz de ver que deu tão certo.

Os livros venderam bem na época?

Sim, venderam muito. Mas eu não ganhava *royalties* pela venda. Ganhei um valor fixo. Em dinheiro vivo! E com ele comprei meu primeiro carro...

Ah, e existe uma história engraçada sobre isso...

É verdade. Como naquela época eu não tinha nem conta em banco, peguei os bolinhos de notas de 50 e joguei em cima do guarda-roupa. Deixei lá uns dias, porque não sabia o que ia fazer. Aí, passei numa loja de carros e vi um Simca Chambord azul-turquesa lindo, reluzente, maravilhoso. Ele ficava me "espiando" toda vez que eu passava por ali. Então, voltei pra casa, peguei os maços com notas de 50 e corri pra comprar aquela beleza. Assim que fechei o negócio, o vendedor perguntou: "Você vai levar agora?"
E eu: "Não, não posso, porque não sei dirigir, não tenho carta de motorista. Se puderem levar pra mim, deixo na garagem e fico esperando até tirar a habilitação."
E eles entregaram direitinho.

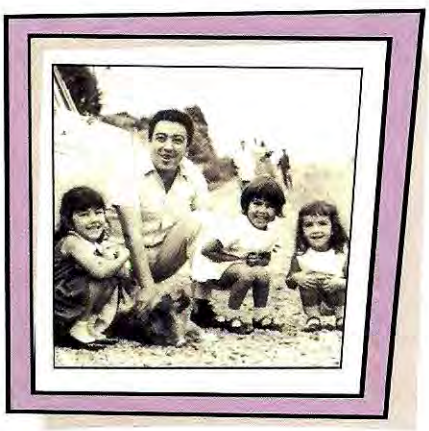
Você tinha quase 30 anos e não dirigia?

Não, não dirigia, porque, como os automóveis eram muito caros, resolvi que só ia me preocupar em aprender a dirigir quando pudesse comprar um. Eram outros tempos. Mas agora eu precisava me virar. Numa sexta-feira, combinei com o Dudu, que trabalhava no estúdio, uma primeira aula prática de volante. Muito gentil, ele me levou no sábado seguinte, para os lados de Santo Amaro, a bordo de um de seus carros: um jipe. O local era bem deserto e eu "apanhava", dando trancos para sair e fazendo o carro engasgar na troca de marchas. Foi quando o Dudu passou mal e tive que levá-lo em casa... dirigindo! Foi uma aventura! Cheguei até a escrever uma crônica sobre isso.

Ou seja, aprendeu "na marra"...

Mais ou menos, porque aí veio a segunda parte. Como tinha conseguido levar o Dudu em casa, já me achei pronto para colocar meu Simca Chambord na estrada e ir até Mogi das Cruzes, para mostrar o carro para a minha avó. Coloquei a família toda no carro (na época, já tinham nascido a Mariângela, a Mônica e a Magali); e fui... sem carta de motorista! Então, avisei a criançada: se a polícia nos parasse, ninguém podia falar nada que eu não tinha carta! Elas não entenderam nada. E lá fui eu. Deu tudo certo. Mas,

na volta, o carro simplesmente parou no meio da estrada, perto de um posto policial. Desci imediatamente, tentando entender o que tinha acontecido. Daí, o guarda: "Pois não, o que está acontecendo aqui?" Respondi que não sabia, que o carro parou de repente. Foi quando ele perguntou: "Você já viu se tem gasolina?" Gasolina? Aaaaahhhh... Sim, eu comprei o carro e não atentei para esse "detalhe". Devia ter aquela quantidade reduzida de combustível que sempre deixam e aí acabou. Mas, claro, não contei para o policial, que logo notou que eu era um motorista iniciante. Então, pra minha sorte, ele foi num posto próximo, trouxe um pouco de gasolina, colocou no tanque do Simca, ligou o carro e me desejou boa viagem. Nem pediu minha carta de motorista!



E as meninas, como ficaram?

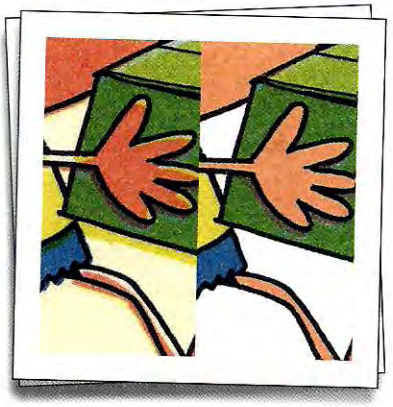
Duras, apavoradas! O guarda ali, elas proibidas de falar com ele... Coitadinhas! Quando voltei pra São Paulo, resolvi que ia tirar a carta. Foi uma loucura, claro, mas virou uma boa história familiar.

Para fecharmos, qual a sensação de ver seus três primeiros livros de volta, exatamente 50 anos depois do lançamento?

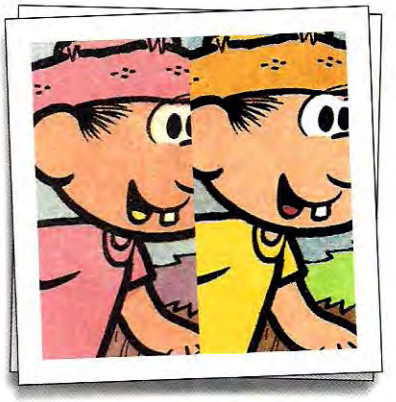
É uma emoção muito grande. Sabe, em 1999 escrevi uma crônica em que falava que muitos dos meus filhos não tiveram a oportunidade de ver esses livros. É que, quando foram lançados, distribuí os que recebi para parentes e amigos, com o maior orgulho. Quando vi, já não tinha mais. Eu mesmo tive dificuldade para conseguir a coleção completa – acabei ganhando da minha amiga Edna Cortez, viúva do meu antigo companheiro de profissão e diretor de arte do estúdio, Jayme Cortez.

Durante muito tempo, tentei republicar os três livros, mas sempre batia na trave, ficava no quase. Ainda bem que não tem "desistir" no dicionário da minha equipe.

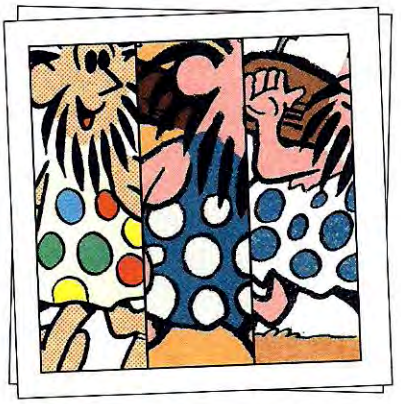
E ver *A caixa da bondade*, *Piteco* e *O Astronauta no planeta dos homens-sorvete* retornar ao mercado como clássicos da minha produção me enche de alegria. Porque são histórias simples (embrionárias até) dos meus personagens ainda no início de suas trajetórias. Mas que foram feitas com muita paixão e dedicação.



E o melhor de tudo é que esta nova versão respeita a versão original, mas corrige muitas imperfeições da impressão de 1965, como erros de registro [quando a imagem fica com uma "sombra", pelo deslocamento do filme na aplicação da tinta no papel]



ou cores que saíram trocadas porque houve uma inversão dos fotolitos na época. A camiseta e o chapéu do Chico Bento, por exemplo, alternavam de amarelo para rosa de uma página para outra!



Tem também a roupa do Piteco, que era branca e azul, bem diferente do vermelho e preto atuais... E, na capa do livro, as bolinhas ainda saíram com várias cores diferentes...
Ainda estávamos em pleno processo de definição do visual dos personagens, na verdade.

Por isso, ver esta edição com os três livros reunidos, para comemorar meus 80 anos, é um presente inesquecível. Não só para mim, mas também para a minha família e todos os nossos leitores.

Anúncios publicados na *Folhinha de S.Paulo* em outubro de 1965

foto: Henrique Vilela

VENHA ME PEGAR AQUI DENTRO SE FOR CAPAZ!
VENHA, BOBÃO!
VENHA! ENTRE AQUI!
GRURR!
...E APÓS ALGUNS INSTANTES DE HESITAÇÃO, O "MONSTRÃO" EFETIVAMENTE, PENETRA NA CAVERNA!
NOTA.
?
E' PRA JÁ, ASTRONAUTA!
PRONTO! ESTÃO LIVRES!
SÃO POUCOS! VAMOS
EI! ESPEREM! NÓS!...
BICHO!
O COMEÇO!
ELA CAUDA?
LÁ VEM AQUÊLE RINHO, DE NÔVO!
MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES

?
?
RESPONDEU! DESMAIOU DE TANTO RIR!
AGUENTOU MENOS QUE O OUTRO!
...PRECISAMOS AG "CASCA" PROTETORA
E' TÃO EMOCIONANTE DESTRUIR OS SERES QUE VÊM DO CÉU!
INSCRITO TAMENTE PARA ZESSEMOS O QUE JÁ ES TAMOS FAZENDO!... SEM SABER QUE O MESMO JÁ FÔRA FEITO ANTES CONTRA O "MONSTRÃO"!
PR!...
SE?...QUE O ERAM OS"?
JUSTAMENTE! SOMOS DE PLANETAS DISTANTES! HAVÍAMOS CHEGADO AO MUNDO "APAGADO" HÁ POUCO TEMPO!
ESTÁVAMOS "ESCURECIDOS" POR UMA SUBSTÂNCIA QUE OS "APAGADOS" LANÇARAM CONTRA NOSSO APARELHO QUANDO ATERRISSÁVAMOS!
POR ZORT; COMETEMOS UM TREMENDO ENGANO!
LOS R!
O QUEM FAL A TERRA, EM SE NDO TUDO DA'!...
199
DO EU CRESCER SER UM GRANDE R DE PORCOS!
OH, LEGAL!
EU CONHEÇO MUITA GENTE QUE SE DEDICA A CRIAÇÃO DE ANIMAIS, ASSIM, E FICA RICA NUM INSTANTE!
...E ÀS VEZ SÃO TÃO DE QUE, COM O DOS ANOS, F PARECIDOS ANIMAIS DE ... TAM

DURANTE MUITO TEMPO, TENTEI REPUBLICAR OS TRÊS PRIMEIROS LIVROS QUE FIZ, MAS SEMPRE BATIA NA TRAVE, FICAVA NO QUASE. AINDA BEM QUE NÃO TEM "DESISTIR" NO DICIONÁRIO DA MINHA EQUIPE. E VER A CAIXA DA BONDADE, PITECO E O ASTRONAUTA NO PLANETA DOS HOMENS-SORVETE RETORNAR AO MERCADO COMO CLÁSSICOS DA MINHA PRODUÇÃO ME ENCHE DE ALEGRIA.

PORQUE SÃO HISTÓRIAS SIMPLES (EMBRIONÁRIAS ATÉ) DOS MEUS PERSONAGENS AINDA NO INÍCIO DE SUAS TRAJETÓRIAS. MAS QUE FORAM FEITAS COM MUITA PAIXÃO E DEDICAÇÃO.

Mauricio

Mauricio 80

wmfmartinsfontes

@EditoraWMF /editorawmfmartinsfontes

MAURICIO DE SOUSA EDITORA